

Até que a
nos

Vida
separe



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

***lutando por dinheiro e poder, então
nossa sociedade poderá enfim evoluir a
um novo nível."***



**ATÉ QUE A VIDA NOS
SEPARE
NAHRA MESTRE**

Copyright © 2016 Nahra
Mestre

Capa: Paulo Vieira
Revisão: Bel Góes

Esta é uma obra de ficção. Seu
intuito é entreter as pessoas.
Nomes, personagens, lugares e
acontecimentos descritos são
produtos da imaginação da
autora. Qualquer semelhança

com nomes, datas e
acontecimentos reais é mera
coincidência.

Esta obra segue as regras da
Nova Ortografia da Língua
Portuguesa.

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento
e/ou a reprodução de qualquer
parte dessa obra, através de
quaisquer meios — tangível ou

intangível — sem o
consentimento escrito da
autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais
é crime estabelecido na lei n.º.
9.610/98 e punido pelo artigo
184 do Código Penal.

*Esse livro é dedicado a todas
as anjas e anjos
que me ajudaram a concretizá-*

lo.

*Em especial querida anja
Silvana Soares,
que a cada capítulo me
presenteou com
uma mensagem cheia de
emoção.*

SUMÁRIO

Sumário

Prólogo

1995

Capítulo 1

2015

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Luana

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Bella

Capítulo 16

Ana

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Epílogo

Cinco amigas. Cinco
mulheres diferentes. Cinco
destinos que convergem.
Encontros e desencontros em
vinte anos de amizade.
Bella é uma prostituta de
luxo bem-sucedida.
Laura é uma socialite que se
casou com um homem rico.
Luana é casada com Cristina
e vive um casamento de
sonhos.
Ana Maria é solteira, ama
crianças e sua vida está

dentro de uma escola.

Juliana é a esposa ideal,
dona de casa exemplar e mãe
de três filhos.



A abertura de um baú, que
enterraram há quinze anos,
pode mudar seus destinos.

PRÓLOGO

1995

Já escurecia e o frio chegava aos poucos. Luana, Ana e Ju estavam sentadas na calçada. Tinham entre dez e onze anos de idade, já não queriam brincar com bonecas, nem queriam flertar com os meninos que passavam de bicicleta na rua só para vê-las.

Estavam de férias. Ju e Luana eram vizinhas e nesta época do ano, Ana sempre passava alguns dias na casa das amigas. Eram da mesma sala, unidas como cola, tudo era feito em bando.

Laura, a irmã de Luana, tinha nove

anos. Sempre foi metida e não tinha muitas amigas, apenas uma das cinco meninas, Bella, que a idolatrava e sempre a seguia. Laura sempre quis andar com os mais velhos, precoce por essência. Andava atrás da irmã e, apesar da rejeição, levava sua amiga inseparável consigo

Era uma cena conhecida, o trio ternura, a perua mirim e sua aprendiz. Bastava as três sentarem no ponto de encontro que logo a dupla se juntava.

Bella sempre foi risonha, morava no mesmo bairro. As ruas, naquela época, eram ponto de encontro de crianças jogando bola ou andando de bicicleta ao entardecer. Ana adorava sentar ali e ver Lucas, o irmão de Laura e Luana fazer manobras radicais em sua Caloi.

Parecia uma tarde comum. O silêncio das três que somente apreciavam a rua e as duas inquietas querendo fazer parte de um bando que não lhes pertencia. Passou um vendedor de bolas, daquelas enormes, coloridas. Laura correu para dentro de casa e voltou com dinheiro para comprar uma. Bella e Laura começaram a rebater o trambolho, divertiam-se tanto com aquilo que Ju, Ana e Luana resolveram se juntar a elas.

Veza ou outra, tinham que interromper a brincadeira para que um carro passasse. Fazia frio, mas seus corpos estavam quentes. Só percebiam o clima, porque a bola leve voava com a força do vento. Não havia mais sinal dos meninos e suas bicicletas, provavelmente estavam na rua de baixo.

A brincadeira continuava animada até que por um soco forte, aliado ao vento, a bola foi parar na casa mais apavorante da rua.

— Laura, agora você se vira — falou Luana brava com a irmã.

— Eu não vou na casa da dona louca e da bruxa descabelada.

Bella não tinha medo das duas mulheres de meia-idade, aparentemente esquisitas que moravam naquela rua. Eram um mito entre as crianças, umas as denominavam de bruxas, outros de macumbeiras, mas todas acreditavam que eram loucas. Sabe-se que todo ano elas tentavam distribuir balas em dia de São Cosme e Damião. Ninguém aceitava, somente Bella.

Bella foi andando em direção à casa de muros altos. Ana e Ju andaram atrás dela. Laura e Luana titubearam antes de segui-las. A corajosa bateu no portão tentando resgatar a bola.

Com um sorriso acolhedor foram recebidas no portão. A simpatia da senhora fez desarmar nas amigas medrosas um pouco do pavor que sentiam.

— Por favor, nossa bola caiu na sua casa. Poderia pegar para nós — pediu Bella sorrindo tímida.

— Podem pegar, entrem. — Convidou abrindo o portão.

Uma a uma, foram entrando na casa. Cada uma no seu tempo, com medo, assustadas. Era uma casa de madeira, tinha uma horta linda. Não tinham alfaces

ou couves plantadas. Eram ervas com um cheiro sublime que davam a casa um charme a mais. Laura a todo momento lembrava da história de João e Maria.

Em cima de um pentagrama pintado no chão, estava a bola, intacta. Bella se apressou para pegá-la, Ju e Ana se aproximaram encantadas com o desenho no chão. Laura apertou a mão da irmã com medo e juntas foram ao encontro das amigas.

Cada uma em uma ponta da estrela, olhando os detalhes encantadas, perceberam que se tratava de um mosaico. Ninguém avançava para pegar a bola, mas ninguém se afastava.

A senhora ficou ali olhando para elas e um sorriso discreto brotou em seus lábios.

— Vejo que são amigas e me parecem bem unidas — falou em uma voz suave. — Eu e a Rose nos conhecemos há trinta anos. Já estivemos aí onde vocês estão com outras três amigas.

As meninas se entreolharam e Luana pegou a bola. Andaram apressadas em direção à saída e antes que partissem a senhora concluiu:

— Não deixem que o tempo dissolva a amizade de vocês. Cultivem e estejam sempre próximas uma da outra.

Saíram apressadas e voltaram para a calçada. Não eram tão próximas, não todas. Laura e Bella não faziam parte daquela turma. Cada uma com seus próprios pensamentos, medos e fantasias refletiam sobre a visita na casa das

bruxas.

— Ela não me pareceu uma pessoa má — falou Ju, pensando alto.

— Nem todas as bruxas são más — completou Ana.

— A estrela no chão era bem bonita — observou Laura.

— Será que seremos amigas por trinta anos? — questionou Luana, ainda pensando nas palavras daquela mulher.

— E se fizéssemos um pacto de sangue? — sugeriu Bella empolgada pela primeira vez por se sentir parte daquela turma.

— Eu tenho nojo de sangue — falou Laura, com cara de asco.

— Para que servem os pactos de sangue? — perguntou Ju.

— Acho que é para nos tornarmos irmãs, assim ficamos todas com o mesmo sangue — falou Luana, parecendo entendida.

— Então não preciso fazer com você Luana, nós já temos o mesmo sangue — ponderou Laura aliviada.

Ana se levantou e pegou uma rosa murcha que estava na grade do portão. Retirou uma pétala e um espinho.

— Eu não sei como faz, mas podemos colocar nosso sangue nessa pétala de rosa — sugeriu Ana entregando a pétala para Luana.

— E como vamos guardar? — perguntou Ju interessada na aventura.

— Numa caixa transparente, a Laura tem uma — sugeriu Luana.

Ana furou seu dedo e apertou para que a gota caísse na pétala. Luana e Ju fizeram a mesma coisa. Relutantes, deixaram que Bella colocasse ali a sua gota e sob protestos e gritos, Laura permitiu que seu dedo fosse furado para completar o ritual.

CAPÍTULO 1

2015

Os encontros entre as cinco amigas eram sempre assim, um clã fechado. Não que se falassem sempre. Afinal, em vinte anos de amizade ninguém conseguiu manter os encontros semanais. Ao longo dos anos se limitavam a encontros anuais.

Esse era o retorno, depois de três anos de desencontros, finalmente elas estariam juntas novamente.

Bella era a mais bonita de todas. Tinha vinte e sete anos, suas curvas eram perfeitas, os cabelos sempre bem cuidados, seu rosto parecia ter sido

esculpido com perfeição. Como vinho, os anos lhe fizeram muito bem.

Laura foi criada para levar a vida que tem. Casou-se o rico empresário Ernany Novaes. Tinha vinte e nove anos, mas sempre falava que tinha a mesma idade da Bella. Independente da hora do dia, estava impecavelmente vestida e com os cabelos perfeitamente alinhados. Era uma esposa dedicada e uma socialite admirada pelos projetos sociais que apoiava.

A irmã de Laura era muito diferente dela. Luana era uma mulher bonita, mas não era vaidosa. Qualquer coisa lhe caía bem. Há sete anos estava casada com Cristina. Eram sócias em um café, livraria e floricultura, tudo em um só lugar. Sempre eram as anfitriãs que recebiam o clã. Cristina muitas vezes saía, deixando

as amigas à vontade. Viviam um casamento lindo e invejado por todas.

Ana Maria era simples. Seguiu a profissão da mãe, professora. Lecionava para o ensino fundamental em uma escola da rede municipal. Era bonita, mas não se cuidava. Tinha uma beleza única e sua tez mais escura realçava seus traços finos.

Juliana, conhecida por Ju, era casada, mãe de três crianças. Classe média-alta, mãe exemplar, dona de casa perfeita e esposa troféu de Rodrigo, um conceituado advogado. De todas, era a menos bonita. Não que fosse feia, mas das cinco era a única que não chamava a atenção de todos por onde passava. Casou-se cedo, começou a namorar Rodrigo aos quinze anos. Muitas vezes ele fez o papel de guarda-costas das doidinhas na

adolescência.

Luana, Ana e Ju foram da mesma sala a vida toda. Laura sempre gostou de andar com a irmã mais velha e trouxe sua melhor amiga Bella para o clã. A diferença de idade entre elas já não era grande, afinal o que são três anos? Pois na adolescência, muitas vezes, houve um abismo entre elas.

Os encontros eram sempre festivos. Matavam as saudades, enchiam a cara, choravam as pitangas, relembravam o passado e sempre faziam a promessa de manter a amizade para sempre. Ao longo dos anos, muitas vezes, renovaram seu pacto de sangue, mas desta vez seria um encontro diferente. Abririam um baú que enterraram há quinze anos, na virada do milênio.

Bella se preparava para o encontro com as amigas e por isso havia dispensado o seu melhor cliente naquela noite. Desde a faculdade era prostituta de luxo, aprendeu a gostar do que fazia. Sempre foi muito bem agenciada, em pouco tempo era a mais procurada da casa e já escolhia com quem se encontrava e em que termos, coisa que poucas meninas podiam fazer. Tinha seus preferidos, acompanhava muitos deles em eventos. Já tinha recebido vários pedidos de casamentos entre solteiros, separados, casados e viúvos. As quatro amigas eram o mais próximo que poderia chamar de família. Perdeu os pais cedo, morou com a avó até a faculdade. Acabou perdendo seu porto seguro um pouco antes de escolher sua profissão.

Laura estava no salão, mudaria o corte, retocaria a cor dos cabelos. Encontrar as amigas era o evento mais importante do ano. Podia exibir para todas que era a mais bem-sucedida entre elas. Seu ego coçava, precisava de reafirmação. Era uma amiga gentil, atenciosa e com um coração do tamanho do mundo, mas era uma perua nata. O orgulho de sua mãe, já que Luana, sua irmã, optou por casar com uma mulher.

Luana e Cristina eram uma só. Faziam tudo juntas, eram amigas, amantes, confidentes e raramente se desentendiam. Mantinham sua individualidade, mas sempre optavam por passar o tempo juntas. Montaram um café, que logo virou também uma livraria e Cristina trouxe as flores que são o reflexo da sua suavidade

e delicadeza. Cris é meiga, carinhosa e o sexto elemento. Mantinha-se distante, apreciava e muito a amizade entre elas, mas sabia que nunca se tornaria parte daquele clã.

Ana tentava escolher uma roupa. Sempre se sentia uma estranha entre as amigas bem vestidas. Não ganhava mal, mas também não ganhava bem. Podia ser considerada uma quase virgem de novo. Se dedicava ao trabalho e sonhava em ser mãe. As crianças da escola eram um pedaço dela. Ana se apegava, era sempre atenciosa e acompanhava todos os seus alunos de perto, podia-se dizer que era uma amante de sua profissão. Sempre estudava, já estava na terceira faculdade. Passava a vida dentro da escola, ora lecionando ora sentada como aluna.

Juliana tentava convencer o marido perfeito a chamar uma babá para aquela noite. Ele negava dizendo que daria conta das crianças; João de sete, Carol de cinco e Felipe de três. Todos os filhos minunciosamente planejados, assim como tudo naquele casamento. O marido parecia satisfeito com o zelo da esposa, garantiu que cuidaria das crianças para que ela se encontrasse com as amigas. Rodrigo era querido por todas, afinal todos cresceram juntos. Eram as madrinhas de seus filhos. Laura e Luana eram as madrinhas de João. Bella, a madrinha de Carol e Ana, a madrinha de Felipe.

Estava tudo pronto para receber a convenção das bruxas, era assim que Cristina chamava a reunião delas. O café estava fechado. Cris se esmerava em

todos os detalhes, preparou uma linda mesa, posta com flores do campo coloridas, que perfumavam o ambiente, enquanto isso Luana finalizava alguns tira-gostos. Cris mais uma vez quis fugir, mas Luana implorou que ela ficasse.

— Não tem graça, Lua, é o encontro de vocês. Não seria tão bom se Ernany, Rodrigo, eu e as crianças participassem. Eu vou para casa e vou assistir um filme — falou tocando seu rosto com carinho.

— Eu prometo que não demoro — respondeu Luana, retribuindo o toque carinhoso.

— Não prometa, veja o sol nascer, aproveite! Eu estarei sempre esperando por você.

Numa troca cúmplice, as duas se

despediram. Moravam ao lado do café, em uma rua movimentada, cheia de bares interessantes e Luana deduziu que Cris passaria em algum deles antes de ir para casa. Eram muito conhecidas por ali.

Ana Maria foi a primeira a chegar, pegou o ônibus cedo para não se atrasar. Seus sábados eram sempre mais monótonos e rotineiros, depois da faxina, almoçava em um restaurante perto de sua casa e passava a tarde assistindo televisão. Estava ansiosa para abertura do baú, passou a semana tentando lembrar o que tinha colocado lá dentro, mas não fazia ideia. Cumprimentou Luana com um abraço carinhoso.

— Onde está a Cris? — perguntou Ana

— Ela não quis ficar, disse que

atrapalharia — respondeu Luana dando ombros.

— Eu fico desconfortável com essa situação. Não tem o menor cabimento a Cris precisar sair para nos encontrarmos, ela é quase uma de nós.

Luana sorriu com a observação, *quase*. Aquela era uma fraternidade impenetrável, e muitas vezes se questionava como ainda sobrevivia ao tempo. Eram completamente diferentes hoje e suas vidas tinham tomado rumos opostos. Cinco mulheres, cinco vidas, cinco escolhas diferentes, mas ainda assim suas vidas convergiam.

Ainda perdida nesses pensamentos, Luana deu as boas-vindas à Ju, que chegou logo após Ana, trazida pelo

marido e com toda a sua prole no banco de trás. Luana e Ana foram cumprimentar os sobrinhos e encher de beijos os afilhados. Entraram num clima feliz esperando as duas caçulas da turma. As três eram a cabeça, uma amizade forte, eram as mais centradas, cada uma da sua própria maneira. Em seguida chegou Bella, em um vestido simples, mas que realçava como sempre sua boa forma. Era espontânea, alegre, a mais espirituosa de todas.

Com uma entrada triunfante, em seu modelito azul-royal, Laura chegou trazendo seu perfume doce, quase enjoativo e sua boca vermelha, tudo perfeitamente combinado e finalizando com os cabelos hidratados e penteados para um editorial de moda, que a cada dia

ficavam mais claros.

— Meninas, nem acredito que finalmente conseguimos nos encontrar — falou Ju erguendo a taça de vinho com um sorriso de satisfação nos lábios.

— É um absurdo que em três anos, não conseguimos um só dia para estarmos todas juntas — completou Bella, cruzando suas pernas de maneira muito sexy.

— Minha irmã é uma mulher com a agenda muito cheia — ironizou Luana. — E olha que ela nunca foi convidada para participar da turma.

— Ela chegou chegando e ainda trouxe a Bella a tira colo — completou Ana.

— Somos o brilho de vocês, suas sem graças — falou Laura com sua peculiar maneira espalhafatosa.

— Eu estou louca para saber o que enterramos, Ana você trouxe o baú? — perguntou Ju.

— Ele já está aqui desde a semana passada — respondeu ela. — Eu costumo almoçar com a Cris e a Luana todos os domingos aqui no café. Vocês sempre prometem vir, mas nunca aparecem.

Entre taças de vinhos e cobranças de encontros que não aconteceram, elas ficaram conversando durante horas. Todas falavam ao mesmo tempo, havia uma energia que as envolvia. Sentiam-se como se o tempo não tivesse passado e tivessem se encontrado no café da manhã.

Já começavam a ficar mais soltas. Todas, sem exceção, tomavam vinho, cortesia da madame Laura. O melhor da

adeaga de Ernany para suas amigas, tinha um que de ostentação, mas nenhuma delas ligava. Com os anos, seus defeitos foram se tornando meras características de personalidade. Conheciam muito bem uma a outra.

O telefone de Bella tocou mais uma vez, e com um sorriso no rosto, digitou uma mensagem rápida e pousou o telefone sobre a mesa.

— Bellinha, eu ainda sonho com você de Julia Roberts, em Uma Linda Mulher — comentou Laura em tom de brincadeira

— Para que? Exclusividade? Eu ganho a vida assim como você — falou, fazendo com que Laura engolisse seco, arrependida de suas palavras. — Você oferece exclusividade ao seu marido em

troca de todos os luxos que tem. Eu escolho com quem durmo, quem levo para cama e não preciso me sujeitar a parte ruim de ser casada.

— Ser casada não é ruim — criticou Ju, orgulhosa do título de esposa que carregava há anos.

— Não com um marido igual ao seu. Um capacho que deita para você passar — observou Luana, repondo alguns petiscos na mesa.

— A Cris faz tudo por você também — retrucou Ju ofendida com o estereótipo dado ao marido.

— Eu não acho ruim de ser solteira — falou Ana timidamente. — Eu gosto da minha liberdade de ir e vir.

— Ana, você não conta. Vive como

uma franciscana, enclausurada em uma escola — falou Laura com tom de reprovação.

— Claro que conta, cada uma fez uma escolha na vida. E todas têm seus motivos para isso — falou Luana, tentando deixar a amiga mais confortável.

— Olha eu acho melhor abriremos logo o baú! — sugeriu Ju. — Antes que essa troca de gentileza vire uma outra briga, como no nosso último encontro.

— Eu não entendo porque vamos abrir aquilo. Eu não me lembro o que escrevi e juro não tenho o menor interesse de saber. Eu tinha quinze anos quando escrevi e entre erros de português e baboseiras eu não acho que ali teria nada que preste — falou Laura com desdém

— Olha, levando em consideração que se fosse escrita hoje teriam os mesmos erros de português de quinze anos atrás, não vejo nenhum problema em abrirmos — falou Ana que às vezes deixava escapar seu lado sarcástico. — Laura, vamos combinar, escola nunca foi o seu forte.

— Por isso ela casou com um homem rico — observou Luana e olhou para a irmã.

— Por favor, não comecem de novo. Tem tanto tempo que não nos encontramos que poderíamos pelo menos fazer um esforço para tornar a noite agradável — sugeriu Ju, com um olhar apaziguador.

Luana e Ana saíram da mesa para buscar o baú. Ele era pesado, de madeira

maciça e ficara guardado na casa da Ana nos últimos quinze anos. Não sabia porque, mas sempre encerava a madeira para que permanecesse vistosa. Talvez um hábito adquirido pelas monótonas faxinas mensais que acontecia em todo primeiro sábado do mês.

CAPÍTULO 2

Quando o pesado baú foi colocado no chão, Luana e Ana se sentaram, ao seu lado. Logo em seguida, Ju e Laura se aproximaram. Bella deixou que seus pensamentos vagassem pelo tempo. Conseguiu lembrar perfeitamente do dia em que fecharam aquele tesouro e guardaram ali parte de suas histórias. Observada por todas, despertou do seu transe, aproximou-se e falou emocionada:

— Antes de abrirmos o baú, eu queria agradecer pelos vinte anos de amizade. — Ela fitava intensamente Luana. — Vocês são e sempre serão a minha família. Abrir esse baú vai ser redescobrir uma Isabella

que se perdeu no tempo e no espaço. Não me arrependo das minhas escolhas, mas sinto falta de quando acreditávamos que tudo seria diferente.

Luana se levantou e abraçou a amiga. Em pouco tempo, um emaranhado de braços a envolvia. Por um tempo abraçaram-se, meio desajeitadas e trocaram carinhos. Sentaram no chão em volta do baú.

— Eu me lembro que guardamos cinco caixas, com o nome de cada uma. A primeira retira uma caixa e entrega para a sua dona que abrirá sua própria caixa — falou Ana, abrindo o cadeado do baú com a chave que guardava como pingente numa correntinha de ouro que tinha sido de sua mãe.

Ana pegou a caixa de Laura e a entregou. Sentou-se no chão e aguardou que a primeira cápsula fosse aberta. A caixa de Laura era rosa, no fundo da tampa um pôster da Madonna. Aos poucos tirava os pertences e mostrava o que havia guardado. Uma Barbie vestida de Madonna, uma faixa “Garota Lions Club” e uma carta num envelope rosa.

— Eu tinha até me esquecido que você era aspirante a Miss — brincou Luana divertida, arrancando uma careta da irmã.

Laura titubeava com a carta nas mãos, travava uma batalha entre ler ou não o que havia escrito. Bem lentamente foi abrindo o envelope em busca da carta. Pigarreou e começou a ler o pequeno parágrafo que escreveu.

“Eu me chamo Laura, tenho quatorze anos. Quando abrirmos o baú já vou ser adulta e rica, pois vou casar com um homem muito rico. Nunca vou trabalhar, vou ter os melhores vestidos no meu guarda-roupa. Não me importo se não amar meu marido, mas ele tem que me amar. Para me dar de tudo.”

Tomou fôlego e segurou bravamente as lágrimas que ardiam em seus olhos.

Nenhuma palavra foi dita, todas perceberam o quanto a abertura da caixa havia sido dolorosa para Laura. Apesar de ter conquistado tudo que sonhava, perceberam pela primeira vez em seus olhos o vazio de sua vida. Laura pegou a segunda caixa e entregou para Ana, que tremia em expectativa.

Enquanto tocava a caixa, revivia sentimentos enterrados e uma única imagem se formava em sua mente: Lucas, o irmão das amigas, seu único e grande amor.

Ana, visivelmente emocionada, retirava fotografias que rodaram pelas mãos de todas. As amigas juntas. Ana e sua mãe. Lucas e ela abraçados com um pôr do sol ao fundo, foto que Laura havia tirado num piquenique que fizeram. Um pingente de coração com as iniciais A e L. As meninas sorriam compartilhando a emoção da amiga.

— Eu escrevi uma carta para o Lucas — confessou com a voz embargada. — Não vou conseguir ler.

Ju se levantou, abraçou a amiga e

pegou a carta de suas mãos.

“Lucas, hoje é um dia de muita alegria e de muita tristeza para mim. Saber que você vai realizar o seu sonho de jogar basquete nos Estados Unidos é um motivo de muito orgulho para mim. Você poderá se formar fora e fazer o que tanto ama.

Passamos um ano sonhando com isso e acreditando, que me esqueci de pensar como eu ficaria se você partisse. Só escrevi a carta porque tenho certeza que quando este baú for aberto, estaremos juntos, casados e com três filhos.

Quero que saiba que o meu amor por você é tão grande que nunca te

esquecerei. Estarei esperando por você o tempo que for.

Eu te amo.”

Não cabiam palavras, as cinco choravam e reviviam aquele amor. Continuaram as aberturas das caixas, teriam o resto da noite para conversarem sobre o que estavam desenterrando. Ana pegou uma caixa e entregou para Ju. Sabia exatamente o que a amiga tinha enterrado. Conhecia bem seus sonhos, viviam momentos parecidos naquela época. Sentiu a necessidade de acreditar no amor novamente.

Conforme Ana previa e se lembrava, na caixa de Ju estavam fotos de Rodrigo. Os polaroides com datas e locais escritos,

mostravam as cinco com seu marido. Ele sempre demonstrando seu carinho nas fotos. Ju abriu um largo sorriso e começou a ler seu pequeno texto:

“Hoje estou com dezesseis anos, mas assim que completar dezoito me casarei com Rodrigo. Teremos três filhos assim que me formar na faculdade. Vou ser a melhor advogada da cidade e trabalharei na Defensoria Pública.

Meu marido terá muito orgulho de mim. Juntos teremos o melhor escritório de Direito do país. Meus filhos serão lindos e vamos morar em uma casa com dois cachorros.”

Com um sorriso fraco nos lábios e sem

encarar nenhuma das amigas, entregou a caixa para Luana. Dentro da caixa havia somente uma carta. Ela correu os olhos antes de começar a ler:

— Meninas, não sei se posso ler em voz alta — falou olhando intensamente para Bella.

— Como não? Todo mundo pagou o mico e se expôs no nível máximo — retrucou Laura

— É porque eu falo da Bella nessa carta — confessou procurando a aprovação da amiga.

Bella somente confirmou com a cabeça, sorrindo e imaginando o que poderia conter ali. Luana começou a ler timidamente.

“Talvez eu não mereça muita coisa quando abrirmos o baú. Eu não sou muito convencional. Talvez nem abriremos esse baú, e se abrirmos talvez já terei sido banida do grupo. Hoje tenho dezesseis anos. Quando tinha quatorze descobri que os garotos não me interessavam, eu olhava para as meninas, mas sempre desviava o olhar me culpando por ter vontade de tocá-las.

Ontem consegui superar minha esquisitice, beijei uma das minhas melhores amigas. E o pior ela tem doze anos e foi o primeiro beijo dela. A Bella é linda, meiga, carinhosa e gosto de estar do lado dela. Toda vez que penso que estou apaixonada, lembro de toda sujeira que é isso tudo. A Bella não

gosta de mulher, ela sempre olha e comenta sobre os amigos do Rodrigo ou do Lucas. Acho que ela não liga muito por eu ter sido seu primeiro beijo. Às vezes parece mais velha do que eu.

Como sei que não estarei presente na abertura do baú, peço que me perdoem pela minha esquisitice e por ser diferente. Devo ter alguma qualidade para que vocês se lembrem de mim.

E mesmo não estando presente na hora que abrirem o baú, saibam que vocês foram as melhores amigas do mundo. Tenho certeza que em no máximo dois anos, assim que entrar na faculdade, eu me afastarei, pois será impossível lutar contra o que sinto.

Amo vocês.”

Bella sorria para a amiga e se levantou para abraçá-la. Deu-lhe um selinho casto nos lábios e juntas pegaram a última caixa do baú. Dentro havia uma boneca e uma cartolina enrolada. Em um cartaz com letras desenhadas havia uma única frase.

Eu ainda vou ter uma grande família!

CAPITULO 3

Num silêncio sepulcral Ana e Luana desenterravam os outros objetos que jaziam no baú. Havia quatro caixas transparentes com uma pétala de rosa dentro, ali guardavam os pactos que renovavam a cada cinco anos. Fotos, cartas que trocavam, guardanapos escritos, ingressos de shows e várias outras bugigangas que contavam a história daquela amizade.

Aos poucos, as lembranças suavizavam as palavras rascantes das cartas e as lembranças amargas que guardaram por quinze anos. Cada cápsula aberta fez sangrar feridas profundas,

dores e dúvidas que preferiam esquecer a encarar.

Os objetos eram passados de mão em mão. Aos poucos o silêncio era rompido por casos e lembranças de cada coisa que aparecia. O clima tenso aos poucos dava espaço para a nostalgia. Era visível o desconforto de Laura, apesar de estar impecavelmente vestida, seus olhos não refletiam sua elegância e seu ar de superioridade. Juliana, que sempre foi a mais companheira, aproximou-se da amiga e a chamou para conversar num lugar mais afastado.

— Está tudo bem? — perguntou Ju com um sorriso acolhedor.

— Claro que não! Esse baú deveria ficar enterrado para sempre. — Praguejou

Laura num misto de dor e raiva.

Ju abraçou a amiga com carinho e deu um beijo em seus cabelos. Laura aceitou o carinho e permitiu que as lágrimas caíssem. Há muito não conseguia se sentir protegida e amada.

— Laura, foi difícil para todas nós. Existem sentimentos e anseios que a vida atropela. Escolhas que fazemos que nos levam para caminhos difíceis.

— O pior de tudo Ju, foi lembrar que a vida que tenho hoje foi exatamente o que almejei. Aos olhos dos outros sou a esposa perfeita, que apoia causa sociais, mas sempre fui incapaz de dar amor ao Ernany. Isso nunca foi prioridade, até que ele começou a se envolver com essas mulheres que sustenta. Nem sei mais se

ele hoje tem uma única amante ou várias como antes — confessou não conseguindo mais segurar suas lágrimas.

— Você já amou seu marido algum dia? — perguntou limpando a maquiagem borrada da amiga com um guardanapo.

— Eu não sei, mas a cada dia sinto falta de coisas que não tive. Paixão, romance, a cumplicidade que você tem com o Rodrigo. Eu adoraria ter um casamento como o seu, Ju.

— Laurinha, as coisas não são fáceis como parecem. As crianças sugam muito de mim. Eu abri mão da minha vida profissional e muitas vezes eu é que sou o porto seguro de todos lá em casa. O Rodrigo é um marido maravilhoso, lutamos todos os dias para conseguirmos

o que temos, mas não dispomos muito tempo para nós. Paixão e romance não fazem parte da minha rotina.

— Enquanto ouvia cada uma de nós lendo suas cartas, percebi o quanto somos fracassadas. Agora com a doença da Luana eu não sei de mais nada. Eu não posso perder a minha irmã, Ju. Ela é tudo *pra* mim.

— Eu também não consigo aceitar como as coisas chegaram a esse ponto. Logo a Luana. Ela vai contar para Bella?

— Vai, só falta a Bella saber. Eu não sei como ela vai conseguir, também não sei se estou preparada para ouvir de novo.

Ju abraçou a amiga ainda mais apertado. Esperou que se acalmasse e limpou seu rosto borrado.

— Eu estarei sempre aqui.

— Eu também.

Sentaram num sofá no canto. Luana preparava algo na cozinha e Bella foi ajudá-la. Ana se aproximou de Laura e Ju com um sorriso meigo nos lábios.

— Nós vamos sobreviver — arriscou com palavras que lhe faltavam. — É melhor deixar as duas sozinhas na cozinha, assim Luana pode contar para Bella — falou e se juntou a elas.

— Ana, eu não sabia que você amava o Lucas até hoje — comentou Laura se referindo ao irmão. — Você nunca mais falou dele.

— Ele se casou, Laura, hoje tem uma família e mesmo que tenha se separado, o tempo passou. Ele e a Roberta tem filhos

juntos, serão ligados para sempre. Talvez eu volte com as fotos e com a carta para dentro do baú. Talvez continue fugindo dos encontros com ele, mas agora com a doença da Luana, o reencontro será inevitável — disse Ana tentando ser racional.

— Nunca mais teve ninguém, amiga?
— perguntou Ju segurando-lhe as mãos.

— Não, Ju. Nunca dei espaço para ninguém se aproximar, preferi dedicar meu tempo à minha mãe, depois que ela morreu ficou mais difícil. Agora, eu me dedico aos meus alunos e a vocês. Não consigo imaginar outro homem me tocando. Não seria capaz de amar mais ninguém.

— Tem quanto tempo que vocês

ficaram pela última vez? — perguntou Ju, tentando se lembrar.

— Oito anos! Foi quando ele voltou e me contou que iria se casar. Eu sei que não fiz certo, ele já estava comprometido com a Roberta, mas não podia perder a chance de me despedir dele — falou sorrindo fracamente com os olhos mareados. — Já me culpei muito por isso, mas eu e Luana já conversamos tanto que a culpa não me acompanha mais.

— Ele agora é um homem livre, Ana — observou Laura, colocando sua mão em suas pernas. — Vocês podem tentar mais uma vez.

— Eu não quero vê-lo, Laura, mas isso não é uma opção mais. Não sei se consegue me entender, eu me sinto traída.

Eu o esperei e o amor que Lucas dizia sentir por mim não foi o suficiente para que ele tivesse motivos de me esperar — comentou com uma serenidade incompreensível.

Escutaram um barulho de copo se quebrando na cozinha e a voz exaltada de Bella. Laura tentou levantar, mas Ju a impediu.

— Laurinha, deixa as duas conversarem. Bella foi a última a saber. Cada uma de nós teve tempo para absorver e ter sua própria reação. É a vez dela. Elas vão se entender — afirmou Ju com ternura.

As três ficaram sentadas, já não ouviam nenhum barulho. Com as mãos entrelaçadas ficaram sentadas no sofá.

Cada uma com seus próprios pensamentos, refletindo sobre suas frustrações e sobre as lembranças que desenterraram.

CAPÍTULO 4

Luana saiu para cozinha e convidou Bella para ajudá-la. Antes de começar a lavar a louça Bella se virou para a amiga e a abraçou.

— Eu estava com saudades, Vaquinha.

— Você sumiu, Bellinha, sinto muito a sua falta.

— Eu andei um tempo no Rio. Na minha profissão não é bom ser figurinha marcada — brincou irônica.

Bella começou a lavar os copos enquanto Luana guardava o resto das comidas.

— Bellinha, não precisa lavar a louça!

Amanhã vem uma pessoa para limpar.

— Pelo menos os copos, Vaquinha, assim colocamos o papo em dia. Tem quase um ano que não nos vemos.

— Verdade — falou Luana, aérea, tentando se lembrar da última vez que se encontraram. — Foi um ano difícil, eu realmente não fui a mais presente.

— Você e a Cris estão bem? Eu estou com saudades dela. Por que ela não ficou?

— A Cris está ótima e nós estamos bem. Ela sempre se acha uma intrusa nos nossos encontros — falou revirando os olhos

Bella somente riu e voltou sua atenção para os copos que estavam na pia.

— Bellinha, eu queria te contar uma coisa. Por favor, não se sinta traída por

ser a última a saber, mas as meninas estão mais próximas. Eu pedi a elas que não te dissessem nada, eu queria te contar pessoalmente.

Com as mãos cheias de espuma, Bella se virou para a amiga ainda ensaboando uma taça. Olhou-a interrogativamente, aguardando o que ela tinha a dizer.

— Eu passei uns três anos sem fazer os exames preventivos. Sentia muitas cólicas, mas ninguém encontrava o motivo. Cansei de ficar procurando e nunca mais voltei no médico. Há três meses eu senti uma dor muito forte e acabei desmaiando. A Cris me levou para o hospital e não sossegou enquanto não descobrimos o que eu tinha. — Luana tomou o ar com força, Bella continuava parada ouvindo. — Eu estou com câncer,

Bella, já está bem avançado, mesmo se eu retirar o útero não vai adiantar. Meus dias estão contados.

Em choque, Bella soltou a taça, que se espatifou no chão. Nem mesmo esperou processar o que tinha ouvido e deu um grito tentando expressar seu desespero, seu medo e sua dor.

— Que merda é essa, Luana, que você está falando? — perguntou, não querendo acreditar no que havia ouvido.

Sem se preocupar com os cacos espalhados no chão, Luana se aproximou e a abraçou.

— Bella, eu não sei quanto tempo ainda tenho, pode ser um ano, um mês ou posso morrer amanhã. Só que, tenho certeza que quero passar os últimos dias

da minha vida ao lado de vocês.

— Três meses, Lua? Por que não me ligou? — falou ainda com a voz alterada.

— Bellinha, já tinha muito tempo que não nos falávamos. Eu não iria ligar só para contar. Foi difícil, está sendo difícil. Eu preciso me fazer forte para a Cris, para minha família, até para as meninas — confessou Luana com os olhos cheios d'água.

Bella abraçou a amiga com carinho. Segurou seu rosto encarando-a com ternura. Deu-lhe um beijo na boca demonstrando seu amor e admiração. Luana sorriu com o beijo roubado da amiga.

— Eu vou estar ao seu lado, Lua, todos os dias. Eu não quero um dia, nem um

mês, muito menos um ano. Vamos lutar minha amiga, você ainda vai viver muito — disse chorando e abraçando novamente a amiga.

Luana se afastou sorrindo e lhe estendeu a mão.

— Devo contar para Cris que você me agarrou despidoradamente? — perguntou sorrindo e acariciando o rosto dela.

— Ela vai morrer de inveja — brincou Bella —, mas eu não me incomodo de beijá-la também — zombou. — A Cris é uma delícia.

As duas voltaram abraçadas para o salão do café. Laura, Ju e Ana estavam sentadas falando sobre Lucas.

— Meninas — chamou Luana, chamando a atenção de todas —, eu quero

fazer um pedido para vocês. Apesar de tantos anos de amizade, a cada dia nos tornamos mais estranhas uma na vida da outra. A abertura do baú hoje, foi a prova que não nos conhecemos mais.

As quatro concordaram sem emitir nenhuma palavra e Luana continuou. — Eu quero conhecer de perto o mundo em que vocês vivem. Uma semana para cada uma. E gostaria que fizéssemos isso juntas. Podemos sortear para ver quem será a primeira anfitriã — disse com um sorriso sereno nos lábios. — Quero conhecer a Bella dançando na boate, no dia a dia dela. A Ju como mãe dedicada. A Ana como a melhor professora. E posso fazer o sacrifício de conhecer a rotina da minha irmãzinha.

— Preciso me organizar Lua, tenho uns

dias de férias. Já tinha mesmo pensado em tirar — falou Ana. — Apesar de estarmos no meio do ano letivo, acho que consigo alguém para me substituir. Posso ser a primeira a mostrar para vocês minha pacata existência. Assim tiro férias logo em seguida. Eu vou adorar passar mais tempo com vocês.

— Eu estou completamente livre. Meus dias são todos seus — falou Bella olhando intensamente para Luana.

— Eu também — concordou Laura. — Posso te mostrar que apesar de uma merda, minha vida tem algumas coisas interessantes — falou com um sorriso fraco.

— Eu jamais negaria um pedido seu, Luana. O Rodrigo pode se virar com as

crianças.

As cinco se abraçaram. O pedido de Luana conseguiu mudar o clima estranho que havia se instalado depois da abertura do baú. A possibilidade de poderem passar mais tempo juntas aqueceu o coração de Luana, não podia imaginar quanto tempo de vida ainda lhe restava, talvez não conseguisse visitar a rotina das quatro amigas, mas arriscou, apostou na possibilidade de ainda lhe restar quatro semanas de vida. Quem sabe cinco, assim poderia mostrar também seu cotidiano a elas.

Laura se desvencilhou do abraço e olhou atentamente para a irmã.

— Eu quero lhe dizer, que você é a grande responsável por estarmos juntas

até hoje. Eu prometo que nunca deixarei que essa amizade acabe — falou deixando que as lágrimas escorressem borrando o resto de maquiagem que ainda lhe restava. — A rotina da Laura que você conhecerá, certamente não será a mesma de antes da abertura deste baú. Eu quero transformar a minha vida e preciso da ajuda de vocês.

Ju a abraçou e deu um beijo nos cabelos da amiga.

— Meninas, eu preciso ir. O Rodrigo está vindo me buscar. Podemos almoçar juntas amanhã, aqui no café, o que acham? — sugeriu Ju, rompendo o silêncio que se instalou depois do comentário de Laura.

— Perfeito, assim combinamos tudo. Você pode me dar uma carona, Ju? — pediu Ana, pegando sua bolsa.

— Claro, Ana.

As duas começaram a se despedir. Laura estava pensativa e excepcionalmente calada, no estado de espírito em que estava, resolveu ir embora também. Bella e Luana ainda terminaram a última garrafa de vinho conversando amenidades.

— Está tarde, eu também preciso ir.

— Vamos lá *pra* casa Bellinha? A Cris está com saudades de você. — Convidou Luana trancando as janelas do café.

— A Cris já deve estar dormindo, Lua. São duas e meia da manhã.

— Duvido muito, ela deve ter passado no bar de um amigo, aqui mesmo na rua. Deve estar *ajudando ele* a fechar. Se nos apressarmos, ainda *encontramos eles* na

rua.

Bella ajudou a amiga a fechar tudo e foram andando abraçadas, rindo, até o final da rua, onde os bares e restaurantes começavam a fechar. Um homem alto, forte, com os cabelos negros, lisos e bagunçados, recolhia as cadeiras enquanto Cris tomava uma cerveja sentada na única mesa que ainda estava na calçada.

Ao ver Luana e Bella, Cris se levantou para cumprimentá-las. Deu um beijo casto em Luana e abraçou a outra amiga com carinho.

— Bellinha, quanto tempo! — falou conferindo a amiga.

— Agora estou de volta — falou dando uma voltinha.

— Vocês não vão me apresentar a

beldade. — Uma voz firme, um pouco rouca chamou fazendo com que as três se virassem para ele.

— Alex! Essa é a Bella! Amiga da Luana, da infância. — Apresentou Cris sorridente.

— Infância de umas, adolescência de outras — observou Luana, dando um beijo no amigo.

Sentaram-se a mesa e Alex saiu para buscar uma cerveja e mais três copos. Antes, olhou intensamente para Bella que se sentiu desconcertada com o galanteio.

— Uau, nunca vi você ficar sem jeito com homem nenhum — falou Luana deitando a cabeça no ombro de Cris.

— As pessoas mudam, Lua, eu consigo diferenciar os homens que eu irei para

cama ou não — disse e virou o copo de Cris que estava na metade.

— Mudam? Não tinha percebido, principalmente depois de ter me agarrado na cozinha — falou debochada. — Você acredita Cris? — disse se virando para a namorada.

— Lua, eu poderia ficar horrorizada se você me dissesse que não retribuiu o beijo — respondeu Cris, num clima divertido não se importando com o carinho entre as amigas.

Alex chegou trazendo uma bandeja com dois drinks coloridos e um copo. Serviu para Bella e Luana e colocou cerveja no copo de Cris.

— Esse drink é o favorito da Luana — falou oferecendo a taça para Bella

Bella sentia uma familiaridade estranha com aquele homem. Ele era bonito, atencioso e muito simpático. Algo nele a atraía, mas tinha a sensação de estar fazendo algo errado. Não compreendia o porquê, pois era solteira e desimpedida. Alex era um sedutor, com certeza tinha qualquer mulher que desejasse. Não que isso a incomodasse, mas não conseguia explicar o bloqueio que havia se instaurado.

— Por que você não vem almoçar no café amanhã? — convidou ele tocando as mãos de Bella delicadamente despertando sua atenção. — Amanhã eu serei o cozinheiro — falou dando um sorriso arrebatador.

Bella se ajeitou na cadeira, estranhamente desconcertada com aquele

homem. Assumiu o controle do seu corpo e se recompôs, ela era naturalmente provocante e sensual, Alex observava cada movimento encantado.

— Pode apostar que virei. E você vai conhecer o resto da turma. Todas viremos experimentar seus dotes culinários.

Alex sorriu e retirou suas mãos do braço de Bella. Cris contou para a amiga como Alex e elas se tornaram amigos. Descontraidamente, ele contava sobre as experiências e histórias que tinham vivido desde que abriu o bar. As meninas gargalhavam e acabaram estendendo a noite um pouco mais. Bella conferiu o relógio e pediu um táxi.

— Meninas, eu preciso ir. A noite foi maravilhosa e amanhã no encontramos no

almoço.

— Bella, por que não dorme lá em casa? — convidou Cris.

— Eu cheguei ontem de viagem, estou morrendo de saudades da minha cama. E outra, não conseguiria dormir com vocês sem agarrá-las — brincou fazendo todos gargalharem.

O táxi chegou e Bella partiu. Alex acompanhou as amigas até a porta de casa. Ele não morava muito distante, continuou sua caminhada por mais dois quarteirões.

Enquanto Cris trocava de roupa, Luana se sentou na cama e conferiu o celular.

— Como foi a Convenção das Bruxas? — perguntou Cris, prendendo seus cabelos.

— Foi legal, mas um pouco doloroso. A abertura do baú foi um pouco tensa.

— Você lembrou o que tinha enterrado?

— Só uma carta. Eu escrevi quando estava me descobrindo e me aceitando. Pensava que elas nunca me aceitariam.

— Mas isso te machucou? — perguntou Cris sentando-se ao seu lado.

— Não, achei até divertido a minha insegurança. Fiquei preocupada com a Laura. Minha irmã, quando fizemos o baú, queria ter exatamente a vida que tem, mas só hoje percebi o quanto ela é infeliz e isso me doeu. Também teve a Ana, ela sempre escorrega quando o assunto é o Lucas e foge de todos os encontros possíveis. Eu já desconfiava, mas minha

amiga ainda é completamente apaixonada por ele — falou e se virou para Cris. — Como pode um amor sobreviver por tanto tempo?

— Eu sei pouco da história deles. A Ana é sempre muito reservada e discreta nesse assunto.

— Eles eram perfeitos juntos — falou, olhando para o alto. — O Lucas foi para os Estados Unidos quando tinha dezessete anos, eles estavam no auge da paixão. A Ana foi visitá-lo uma vez, quando voltou estava planejando o casamento. A distância dificultava as coisas, não existia Skype, as pessoas quase não se comunicavam por e-mail. Até que ele conheceu a Roberta e logo depois ela engravidou. — Deu um suspiro longo. — Já tinha se passado um bom tempo. Lucas

voltou e procurou a Ana *pra* contar, chego a desconfiar que ele estava disposto a não se casar com Roberta, mas assumir o filho. Quando ele contou da gravidez, Ana não quis saber mais dele. Tiveram uma última noite e nunca mais se encontraram.

— E quanto a sua irmã?

— Sabe Cris, eu tenho vontade de ajudar a todas, mas não sei se terei tempo para isso.

Os olhos de Luana estavam parados, não ia chorar. Contudo, sentia um aperto no peito, uma impossibilidade e um arrependimento de não ter se permitido a enxergar antes, o que hoje parecia tão claro.

CAPÍTULO 5

Laura chegou em casa procurando por Ernany, mas sabia que não o encontraria, aos sábados dificilmente ele dormia em casa. Não entendia porque ansiava tanto encontrá-lo, pois já havia se acostumado com a solidão e com a ausência do marido. Na verdade, nunca havia se importado com isso.

Desejava um abraço ou qualquer migalha de carinho que não recebia há muito tempo. Em seu peito havia dor, um sentimento que lutava diariamente para ignorar, uma grande ferida, onde o bálsamo eram os sorrisos das crianças que ajudava. Tinha consciência que o

buraco em sua alma fora cavado com suas próprias mãos.

Bella tinha razão, não havia nada que as diferenciasse. Usou do amor do marido para conseguir joias, vestidos, carros, viagens e uma infinidade de coisas fúteis. Ernany sempre lhe deu o que desejava, estranhamente ela nunca desejou o seu amor.

Pela primeira vez, ansiava por se sentir amada, reencontrar aquele amor que seu marido tentou várias vezes lhe dar. O amor que não quis aceitar e mesmo que o aceitasse, não saberia como recebê-lo. Desejou voltar no tempo, há quinze anos atrás, onde pudesse fechar o baú com outras palavras, outros desejos. Escreveria uma carta completamente diferente da que lera hoje.

Tentava pensar em algo que pudesse ou que desejasse ter escrito. Se conseguisse voltar no tempo, sabendo o que aconteceria no futuro, seria concisa como Bella, que projetou suas esperanças sobre o futuro em uma única frase. Bella queria uma família e Laura desejava nunca mais sentir a dor da solidão.

Vagava pela imensa casa que acolhia sua solitude, parou na porta da cozinha, uma lágrima escorreu por sua face, entrou pelo cômodo que há muito não pisava e resolveu preparar um chá. Lembrava nitidamente do dia em que ela não era uma estranha em sua própria cozinha. No início de seu casamento, dedicou-se a aprender a preparar os pratos prediletos do marido.

Olhava fixamente para a água na

chaleira de vidro, imersa em suas lembranças. As lágrimas ardiavam em seus olhos, mas não se sentia digna em deixá-las sair. O apito da chaleira anunciou que a água já ebulia. Distraída, queimou seu dedo ao servir sua xícara.

Pela primeira vez sentiu inveja da vida que a irmã levava. Das cinco, Luana era a mais realizada, injustamente seus dias estavam contados, naquele momento, não pela primeira vez, desejou poder trocar de lugar com a irmã, morreria por ela. Sua vida não era tão colorida quanto a dela. Laura assumiu que sua existência era cinza. Luana sim tinha descoberto a felicidade, a leveza da vida e o amor.

Recordava-se de um tempo distante, onde a convivência com Ernany era agradável. Algum dia já havia sido amiga

de seu marido. Laura se esforçava para compensar o amor que recebia, mas que nunca sentiu. Ele se mostrava sempre apaixonado e inúmeras vezes procurou nos olhos da mulher algum lampejo da reciprocidade de seu amor. Ela se culpava por não o amar e o compensava com atenção e dedicação. Aprendeu a ser a mulher ideal de um empresário importante.

Enquanto tomava seu chá, pensou em convidar o marido para o almoço com as amigas. Certamente ele não iria, provavelmente teria um compromisso inadiável, mas estranhamente queria sua companhia. A abertura do baú fez com que Laura se desse conta que a cura do seu vazio, dormia quase todas as noites no quarto ao lado.

Desejava tentar amá-lo pela primeira vez, desejava ter seu corpo junto ao dela nas noites de frio. Entendia a distância do marido, talvez, perdera os motivos de lutar pelos sentimentos da mulher com que se casou. Completariam seis anos de casados e há dois já não dormiam juntos, a cada dia ficavam cada vez mais distantes.

Começou a abrir os armários da cozinha, tentando encontrar tudo que precisava. As quatro da manhã preparava a torta de banana que Ernany gostava. As esperanças de um futuro diferente a encheram de coragem para lutar, queria reconstruir a sua vida e estava disposta a cessar de vez com as dores de seu coração. Lutaria para ter novamente o amor do marido, faria o que fosse preciso

para poder ter mais uma chance de aprender a amar o homem com quem se casou.

Quando colocava a torta no forno escutou o seu celular tocando. O ruído vinha da sala, onde havia deixado sua bolsa, apressou seus passos desejando ouvir a voz do marido. Quando conseguiu alcançar o aparelho, ele já não tocava mais. Haviam sete chamadas de seu irmão. Pensava como era possível estar tão mergulhada em seus pensamentos que não escutara seu telefone tocando. Imediatamente retornou a ligação com um imenso aperto no peito.

— Lucas? — bradou logo que o irmão atendeu a ligação. — Aconteceu alguma coisa com a Luana? A mamãe está bem?

— Boa noite, digo bom dia Laurinha!

— retrucou soluçando tentando soar engraçado.

— Lucas você está bêbado?

— Completamente, estava com o Ricardo num bar fantástico.

— Lucas onde você está? São quatro horas da manhã, você quer me matar do coração me ligando a essa hora? Fala logo o que aconteceu!

— Não aconteceu nada, calma exagerada! Eu estou ligando para pedir o telefone da Ana — falou entre soluços.

Laura parou por um instante tentando ter certeza que ouvira corretamente o pedido do irmão. Antes que pudesse pedir que ele repetisse, Lucas continuou:

— Eu estava no bar, começou a tocar

umas músicas e fiquei com vontade de ouvir a voz dela. De saber se está bem — confessou com a voz melancólica.

— Eu não vou te dar o telefone da Ana, Lucas. Já é quase de manhã e não pense em ir na casa dela.

— Ela ainda mora no mesmo lugar? — perguntou, fazendo com que Laura se arrependesse de ter fornecido a informação.

— Lucas, por favor, vá deitar. Não acho que procurá-la bêbado seja uma boa ideia — falou e ouviu o barulho do carro de Ernany. — Eu preciso desligar, mas se amanhã quando acordar ainda desejar vê-la, vamos todas almoçar no café da Luana. E por favor, não a magoe mais.

— Laura...

— Por favor, Lucas, preciso desligar — falou ao ver a porta de sua casa abrindo.

Ernany estava com a camisa amassada, para fora da calça. Seu cheiro denunciava que esteve com outra mulher. Laura conhecia bem aquele perfume, era o mesmo que ganhara do seu marido ainda quando namoravam. Ciente que não poderia cobrar dele, naquele momento, o que havia permitido durante anos, aproximou-se com um meio sorriso nos lábios.

— Oi.

— Laura! Aconteceu alguma coisa com a Luana? — perguntou tentando parecer preocupado, mas na verdade estava surpreso por ser recepcionado pela

mulher.

— Não, está tudo bem com ela. Você está com fome?

Ernany a encarou confuso, essa preocupação não era habitual para a esposa.

— Eu jantei mais cedo — respondeu estranhando ter lhe dado satisfações. — Eu vou tomar um banho — disse saindo para o seu quarto.

Laura voltou para cozinha, retirou o bolo do forno e foi ao encontro do marido. Começou a se despir, entrou no banheiro sem fazer barulho. Ernany estava debaixo da ducha quente com os olhos fechados, há muito tempo Laura não via seu marido nu. Deslizou a porta do box e se juntou a ele.

Ernany olhou-a confuso sem entender aquela aproximação inesperada. Laura levou suas mãos em seu ombro, mas eles a segurou.

— Laura, por favor — pediu dando um passo para trás. — Eu já terminei meu banho.

Laura pôde experimentar a rejeição que sempre concedeu ao marido, mas isso não a faria desistir. Agradeceu mentalmente por não ter molhado os cabelos, teria que secá-los por horas e estava sem vontade. Desligou o chuveiro e se enrolou em uma toalha. Ernany já havia saído do banheiro, sem ao menos olhá-la como mulher.

Ele estava deitado em sua cama, os olhos semicerrados. Um filme de guerra

passava na televisão quase sem som. Enrolada na toalha e com os cabelos agora presos, Laura se deitou ao lado do marido que a encarou incrédulo.

— Laura, está tudo bem?

Ela sorriu, balançando a cabeça afirmativamente, buscava forças para estar ao lado do homem que há minutos antes estava na cama com outra mulher, mas não iria desistir. Tentaria com todas as suas forças.

— Você está precisando de alguma coisa, sabe que não precisa me pedir permissão para comprar nada — falou ele prestando atenção no filme.

— Não preciso de nada que esteja à venda, Ernany.

Ele se sentou na cama e a olhou com

pânico nos olhos.

— Você quer um filho, Laura?

Ela gargalhou com a pergunta apavorada do marido que encarando-a, tentava encontrar coerência nas ações da mulher.

— Não, Ernany, eu não quero um filho. Eu só quero dormir aqui com você — pediu sorrindo e afagando seus cabelos.

Ele tirou um travesseiro debaixo de sua nuca e entregou a esposa. Apagou a televisão e virou-se de costas para ela. Não se importando com a maneira fria em que era tratada pelo marido, retirou sua toalha e o abraçou por trás, sentiu seu corpo enrijecer. Estava provando do próprio veneno.

Ficou velando o sono de Ernany até

perceber que sua abordagem tivera sido de fato invasiva. Teria que planejar e pensar melhor numa maneira de conquistá-lo. Pediria a ajuda de Ju e também de Bella. Há tempos não tinha desejos, sua libido encontrava-se em coma.

Convencida de que não conseguiria dormir, principalmente ao lado de Ernany que roncava como um porco, Laura se levantou e foi para seu quarto. O sol coloria o cinza da madrugada, pela janela, os reflexos ainda tímidos anunciavam a chegada de um novo dia.

Ela se condenava por não ter ficado no quarto ouvindo os roncões de seu marido. Seria isso o casamento? Provavelmente Ju ouvia os roncões de Rodrigo todas as noites, assim como Luana ouvia os de

Cris. O que era insuportável antes, hoje parece essencial. Um ronco! Ouvi-lo seria o ápice da intimidade, da tolerância e nem isso ela não fora capaz de suportar.

Dúvidas e pensamentos inundavam sua mente. Tentava encontrar uma resposta, uma luz, um caminho. Apesar de ainda ver trevas, seu coração anunciava um desejo de mudança, de renovação. Às oito de manhã, deixou seu quarto em direção a cozinha, onde já se sentia estranhamente familiar, novamente. Numa bandeja, colocou o desjejum preferido de seu marido e uma generosa fatia da torta de banana, que segundo ele, ficava ainda mais gostosa depois que esfriava.

Com a bandeja nas mãos, levou até o quarto onde Ernany dormia. Colocou a bandeja no lado vazio da cama e se

ajoelhou diante dele para acordá-lo. Ensaiou um selinho carinhoso, mas desistiu temendo outra rejeição. Ernany abriu os olhos assustado, sentindo a proximidade de Laura.

— Laura, aconteceu alguma coisa?

— Não, está tudo bem. Eu trouxe café da manhã para você, sei que você não gosta de acordar tarde, mas fiquei com pena de te chamar mais cedo — falou envergonhada por ter sido pega em flagrante.

Ele se sentou na cama e esfregou os olhos conferindo o horário no decodificador da televisão. Mirou a bandeja ao seu lado e se virou para ela.

— Obrigado — falou sem muita simpatia.

Percebendo que não era bem-vinda, resolveu voltar para o seu quarto. Queria se trocar e sair dali. A maneira fria com que seu marido a tratava era dolorosa demais. Era bastante orgulhosa para suportar tamanha indiferença, estava determinada a lutar, mas não se humilharia.

— Laura! — chamou ele antes que ela cruzasse a porta.

Ela se virou com os olhos tristes e o peito sangrando.

— Não quer tomar café comigo? — convidou ele tentando retribuir a gentileza.

Ela sorriu, cruzou os braços e se apoiou no batente.

— Não quero incomodar, Ernany,

ficarei muito honrada de tomar café com você o dia que fizer questão da minha presença — falou saindo, deixando-o ainda mais confuso.

No meio do corredor, quase na porta do seu quarto, Laura resolveu fazer a última tentativa de aproximação do dia, voltou e encontrou Ernany ainda sentado na cama, com as mãos apoiando a cabeça.

— Vou almoçar com as meninas no Café da Luana. Gostaria que viesse comigo — pediu.

Ele ergueu a cabeça e encarou a mulher por um instante.

— Eu tenho uma partida de golfe no clube, marquei um almoço com alguns amigos, mas posso te pegar lá no final da tarde.

— Tudo bem, eu aguardo a sua ligação
— falou e saiu.

Tinha certeza que sua promessa fora para se livrar do compromisso. Minutos mais tarde não se lembraria do acordo que havia feito de buscá-la. Entretanto, daria a ele um voto de confiança. Escolheu uma roupa simples, diferente de tudo que usava normalmente. Uma calça preta e uma bata de renda branca. Prendeu os cabelos num rabo baixo e começou a se maquiar. Não exagerou na base e no blush como sempre fazia, optou por um look natural. Uma Laura que diante do espelho não quisesse mais se esconder de sua verdadeira essência, mesmo que ela não a conhecesse.

Ainda estava cedo, encontrou Ernany na cozinha comendo um pedaço da torta já

na metade.

— A Noêmia aprendeu sua receita direitinho, ela te superou — falou lambendo os dedos.

— Eu que fiz a torta ontem à noite — respondeu se servindo um pouco de café. — Estou indo *pra* casa da Ana, depois vou para o Café.

Surpreso com a satisfação que a mulher acabara de dar a ele, Ernany a segurou pelos braços e a abraçou.

— *Me desculpe* Laura, eu imagino o quanto deva estar sofrendo com a doença da sua irmã.

Aquele abraço apesar de ser o que mais desejava, estava longe de ser o que precisava. Não havia carinho e sim piedade. Analisando friamente, eram dois

estranhos se abraçando, mas Laura não se afastou, tentou demonstrar naquele carinho a vontade de tentar ser um casal normal.

Ernany um pouco desconfortável com a proximidade, afastou-se e a segurou pelos braços.

— Eu posso deixá-la na casa da Ana, só preciso trocar de roupa — falou, deixando-a sozinha.

O caminho até a casa de Ana foi feito quase em silêncio, Ernany não se lembrava bem do caminho, então vez ou outra pedia as direções para a mulher. Estacionou o carro e enquanto esperava o desembarque de Laura, pegou o celular e começou a digitar uma mensagem.

— Obrigada! — falou ela esperando que ele pelo menos a olhasse para se

despedir, mas ele somente balançou a cabeça com os olhos fixos na tela do celular.

Ficou parada na frente do porteiro, esperando que a amiga autorizasse a sua entrada. Não havia ligado para Ana informando de sua chegada. Somente quis sair de casa, o lugar que abrigava a sua solidão. Subiu pelo elevador, velho e barulhento e antes que a porta se abrisse por completo viu a amiga de pijama, parada na porta de seu apartamento, com cara de sono. Ana olhou Laura de cima em baixo, quase não a reconheceu com a roupa discreta e as sapatilhas que usava.

— Está tudo bem, Laura? — perguntou Ana, preocupada, abrindo a porta para que ela entrasse.

— Não, mas vai ficar. Eu te acordei?

— Eu já tinha levantado. Toma café comigo? — convidou sorrindo.

— Por favor.

Laura sentou-se à mesa redonda, de madeira pesada e reparou que nada havia mudado naquele apartamento desde que eram adolescentes. Os mesmos móveis, o sofá agora estava coberto com uma capa branca e alguns porta-retratos novos, com fotos de sua mãe e das cinco amigas.

— Você nunca pensou em trocar nada neste apartamento? — perguntou Laura olhando por sua volta.

— Pensei, várias vezes, mas há um certo comodismo em mudar o que machuca. Ontem depois que cheguei do nosso encontro, *me questionei* porque

mantenho tudo do mesmo jeito — falou, servindo café.

— Chegou a alguma conclusão?

— Ainda estou presa ao passado, Laura. Manter os móveis da minha mãe é como se de alguma maneira conseguisse mantê-la perto de mim. Como se eu pudesse me transportar para um tempo em que não existiam desilusões.

— Você ainda o ama, não é?

— Sempre vou amar o Lucas. Ele foi meu primeiro e único homem. Ontem também questionei sobre me guardar para alguém que não acreditou e nem respeitou o meu amor.

— Está pensando em se abrir para alguém?

— Não exatamente, mas vou começar

a olhar para os lados. Quem sabe não existe alguém esperando por mim — falou, sorrindo. — E você? Senti que não gostou muito do que viu no baú ontem.

— Ana, ontem consegui enxergar o que estava bem diante dos meus olhos. Pude ver qual era o motivo de me sentir tão vazia, também quero mudar a minha vida, poder aproveitar o pouco tempo que me resta com a minha irmã e aprender com ela o que é viver de verdade.

— Isso eu gostaria de aprender também. Pelo visto compartilhamos do mesmo vazio.

— Vazios diferentes, mas não deixam de ser vazios — falou, olhando para baixo. — Eu tentei me aproximar do Ernany ontem, mas vai ser difícil romper

todas as barreiras que eu o fiz criar ao longo destes anos.

— Se você acha que vale a pena tentar, estarei do seu lado.

— Não sei se vale a pena, nunca tentei de verdade antes, mas estou curiosa para saber o resultado — Laura contou para a amiga suas tentativas frustradas de atrair a atenção do marido. Desabafou com Ana suas inseguranças e como foi experimentar pela primeira vez a dor da traição. Já no quarto, procuravam dentre poucas roupas algo para usar naquele domingo.

— Ana, que tal esse vestido? — falou Laura mostrando um vestido preto com um decote discreto e solto nos quadris.

— Esse é o vestido que usei na última

vez que vi o Lucas, tem oito anos que não o visto — falou, pegando das mãos da amiga e medindo a cintura junto ao seu corpo.

— Nunca mais vai usá-lo? Por que está guardado a tanto tempo?

— Estava esperando o dia de virar a página para poder vesti-lo novamente — falou, tirando o pijama para experimentá-lo. — Talvez seja o momento de usá-lo.

— Ana não consigo acreditar que uma roupa de oito anos atrás consegue caber perfeitamente em você. A roupa mais velha que tenho foi da coleção passada e provavelmente se quiser vesti-la novamente vai ter que passar por vários ajustes — brincou Laura procurando um sapato para a amiga.

Ana foi tomar um banho e Laura ficou sentada na cama de Ana, apesar do quarto simples tudo era muito aconchegante, diferente da frieza de sua casa. Pensou em contar sobre a ligação do irmão na noite anterior, mas temia que ele estivesse bêbado e que não a procurasse hoje no almoço. Não queria alimentar esperanças na amiga, que já havia sofrido demais. Não se arrependia de ter contado ao irmão onde encontrar a amiga, talvez um encontro ajudasse Ana a perceber que o Lucas que ela se apaixonou não existia mais.

Ana tinha os cabelos longos e negros. Seus olhos eram claros e seu corpo não fazia jus a vida sedentária que levava. Era magra, com as curvas bem definidas. Laura ficou contemplando a exuberância

da mulher que se escondia atrás de suas roupas simples e desconexas.

Pegou em sua bolsa uma nécessaire com suas maquiagens de emergência e ensinou a amiga a realçar seus traços finos e delicados. Eram quase milagrosos os efeitos de poucos produtos no rosto.

— Toma, fique para você. Vou procurar uma base e um pó para sua pele — disse Laura entregando a nécessaire para a amiga.

— Não precisa, Ana, não saberia usar isso sozinha.

— Vai aprender, temos um mês de encontros frequentes para que eu possa te ensinar. A Bella pode te dar ótimas dicas, foi ela que me ensinou — disse sorrindo.

— Pode ser o início de uma mudança.

Obrigada! — falou e a abraçou. — Eu preciso dar um jeito nos meus cabelos.

Laura se colocou atrás da amiga e fez uma trança embutida elegante com alguns fios soltos na lateral.

— Prontinho — falou contemplando a imagem da amiga no espelho. — Você está linda.

CAPÍTULO 6

Logo que chegou em casa, Juliana foi conferir os filhos que dormiam, cobriu e beijou um por um. Rodrigo a esperava na cama com um sorriso nos lábios.

— Como foi o encontro com as meninas?

— Foi ótimo, mas a situação da Luana nos deixou mais sensíveis.

— Ela contou para a Bella?

— Contou, prometemos passar mais tempo juntas. Luana como sempre teve uma ideia maluca. Pediu que passássemos uma semana conhecendo melhor a vida de cada uma — contou tirando os sapatos e se sentando ao lado do marido.

— Como assim, Juliana?

— Conhecer a rotina, o que gosta de fazer. Achei a ideia legal.

— E você vai na boate ver a Bella dançar?

— Rodrigo, eu nem sei se a Bella ainda dança na boate, agora ela é uma das sócias. Por favor! E se eu for qual o problema?

— Não acho que seja um ambiente para você.

— E o que é um ambiente para mim? — perguntou, fechando a cara. — Reunião de escola? Consultório pediátrico? Supermercado? — questionou com a voz alterada e saiu em direção ao banheiro.

Rodrigo seguiu a mulher e apoiou o quadril na bancada de frente para ela.

— Ju, eu achei que você gostasse da sua vida.

Juliana não parou o que estava fazendo, lavou seu rosto, escovou os dentes e só depois que terminou virou-se para ele.

— Eu amo cuidar dos meus filhos, da nossa casa. Só que não posso ser só uma mãe e dona de casa. Eu preciso ser a Juliana. As minhas amigas, independente da vida que levam, são uma parte dessa Juliana que mora escondida entre os brinquedos e as tarefas escolares. — Despejou e foi para o quarto trocar de roupa.

— Ju, por favor não vamos brigar — falou tocando seu rosto.

— Rodrigo, não estamos brigando.

O silêncio instalou-se. Rodrigo deitou e ficou pensativo.

— Ju, quando optamos por ter nossos filhos, conversamos e sabíamos que não seria fácil.

— Rodrigo, eu não estou reclamando e me lembro de termos combinado que eu trabalharia em casa, mas me tornei dispensável, o escritório cresceu e o que antes eu fazia, agora você tem muitos funcionários para fazer.

— Você podia voltar a me ajudar em alguns processos, podia aproveitar o horário que as crianças estão na escola e trabalhar em casa.

Juliana não estava disposta continuar aquela conversa, mas foi inevitável não se chatear com a sugestão dele. Rodrigo

nunca lhe incentivou a continuar a trabalhar, mesmo que fosse em casa. Sabia que seu marido dissera aquilo somente para que se sentisse melhor, sem conseguir medir as palavras, deixou que toda a mágoa guardada em seu peito saísse:

— Tem cinco anos que não redijo nem uma petição, Rodrigo. Tem cinco anos que a única conta bancária que movimento é a nossa conta conjunta. Tem cinco anos que eu compro uma roupa nova e fico torcendo para acontecer algum evento para que eu possa usá-la. Tem cinco anos que quero entrar num *sexy shop*, comprar um vibrador e não quero que você veja na fatura do cartão de crédito.

Rodrigo se assustou com a explosão da mulher. Juliana estava visivelmente

alterada, podia ser o álcool, parecia ter exagerado no encontro com as amigas. Contudo, tinha a sensação que o que ela estava dizendo eram questões que realmente incomodavam.

— Podemos pensar em alguma coisa, Ju. Você poderia ir para o escritório na parte da tarde.

— Eu não quero, Rodrigo! Não quero que todos me olhem como a mulherzinha que o marido deu emprego, sendo que eu que ajudei a construir o escritório.

— Ju, você é sócia. Não fala besteira.

Ela resolveu não render o assunto, tinha consciência que havia bebido demais para continuar aquela conversa. Não queria se arrepender depois de dizer as coisas que explodiam na sua cabeça,

mas tinha consciência de que a abertura do baú fez com que ela se rebelasse contra a vida que levava. Precisava ir com calma, não podia destruir seu relacionamento, mas estava disposta a mudar.

Rodrigo se virou e dormiu, achou melhor não dar importância para o que sua mulher havia dito. Tentou calcular o período do mês que estavam, certamente ela estava de TPM.

Logo que amanheceu, acordaram com Felipe, o filho mais novo do casal, deitando-se entre eles. Não precisaram dar espaço para o pequeno, haviam dormido distantes um do outro. Ju abraçou o filho, pensando o quanto uma cama de casal podia ser elástica. Às vezes cabiam todos seus filhos, às vezes mal cabiam ela

e o marido, mas quase sempre a cama ficava enorme, onde cada um dormia numa ponta e facilmente caberiam os três filhos entre eles.

— Ju, pode ficar na cama. Eu preparo o café.

— Eu vou com você — falou ajeitando Felipe, na cama, que cochilava de novo no travesseiro do pai.

Ju preparava o cereal das crianças, enquanto ele coava o café.

— Eu marquei de almoçarmos todos juntos no Café da Luana. As meninas também vão.

Rodrigo encarou a mulher e a abraçou.

— Podemos deixar as crianças na casa da minha mãe, que ligou ontem falando que está com saudades dos meninos. Que

tal almoçarmos no Café e depois pegarmos um cineminha? — Convidou, beijando seu pescoço, com as mãos por baixo de sua camisola.

— Amor, as crianças podem acordar — gemeu dengosa.

Rodrigo chegou bem perto de seu ouvido e perguntou sussurrando:

— Você estava falando sério sobre o vibrador?

Juliana se afastou tentando decifrar a expressão do marido. Aos poucos se lembrava do desentendimento na noite anterior.

— Rodrigo, vamos conversar depois sobre o que falamos ontem? Eu estava um pouco alta, acabei perdendo a cabeça — pediu tentando se desvencilhar do seu

abraço.

Rodrigo transformou seu abraço carinhoso em uma pegada forte, não deixando que sua mulher escapasse.

— Responde, Juliana! Por que você precisa de um vibrador?

Ela tentou sair novamente de seus braços, mas ele a apertava ainda mais, em seus olhos podia ver raiva, ou seria ciúmes?

— Toda mulher precisa de um vibrador, Rodrigo. Agora, por favor, *me solte*.

— Você cansou de mim, Juliana? Cansou da sua vida? É isso?

— Por favor, eu não quero falar sobre isso agora. As crianças podem acordar.

— Se você não vai responder é porque

estou certo — esbravejou soltando-a por completo.

— Rodrigo, não seja infantil. Sempre temos que esperar as crianças dormirem, temos que fazer silêncio, temos que esperar uma alma caridosa ficar com eles ou pagar uma fortuna de hora extra para a babá para que possamos ter privacidade. — Descarregou e deu um longo suspiro. — Eu tenho vontade de gozar sem ter que esperar por uma oportunidade, a hora que eu tiver vontade. Quero me sentir uma mulher de verdade e não a esposa perfeita e a mãe maravilhosa.

Juliana deixou a cozinha e foi para o quarto. Felipe ainda dormia em sua cama, desejava ter um canto naquela casa onde pudesse ficar sozinha quando tivesse vontade. Entrou no banheiro, trancou a

porta e tomou um longo banho.

Rodrigo ficou parado na cozinha, tentando não levar tão a sério o desabafo da esposa. Já conhecia as variações de humor da mulher durante a TPM, mas Juliana parecia estar no limite. Sentou na varanda tomando uma xícara de café e começou a ler o jornal. Não tocaria no assunto novamente, mas achava inconcebível a sua própria mulher desejar um vibrador.

Ele pensava que no encontro das amigas, incentivadas por Bella e Luana, todas deviam ter relatado suas experiências com um pinto de borracha e Juliana, provavelmente, sentiu-se excluída naquela conversa. Para Rodrigo, das cinco, Juliana era a mais feliz, a única que construiu uma família sólida. Começava a

se questionar se sua mulher realmente pensava como ele.

Ju, saiu do banho e começou a organizar uma bolsa com algumas roupas e brinquedos para a crianças. Por um instante, ela se arrependera de tê-lo convidado para o almoço, principalmente, depois da conversa que tiveram na noite anterior, com certeza, o marido estaria atribuindo seus questionamentos ao encontro com as amigas. Se Rodrigo pensasse assim, estaria em parte certo, Juliana condenava-se por ter descarregado suas frustrações com argumentos e palavras tão pouco elaboradas. Já tinham passado tantos anos naquela situação que não era justo resolver as coisas de uma maneira tão impulsiva.

Respirou fundo e tentou retomar a postura de sempre, acordou seus filhos, tomaram café da manhã juntos e foram para casa da mãe de Rodrigo deixar as crianças. No caminho do Café, Rodrigo parou o carro no posto de gasolina. Enquanto esperava que dessem uma ducha em seu carro, sem sair de dentro dele, virou-se para Juliana:

— Eu não acho que você precise de um vibrador, Ju.

— Rodrigo, por favor, esqueça isso. Se você não se sente confortável comigo tendo um vibrador, eu não terei um vibrador.

— Essa ideia surgiu ontem, no encontro com as meninas?

— Não, Rodrigo, não falamos sobre

sexo. Tínhamos assuntos muito mais importantes.

— Desculpa, Ju, eu não quero brigar, mas ontem você descarregou tanta coisa.

— Eu peço desculpas pela maneira com que falei, mas não pelo que disse.

Foram interrompidos pelo frentista batendo no vidro, informando que já tinha terminado o serviço. Rodrigo pagou e arrancou com o carro.

— Por que não volta para o escritório, Ju?

— Eu não teria utilidade lá. Também não sei se amo o Direito como antes.

— Você pode fazer um curso, ou voltar a dançar.

— Eu vou dedicar meus dias a Luana agora. Depois quero pensar em algo para

fazer, apenas sei que quero voltar a trabalhar.

Ele engoliu seco e olhou para Juliana que parecia segura de suas palavras. Não se importava que ela trabalhasse em seu escritório, mas nunca havia cogitado a hipótese de sua mulher trabalhar em outro lugar.

— Já que você insiste nesse assunto, eu gostaria de vender minha parte na sociedade do escritório.

CAPITULO 7

Com as mãos cheias de sacolas, Alex chegou ao Café, ainda de manhã para começar a preparar o almoço.

— Bom dia, gatinhas.

— Bom dia, Alex — respondeu Luana com os olhos fixos na tela do computador.

— Bom dia! — Cumprimentou Cris, pegando algumas sacolas de suas mãos. — Vai fazer comida para um batalhão? — perguntou, entrando na cozinha.

— Quero fazer uma autêntica moqueca de siri, receita da minha mãe.

— Eu vou te ajudar — falou Luana ainda concentrada em suas planilhas. — Só preciso fechar algumas contas. O

movimento caiu bastante no último mês — observou se virando para ele.

— Eu percebi isso também, acabei dispensando um garçom, aquele novato meio atrapalhado — contou Alex, retirando as compras da sacola. — O Café vai abrir normalmente hoje?

— Foi como te disse ontem, as meninas e seus convidados, mais os clientes habituais de domingo. Acredito que trinta refeições.

— Ótimo, trouxe ingredientes para servir quarenta pessoas. Se sobrar, o almoço de amanhã está garantido.

— Você é o melhor, Alex. Nada como passar a folga da segunda sem pisar na cozinha. Depois eu termino isso, vou te ajudar. Tive que dar folga *pro* pessoal da

cozinha hoje.

Cris lavava os tomates, Luana picava as cebolas e Alex preparava as panelas e utensílios que seriam usados. Há quase um ano o amigo preparava o almoço no último domingo do mês. O moreno sempre foi um amante da boa comida, formou-se em gastronomia inspirado nos dotes culinários de sua mãe.

As pessoas que iam ao Café eram bem diferentes dos jovens que frequentavam o seu bar, onde o recorde de vendas eram os drinks, todos assinados por ele. Cris e Luana conseguiam atrair os mais variados tipos de pessoas. Do senhor que almoçava com a esposa ao tatuador maluco.

O Café ficava na esquina de uma rua sem saída, localizada em um pequeno

quarteirão. Era uma espécie de galeria, embaixo do edifício que moravam Cris e Luana. O pai de Lucas, Luana e Laura construiu o prédio para os filhos, eram três lojas embaixo e três apartamentos em cima.

Luana era a única filha que morava no prédio e ocupava duas lojas, a dela e a de Laura. A loja de Lucas, assim como seu apartamento estavam alugados para Otávio, um tatuador barbudo muito divertido que era um frequentador assíduo do café.

— Eu estou curioso para conhecer as famosas “meninas” — comentou Alex

— Você já conhece algumas delas. A Laura, minha irmã; a Bella, que você conheceu ontem e a Ana, aquela que vem

sempre aos domingos.

— A professora?

— A própria. Na verdade, você só vai conhecer a Ju — respondeu Luana.

— Solteira também? — perguntou ele interessado.

— Não, casada e mãe de três filhos — respondeu Cris, sorrindo e colocando o pano de prato em seu ombro.

— A Bella é uma gata, a professora é um pouco sem sal e a Laura é um pouco vazia — observou ele.

— A Laura não é má pessoa, ela vive num mundo diferente — defendeu Cris, voltando para pia para lavar as ervas.

— Ela é muito diferente da Luana. Falta vida, sei lá — comentou Alex.

Luana ouvia o amigo e refletia sobre a

vida da irmã. O encontro da noite anterior ainda martelava em sua cabeça, tanto que quase não pregou os olhos, pensando em uma maneira de ajudar as amigas e refletindo se elas gostariam de ser ajudadas. Já não as conhecia como antes, eram as mesmas, em contextos diferentes, moldadas pelos calos da vida.

Desde de que descobrira sua doença, ouvia o incessante apito da contagem regressiva em sua cabeça, isso fazia com que sentisse a necessidade de cuidar das pessoas que amava. Seus pais já haviam morrido, sua família eram somente os irmãos e os amigos que a rodeavam.

Lucas e Laura eram sua grande preocupação, ela era a filha do meio. Sempre idolatrou o irmão mais velho e protegeu a caçula. Sentia que seus irmãos

de sangue vagavam perdidos entre as escolhas erradas de suas vidas.

Ana fora a amiga mais presente ao longo dos anos, elas se encontravam pouco, mas sempre se falavam pelo menos uma vez por semana. A ligação era tão forte e profunda, que a professora foi a primeira a saber de sua doença, era o ombro e os ouvidos que sempre lhe acolheram. Enxergava o sofrimento da amiga e como a paixão por seu irmão dilacerou sua vida. Hoje parecia mais forte, racional, mas podia enxergar as cicatrizes que a impediam de prosseguir.

Ju, até a abertura do baú se mostrava realizada com sua vida, pôde perceber e até sentir seu sofrimento enquanto lia a sua carta. Desejava também que Alex encontrasse uma pessoa especial. Não

acreditava que nenhuma das suas amigas combinassem com ele. Se Bella não fosse tão dona de si e rainha do seu próprio universo formariam o casal perfeito.

— Lua.

— Oi.

— Está tudo bem? — perguntou Cris que estava agachada buscando seus olhos.

— Desculpe, eu estava com a cabeça longe. Vou voltar para as planilhas — respondeu sorrindo

— Vai lá, eu ajudo o Alex. Se precisar da alguma coisa é só me chamar.

Antes que pudesse sair da cozinha, Bella entrou carregando duas caixas de tortas e algumas sacolas.

— Bom dia! — Cumprimentou dando um beijo em Luana. — A porta estava

aberta.

— Que bom que você chegou, esses dois estão precisando de uma ajudante — disse Luana e sorrindo deixou a cozinha.

— Está tudo bem com ela? — questionou Bella enquanto abraçava Cris.

— Acho que sim, ela anda pensativa esses dias — falou Cris tentando tranquilizá-la.

— Oi, Bella. — Cumprimentou Alex, que deixou o fogão em segundo plano. — Você está linda! O que trouxe de gostoso?

— Não consegui dormir, então fui para cozinha — respondeu, sorrindo. — Preparei uma torta de chocolate e uma de limão, a preferida da Luana, mas ainda preciso finalizá-las.

— Eu devo ficar enciumada com você

cortejando a minha mulher? — perguntou Cris ajudando-a a colocar as tortas na geladeira.

— Seria inteligente de sua parte. — Soltou um sorriso irônico, entrando na brincadeira.

— Eu vou lá no bar buscar alguns ingredientes para preparar uns drinks especiais para nós — falou Alex, secando as mãos e colocando o pano de prato no ombro de Cris. — Por favor, cuide das minhas panelas.

— Uau, que responsabilidade — brincou Cris.

Logo que ele deixou a cozinha, Bella começou a ajudar a mulher de Lua.

— E você? Como que está nessa história toda? Passei a noite pensando em

você.

Cris passou as mãos pelos seus cabelos curtos e Bella pôde perceber que se manter firme naquela situação era uma batalha para ela, deixou transparecer, naquele instante, a Cris frágil que habitava dentro daquela fortaleza.

— Bella, tenho tentado viver um dia de cada vez, a Luana não quer tentar nenhum tratamento, o que é um direito dela, não sei se suportarei vê-la definhando em uma cama. A Lua é vida, é luz, mas tenho medo do futuro, do dia em que ela não estiver mais aqui — confessou deixando escapar seu choro contido.

Bella abraçou a amiga, buscando forças para lhe dar, mas não sabia onde as

encontrar.

— Eu estou aqui. Podemos sair essa semana, conversar um pouco. O que acha?

— Obrigada, Bella — falou Cris se recompondo. — Você, apesar de ser a mais distante é a que mais me sinto à vontade.

Bella sorriu para ela e continuaram suas tarefas. Luana continuava com seu olhar perdido na tela do computador, enquanto sua cabeça vagava longe. Foi chamada para realidade quando viu Rodrigo e Juliana entrando pela porta.

— Chegamos cedo demais? — perguntou Rodrigo, com um sorriso fraco nos lábios.

— A Bella está na cozinha com a Cris, as meninas já devem estar chegando —

respondeu saindo atrás do balcão para receber seus convidados.

Conversavam amenidades, quando Alex voltou trazendo os ingredientes do drink especial que prometera. Depois de feitas as apresentações, Rodrigo e Alex engataram um papo animado sobre drinks e bebidas. Luana voltou para dentro do balcão e Ju sentou em um banco alto bem na sua frente.

— Uau, seu amigo é um gato — observou Ju olhando para ele.

— O Rodrigo também não fica atrás — brincou Luana se virando para eles. — É impressão minha ou ele chegou aqui com uma cara de poucos amigos?

— Tivemos uma discussão. Acho que o baú mexeu demais comigo.

— Eu fiquei pensando muito em você e sua carta. Eu não imaginava que o trabalho lhe fazia tanta falta. Você está pensando em voltar a trabalhar?

— O Rodrigo sugeriu que eu voltasse para o escritório, eu não quero voltar *pra* lá. Queria tentar uma coisa diferente, mas ainda não sei o que quero fazer. A única certeza que tenho no momento, é que quero encontrar um pedaço da Juliana que se perdeu no caminho.

— Ju, de todas nós, você é a mais sensata. Vai encontrar alguma coisa que te dê prazer.

— Mas sou humana, acabei explodindo. Antes de virmos *pra* cá, eu disse a ele que queria vender minha parte no escritório.

Luana se assustou com o que a amiga dissera.

— E o que ele falou?

— Nada, nem vai falar. Ele vai esperar que eu toque no assunto de novo, mas eu quero pensar antes de prosseguir com essa conversa. Na verdade, Luana, para ele é interessante que eu deixe a sociedade. Existem vários advogados renomados que poderiam trazer um bom retorno para o escritório.

Enquanto conversavam, Luana se concentrava em finalizar os pedidos da semana. Juliana se interessou pelo serviço da amiga e a ajudou. Enquanto a dona do Café mostrava para a amiga os impactos da queda do movimento e Ju se mostrava bastante interessada. Alex já estava

concentrado novamente em suas panelas e Rodrigo preparava os drinks que acabara de aprender. Cris e Bella terminavam a torta às pressas, pois estavam quase sendo expulsas da cozinha por Alex. Finalmente Laura e Ana chegaram cumprimentaram a todos.

— Ana, você está linda. —
Contemplou Luana fazendo com que ela desse uma voltinha.

— Produção da Laura — disse orgulhosa e feliz com sua aparência.

— E você, Laurinha, está tão simplesinha, tinha até me esquecido desse rostinho lindo que morava por trás de tanta produção — zombou Luana da irmã

— Para, Luana! A Laura é linda de qualquer jeito — falou Ju, tentando

amenizar o visível desconforto de Laura com o comentário. — Vamos experimentar os drinks do meu marido?

Entre drinks e conversas, Rodrigo parecia mais confortável. Alguns clientes chegavam no café e Bella, Luana e Cris ajudavam Alex a finalizar o almoço. Sentados à mesa reservada para eles, Rodrigo, Ana, Ju e Laura conversavam animados já sobre os efeitos dos drinks de Rodrigo.

Laura estava sentada virada para porta e se assustou quando percebeu a chegada do irmão, Lucas, que parecia incerto dos seus passos e abriu um sorriso quando viu Rodrigo sentado na mesa.

— Lucas! — Saldou Rodrigo se levantando para cumprimentar o amigo

que há muito tempo não via.

Ana perdeu a cor ao ouvir aquele nome, primeiro ficou estática torcendo para que não fosse o mesmo Lucas que destruiu todos os seus sonhos. Por mais que soubesse que aquele encontro seria inevitável, torcia todos os dias para que pudesse ser adiado. Depois fechou os olhos e deu um longo suspiro. Ju que estava ao seu lado, apertou sua mão por debaixo da mesa.

Laura se levantou para abraçar o irmão que já estava bem próximo da mesa.

— Oi, Ju. — Cumprimentou o rapaz com os olhos fixos em Ana. — Oi, Ana. — Cumprimentou-a num tom baixo e rouco.

Ana virou-se para ele, lentamente, e

percorreu seu corpo até encontrar seu rosto, era impossível não demonstrar as sensações que a dominavam: surpresa, esperança, saudade e dor.

A dor era o sentimento maior que invadia seu peito, por conta dele, não conseguiu falar, sua voz havia sumido, assim como todo o controle que tinha sobre seu corpo. Balançou a cabeça forçando um sorriso. Um nó na garganta, os olhos ardendo. Levantou-se e seguiu em direção ao banheiro.

Encostada a porta, respirava fundo, tentando encontrar forças para sentar à mesa e almoçar com aquele que sonhava ver todos os dias. Sempre esperava e fantasiava que ele iria atrás dela, arrependido do que fizera e pedindo que ficassem juntos. De qualquer maneira, ela

sabia que Lucas não estava ali por ela e mais uma vez condenou seu egoísmo, Luana precisava muito mais da atenção dele. Com uma respiração longa, tentou focar na amiga, talvez sentaria bem longe do homem que destruiu seu coração e partiria logo depois do almoço. Estava decidida, sairia na primeira oportunidade.

Recobrou sua sanidade e abriu a porta do banheiro. Lucas a esperava do lado de fora, no meio do caminho, impedindo sua passagem.

— Ana, *me desculpe*. Eu não deveria ter vindo.

— Lucas, não diga besteira, claro que deveria. Sua irmã precisa de você, não podemos deixar que um erro do passado vá privar a Luana de ter as pessoas que

ama por perto — falou sem olhá-lo, tentando manter sua razão.

— Eu vim para falar com você — confessou e foi interrompido por uma senhora que queria passagem.

Sem pensar duas vezes, puxou Ana pela mão, abriu a porta do depósito, que ficava bem junto ao banheiro, e a puxou para dentro.

— Lucas, o que você está fazendo?

— Ana, eu não sabia...

— Eu não sei o que você está dizendo, muito menos o que está fazendo, então eu peço que tenha pelo menos uma vez um pingo de consideração por mim. Não temos mais nada para conversar, você fez as suas escolhas e me lembro de termos conversado sobre isso. Só não me peça

para agir como se nada tivesse acontecido. — Descarregou tentando se livrar daquela situação.

— Você está linda — falou olhando-a com admiração.

— Lucas, por favor, quero sair daqui — pediu com lágrimas nos olhos.

— Ana, por favor, *me escute*.

— Não aqui. Não agora. Eu não estava preparada para ver você — confessou sem conseguir esconder seus sentimentos.

Assim que Lucas permitiu que saísse, Ana correu até a mesa, pegou sua bolsa e saiu do café sem mesmo saber para onde estava indo.

CAPÍTULO 8

Sem se importar com os olhares de todos, Lucas correu atrás de Ana, que já havia saído do café. Caminhava com passos apressados, já havia andado um quarteirão. Assim que a avistou, Lucas correu ainda mais.

— Ana, espere!

Ela começou a caminhar ainda mais rápido, mas foi inevitável, Lucas a alcançou e a parou, posicionando-se na sua frente.

— Por favor, Ana. Eu vim falar com você.

— Lucas, eu quero ir embora, por favor.

— *Deixe eu te levar?*

Ciente que ele não desistiria Ana resolveu ceder.

— Tudo bem, Lucas. Eu vou ouvir o que você tem para dizer.

Tocando em suas costas, Lucas a conduziu até seu carro, que estava estacionado na rua lateral. Abriu a porta para que ela entrasse e sentou no banco do motorista.

— Ana, eu tenho pensado muito em você. Eu sempre penso em você. Eu não sabia que tinha feito tanto mal. — Ele parou de falar esperando que a ex-namorada dissesse algo, mas ela não o fez. Continuou calada encarando-o esperando que ele continuasse.

— Eu nunca imaginei que ainda

estivesse tão magoada comigo. Já se passaram oito anos. Éramos crianças. Você me incentivou a casar...

— E o que você esperava que eu fizesse? — perguntou em um tom baixo. — A pessoa que sempre pediu que eu esperasse, volta depois de sete anos fora, conta que conheceu uma outra mulher, que ainda por cima está grávida. O que você queria que eu fizesse? — perguntou, sem conseguir segurar seu choro.

— Ana, *me desculpe* — disse com a cabeça baixa. — Quando te procurei, você me incentivou, eu podia assumir o filho, poderíamos ter ficado juntos.

— Lucas, por favor, eu não sou tão boba quanto você pensa. Você me traiu, construiu uma vida com outra pessoa,

enquanto eu fiquei aqui te esperando. Você tem dois filhos, uma família.

— Eu me separei, Ana. Roberta voltou para os Estados Unidos com as crianças.

— E aí você resolveu me procurar? — Deu um longo suspiro. — Por favor, eu quero ir para minha casa, posso pegar um táxi — falou com a mão na maçaneta, pronta para saltar do carro.

— Eu vou te levar, Ana — falou e tocou sua mão tentando impedi-la de sair.

Ana se esquivou rapidamente de seu toque e se recostou na porta, tentando evitá-lo. Um branco invadiu sua mente, estava vivendo o momento que sempre sonhara, o momento em que Lucas a procuraria, mas ainda estava ferida demais para ceder.

— Eu nunca imaginei que você ainda morasse no mesmo lugar — falou ele estacionando na porta de seu prédio.

— Obrigada pela carona — falou sem ao menos olhá-lo

Foi interrompida por ele a segurando fortemente pelos braços. Estremeceu ao sentir suas mãos, fechou os olhos tentando pensar em alguma maneira de sair logo dali, mas foi em vão. A proximidade de Lucas fazia com que as lembranças viessem à tona, então, ela sentiu-se como uma adolescente na porta de casa, despedindo-se do namorado. Quando ele tocou seu rosto e com a outra mão a puxou pela cintura, Ana respirou fundo, com os olhos fechados e foi tomada por um beijo lento e desejoso. Que despertou lembranças, saudades, paixão, desejo,

todos os sentimentos invadiam sua mente. Foi inevitável tentar segurar as lágrimas, a única coisa que desejava era que aquele beijo não terminasse.

Lucas se deliciava com o beijo que tanto sentia falta, Ana havia sido o grande amor de sua vida e naquele exato momento, ele sentia como se o tempo não existisse, era, novamente, o mesmo adolescente que perdera a virgindade com a primeira namorada. Percebeu que ela não queria terminar aquele beijo, era a mesma Ana de sempre, tinha o mesmo cheiro e o mesmo gosto.

Lentamente abriu seus olhos e viu-a se afastando, com as mãos no colo, olhando para baixo. Nunca poderia imaginar que Ana ainda o amasse como no passado, mas também era nítido, a mulher que à sua

frente estava ferida, triste e a culpa era sua.

— Não vai me convidar para entrar?

— arriscou, tentado deixar o clima um pouco mais leve.

— *Pra* você ter certeza que tudo continua no mesmo lugar enquanto eu fiquei te esperando? — falou, encarando seus olhos.

Lucas não sabia o que dizer, porque as palavras de Ana eram como um punhal.

— Sabe, Lucas, eu agradeço por ter te encontrado hoje. Era inevitável o nosso reencontro, principalmente com o estado da sua irmã, só quero deixar claro que não vou me afastar dela por sua causa, já me privei de coisas de mais por você...

— Ana...

— Por favor, eu preciso continuar. Foi muito bom ver você, assim como foi bom descobrir o motivo de passar a vida te esperando. O beijo que me deu me fez lembrar que um dia eu fui feliz de verdade. — Deu um longo suspiro. — Talvez eu precisasse disso para me libertar de você e seguir a minha vida.

Logo que terminou, desceu do carro e entrou no prédio. Lucas ficou parado vendo-a se afastar e sentindo-se um idiota por tê-la traído, um imbecil por ter abandonado a mulher de sua vida, mas se sentiu ainda pior ao ver os estragos que havia causado.

Quando pensou em procurá-la, queria apenas revê-la, encontrar alguém importante do passado, jamais poderia imaginar que os sentimentos floresceriam

novamente e que lhe transportasse para o passado tão intensamente. Ficou parado um tempo olhando para a fachada do antigo prédio que fora o cenário de muitos dos seus encontros.

Teve vontade de entrar e reviver ao seu lado os melhores momentos de sua vida, mas foi covarde, não queria correr o risco de magoá-la novamente. Lucas se sentia sozinho, seus filhos estavam longe, a mulher que mais amou estava machucada demais para ouvi-lo, sua irmã estava doente e Laura era a única com quem ele poderia contar. Decidiu que voltaria para o Café, mesmo sabendo que seria crucificado por Luana, mas antes, deu algumas voltas de carro tentando acalmar as sensações que o dominavam.

Estacionou na porta do Café tomando

coragem para enfrentar a fúria das amigas, estava consciente, agora, que fora precipitado em procurá-la, principalmente num encontro com as amigas. Com a cabeça recostada no volante, travava uma luta interna entre descer ou ir para casa curtir a fossa de domingo, suas dúvidas cessaram quando viu Ana descendo de um táxi, voltando para o Café. Lucas desceu rapidamente e a alcançou antes que ela pudesse entrar. Ana se assustou, mas não parecia tão fragilizada como antes.

— Ana...

— Lucas, por favor! — pediu e suspirou profundamente. — Gostaria de pedir que me dê o espaço que te dei durante todos estes anos, você viveu o que quis, fez o que quis e eu nunca te procurei ou te atralhei. — Despejou. — O meu

tempo com a Luana é muito precioso. Por favor, não estrague isso! Se vamos ter que conviver, que sejamos maduros. Acabou!

Sem esperar que ele dissesse alguma coisa, Ana entrou no Café com passos firmes e decididos. A dor que Lucas viu em seus olhos, minutos antes, dera lugar a determinação e a força que ele sempre admirou nela. Sabia que o certo era ir para casa, mas mesmo com a restrição de aproximação, ansiava estar ao lado dela. Logo que entrou, percebeu os olhares inquisitivos, mas Ana agia naturalmente. O almoço parecia ter acabado de ser servido, restavam apenas dois lugares na mesa, um na cabeceira e uma cadeira vazia ao lado.

— Vocês voltaram! — observou Rodrigo um pouco alto, que foi reprimido

por um cutucão de Ju.

— Sentem-se, acabei de servir o almoço. — Ofereceu Alex que estava sentado na ponta oposta da mesa.

Ana desviou seu olhar para as cadeiras vagas. Lucas continuava parado logo atrás dela.

— Alex, se não se incomodar gostaria de trocar de lugar com você.

— Com todo prazer, Ana — falou olhando-a e sorrindo —, mas confesso que ficaria muito honrado se pudesse me sentar ao seu lado — respondeu e piscou ainda sentado.

— Não seja por isso! — Apressou-se Ju que estava sentada ao lado de Alex. — Laurinha pula uma cadeira — pediu, empurrando o marido para que sentasse

no lugar da amiga.

Finalmente, depois de todos trocarem de assentos, Juliana liberou sua cadeira para que Ana sentasse ao lado de Alex, que se apressou e puxou a cadeira para que se sentasse. Lucas olhava atordoado todo o movimento de pé e só percebeu que precisava se sentar quando encontrou um sorriso debochado nos lábios de Luana.

Sentou na cabeceira, onde pôde observar por todo o almoço a atenção excessiva que Alex dava a sua Ana, que sequer o olhou, estava ignorando-o e parecia não mais se importar com sua presença.

As amigas combinavam os encontros que agora seriam frequentes e faziam

planos. Lucas continuava calado, observando Ana do outro lado da mesa. Alex se divertia vendo as cinco animadas, falando ao mesmo tempo e tentava entender todo aquele alvoroço.

— Pelo que entendi vocês vão passar uma semana vivendo a vida de cada uma — afirmou Alex, divertido, perguntando se entendeu direito. — Quem vai ser a primeira a receber o bonde das loucas? — perguntou debochado.

— A Ana — respondeu Ju

Alex olhou sorrindo para Ana, Lucas ficava cada vez mais desconfortável com a aproximação dos dois.

— Precisamos definir quem será a próxima — comentou Luana.

— Eu! — Ofereceu-se Laura, olhando

para o irmão e sorrindo irônica.

— Depois sou eu! — falou Bella animada

— Ah! Na semana da Bella eu vou! — falou Cris entrando na brincadeira.

— Olha que também vou querer participar — disse Alex, sem entender o interesse de Cris.

— Serão muito bem-vindos — respondeu Bella, com naturalidade.

— Luana, eu primeiro ou você? — perguntou Ju, tentando não pensar que os encontros na verdade seriam um despedida.

— Você, Ju, eu não tenho muito o que mostrar. Só que tenho uma mulher maravilhosa do meu lado e amigos incríveis — respondeu Luana

emocionada.

CAPÍTULO 9

Já não havia mais o desconforto de antes causado pela inesperada aparição de Lucas. Os clientes do Café já tinham ido embora. Laura estava absorta em seus pensamentos e procurava alguns livros no canto onde ficava a livraria.

Em pouco tempo, depois do almoço, Ju reclamou que estava cansada, o que obrigou Lucas a levar Rodrigo e ela para casa, já que ambos tinham exagerado nos drinks, mas antes de sair, Lucas se ofereceu para levar Ana em casa, que nem respondeu. Bella, Cris, Ana e Luana recolhiam o buffet do almoço e ajeitavam algumas mesas.

Laura parecia perdida nas estantes da livraria, depois de muito olhar as lombadas, acabou por escolher um livro de Fernando Pessoa e se sentou em uma das cadeiras. Alex se aproximou admirado:

— Livro do Desassossego, interessante sua escolha. — Foi interrompida pela voz grave de Alex. — Você gosta de poemas?

Laura o fitou e involuntariamente um sorriso brotou em seus lábios.

— Minha avó era uma amante das poesias dele. Lia *pra* mim quando eu era pequena.

— Sempre gostei de poemas — contou orgulhoso.

— Eu devorava livros quando era

criança. Perdi o hábito com o tempo — confessou com o olhar perdido.

— Você e a Luana são muito diferentes. Confesso que já tinha te visto algumas vezes, mas nunca imaginei que alguém como você conversaria com um reles mortal — brincou tentando arrancar um sorriso.

— Sou muito julgada pelas pessoas que não me conhecem — brincou sorrindo. — Eu não mordo! Nem mesmo sou tão vazia quanto pensam — falou irônica. — Eu também tenho coração.

Alex reparou em Laura, intrigado, viu uma mulher atraente, diferente talvez, o mais estranho é que não parecia a mesma que via ao longe. Parecia desnuda, real. Buscou em sua memória um trecho de

Fernando Pessoa para recitar.

— “O coração, se pudesse pensar, pararia.” — Sorriu, Alex, sentando na cadeira ao seu lado e com um olhar intenso continuou: — “Quem sou eu para mim? Só uma sensação minha.”

Laura sorriu pensando em alguma citação, Alex era um homem interessante e de alguma maneira se sentia surpreendida, nunca imaginaria que ele gostasse de poemas. Antes que dissesse alguma coisa, seu sorriso se desfez ao ver Ernany parado na porta do Café, seu marido parecia hesitante em se aproximar.

Laura, surpresa com a presença do marido e relutante em abandonar a interessante conversa, fechou o livro que folheava segundos antes e o entregou para

Alex, após se levantar. Olhou para o desconhecido sentado, segurando o livro de poemas e citou o primeiro verso que veio a sua mente.

— “Sou uma prateleira de frascos vazios.”

Sem olhar para trás, caminhou ao encontro do marido, aproximou-se para beijá-lo levemente nos lábios, mas ele reagiu naturalmente virando o rosto. Alex não conseguiu deixar de prestar atenção naquela cena.

— Podemos ir? — perguntou Ernany secamente.

— Por favor, Ernany, quero que conheça Alex, ele é amigo da Luana.

— Como vai. — Cumprimentou o marido com a cara de poucos amigos.

Alex o saudou da mesma maneira, à distância e com poucas palavras.

— Preciso me despedir das meninas — falou Laura pegando sua bolsa, tentando ser doce com o marido.

— Eu te espero no carro — falou Ernany e saiu.

Antes de entrar na cozinha para despedir-se da irmã e das amigas, Laura encontrou os intensos olhos verdes de Alex a fitando complacentes. Ele a viu sumir entre as portas da cozinha. Parado com o livro nas mãos, tentava entender o motivo pelo qual o marido tratava a mulher de maneira tão rude e fria.

Quando viu a deusa loira saindo da cozinha arriscou:

— Laura, se quiser ficar, posso levar

você mais tarde.

— É muita gentileza sua, mas preciso ir. — Agradeceu, sorrindo e dando-lhe um beijo polido no rosto.

— Leve o livro. Um presente meu. — Ofereceu, entregando a ela.

— Muito obrigada. — Agradeceu pegando o livro de suas mãos.

Não demorou muito, depois da partida de Laura, para as quatro mulheres que ficaram; Bella, Cris, Ana e Luana, invadissem o salão. Enchendo o ambiente com uma conversa alta e animada sobre algum caso do passado. Alex se sentia bem entre elas, cada uma tinha um encanto próprio.

— Alex, o seu almoço foi um sucesso. — Parabenizou Bella.

— Suas tortas não ficaram atrás! Confesso que nunca havia comido algo tão sublime — disse Alex.

— Depois te passo a receita. — Ofereceu ela.

— Definitivamente, eu não sei fazer doces e confesso que como muito pouco — disse ele simpático. — Pela primeira vez na vida repeti a sobremesa.

A conversa fluía animada e Alex contemplava Ana e Bella a sua frente. A professora, que sempre se escondia atrás de suas roupas sem graça, naquele dia estava sedutoramente linda. Bella era naturalmente bonita e sensual, mesmo com os cabelos presos num coque mal feito.

— Eu fico pensando, porque duas mulheres tão lindas continuam solteiras?

— questionou ele com um sorriso safado no rosto.

— Eu por ter esperado tempo demais, mas nunca é tarde para tentar, não é — falou Ana, ficando assustada com a audácia de suas palavras.

— Acho que não encontrei alguém que me fizesse querer me prender ou se encontrei, perdi pelo caminho. — Divagou Bella. — Na minha profissão encontrei vários homens e várias mulheres que me pediram em casamento, mas nunca ninguém me deu motivos para aceitar.

Alex olhou para Bella confuso, tentando imaginar qual seria sua profissão. Seria modelo? — Alex ainda se questionava, quando Luana, percebendo a confusão do amigo, e certa

que o assunto não incomodava a amiga revelou:

— A Bella é “garota de programa” — ressaltou as aspas com os dedos.

— Nem tão garota assim mais — brincou Cris.

— Mas ainda dou um caldo — Bella se defendeu, divertida com os comentários.

Alex sorriu. Na verdade, teve vontade de, nem que fosse por uma noite, ser um de seus clientes. Bella era incrível e não se espantava em saber dos inúmeros pedidos de casamento.

— Meninas, preciso ir. Amanhã dou aula cedo e de tarde vou receber quatro loucas no meu trabalho — disse Ana recolhendo sua bolsa.

— Eu levo você! — Ofereceu Bella.
— Você precisa tirar carteira de motorista Ana.

— Eu vou tirar — revelou Ana, causando espanto nas amigas. — Hoje quando voltava para cá, de táxi, pela primeira vez tive vontade de aprender a dirigir.

— O Alex é um ótimo professor. Ele ensinou a Luana a fazer baliza. Tem pouco tempo que ela aprendeu — falou Cris.

— É verdade! — concordou Luana. — Nunca fui boa em estacionar, o Alex é muito paciente.

— Podemos marcar quando quiser, Ana. — Ofereceu Alex.

Depois de se despedirem, Ana e Bella partiram. Na porta da casa de Ana, Bella

comentou:

— Fiquei tão orgulhosa de você quando me contou, na cozinha, que chegou a ir embora e depois resolveu voltar.

— Não foi fácil, Bella. Ainda dói muito.

— Eu imagino, minha amiga. Você precisa ter consciência que isso não termina aqui. Ele ainda vai te procurar e vocês vão ter que conversar de uma vez por todas.

— Eu sei, mas quero estar pronta para isso. Eu o amo, muito, mas não posso ser o brinquedinho que fica na estante.

— Eu te entendo, pode contar comigo — falou e a abraçou. — Até amanhã!

— Até amanhã!

Já era de manhã, Cris penteava seus cabelos na frente do espelho e pelo reflexo podia ver Luana sentada na cama com um aparente desconforto no rosto. Parecia sentir dor, mas nunca se queixava, sem saber como se aproximar da esposa, que sempre parecia relutante ao discutir abertamente sobre a doença, Cris abriu a gaveta do banheiro e pegou um remédio que o médico receitou para casos de dores agudas. Aproximou-se lentamente e estendeu-lhe o comprimido. Percebendo a proximidade de Cris, Luana aceitou o remédio e sorriu tentando controlar os movimentos involuntários do seu rosto que reagiam a dor.

— Obrigada, meu amor. — Agradeceu se levantando. — Eu vou para o Café

agora de manhã, o encontro com as meninas é somente à tarde.

— Eu vou com você — falou Cris, abraçando-a com carinho. — De noite vou sair com a Bella, ela me chamou para tomar um drink.

— Tudo bem, devo ficar até mais tarde com a Ana. Vi que ela ficou muito balançada por ter encontrado o Lucas.

— Lua — Cris levantou o rosto dela suavemente com a ponta dos dedos —, eu amo você.

CAPÍTULO 10

LUANA

Desde que descobri essa maldita doença não paro de escutar o tic-tac do relógio do meu ouvido. É como se as horas parecessem minutos e os minutos, segundos. Tenho o pressentimento que o relógio não está a meu favor e a cada momento que estou parada deixo de ajudar as pessoas que amo.

A Cris é a minha maior preocupação, não a vejo chorando e muito menos abatida. Sempre se mostra forte e parece não acreditar que em breve, será uma viúva. Uma viúva linda, mas que não merecia isso. Conheço bem minha mulher,

ela não está satisfeita por eu não aceitar o tratamento, mas não posso permitir que Cris me veja confinada em uma cama, abatida e sem muita utilidade. Sei que meu amor ainda precisa de mim e estarei ao seu lado até o último momento da minha vida. Minha mulher não entende nada das contas e ainda preciso encontrar alguém para ajudá-la no Café.

O que me deixa tranquila é que sei que as meninas e o Alex, não vão deixá-la sozinha. Cris é jovem, linda e tenho certeza que vai conseguir refazer sua vida daqui um tempo. Não estou tão conformada quanto pareço, tem horas que me questiono o porquê, amaldiçoo o destino ou qualquer coisa que justifique uma doença tão dura, a realidade é que o câncer não só te leva a vida, mas te leva o

resto dela também. No pouco tempo que me resta quero realizar o que nunca tive a consciência ou necessidade de fazer antes.

A Ana por exemplo, passou a vida sofrendo pelo meu irmão. Sempre tentou esconder de todos, mas estava na cara. O Lucas fez da vida dele uma sucessão de erros, não parece feliz e vejo o arrependimento estampado na sua testa. E eu? O que fiz quando não tinha o tic-tac do relógio apitando dentro de mim? Nada! Agora fico arrependida, sofrendo por eles. Eu poderia ter feito algo, mas não fiz.

Eu poderia ter viajado mais com minhas amigas e com a Cris. Poderíamos ter almoçado fora aos domingos ao invés de abrir o Café para os clientes amigos, mas não fiz. Deixei de fazer muitas coisas

que queria e sonhava, simplesmente pelo fato de acreditar que tinha tempo. Só que não posso mais contar com ele. Corremos maratonas opostas, como se ele visse em minha direção para me atropelar e pode ser que no meio do caminho ele encontre um atalho para me alcançar.

Como se não bastasse a brincadeira de esconde-esconde com a morte, as dores têm ficado mais fortes. Não falo nada pra Cris, que não merece mais essa preocupação, sempre carinhosa, quando percebe meu desconforto, ela me entrega um remédio qualquer e me oferece seu ombro. O abraço dela alivia muito mais as minhas dores do que a porra de um remédio inútil, que não serve nem para me dar vantagem em relação a minha guerra contra o tempo.

A Bella ter aparecido de novo foi um dos melhores presentes que poderia ter ganhado, graças à minha amiga, a Cris vai sair hoje, talvez até consiga desabafar. A Bella é uma pessoa especial, de coração doce e que se tornou uma mulher forte, resolvida e faz o que faz porque quer e gosta. Ela não sabe, mas vai ajudar muito a minha Cris quando eu já não estiver aqui.

Enquanto envio os pedidos que a Ju me ajudou a fechar ontem, confiro o relógio. Combinei de almoçar com meus irmãos e depois eu e a Laura iremos para escola onde a Ana trabalha. Espero que ela não arrume problemas levando quatro loucas para uma sala de aula cheia de crianças inocentes.

O Lucas é o primeiro a chegar, está no

canto escolhendo umas flores com a Cris. Nem veio me cumprimentar ainda, meu irmão me conhece e sabe que vou recriminá-lo pela cena de ontem com a Ana. O dia que ele me procurou dizendo que queria encontrá-la, pedi que fosse com calma e pelo visto acabou enfiando os pés pelas mãos. Homens são muito confusos, nunca consegui entender. Meu irmão era doido com a Ana, desde o dia que a conheceu, mas acabou casando com outra e ainda constitui uma família, como se não bastasse desistir do casamento com a louca da Roberta, ficou achando que poderia voltar no tempo e agir como se nada tivesse acontecido.

Ele fez a merda e eu ainda consigo me sentir culpada. Devia ter conversado com ele quando inventou de casar, ao

descobriu que a Roberta estava grávida. Nada me tira da cabeça que foi golpe da barriga. Agora Lucas está lá com a Cris escolhendo flores, aposto que vai mandar pra Ana.

— Rosas brancas — gritei, para que ele soubesse que estava prestando atenção.

Lucas olhou para mim e sorriu, aposto que a Cris sugeriu rosas vermelhas. Eu a conheço, é uma romântica incurável.

Laura chegou e ficaram os três conversando, apesar do sorriso no rosto era nítido a tristeza dos três. Cada um com seu próprio motivo, mas tenho certeza que tenho minha parcela de responsabilidade nisso.

Sei que vai ser inevitável o sofrimento

das pessoas que amo quando eu partir. Não tenho medo da morte, tenho medo de não ter tempo para me redimir por ser uma morta-viva enquanto a certeza de minha partida ainda era uma dúvida distante.

— Lua, tudo bem? — perguntou Cris, seus olhos sempre observadores, aflitos esperando que eu revele à ela que me sinto mal ou que alguma dor me incomoda. Só que não posso fazer isso com ela.

— Por que não almoça com a gente?
— Convidei tentando desviar do assunto.
— Hoje temos funcionários e nunca almoçamos fora — insisti, quase certa de que ela não iria.

— Acho melhor ficar, Lua, tenho

algumas encomendas na floricultura e os funcionários sozinhos não vão dar conta.

Cris era assim, sempre escorria pelos dedos. Reforçava sempre a teoria da individualidade. Estranhamente eu achava boa a distância que nos dávamos, mas agora, eu a queria sempre por perto. Talvez ela continue se esquivando para se acostumar com minha ausência, então não tenho coragem de insistir.

— Então vamos? — Convido meus irmãos antes que implore para a minha mulher passar mais tempo comigo. — Não quero me atrasar para o encontro à tarde!

A cara do Lucas foi impagável, parecia que tinha uma barata entalada na garganta. Queria dizer alguma coisa, mas estava travado.

— Desembucha, Lucas — ordenou Laura com seu jeitinho nada sutil de ser.

— Eu preciso passar para a Cris o endereço de entrega das flores, queria mandar lá na escola.

Laura não resistiu e gargalhou. Não acredito que ela está achando graça nesse absurdo.

— Lucas, fala sério. Eu não sei quais são suas intenções com essa aproximação, mas não acha invasivo demais mandar flores no trabalho da Ana?

Ele me encarou como se não enxergasse nenhum problema, não tinha consciência de como aquilo poderia machucá-la ainda mais.

— Na casa dela é mais sensato — concordou Laura comigo. Graças a Deus

ela recuperou o bom senso.

Almoçamos num restaurante próximo ao escritório do Lucas. Pouco nos falamos. Laura parecia pensativa, distante e com um olhar triste, já Lucas parecia pedir socorro com os olhos. Queria muito ajudá-lo, mas não conversaria com meu irmão antes de falar com Ana. Ele pode esperar, assim como ela o esperou. Só não sei se eu posso esperar.

Ali comemos calados, aquela sensação familiar remetia a quando éramos crianças. Com meus pais sentados na mesa, compartilhávamos a maioria das refeições em silêncio. Já não me lembrava mais o que era aquela sensação. Laura finalmente puxou assunto perguntando dos nossos sobrinhos.

Vi o reflexo de um brilho em seus olhos ao contar as proezas dos filhos. Nunca fui muito próxima deles, Roberta sempre manteve uma distância de segurança e eu podia ver o preconceito estampado em seus olhos a cada desagradável encontro.

Assim como almoço começou, terminou. Com poucas palavras, mas uma sensação familiar gostosa, acolhedora. Deixamos Lucas em seu escritório e Laura dirigia pelo trânsito intenso para o trabalho da Ana.

— Eles vão acabar voltando — falou Laura sem me olhar, analisando as próprias unhas.

É inevitável não sorrir à essa afirmação.

— É obvio! Só que a Ana ainda está muito magoada.

— Mas eles se amam, Luana. Sempre se amaram.

— O amor nem sempre é o suficiente — falei e involuntariamente meus pensamentos se voltaram para Bella.

Quando virei novamente para minha irmã, uma lágrima discreta rolava lentamente pelo seu rosto. Sei que Laura não está legal, mas tenho medo de perguntar e ser a causadora desse sofrimento.

— Está tudo bem com você e com Ernany? — arrisquei, com medo de ouvir a resposta.

— As coisas simplesmente não estão, há muito tempo.

— Não estão bem?

— Não estão de jeito nenhum, Luana, nem bem, nem mal — respondeu ríspida, mas soou como um desabafo.

— Você ama o Ernany?

Laura titubeou, percebi que essa era uma pergunta que nem ela tinha feito a si mesma. Voltou a sua atenção para o trânsito.

— Não sei, mas estou disposta pela primeira vez a fazer esse casamento dar certo.

Laura parecia determinada, porém triste. Antes que eu encontrasse palavras para a aconselhar, minha irmã continuou:

— Tenho medo que seja tarde demais e também tem você... — arriscou, mas respirou fundo visivelmente buscando

coragem para continuar — eu só tenho você, Luana.

— Não fala bobagem, Laura. Quem consegue manter uma amizade tão bonita como a nossa? Tirando a Bella que é a mais distante, estamos sempre juntas. As meninas sempre vão estar ao seu lado. — Minha garganta travava a cada palavra que arriscava em dizer. — E tem a Cris, ela te adora.

— Todo mundo tem sua própria vida. E eu vivo numa farsa.

— Laura, se você acha que deve lutar pelo seu marido, estou do seu lado, sabe disso, não sabe? — Não sei por quanto tempo, pensei.

Vi um sorriso fraco nos lábios da minha irmã. Ela já estacionava seu carro

de última geração em frente à escola. Bella estava parada do lado de fora falando ao telefone. Uma calça jeans justa, camiseta branca, uma botinha vermelha e seus longos cabelos num rabo alto. Ela estava linda, como sempre, Bella sempre me atraiu, desde do primeiro beijo, na garagem da casa da Ju. Quando me viu, deu um sorriso lindo, desligou o telefone sem se despedir e me abraçou.

Entramos e fomos recepcionadas por uma disciplinaria baixinha e muito simpática que nos levou até a sala onde Ana lecionava. Cinco pequenos grupos com quatro alunos em cada, estavam espalhados pela sala.

Ana com uma alegria evidente no rosto nos apresentou para as crianças e podemos perceber olhares expectantes e

ansiosos que nos fitavam intensamente. Conversando com seus alunos de uma forma íntima e envolvente, Ana pediu que cada uma de nós escolhêssemos um livro e um grupo. Contaríamos a história para as crianças e cada grupo deveria apresentar um cartaz sobre o livro lido.

Escolhi o Gato de Botas e me sentei em um grupo onde tinham quatro meninos. Foi uma tarde muito divertida. Nunca pensei que contar uma história para as crianças fosse tão prazeroso. A apresentação dos cartazes foi surpreendente e Ana estava radiante com nossa participação em sua aula.

Lanchamos às cinco, na praça de alimentação de um shopping que fosse caminho para todas.

— Ana, o seu talento com as crianças é incrível. Eu não consigo colocar ordem em três e você comanda sozinha uma sala com mais de vinte alunos — observou Ju interessada em descobrir o seu segredo.

— Eu amo o que faço. Eu amo crianças — respondeu Ana com um sorriso bobo nos lábios.

Ju não podia demorar, tinha que buscar Carol na aula de balé e Rodrigo estava agarrado em uma reunião. Pouco tempo depois, foi a vez de Bella se despedir:

— Sinto muito, meninas, adorei nossa tarde, mas tenho um encontro — falou e piscou para mim. Ela se encontraria com a Cris e eu não poderia perder a piada.

— Alguma cliente especial?

Bella percebeu minha provocação e

entrou na brincadeira.

— Essa, infelizmente, não é uma cliente, mas prometo devolvê-la inteira.

— Cuide dela *pra* mim?

— Eu gostaria de cuidar de você — falou e saiu dando um beijo breve nas meninas. Aquilo doeu. Bella sempre foi intocável para mim. Quando me apaixonei ela era muito jovem, aprendi a guardar meus sentimentos no bolso e seguir em frente. Foi uma paixão platônica, que me consumiu por quase sete anos.

Fomos para casa da Ana, que nos serviu de vinho e sentamos na sala.

— Meninas, gostaria de alugar o meu apartamento — falou Ana colocando uns salgadinhos na mesa.

— Vai se mudar? — questionei sem

acreditar no que estava ouvindo.

Ana sempre foi apegada a tudo que remetia à sua mãe e ao passado com Lucas. Sei que em algum lugar dessa casa devem morar todas as cartas e fotos dos dois.

— A abertura do baú e o reencontro com Lucas me fez pensar no rumo que tenho levado a minha vida.

— Bem-vinda ao clube — resmungou Laura.

— Quero uma casa nova, com móveis novos, guarda-roupa novo e se possível emprego novo. Tudo novo.

— E amor velho? — perguntou Laura.

— Isso é outro assunto. Eu ainda não decidi nada sobre o Lucas, nem sei se tem o que decidir.

Eu e Laura nos entreolhamos, mas retornamos ao assunto inicial. A mudança de Ana realmente era interessante.

— Olha Ana, você está com sorte. Meu apartamento no prédio da Luana está vazio. Você pode se mudar *pra* lá amanhã se você quiser.

— Mas preciso primeiro vender essas coisas e alugar meu apartamento.

— Não precisa me pagar o aluguel até você conseguir resolver suas coisas, o apartamento está parado mesmo e você ser vizinha da Luana vai ser ótimo, pode ficar perto dela e ajudar a Cris. Eu vou te ajudar em tudo — Laura falava como se ditasse ordens.

Realmente, a ideia de ter Ana como vizinha era maravilhosa, ao mesmo tempo

que me alegrava com essa possibilidade, a realidade batia impiedosamente na minha cara, lembrando-me que poderia nem mesmo estar viva para vê-la se mudando.

— Eu vou te ajudar também. Conheço um antiquário que vai te dar um bom dinheiro pelos seus móveis, mas... tem certeza que quer fazer isso? — perguntei incerta dela estar realmente determinada.

— A única certeza que tenho é que já esperei tempo demais. Eu preciso mudar alguma coisa.

Fomos interrompidas pelo toque da campainha. O porteiro, com um buquê de rosas nas mãos, olhava curioso para Ana. Pegando-as das mãos dele, minha amiga professora fechou a porta e foi para

cozinha onde trouxe um vaso com água para colocar as flores. Numa serenidade espantosa retirou o cartão e colocou as rosas no jarro.

— Você não vai ler o cartão? — perguntou Laura.

— Não precisa, eu sei que é do Lucas — respondeu e se sentou ao meu lado. — Eu ainda não me sinto pronta para enfrentar isso, preciso mudar tudo que está errado na minha vida primeiro.

— Então amanhã será um dia de compras — falou Laura animada.

Estava sentindo falta da vitalidade da minha irmã, a simples possibilidade de fazer compras já ilumina seu rosto.

— Calma aí, Laura. Eu não tenho a mesma conta bancária que o Ernany.

— Relaxa com isso, Aninha, amanhã você vai se transformar em uma nova mulher.

CAPÍTULO 11

Quinze minutos antes do horário combinado, Bella chegou ao bar de Alex, já procurando uma mesa mais afastada no meio da calçada para aguardar Cris. De onde estava sentada tinha uma visão privilegiada do dono do bar, trabalhando concentrado atrás do balcão. Ele era realmente um homem muito atraente, ombros largos, braços fortes e podia ver discretamente a linha de uma tatuagem terminando junto com a manga da camisa.

Bella conhecia homens lindos, embora beleza nunca foi um grande atributo dos seus clientes. Havia sim alguns homens interessantes. Um em particular, havia se

tornado um perfeito amante, um dos poucos clientes que ainda atendia. Júlio era um homem alto, forte, com um fôlego invejável para muitos meninos de vinte anos. Era homem feito, quarenta anos, viúvo e não tinha filhos.

Eram amigos, confidentes e há algum tempo tinham negociado sua exclusividade. Bella sabia bem onde aquela relação ia parar, temia que Júlio confundisse as coisas e que acabasse deixando que os sentimentos tomassem conta daquela relação, acabaria sendo inevitável se afastar. A mulher já havia se acostumado com declarações de amor e pedidos descabidos de casamento. Aquele não seria o primeiro, mas certamente seria o último.

Não que pretendesse aceitar o pedido.

Desde de que voltou de viagem estava decidida a abandonar aquela vida, só tinha uma meta: o seu último cliente. Queria encontrá-lo e Alex tinha todos os atributos necessários para ser contemplado com esse título, mas algo dentro dela gritava “proibido” em alto e bom som.

— Assim você vai deixar o moço sem graça, Bella — Cris chamou sua atenção sentando em uma cadeira a sua frente. — Desculpe a demora, estava tentando fechar alguns pedidos, mas definitivamente esse é o trabalho da Luana.

— Oi, Cris! — Cumprimentou com um sorriso acolhedor nos lábios. — Eu cheguei a pouco tempo.

— Pelo visto tempo suficiente para devorar o dono do bar com os olhos.

Bella sorriu largamente.

— Ele realmente é um banquete, mas tem uma plaquinha na testa brilhando “PROIBIDO!”.

— Será que ele vai ser o homem capaz de fazer você uma dona de casa cheia de filhos?

— Como a Ju? — Sorriu incrédula. — Essa vida não é *pra* mim. Eu sou adepta do conceito que só se ama uma vez, ou duas no máximo — falou um pouco sem graça.

Cris respirou fundo. Sabia que inevitavelmente teriam aquela conversa, mas estar na frente de Bella era realmente constrangedor.

— Você a amou de verdade? —
questionou Cris com uma serenidade
inacreditável estampada em seu rosto.

— Você realmente está me fazendo
esta pergunta? — perguntou tranquila, mas
seu peito parecia explodir. — Não Cris,
eu não amei a Luana, eu ainda amo.

Cris engoliu as palavras e tentou
racionalizar o ciúme que sentiu com
aquela confissão.

— Eu não acho que devemos falar
sobre isso. Fui sincera com você, mas ela
é sua mulher e nunca vi um casal tão
perfeito quanto vocês duas. Sabe, Cris,
com o tempo você aprende a amar em
silêncio, a não deixar que os colapsos da
paixão tomem conta e que a felicidade de
quem se ama é o suficiente. Na verdade,

acho que nos iludimos com o grande mito do primeiro amor para diminuir os outros.

Cris a fitou intensamente, percebia um brilho diferente ao ver Bella falar de sua mulher. Tinha consciência que em um tempo esse amor foi correspondido, ou ainda era, talvez Luana passou a enxergar esse amor da mesma maneira do que ela.

— Sei que a Luana te amou muito, Bella, já conversamos muito sobre isso. Desde que descobrimos a doença fico pensando em tanta coisa — suspirou profundamente e continuou. — Eu já desconfiava sobre os seus sentimentos. Você nunca me desrespeitou, mas a sua distância era uma incógnita.

— Cris, a Luana te ama. Vocês são perfeitas juntas e esse amor que sinto,

aprendi a guardar aqui — falou colocando a mão em seu peito.

— Eu fiquei pensando se não deveria deixar vocês viverem esse amor. Você talvez seja a pessoa que ela precise neste momento — falou para Bella, encarando-a.

— Cris, eu estou aqui, e estarei até o fim. — As últimas palavras saíram como um sussurro. — Como a amiga que sempre fui. Você é a mulher! E saiba que estou aqui para o que você precisar. Nosso tempo passou.

Cris ficou com o olhar parado, contemplando a beleza daquela mulher à sua frente. Quem renunciaria a um amor assim? Não só seu rosto e seu corpo eram perfeitos, mas a luz e acolhimento que

seus olhos lhe demonstravam eram quase desconcertantes.

— É estranho você e eu, sentadas num bar, declarando amor a uma mesma mulher, que em breve não estará mais conosco, mas eu consigo entender o porquê da Lua ter sido loucamente apaixonada por você, Bella. Você é única.

Bella estendeu sua mão e tocou no braço de Cris que repousava sobre a mesa.

— Obrigada, Cris. Obrigada por sempre cuidar dela. Obrigada por fazê-la feliz todos os dias, por ser o que eu nunca conseguiria ser para ela.

Laura chegou em casa quase dez da noite, ficou na casa da Ana até tarde e junto com Luana, começaram a planejar as mudanças que fariam, sentia-se feliz em ajudar a amiga. Ana era uma amiga especial, que se escondeu e se fechou por tanto tempo, que a possibilidade de vê-la florescer novamente tornou-se o maior objetivo da vida de Laura.

Tinha que reconquistar seu marido, tinha também esse objetivo, mas esse, por mais que doesse admitir, não lhe dava forças para lutar. Sabia que Ernany já tinha chegado em casa, suas chaves estavam jogadas na mesa do hall de entrada. Respirou fundo tentando buscar forças ou pelo menos um pouco da empolgação que sentia segundos atrás por ajudar sua amiga.

A porta do quarto dele estava encostada, empurrou lentamente e escutou o som do chuveiro. Não invadiria seu banho novamente, a rejeição foi dolorosa demais. Deveria ir com calma, talvez devesse recuperar a intimidade que nunca tiveram.

Ele estava embaixo da ducha quente, com os olhos fechados, cabeça pendendo para trás. Teve alguns minutos para vê-lo nu, relaxado e uma triste constatação a fez estremecer. O homem com quem se casou não a atraía, nunca atraiu, apesar de bonito, músculos bem definidos, não havia química.

— Laura! O que está fazendo aqui? — A voz espantada, com certa repulsa, fez com ela despertasse de seus pensamentos.

— Desculpa, a porta do quarto estava aberta, eu queria conversar.

— Tudo bem! — respondeu Ernany, um pouco arrependido pelo seu ataque. — Você não pode esperar eu terminar e me vestir? — Tentou parecer um pouco mais suave mas falhou.

Certa de que insistir naquilo a magoaria ainda mais, Laura saiu do quarto de Ernany e foi para o seu quarto, tirou sua roupa e seguiu para o banheiro. Deixou a banheira enchendo enquanto tomava uma chuveirada. Lavou seus cabelos, sem entender ao certo o porquê fazia aquilo tão tarde da noite. Seria quase impossível encontrar um salão amanhã para refazer sua escova, mas não queria.

A conversa com Ana a fez querer mudar alguma coisa em sua vida. Talvez assumir seu cabelo ao natural fosse um grande passo a dar. Lavou os cabelos com esmero, com o shampoo que tinha comprado em sua última viagem a Miami. Passou um hidratante nos cabelos e saiu do box direto para banheira.

A água quente envolvia seu corpo, sentia-se acolhida. Arrependia-se de ter molhado seus cabelos, mas sorriu com seu dilema fútil e quase insignificante. Com a cabeça jogada para trás, deitada na banheira, deixou que seus pensamentos vagassem pela sua vida. A cena da abertura do baú e toda a revelação que ela trouxe. Como negligenciou tanto tempo seus desejos e anseios? Como não se deu conta que o vazio de sua alma tinha um

motivo?

— Laura. — Olhou e viu seu marido em pé na porta do banheiro.

Ernany parecia em um confronto interno entre entrar ou não. Estava arrependido por ter tratado a mulher de uma maneira tão rude, mas não podia invadir o espaço dela.

— Oi! — falou Laura sem graça. — Pode entrar, se quiser.

Titubeante ele entrou e se encostou na pia, era impossível não reparar na boa forma da mulher. Tinha pouca espuma e podia ver algumas partes do seu corpo. Seu cabelo molhado para cima. Ela parecia mais jovem, seu coração balançou, lembrando-se de quando foi apaixonado por aquela mulher.

— Você queria conversar. Se quiser podemos nos falar amanhã.

— Não, tudo bem. Senta aqui. — Convidou, tocando a beirada de banheira.

Ernany se aproximou e sentou onde ela havia indicado, um pouco desconfortável a princípio e tentou somente olhar para o seu rosto.

— A Ana e o Lucas se reencontraram naquele almoço no domingo.

— Eles nunca tinham se visto?

— Não assim, frente a frente. A Ana quer se mudar da casa dela, quer mudar muitas coisas e eu queria ajudá-la.

Ernany fitou a mulher intrigado, sabia de sua benevolência, da vontade de ajudar as pessoas, mas não entendia o que a levava a contar tudo isso para ele agora,

por isso, continuou olhando-a e esperando que ela continuasse. Laura se sentou, revelando seus seios e Ernany abafou um suspiro.

— Eu ofereci a ela meu apartamento, não pretendo cobrar o aluguel da minha amiga, mas isso ela não precisa saber, ainda. Queria decorar o apartamento para ela e também comprar umas roupas.

Ernany se levantou, vê-la nua a sua frente era provação demais. Não negaria que sua mulher era atraente. Pareciam pessoas normais tendo uma conversa normal. Vê-la sem maquiagem, sem seu cabelo impecavelmente arrumado fez com que ele enxergasse uma Laura que não existia.

— Laura, não estou entendendo, você

nunca me pediu permissão ou me informou como gastaria o meu dinheiro, — parou um pouco e pensou — o nosso dinheiro. Eu acho legal querer ajudar sua amiga, o apartamento é seu e você não precisa me pedir permissão para fazer o que quiser como ele — falou e deixou o banheiro, antes que deixasse se iludir por uma Laura que não existia.

CAPITULO 12

— Oi meu amor, chegamos — falou Rodrigo entrando em casa e carregando as mochilas das crianças.

Ju acabava de colocar a mesa e foi recepcionada por beijos de seus filhos e do seu marido.

— Que bom que você veio almoçar em casa, Digo.

— Meu amor, por mim eu almoçava em casa todos os dias! — falou e a abraçou com carinho.

— Então pode lavar as mãos que está quase tudo pronto. Eu vou sair com as meninas de tarde. A Laura quer sair para fazer compras *pra* Ana.

— Eu adoro ver vocês juntas — falou recostado no batente da porta da cozinha. — *Me sinto* um adolescente de novo. A amizade de vocês me traz ótimas recordações.

Ju secou as mãos e começou a levar as travessas para mesa.

— Digo, você está tão sentimental hoje! — zombou dando um beijo casto em seus lábios. — Chama as crianças para almoçar.

Rodrigo, sentado na cabeceira, podia contemplar sua família. Ju era sem dúvida a mulher de sua vida, seus filhos, a sua razão de viver. Ainda nutria os mesmos sentimentos pela mãe de seus filhos. Foram tantos anos, tantos momentos felizes, tantos momentos difíceis, que a

cada dia tinha certeza que ficariam velhinhos juntos.

A bomba que Ju havia descarregado em seu colo no domingo, ainda perturbava a sua mente. Ela queria vender sua parte na sociedade, isso era bom e ruim ao mesmo tempo. Se por um lado era um patrimônio que haviam construído juntos, e o escritório sempre foi o sonho de ambos. Por outro, vê-la desistir de seu sonho, fez com que repensasse.

Era incontestável que abrir espaço para um novo sócio poderia fazer crescer ainda mais o escritório, mesmo que ela não trabalhasse mais, era como se sua mulher ainda estivesse ali. Ele trabalhava pelos dois, lutava pelos dois, enquanto ela cuidava da família.

O almoço já havia terminado, as crianças já tinham saído da mesa e Juliana recolhia a louça. Rodrigo continuava sentado absorto em seus pensamentos, queria iniciar a conversa, mas não sabia como fazer.

— Digo, eu vou facilitar as coisas *pra* você — falou Ju, sentando em seu colo e tocando seu rosto. — Eu sei que você está pensando sobre o que te disse no domingo e que não sabe como iniciar essa conversa.

— Como você sabe? — perguntou ele intrigado.

— São muitos anos — falou balançando a cabeça. — Eu te conheço o suficiente para saber que você vai *pifar*, mas não vai conversar comigo sobre isso.

Então vamos ser racionais, um novo sócio seria muito bom para os negócios, eu não me vejo novamente trabalhando naquele escritório. Eu quero poder pensar em algo que me faça bem, algo que fique próxima das crianças e que ao mesmo tempo me permita ter uma vida além da doméstica.

Ju despejou tudo e Rodrigo ainda se espantava com a praticidade e franqueza de sua mulher. Antes que pudesse pensar em algo para dizer, ela continuou.

— Eu tenho metade do escritório. Sei que isso vale muito mais do que investimos. Então você vende vinte e cinco por cento, fica com os outros vinte e cinco e propõem a sociedade para o advogado novo.

Rodrigo pisca algumas vezes. Juliana

parecia decidida e já havia pensado em tudo. Não teria como argumentar.

— Ju, eu não consigo entender como você pode ser tão prática, o escritório era o nosso sonho.

— Era, Digo. Eu não quero mais — falou e deitou a cabeça em seu ombro.

— Você consegue ser perfeita até num momento como esse, Juliana. Assim que resolvermos tudo, queria que viajássemos, só nós dois.

Ju sorriu e abraçou ao marido ainda mais apertado.

— Você que é perfeito, mas quero ficar ao lado da Luana, Digo.

— Eu sei meu amor, vamos ficar do lado dela — falou e beijou seus cabelos.

— Vá se aprontar, eu levo você *pra*

encontrar com as meninas.

Quase uma hora depois, Rodrigo deixava a mulher na porta do shopping.

— Por favor, lembre-se que eu não tenho a conta bancária do Ernany — falou Rodrigo depois de beijar a esposa.

Ju somente sorriu e saiu apressada para a praça de alimentação onde encontraria as amigas. Logo que chegou, encontrou Bella sentada em uma mesa, haviam duas mulheres sentadas em sua frente, mas não reconheceu, pois estavam de costas.

Ao chegar bem próxima à mesa quase não reconheceu as amigas. Laura estava com os cabelos loiros soltos com alguns cachos naturais, parecia mais jovem, menos formal e demorou um pouco

olhando a amiga. Ao seu lado estava Ana, com os cabelos mais curtos, repicados.

— Uau! Que salão milagroso foi esse que vocês foram?

Bella gargalhou com o comentário.

— Você acredita que essas duas bruxas foram no salão sem mim — reclamou Laura indignada apontando o dedo para Bella e Ana.

Ju sorriu e Ana se defendeu.

— Laura, por favor, não vou falar de novo. Eu preferi ir ao salão com a Bella. Ontem você estava empolgada demais com as “mudanças” — falou Ana , enfatizando as aspas. — Fiquei com medo de ir para o salão com você e sair loira e com *mega hair*.

Ju e Bella caíram na gargalhada.

— Gente é sério! Ontem inventei de lavar minha cabeça à noite, tudo o que eu precisava hoje de manhã era uma escova!

— Defendeu-se Laura, tentando não demonstrar ter ficado ofendida com a acusação de Ana.

— Eu adoro seu cabelo assim! Seu cabelo sempre foi o mais lindo — falou Ju para Laura sentando ao lado de Bella.

— Talvez eu escureça um pouco e use ele mais natural. Eu gostei também — falou Laura tocando seus cabelos que formavam pequenos cachos nas pontas.

Ana viu a fisionomia de Bella mudar, um olhar surpreso, seguido de um largo sorriso fez com Ana e Laura se virassem para trás para ver quem era o motivo de tanta alegria. Alex e Luana andavam de

braços dados. Luana estava com um vestido preto e Alex de calça jeans e uma regata branca que revelava por completo a tatuagem em seu ombro esquerdo.

Ana, Ju, Laura e Bella suspiraram juntas e a quase silenciosa mudança de respiração delas fizeram com que voltassem a realidade.

— Que homem que é esse, meu Deus!
— falou Ju se abanado e virando o suco do copo de Bella.

— Ele é um gato! — Contemplou Ana ainda olhando para trás.

Laura já estava virada para frente, olhando para Bella que continuava vendo os dois se aproximarem.

— Não faz o meu tipo — sussurrou Laura, quase resmungando.

— Desculpa, Laurinha, mas esse aí faz o tipo de qualquer uma — brincou Bella e se levantou para cumprimentar Luana.

Alex cumprimentou uma a uma com um beijo casto na face da mão.

— Pronto, Cinderela, você está entregue ao encontro das princesas — brincou Alex e deu um beijo rápido no rosto de Luana. — Se precisar pode me ligar que busco você!

— Obrigada, Alex, mas uma das meninas pode me levar! — falou ela agradecendo.

Depois de se despedir. Alex partiu com três pares de olhos cravados em suas costas. Admirando seus ombros musculosos e sua nuca incrivelmente sexy meio coberta por um cabelo acobreado

revolto.

— Luana, esse seu amigo é um pedaço de mau caminho! — Contemplou Ju. — Por que não veio de carro?

— Meu carro, é... — Engoliu seco e continuou. — Furou o pneu! Agora vamos a essas compras? Já aviso que não tenho muita paciência. Então não se assustem se eu encher o saco e esperar vocês no cinema ou tomando café.

A tarde de compras foi cansativa, mas proveitosa, apesar de não ser nem de longe o programa preferido de Luana, renovar o guarda-roupas de Ana era sem dúvidas um dos melhores programas que já haviam feitas juntas.

Em uma loja de grife, que Laura insistiu em entrar, Luana estava ao lado da

irmã num sofá e viam Ana desfilar com vários modelos diferentes. Bella e Ju também experimentaram algumas peças, mas ver o rosto de Ana no meio de toda aquela confusão era impagável.

Parecia deslumbrada com tudo que via, com um encantamento de adolescente. Deixava aos poucos, a cada troca de roupa que a mulher linda que vivia dentro dela desabrochasse. Pela primeira vez em muitos anos, Luana, via um sorriso que alcançasse os olhos da amiga.

Ana estava linda, confiante, determinada. Podia ver a dúvida em seus olhos em vários momentos, porém logo a determinação ressurgia e a fazia ir em frente. Laura deu as chaves de seu carro para a gerente que se encarregaria de colocar as compras no porta malas.

Já haviam comprado sapatos, roupas e estava na frente de uma loja de lingerie. Laura que não havia comprado nada, não resistiu. Naquela loja poderia encontrar alguns artifícios para tentar seduzir seu marido. Escolheu algumas peças e pediu ajuda de Bella para escolher outras peças um pouco mais ousadas. Ju também pediu a ajuda da amiga para renovar seu estoque de lingerie. Bella comprou algumas mais básicas e Ana escolhia timidamente.

— Luana, não acredito que não vai escolher nada — falou Laura empurrando calcinhas minúsculas na pilha de Ana.

Um pensamento indesejado invadiu os pensamentos de Luana: “Pra que?”. Contudo, logo se condenou, havia decidido que viveria intensamente, ignorando o tic-tac e não deixando que

esses pensamentos a levasse para lugares sombrios, balançou a cabeça e sussurrou no ouvido de Bella.

— *Me ajuda* a escolher? Quero algo bem lindo para Cris — falou e sorriu.

Bella sorriu amplamente e seus pensamentos foram para a noite anterior, quando depois da conversa sobre o amor em comum, Cris desabafou suas dores, seus medos e suas inseguranças. Teve certeza naquele momento que Luana não poderia ter encontrado uma mulher melhor para compartilhar a vida. Cris era fantástica! Com um elegante espatilho azul-marinho de rendas na mão, ela entregou para Luana.

— Esse é perfeito para a Cris.

CAPÍTULO 13

— Laura?

— Oi, Lucas. Como você está?

— Levando. —Pôde ouvir seu suspiro pelo telefone. — Olha, estou ligando porque a Roberta conseguiu a consulta com aquele médico de Washington para a Luana. Eu estou embarcando amanhã para conversar com ele.

Laura jogou seu corpo no sofá, um lampejo de esperança brotou em seu peito.

— Vou precisar da ajuda da Cris ou das meninas para convencer a Luana. Ela é muito cabeça dura.

— A consulta está marcada para sexta.

Dependendo do que ele disser, ela terá que viajar o mais rápido possível. Eu vou amanhã de manhã pegar os exames com a Cris.

— Você já falou com ela?

— Ainda não. Amanhã eu passo lá.

— Que horas que você vai? Às nove eu vou com a Ana ver o meu apartamento, quem sabe vocês não se encontram sem querer?

Lucas sorriu largamente do outro lado da linha, mas se lembrou dos olhos feridos de Ana.

— Eu queria muito vê-la antes de ir.

— Então está aí a oportunidade. Beijo, Lucas, estou bem confiante.

— Eu também, boa sorte com a Luana. Boa noite, Laurinha.

As esperanças se renovavam, havia uma remota possibilidade de ver sua irmã curada, mas mesmo assim havia uma chance. Sentia-se cansada, o dia com Ana e as meninas tinha sido cansativo. Fora a primeira vez que saiu para fazer compras sem comprar quase nada para ela. Apenas algumas lingerie.

Escutou o barulho das chaves sendo jogadas na pequena mesa do hall. Ainda estava cedo, eram sete e meia e Ernany já estava em casa.

— Desculpe, Laura, eu queria ter chegado mais cedo, mas tive um imprevisto. — Caminhou em sua direção largando o paletó na poltrona.

Atordoada com a avalanche de palavras e satisfações que o marido

despejava, levantou-se ficando de frente para ele. Respirou fundo, precisava se concentrar, seu marido parecia estar de volta. Lembrou-se de quando ele chegava do trabalho, contando sobre o dia, convidando para jantar ou lhe tocando.

Precisava não esquivar, precisava aceitar aquele toque. Havia perdido o carinho do seu marido justamente por recusá-lo ou ignorá-lo. Fechou os olhos procurando uma maneira de aprender a amar aquele homem, a amar o seu marido. O seu cheiro era bom, ele era bonito. Sem temer o que encontraria resolveu encará-lo.

— Desculpa, Laura. — Desviou seus olhos sem compreender a reação de sua mulher. — Eu tenho sido muito insensível com você. A Luana... — voltou a olhá-la

— tudo o que está acontecendo. Eu deveria estar mais receptivo a você.

Sem pensar, ainda trêmula e incerta, Laura se jogou nos braços do marido e o abraçou. Aos poucos Ernany foi se entregando aquele inesperado carinho. Lembrava-se nitidamente do último abraço que recebeu de sua mulher, no último Réveillon.

Laura sentia falta daquele abraço, não sabia ao certo se gostava mesmo daquele abraço ou se estava tão carente que sentia falta de qualquer abraço. Era bom estar nos braços de Ernany, era de certa forma acolhedor.

— O que acha de irmos jantar? — Convidou ele, tocando o seu antebraço e se afastando.

Pensou em responder que estava cansada. Pensou também em usar uma das lingeriees que havia comprado, pensou em tanta coisa que o mais certo que lhe pareceu fazer foi aceitar o convite.

— Eu preciso de um banho — murmurou, praguejando por não estar com os cabelos escovados.

— Não precisa. — Foi inevitável não a olhar. — Eu gosto de você assim, sem maquiagem com os cabelos soltos. Você é linda.

Logo que acabou de dizer se afastou e andou apressado pela sala para pegar um copo de uísque. Ernany havia deixado se levar pelo momento, passou a tarde pensativo, intrigado com algumas atitudes da mulher, os sinais confusos que ela

emitia, a mudança de comportamento e agora a maneira natural com que se vestia e se portava.

Não parecia a mesma Laura de sempre e mesmo com toda a mudança, ainda sabia que aquele era um terreno proibido. Já havia se magoado demais, sua mulher era fria e não foi fácil conviver com a rejeição. Nunca tinha pensado em pedir o divórcio, não como há duas semanas atrás.

Ela não reclamava de horários, do cheiro de outra mulher, não frequentava seu quarto e pouco se encontravam.

Laura pareceu adivinhar, enquanto tomava coragem para dizer a mulher que estava disposto a fazer um bom acordo de separação, ela começou a mudar.

Questionava-se se de alguma maneira ela pôde pressentir.

A tarde perdida no escritório foi refletindo sobre a hipótese do divórcio, condenou-se por ser tão insensível em relação a doença de sua irmã. Apesar de toda rejeição física, Laura sempre fora uma boa ouvinte e companheira, além de inteligente e nunca foi só um troféu a ser desfilado nos eventos de negócios. Sua vontade de ajudar o próximo e a paixão com que se dedicava àquilo eram encantadoras. Até mesmo os corações dos duros empresários ela conseguia sensibilizar. Enquanto sorvia um gole longo, cogitou a possibilidade de tentar mais uma vez. A última vez.

Foi mais uma vez surpreendido por sua mulher, tocando seus braços

delicadamente e dobrando as mangas de sua camisa. Ernany fechou os olhos e sentiu o cheiro de um perfume que presenteou Laura logo que casaram e que ela quase nunca o usava. Sentiu mão delicadas subindo pelos seus braços, afrouxando sua gravata e abrindo dois primeiros botões da sua camisa.

— Pronto — falou e pegou sua bolsa com um sorriso satisfeito nos lábios.

Esperou um pouco antes de se afastar. Desejava que ele a abraçasse como fazia antes, mas seu marido não o fez. A mesma lembrança dominou os pensamentos dele, que desejou puxá-la para si, mas o medo da rejeição ou repulsa pelo carinho o impediu de tentar.

— Vamos?

Depois de desligar o telefone com a irmã, Lucas estava inquieto, andando de um lado para o outro. Mais um encontro casual com Ana não era o que ele precisava. O que queria mesmo era ouvi-la, também tinha muitas coisas a dizer.

Não queria partir sem falar com ela. A ida para os Estados Unidos não tinha data de volta, porque se Luana topasse o tratamento ficaria ao lado da irmã. Desde que soube da doença, moveu mundos e fundos para conseguir o que fosse o melhor para Luana. Ignorou sua vontade de não se tratar, para buscar qualquer coisa que pudesse ajudá-la. Sentia uma

dor dilacerante no peito. Precisava lutar. Pela irmã, por ele, por Ana. Sem pensar duas vezes pegou o telefone do bolso.

— Ana?!

Aquela voz, aquele cheiro, os sentimentos, as lembranças, as sensações, tudo era forte demais. Era ele, o homem que esperou e desejou por tantos anos e ainda desejava. Esperou tanto tempo. Tudo o que mais queria era estar com ele, mas não pôde, o tempo não permitiu. Passaram-se tantos anos.

Oito anos, oito longos anos, oito malditos anos.

— Ana? Você está aí. — Ouviu mais uma vez segurando o telefone com as mãos trêmulas.

— Lucas... — Não conseguiu dizer

mais.

— Ana, *me escuta*. Eu preciso te ver, sei que você precisa de um tempo, mas tenho que viajar e não queria ir sem conversarmos.

Lentamente deslizou até o sofá, sentando-se no meio de sacolas, um exagero que Laura tinha insistido em comprar e ainda por cima pagou por tudo. Quando o telefone tocou estava parada, olhando para o resultado da tarde de compras, incerta dos passos que estava dando.

— Um jantar, pode ser um almoço se preferir.

— Amanhã de manhã, no Café — falou e desligou o telefone.

Perdida no meio de sacolas, um

sorriso involuntário tomou seus lábios. Havia dor, mas não podia negar que o simples fato de ouvir aquela voz, fazia com que seu mundo parasse por alguns instantes.

Uma lágrima desceu timidamente pela sua face. Passou oito anos esperando por ele, pouco mudou a sua vida neste tempo, a maior mudança foi a morte de sua mãe e por ela manteve também os móveis no mesmo lugar, presa ao passado. Um passado que já não fazia parte de sua vida. Quantas vezes teve vontade de desistir de tudo e ir para uma cidade do interior lecionando no campo, como uma fugitiva?

Porém se teve coragem de esperar até agora, até a hora que ele voltou, teria também coragem de mudar tudo que

sempre desejou enquanto deixava sua vida na prateleira, esperando que ele voltasse.

Começou a abrir as sacolas e guardar suas novas roupas, na verdade, passou quase toda a madrugada arrumando seu armário. A cada peça velha que substituía por uma nova nascia uma Ana determinada.

Havia marcado com Laura de visitar o apartamento na manhã seguinte, ainda se sentia desconfortável com toda ajuda da amiga, mas Laura havia lhe dito que era sua fada madrinha e se por alguns instantes sua vida poderia chegar perto de um conto de fadas era por causa de sua amiga. Sorriu se lembrando-se dela e todos os seus exageros.

Poucas horas depois, Ana estava no

carro com Laura, que dirigia em silêncio em direção ao apartamento.

— O Ernany me levou *pra* jantar ontem — desabafou, finalmente.

— E como foi?

— Normal — falou concentrada no trânsito. — Quando cheguei em casa estava morta. Tudo o que eu mais queria era um banho e cama — disse virando para a amiga. — Você deu trabalho ontem — brincou. — Ele me chamou para jantar, pensei em recusar, mas não quis desperdiçar a chance. — Novamente concentrou a atenção no trânsito. — Fomos conversando sobre a Luana pelo caminho. No restaurante encontramos um casal de amigos, *me odiei* por não estar com os cabelos impecáveis! —

Praguejou, condenando a amiga. — Chegamos em casa, cada um foi para o seu quarto, mas antes ele me falou que adorou o jantar.

— Isso é um grande avanço — incentivou Ana, colocando a mão na perna da amiga.

— Eu gostei de ele ter dito que gostou do jantar — confessou um pouco envergonhada estacionando o carro —, mas me disse que precisava viajar hoje e que voltaria amanhã.

Lucas já estava parado na calçada um pouco afastado do Café, parecia tímido e ansioso pelo encontro, o que fez Ana dar um longo suspiro antes de descer do carro. Laura tentou parecer natural, mas podia sentir a tensão dos dois. O rapaz

cumprimentou a irmã com um beijo no rosto e olhou intensamente para Ana.

— Oi, Ana.

— Oi, Lucas.

— Lucas, vou pedir, para a Cris, os exames. Acho melhor não falarmos nada para Luana antes de você conversar com o médico — ponderou Laura, tentando manter o clima um pouco menos tenso.

— A Ana sabe? — perguntou Lucas para a irmã.

— Eu só falei com Ernany.

— Do que vocês estão falando? — questionou, Ana, confusa.

— Vem, vamos tomar café, em outro lugar, que eu te conto. — Convidou ele pegando as mãos de Ana. — Laura, vê se você consegue os exames com a Cris, em

uma hora eu e a Ana estamos de volta.

Caminharam em silêncio até encontrarem um lugar tranquilo para conversarem.

— Ana... — falou Lucas logo que sentaram em uma arborizada praça.

— Lucas, antes que você me diga qual é a história do médico da Luana, — tomou fôlego enquanto procurava o cartão dentro da bolsa. — Eu queria ouvir da sua boca, o que escreveu aqui. — Entregou o cartão, completamente lacrado.

— Você não abriu?

— Não. Estava esperando para ouvir você.

Para Lucas a reação de Ana era uma incógnita, seria uma repulsa às flores ou uma brecha para uma reaproximação?

Ainda incerto do que diria, tomou o cartão de suas mãos e o rasgou. Antes que ela pudesse dizer alguma coisa ele começou:

— Não importa o que escrevi, muito menos o que deixei de escrever nesses anos todos. Tantas cartas escritas, rasgadas, engolidas... — Seus olhos brilhavam e a qualquer momento não conseguiria mais segurar o choro, com a voz embargada continuou. — Aninha, eu nunca me esqueci de você. O dia que te contei que Roberta estava grávida, nunca imaginei que fosse me encorajar a ficar com ela. Estava perdido, era um menino.

— E você queria que eu fizesse o que? Assumissem seu filho e esquecesse que você me traiu?

— Eu não te traí! Eu esperei suas

cartas, seu contato, uma ligação, qualquer coisa. E você sumiu.

— Lucas, eu tentei deixar as coisas menos dolorosas *pra* você.

— Ana, não importa o passado. Errei, assumo toda a culpa se for preciso, mas entenda, nós éramos duas crianças apaixonadas. Sei que nunca esqueci de você e que me sentia culpado por ser um homem casado, mas que amava outra mulher, pensando em outra mulher, sonhando com outra mulher. E nenhuma outra me faria feliz como você me fez.

— Lucas, por favor. Não posso passar uma borracha no passado e fingir que nada aconteceu — respondeu com a voz alterada e determinada. — Sabe, vi minha vida enterrada durante oito anos

esperando você para ressuscitar a Ana que um dia existiu. E sabe o que eu vejo? Que você andou tão morto quanto eu, tão errado como eu e tão... — faltou-lhe palavras e gesticulando com a mão foi se afastando — agora eu tenho um objetivo, que é ficar do lado da sua irmã. Sinto muito, mas você não está nos meus planos. Depois que eu reconstruí a minha vida e descobrir quem eu poderia ter sido, quem sabe.

— Ana.

— Sim, Lucas, preciso de um tempo, para perceber que você de fato me deixou. Que seguiu sua vida, que construiu uma família e que eu fiquei aqui esperando por você. Esperei durante todos esses anos você me procurar e dizer tudo que me disse e para que?

— *Pra* ficarmos juntos. Eu preciso de você.

— Eu também preciso de mim. Quando eu me tiver, eu te procuro, quem sabe sobre algo para te dar. — Caminhou em direção ao Café, mas parou por um instante. — Ah! Sobre a Lua, eu procuro saber com a Laura... e se vamos manter contato de agora em diante, que seja pela Luana, somente isso.

O desespero tomou conta de Ana. Havia conseguido, mas a dor que sentia, pelas palavras dura e sua pseudo determinação eram cortantes. Lucas não se sentia diferente dela, cairia de joelhos se fosse preciso, faria qualquer coisa para tê-la de volta. Percebeu que precisava mudar sua tática. Talvez menos palavras, mais ação.

Com um ímpeto de apagar a conversa desastrosa, caminhou firme em direção a Ana que continuava parada. Seu semblante era impassível, mas ele pôde perceber uma faísca de incerteza em seus olhos. Sem pensar a tomou em um beijo. Envolveu o delicado corpo dela em seus braços e enquanto a beijava percorreu suas mãos por ombros, nuca, cabelos, rosto e por todo lugar que conseguiu alcançar. Por mais que faltasse fôlego, não pararia, não pararia nunca. Pois não queria provar novamente o gosto amargo das palavras de desprezo de Ana.

— Eu viajo amanhã, vou procurar um médico *pra* Luana, ainda tenho esperanças de um tratamento — falou atropelando as palavras, segurando seu rosto com delicadeza. — Eu não posso vê-la morrer

e ficar de braços cruzados, eu não conseguiria. — As sensações eram intensas, o assunto, o beijo, a saudades a angústia, o misto de sensações que se confundiam fez os dois não segurar seus sentimentos. Entre lágrimas ele continuou. — Queria levar você comigo, mas não pediria a você *pra* ficar longe dela nesse momento, você é a mais centrada de todas — um sorriso tímido brotou dos lábios de Ana —, mas se ela for se tratar lá, quero que vá com ela. Vamos ficar ao lado dela o tempo todo. Se não tiver jeito, eu volto logo.

— Lucas, vai ter jeito. Eu vou com ela para o inferno se precisar. — Ana tocou o rosto dele com carinho limpando suas lágrimas. — Você vai conseguir.

— Hoje à noite, eu vou na sua casa.

Quero dar colo *pra* você, quero sentir você. — E antes que ela pudesse contestar ele a beijou novamente. — Não nos negue isso, Aninha, vamos cuidar da Lua, mas me deixe cuidar de você.

CAPÍTULO 14

— Bom dia! — Laura foi recebida por Alex que organizava alguns livros na estante.

— Oi, bom dia. — Ela se aproximou procurando a irmã e a cunhada com os olhos. — A Lua não está? — Questionou sentando em um dos bancos altos.

— Ela saiu com a Cris, foram ao supermercado. Disse que você vinha com a Ana logo cedo e pediu *pra* você esperar. Quer um café?

— Um chá por favor!

Alex rapidamente se pôs atrás do balcão e começou a preparar.

— A Ana não veio como você?

— Ela deve estar chegando com meu irmão. Eu queria mesmo falar com a Cris.

— Hummmmm, pelo que já ouvi esses dois têm um caso antigo. Amores mal resolvidos.

Laura sorriu com o comentário.

— Primeiro amor, dura *pra* sempre.

Alex gargalhou com a observação.

— Nem sempre, o meu primeiro amor foi um desastre. *Me rendeu* um divórcio e me deixou mais pobre. — Divagou servindo a xícara. — E você, não se esqueceu do seu primeiro amor?

— Acho que ainda não conheci, pelo menos não me lembro. Pode ter sido um sapato, vale?

— Duvido muito. Posso arriscar que seu primeiro amor foi alguma poesia. E

acredito que não tenha se esquecido.

— É faz sentido. — Bebericou seu chá e encarou o homem a sua frente.

— Faz sentido que você não se esqueceu? Ou faz sentido que foi uma poesia?

— Talvez os dois.

Alex percebeu a ansiedade de Laura e resolveu arriscar:

— Está tudo bem, Laura?

— Alex, desculpa, é que estou com a cabeça cheia. Preocupada com a Lua.

— Sua irmã é uma mulher forte, ainda vai durar muito.

— Ela não quer se tratar.

— Eu entendo. Os tratamentos são dolorosos, não imagino a Luana em uma

cama de hospital.

— Lucas conseguiu um médico nos Estados Unidos. Olha, não deveria estar contando isso *pra* você, mas ficar de braços cruzados é um tanto quanto...

— Desesperador — completou ele, servindo mais um pouco em sua xícara.

— Frustrante também. Precisava dos exames dela, o Lucas vai levar e se tiver alguma chance, falamos com ela, mas queria manter segredo por enquanto.

— Olha, Laura, eu sou um amigo leal. Bem, pelo menos era, depois do que vou lhe dizer, não sei mais. Os exames de sua irmã estão comigo. Ela me pediu que guardasse. Não deveria te contar, mas o dia que a levei ao shopping, estávamos voltando do médico. Ela refez alguns

exames. Pediu que eu guardasse para que a Cris não visse.

— Alex, por favor. — Suplicou se debruçando no balcão.

— Eu vou entregá-los *pra* você, pelo menos uma cópia deles. Por você, pelo seu irmão, mesmo que isso coloque em jogo a minha lealdade, mas eu fico me sentindo mal por ficar com os braços cruzados também.

— Obrigada! — Com o balcão entre eles Laura o abraçou com gratidão.

— Mas, por favor, mantenha-me informado e só diga algo *pra* Luana se houver alguma chance. — Ele pegou em sua mão e segurou firme. — Caso haja algum tratamento, por favor, quero contar pessoalmente para ela sobre a entrega dos

exames. Tudo bem?

— Claro, mas sabe que teremos trabalho com aquela cabeça dura. — Sorriu com um alívio eminente.

Alex soltou suas mãos e retirou o avental.

— Fique aqui, vou buscar lá em casa o envelope e te entrego do lado de fora. Elas já devem estar chegando.

— Alex! — chamou Laura antes que ele saísse. — Você é um amigo raro.

— Uau, mas o apartamento está novinho, todo reformado! — Contemplou Ana enquanto caminhava pelos cômodos. — Um closet?

Laura sorria com satisfação, a amiga parecia visivelmente feliz. Por alguns momentos, chegou a duvidar da coragem de Ana de se mudar, mas ela parecia determinada. Apesar da empolgação com o apartamento, Ana parecia diferente, ainda mais apreensiva do que quando encontrou com Lucas.

— Ana, está tudo bem? Você e o Lucas conversaram?

— Laura, por favor, não estou pronta para falar disso. — Suplicou e voltou sua atenção para os armários da cozinha. — Eu preciso de um tempo, dar um passo de cada vez. — Tentando desviar do assunto ela se virou para amiga. — Então, preciso vender meus móveis, comprar novos e alugar meu apartamento. Se puder segurar o imóvel para mim ficaria muito feliz. Ele

é incrível.

— Nada disso, mocinha, já disse que não precisa esperar nada. Contratei uma decoradora, ela deve estar chegando, vai analisar seu estilo e comprar os móveis. Pedi que escolhesse somente pronta-entrega e que você precisa se mudar em uma semana. Ela ficou de ir na sua casa hoje à tarde para avaliar o que você tem e o que quer ficar.

— Laura, isso é um exagero! Não posso aceitar.

— Ana, você faria exatamente o mesmo por qualquer uma de nós! Ah! Já ia me esquecendo. Amanhã de manhã você tem uma entrevista de emprego.

— Eu?

— Sim, na melhor escola da cidade!

Fiz algumas ligações e consegui uma vaga *pra* você. Seu currículo é invejável Ana. Não sabia que tinha feito oito especializações e um mestrado.

Sem conseguir segurar sua emoção Ana abraçou Laura entre lágrimas. Era seu recomeço. A retomada de sua vida. Estava tudo mais do que perfeito, somente a aparição de Lucas e o encontro ainda a perturbava, mas ela tentou ocupar a cabeça com os assuntos da sua nova vida, mudança, possibilidade de um novo emprego, seu novo visual. Almoçou no Café com Laura, Luana, Cris e Alex; Ju apareceu para sobremesa.

— Alguém tem notícias da Bella? — questionou Ju enquanto separava algumas flores para levar para casa.

— Ela ligou de manhã! Disse que hoje queria ficar em casa, você sabe que ela não fala muito, mas acho que esse reencontro mexeu muito com ela também — confessou Luana.

Cris fez menção a se levantar, o assunto não lhe trazia desconforto, mas o fato de alguém omitir algum comentário por sua presença a incomodava.

— Cris, fica. Olha a Bella é sua amiga também e se é por ciúmes, saiba que ela já teve uma paixão bem mais avassaladora do que a Lua. — Deixou escapar Ju.

— Eu não tenho ciúmes da Bella, Ju, mas tem assuntos nos quais me sinto uma intrusa.

— Querida, Cris, se você se sente uma

intrusa, como devo me sentir? — brincou Alex embalando as flores de Juliana.

— Gente, o assunto está ótimo, mas eu e a Ana precisamos ir, a decoradora ficou de passar no apartamento dela agora de tarde — falou Laura, pegando sua bolsa.

Ana estava aérea, perdida em seus pensamentos e num dilema entre como se portar no encontro com Lucas. Deveria fazer um jantar? Não teria tempo. Deveria comprar flores para casa? Não era necessário, as rosas brancas ainda ornavam a velha mesa de masseira entalhada. Ana gostava da mesa. Foi exatamente nela que perdera a virgindade, então talvez ficasse com ela, ou talvez fosse melhor desapegar de vez do passado. Determinada a ocupar sua mente novamente, seguiu Laura, ainda aérea e se

despedindo de todas de uma maneira mecânica.

— Lua, eu acho que esses dois vão dar trabalho — falou Ju, pagando para a amiga as flores que comprou.

— Ju, ela e o Lucas tem muito para conversar. Agora só o tempo — falou fechando a caixa registradora. — Fiquei curiosa.

— Sabia que ficaria. Eu e minha boca grande. — Sorriu Ju.

— Não é o que está pensando, mas a Bella não é de se abrir. Uma paixão? Avassaladora?

— Luana, por favor. Maldita hora que abri minha boquinha. Olha foi há muito tempo. Há uns cinco anos, ok? Passado. Mais um amor proibido.

— Proibido?

— O cara ia se casar. Ela fez a despedida de solteiro dele que acabou durando uma semana. Eles se apaixonaram, mas não podia acontecer. Pronto, isso é tudo que posso dizer, agora preciso passar no supermercado e estar em casa antes do Digo chegar com as crianças.

CAPÍTULO 15

BELLA

Dia cheio! Aliás meus dias estão tomados por essa dor dilacerante. Como todos podem estar tão conformados com a história de perder a Luana. Como assim minha amiga, meu amor vai morrer e pronto. A Cris. Meu Deus, a Cris! De pouco adiantou a merda de conversa que tivemos, ela é a mulher, eu sou a amiga.

Que merda! Mil vezes merda! Eu não posso fazer nada. Talvez devesse ligar pra Laura, não a Laura não. Talvez o Lucas ou a Ana. Esses dois parecem também perdidos no tempo.

Em resumo, sei que minha vida anda

uma bagunça. O Júlio tomando espaço, mais do que o necessário, a volta para minha cidade, o reencontro, o baú. A porra do baú!

Família!

Era tudo que se resumia àquele baú. Guardei durante quinze anos um desejo de família. Uma única frase que me fez lembrar de tantas coisas, não importa mais, eu preciso estar forte, para assistir a morte da Lua de camarote, tão patético que rimou. Preciso de um banho.

Fico pensando como a Lua deve ser na cama, talvez poderia sugerir para passar a noite com ela e com a Cris, como uma espécie de despedida, ou estreia. Cacete, que merda! Como se fosse um enviado iluminado o nome de Júlio pisca na tela

do telefone, enquanto preparo a banheira.

— Oi...

— Bella, que saudades!

— Esses dias andam corridos, desculpe.

— Estou sentindo sua falta. Já ouvi duas recusas sua essa semana.

— É uma amiga...

Ele não me deixou continuar, — Não fala nada, nós conversamos quando eu chegar aí. Estou a caminho, *se prepara*.

— Eu estava entrando no banho.

— Então me espere, dentro da banheira. Chego aí em cinco minutos. — Desliguei sem notar, meu peito se apertou e não tinha o que dizer. Sim, eu o queria aqui comigo, na verdade, precisava.

Que maldito sorriso foi esse que brotou aqui? Carência? Vontade de um colo? Solidão? Eu tentava controlar todas as lembranças e sentidos que Júlio me despertava. Um amigo, uma boa foda, o melhor cliente. Será que já encontrei o último cliente?

Antes que pensamentos obscuros e truncados tomassem minha mente, enquanto a banheira enchia fui me preparar para recebê-lo. Abri a gaveta do criado-mudo e escolhi uma das vendas que ele me deu. Era vermelha de seda, um toque suave. Júlio sempre me elogia quando a uso.

Temos um acordo, não posso vê-lo. Nunca o vi. Júlio é o meu amante secreto, o meu maior benfeitor. Meu exclusivo. Ele sempre esteve comigo, desde que comecei

nessa vida. Seria ele o último? Melhor nem pensar nisso, então, Isabella menos, daqui a pouco você pede o viúvo em casamento e propõem filhinhos. Esquece essa merda de baú.

Tirei minha roupa e não me importei em deixá-la jogada pelo banheiro. Aos poucos a água envolveu meu corpo como um bálsamo. Minha banheira é meu santuário, eu me acostumei a terminar os dias difíceis nela. Um bom vinho, a água quente, sempre foram minhas melhores companhias, com exceção das meninas e de Júlio.

Despertei dos meus pensamentos perturbadores quando ouvi passos pelo quarto e percebi que era o momento de blindar meus olhos. Júlio havia chegado, além do som de seus passos, o perfume

rapidamente tomou todo espaço, um aroma acolhedor, confortante, delicioso, excitante e sufocador.

— Nossa que saudades! — Ouvi sua voz doce.

Logo em seguida ouvi os sons dos saltos de madeira tocarem os ladrilhos do banheiro. Conseguia ouvi-lo se despindo, conseguia sentir sua energia louca, dilacerante, que me envolvia e me transportava para um passado futuro irreal.

Senti seu corpo afundando junto ao meu, de frente para mim. Suas mãos rapidamente tocaram meus pés. Como ele consegue ser tão doce e erótico.

— Quer conversar? Ou prefere uma massagem primeiro? — questionou já com

suas mãos firmes massageando meus pés.

Não sei o que me deu, acho que se eu vivesse mil anos não me perdoaria por um ato tão involuntário e natural. Eu o beijei! Beijei com fome, com sede, com deleite, com saudades, como nunca fiz em toda minha vida. Atribuo tal ímpeto ao estado da Lua, ao baú, às meninas, a tudo de estranho que tem acontecido, mas foi bom. Um beijo delicioso. Carinhoso. Desesperado. Sexual. Sensual. Acima de tudo, cúmplice. Eu me imaginei a Ju na banheira com o Digo.

— Pelo visto você também estava com saudades — sussurrou no meu ouvido e habilmente me posicionou no seu colo. — Eu tenho que confessar uma coisa.

Não gelei desta vez, poderia me dizer

que estava apaixonado, que me pedisse em casamento que não me importaria. Acho que louca, desesperada, aceitaria. Aceitaria ser a Cris dele, a Ju dos filhos dele. Aceitaria tudo! Foi ali que notei a máscara encharcada.

Molhada, mas não era da água da banheira, perfumada e acolhedora. Era uma água salobra, putrefata, fétida. Eram minhas lágrimas. Lágrimas guardadas por anos, talvez uma vida. Lágrimas de quem permitia um sentimento, de quem permitia o amor. Ou apenas de uma carência sem limites.

— Feche seus olhos Bella! — pediu com carinho e retirou minha venda.

Seus polegares deslizavam suavemente pelo meu rosto, limpando as gotas que

caíam involuntariamente e me abraçou com suavidade. Não abri os olhos, nunca os abriria, não por medo de o ver, mas com medo de não ver aquele que sempre idealizei. Aquele que guardei cada detalhe na memória durante anos. Porque sim, Júlio era quem eu quisesse que ele fosse.

Ele na minha privação de visão, era o meu amor proibido, aquele que me fez plena e suja.

A rainha e a bruxa.

O tudo e o nada.

Ali vendada era ele quem eu via, era seu perfume que sentia, era seu toque, sua voz. Júlio era ele! Pelo menos na minha imaginação. Por isso jamais me atreveria tirar aquela máscara, o medo de não o ver

era maior do que enxergá-lo.

— Bella? Está tudo bem? — Sua voz era zelosa, preocupada. Seus dedos continuavam a enxugar as lágrimas que caíam.

Deitei em seu ombro buscando algum conforto e estranhamente encontrei. Sempre me estranho com isso, mas é assim que me sinto em seus braços, acolhida.

— O que vai me confessar? — Encorajada, determinada e completamente insana, resolvi escutar mais um pedido de casamento, mas dessa vez eu aceitaria.

— Estive aqui na semana passada. Queria sentir seu cheiro, sabia que não estaria, você havia me dito que ia sair, mas precisava de você.

Decepção? Angústia? Que merda é essa que estou sentindo?

— *Me desculpe* a invasão. — Ele continuou agora massageando meus joelhos.

— Eu sabia, vi a cama desarrumada. Senti seu cheiro no lençol — não posso confessar, mas pensei que sentir seu cheiro era uma peça da minha imaginação. — Por que está me dizendo isso? Tem a chave, sabe que é sempre bem-vindo — falei e é verdade. Júlio foi o único cliente que sempre dei intimidade.

— Bella, estou preocupado com você. Está quieta. Chorou e quase nunca te vejo chorar.

— Uma amiga está com câncer. Descobriu num estágio avançado e ela não

quer se tratar. Reencontrei amigas de anos essa semana, por isso não pude te encontrar.

Júlio se remexeu e saiu da água. Certamente ficou incomodado com o assunto, talvez a mulher dele tivesse morrido de câncer, que indelicadeza a minha. Como não pude pensar nisso.

— Você não sabia?

— Passei muito tempo sem encontrá-la.

— Vem, vou te ajudar a sair dessa água, seus dedinhos estão enrugados. Trouxe uma comida *pra* nós, vou te alimentar na cama. Quero passar o dia junto de você e se a minha Bella deixar, quero passar a noite aqui com você.

— Vai passar a noite comigo?

— Só se você quiser.

Eu sorri como uma tonta. Era estranho, como tudo que tem acontecido, mas eu queria. Na verdade, precisava.

CAPÍTULO 16

ANA

Sinceramente, contei os segundos para Laura e a decoradora irem embora. Precisava de um tempo antes da chegada do Lucas, tinha que me preparar para esse momento. Eu podia tê-lo impedido de vir até aqui, mas a velha Ana faria isso, a nova Ana não fugiria, bem ela pelo menos tenta não fugir.

A velha Ana faria um jantar especial, um suflê de queijo, que Lucas adorava, em especial a receita de mamãe, que sempre fazia para agradá-lo. A nova Ana não iria fazer. Doloroso demais, muito saudosista. Não poderia também simplesmente não

servir nada! Talvez uma massa. Sim, uma massa era uma ótima ideia. Uma mulher prática e moderna serviria uma massa. Já vi isso nos filmes. Deveria funcionar.

Geralmente os homens deveriam trazer o vinho, mas por via das dúvidas, eu tinha alguns que vieram na cesta que a Laura mandou no fim do ano. Provavelmente eram bons. Será que precisaria de uma sobremesa? Não sobremesa era demais.

Dei uma última conferida na sala para ver se está tudo em ordem. No meu quarto também, tudo nos seus devidos lugares. Não sei porque estava me preocupando com o quarto, nunca faria nada com ele. A velha Ana nunca faria, mas a nova Ana poderia fazer. Será? Isso era moderno demais.

Antes de sair, Laura separou um vestido e uma lingerie. Melhor acatar a escolha dela, pois já estava indecisa demais. O conflito entre a velha e a nova Ana me tirava do sério.

Tomei um banho de uma maneira diferente. Há quanto tempo não reparava no meu corpo. Ainda molhada de frente para o espelho, cabelos pingando, eu me surpreendi com a imagem refletida no espelho. Eu era nova, bonita, tinha um corpo... interessante, foi inevitável não virar para conferir meu bumbum. É estava com tudo em cima. Pelo menos a nova Ana não precisava ficar insegura com sua aparência na frente dele. Agora tinha roupas elegantes, sensuais. Poderia até conseguir o homem que quisesse.

Bem, vamos lá, Ana. Concentração,

hora de praticar as aulas de automaquiagem da sua “ex” futura cunhada. Não pensaria no futuro! A nova Ana não se preocuparia com o que poderia acontecer. Concentre-se, você consegue.

Minutos depois, eu estava pronta, com um decote generoso. Uau!, estava poderosa! Boa escolha, Laurinha! Preparando um molho de queijo e deixando tudo pronto só para cozinhar a massa. Deveria colocar a mesa? Melhor não, ficaria mais informal se eu colocasse os pratos na hora de servir. Não ficaria parecendo uma produção, seria mais natural. Isso, sem mesa posta.

E se ele não viesse? E se chegar aqui e disser que precisava de mim, mas como amiga? E se o foco da conversa fosse a

Lua. Ai Meu Deus, esse deveria mesmo ser o foco da conversa. E se ele chegar aqui já me levando para a cama? E se a Roberta ligar para ele no meio que estivermos...

Foco, Ana! Fui lavar seu rosto e me acalmar. Lavar o rosto não dava, ficaria uma meleca depois de usar tantos produtos do passo a passo da Laura. *Já sei!* Uma taça de vinho! Uma mulher moderna tomaria uma taça de vinho enquanto esperava alguém para jantar, não tomaria?

Se eu fizesse mais algum questionamento seria capaz de pifar.

Isso, sem dúvidas, só certezas.

Aquele era o caminho, Ana Maria, o vinho ajudaria. Música! Música também é

ótimo para deixar a mente vagar longe.

Enquanto servia uma generosa taça, a campainha tocou! Era ele! Certezas, Ana, nada de dúvidas. Então todas as minhas dúvidas e certezas se esvaíram no momento que abri aquela porta, o porteiro da noite carregava algumas caixas. Era só o que me faltava, encomendas àquela hora? Onde enfiaria aquilo tudo? E logo depois um imenso buque de rosas vermelhas o escondia. Era ele, tive a certeza pelo seu cheiro.

Eu fiquei ali parada olhando para Lucas. Sorvendo seu cheiro, um aroma novo, de um novo Lucas. Um novo Lucas para uma nova Ana. O porteiro ainda atrapalhado colocou as caixas na mesa e rapidamente se retirou. Eu continuava parada, Deus sabe lá, com a cara mais

tonta do mundo. Ele me segurou com a mão que lhe restava e me envolveu, aproximando-me de seu corpo. Roubou-me mais um beijo desesperado e demorado.

— Ana, você está linda! — falou e me beijou novamente.

Sem esperar que eu tivesse qualquer reação ele entrou. Rompeu a porta e parecia se sentir à vontade naquela casa. Era como se o tempo não tivesse passado, mas também havia uma estranha sensação de novo.

— São *pra* você. — Ofereceu as flores, ainda com a mão colada na minha cintura. — Vinho? — questionou, bebericando uma pouco da minha taça. — Trouxe um saquê, e comida japonesa.

Além de uma torta de amêndoas, daquela confeitaria que você gostava.

Ele pensou em tudo, cada detalhe. Eu me senti mimada, paparicada e mais uma vez loucamente apaixonada. Arrumamos juntos, na mesa de centro, o banquete oriental que ele havia trazido. Desembalava as louças orientais enquanto ele nos servia de saquê. Resolvi deixar o juízo de lado junto com as dúvidas que me assombravam.

Tomamos as duas garrafas de saquê enquanto relembrávamos histórias do passado. Dos tombos de bicicleta, ao primeiro beijo. Lucas tomou cuidado em não tocar em nenhum assunto que pudesse provocar alguma má lembrança ou arrependimento.

Entre beijos e carinhos, eu me recostei no sofá um pouco alta, mas mesmo assim bem consciente dos meus atos e com a certeza que ali nascia uma nova Ana, uma mulher e não uma menina. Ciente do efeito que tinha sobre ele, ajeitei-me no sofá de uma maneira sensual.

— Não estava nos meus planos levar você *pra* cama hoje — confessou, enquanto subia a mão pela minha coxa. — Mas está difícil controlar.

Encorajada pelo álcool ou pela nova mulher que habitava em mim, soltei sem pensar:

— E por que quer se controlar? — Movi minhas pernas de maneira que ele pudesse ver a minúscula calcinha que insistia em habitar minhas cavidades,

estava praticamente nua.

— Ana, não faça isso — suspirou e me devorou com os lábios. — Eu sonho com você todos os dias, e você está tão...

— Tão?

— Mulher. A minha mulher. A mulher da minha vida.

Ai meu Deus!

Sem que eu pudesse me recuperar, Lucas me pegou no colo e levou para o quarto. O meu antigo quarto onde ainda jazia minha cama de solteira. Não que eu não fosse solteira.

— Lucas, no quarto que era da minha mãe.

— Depois, primeiro quero matar as saudades de você aqui.

CAPÍTULO 17

Cris chegou em casa enquanto Luana preparava o jantar. Parecia bem-disposta, as dores aparentemente pareciam ter dado uma trégua.

— Lua, quer ajuda? — Ofereceu Cris, beijando o ombro nu da mulher.

— Não precisa, está quase tudo pronto. Que tal tomarmos uma cerveja?

Incerta se era uma boa ideia Cris titubeou, mas não queria recriminá-la então, ainda duvidosa abriu a geladeira.

— Acha que o Alex pode estar interessado na Ana? — questionou Cris para amenizar seu desconforto.

— Pouco provável. — Luana serviu os

copos e voltou para o fogão. — Se bem que a Ana está um mulherão.

— Ele ficou perguntando sobre ela e o Lucas agora no café, enquanto eu fechava tudo por lá.

— Pode ser só curiosidade.

— É pode mesmo. — Cris pegou seu copo e se sentou em um banco. — Você está bem?

— Estou sem dores. Três dias já. Estou feliz pelo encontro da Ana e do Lucas, sabe? A Ju acha que não vai ser fácil, mas acho que uma hora eles acabam se entendendo.

— Eu também acho. A Ana precisa resolver isso.

— Sabe o que a Ju me contou? — disse Luana enquanto colocava os pratos

sobre os jogos americanos. — Podemos comer aqui na cozinha mesmo?

— Claro, pode terminar. Eu termino de colocar a mesa.

— A Bella teve uma grande paixão. Por que será que ela nunca contou isso?

— Lua, a Bella não é de se expor. Você sentiu algo com isso?

— Não sei... bem, eu me senti ausente, omissa. Culpada por não dar espaço para ela se abrir. Sabe a Bella sempre desejou filhos, uma família. Eram as duas Loucas sonhando com casamento. A Laura em busca de um marido rico e a Bella em busca de um grande amor. Sempre sonhou em ser mãe. Até mais do que a Ana.

— Não vejo a Bella mãe — zombou Cris servindo mais um pouco de cerveja

nos copos.

— Sabe, Cris, a Bella é a mais romântica de todas nós. A mais sensível. A vida foi dura com ela, mas ela é umas das pessoas mais lindas que conheço.

— Eu sei, Lua. Um amor real. Amor altruísta. Sabe, não me incomoda a paixão que vocês sentiram e não viveram. Confesso que o que me incomoda é a pose que ela coloca como se não precisasse de amor. Você falando dá *pra* perceber, que talvez ela abra mão por não se sentir merecedora.

— Profundo isso. — Parou Luana olhando para o forno. — Não sei como ajudar, mas preciso dar um jeito.

Enquanto conversavam e jantavam a campainha tocou.

— Convidou o Alex para jantar, Cris?

— Não, ele ia sair. Deixa que atendo a porta.

Luana a seguiu e quando abriram a porta encontraram Juliana aos prantos descabelada.

— Ju o que aconteceu? — Correu Luana para abraçá-la.

— Calma, Lua, deixa ela se acalmar primeiro. Que um copo de água Ju? — Ofereceu Cris.

— Uísque, conhaque ou qualquer coisa forte, Cris, por favor — pediu entre soluços.

Cris assentiu e serviu um copo generoso para Juliana, antes de entregá-lhe questionou:

— Você jantou?

Um silêncio se instaurou na sala.

— Então vem na cozinha e come conosco. Depois dou o que quiser *pra* beber, vem. — Ofereceu Cris em um tom acolhedor.

Luana serviu um prato para Juliana e se sentou para ouvi-la.

— Eu já havia dito ao Rodrigo que não queria mais a sociedade no escritório. Sei que para ele é mais interessante ter algum advogado renomado com a carreira sólida com ele. Ofereci 25% da minha parte para ele reinvestir no escritório e que ficaria com 25% do valor da venda da minha parte para eu investir em alguma coisa.

Vendo que ela não ia comer e que o assunto era complexo, Cris ofereceu o copo de uísque a ela.

— Obrigada, Cris. — Tomou um generoso gole e ainda fazendo uma careta, continuou. — Ele hoje me entregou um cheque com um valor razoável e os papéis para formalizar a venda.

— Ju, mas não foi isso que você sugeriu? — perguntou Luana, acariciando seus cabelos.

— Luana, quem comprou foi simplesmente a Karen, aquela loira aguada que eu não suporto. Uma ridícula que só tem nome porque se deitava com um juiz — contou entre berros. — Ele tinha, no mínimo, que discutir comigo *pra* quem venderia minha parte. Ele não me consultou. Rapidamente vendeu a minha parte para umazinha qualquer.

Cris e Luana se entreolharam.

— Olha, Ju. Eu entendo a sua revolta, não posso opinar sobre a postura do Rodrigo. Ele certamente fez o que achava melhor para o escritório.

— Melhor para o escritório, Cris? Ou melhor para vida sexual dele? Aposto que ele tem um caso com essa biscate.

— Ju, não seja precipitada, você está com a cabeça quente. Toma um banho. Vou arrumar uma cama *pra* você. Aproveito e aviso o Rodrigo que você vai passar a noite aqui conosco. Amanhã, com calma pensamos no que fazer, certo?

— Não ouse avisar *pra* ele onde estou, Luana. Ele não me consultou para vender o que era meu. Eu não preciso dar nenhuma satisfação a ele.

— Certo. — Cris intercedeu. — Vem,

vou te dar um pijama e toalhas. Toma um banho demorado e descansa, amanhã é outro dia.

Logo que Juliana se trancou no banheiro, o telefone tocou.

— Deixa que eu atendo, Cris.

— Lua. — Conseguiu perceber o choro em sua voz.

— Laura? Você está bem?

— Estou, só me sentindo um pouco sozinha. Liguei *pra* saber como você está.

— Eu estou bem, a Ju é que não está. Vem *pra* cá. Não fica aí sozinha. Dorme aqui com ela.

— A Ju está aí? O Rodrigo me ligou apavorado procurando por ela. Eles brigaram?

— Sim, e parece que a briga foi feia.

Liga para o Digo, fala que ela está aqui. Não é justo ele passar a noite procurando por ela e meu celular ficou no café.

— Ligo *pra* ele e já estou indo. —

Parou por um instante. — Lua?

— Oi.

— Eu amo você.

Depois de acomodar suas hóspedes, Luana e Cris se deitaram.

— Dona Luana, você não existe — brincou Cris, enroscando seus cabelos entre os dedos.

— Por que está falando isso?

— Você é a que mais precisa de nós,

mas é a que cuida de todas. Eu sei que você ligou para o Lucas e o incentivou a correr atrás da Ana. Eu ouvi.

— Shhhhhhhh! Segredo nosso! — Sorriu e a beijou. — Sabe, Cris, eu queria que todas elas experimentassem um pouco do amor que sinto com você. Um amor tranquilo, equilibrado, amor de verdade, que completa.

— Declaração de amor antes de dormir? E com a casa cheias de hóspedes carentes?

Luana a beijou mais uma vez.

— *Pra* você todos os dias. — Parou e divagou. — Enquanto eu viver. Ah! Já ia me esquecendo, Bella escolheu um presente *pra* você.

Se levantou bruscamente e sentiu uma

tontura. Conseguiu disfarçar e foi caminhando para a cômoda. Ensaiou a melhor cara que tinha e estendeu a caixa para Cris, que sentou na cama e começou a desembulhar seu presente, quando viu a lingerie sorriu.

— É linda, Lua!

— Veste *pra* mim?

— Amanhã, depois que nossas hóspedes forem embora e você estiver se sentindo melhor. Chega de estripulia, Dona Luana. Eu preciso cuidar da minha mulher. Da próxima vez vou te negar o copo de cerveja, ele não te fez bem.

CAPÍTULO 18

— Bella — sussurrou mais uma vez no ouvido da mulher que dormia profundamente.

— Hum. — Revirou mais uma vez na cama. — Só mais 5 minutos...

— Por favor, não faça assim. Queria comer alguma coisa com você antes de ir — insistiu ele mais uma vez. — Eu não sei quando você terá um tempo *pra* mim. — Suplicou mordiscando sua orelha.

— Fica mais. Eu só preciso sair de noite — pediu ela se enroscando em seus braços.

— Convite tentador... — ele a abraçou com carinho — mas queria conversar com

você antes de ir. Por favor, acorda minha dorminhoca.

A venda sempre dificultava seus movimentos, eram anos usando-a, mas mesmo assim, ela se atrapalhava. Bella queria beijá-lo, então ergueu seu corpo levemente e tateou seus braços. Subiu vagarosamente pelos seus ombros até tocar seu rosto, dali já conseguia se orientar. Inclinou a cabeça *pra* frente e começou a beijá-lo.

— Sabe — dizia entre um beijo e outro —, você é meu anjo da guarda. — Encaixou sua perna entre suas coxas e o colocou de costas para o colchão. — Quando tudo parecia escuro, você apareceu. — Sua boca descia pelo pescoço até encontrar seu umbigo. — Eu sofria, sofria por minhas escolhas, pelas

minhas perdas e você sempre esteve ali. Desde o dia em que cai de verdade.

Júlio segurou delicadamente em seus punhos e beijou cada um deles. Em um movimento certo, porém não menos delicado ele a colocou por baixo e começou a repetir seus gestos. Beijava todo seu rosto e descia pelo seu pescoço até encontrar seus seios.

— Você foi a minha pior e a minha melhor escolha. — Não deu tempo para que ela pudesse questionar. — Desde o primeiro dia que te vi, tive certeza que nunca mais encontraria uma mulher como você. — Com uma pequena pausa para deslizar sua língua até o umbigo, da mesma forma com que ela tinha feito, ele continuou. — Eu espero ansioso, o dia em que vou retirar essa venda dos seus olhos,

só *pra* poder olhar nos seus olhos, mais uma vez.

Bella suspirou profundamente. Teve vontade de perguntar quando seus olhos se cruzaram, mas não queria saber, na verdade, para ela seria se entregar de mais. A privação da visão talvez fosse a única barreira que conseguira manter para não deixar sua razão ser tomada pela avalanche de sentimentos que Júlio lhe causava.

— Não lute, Isabella. Eu não vou pedir você em casamento. Não ainda. Não quero você escorrendo pelos meus dedos com fez com tantos. — Tirou um pouco a pressão do seu corpo sobre o dela e se afastou para olhá-la. — Eu vou te confessar que aconselhei muitos dos seus clientes a se declararem, só para vê-los

bem longe de você.

— Você fez isso?

— Fiz isso e muito mais. Você sabe de muitas coisas que fiz *pra* você, mas não sabe de muitas também. Eu sempre estive aqui, *pra* te proteger.

— Júlio...

— Não fala nada, minha Bella. Só me deixe continuar cuidando de você.

Luana acordou com uma gritaria no quarto que Laura e Ju estavam dormindo.

— Você acha mesmo que devo passar por cima de uma “traiçãozinha”. — Juliana enfatizava com os dedos aos

berros, indignada com os absurdos que Laura dizia. — Você é uma doente, Laura, você realmente desconhece o significado de amor. — Descarregava seu ataque de fúria. — Amor é bem diferente. Não existe um relacionamento aberto, querida. As pessoas se amam de verdade e não traem, não são frias e indiferentes. As pessoas se preocupam com o bem-estar das outras, não só com o tamanho da conta bancária, Laura.

Cris e Luana estavam paradas a porta, assustadas.

— E vou te dizer mais, antes de salvar o seu casamento, pense, por favor, no significado da palavra casamento! Porque casamento com amor é algo completamente diferente do que você conhece. E uma “traiçãozinha” não é algo

tão fácil de se perdoar quando se tem AMOR!

Laura saiu do quarto trajando uma calça de flanela de Cris com um moletom de Luana. Cris fez menção de ir atrás de Laura, mas Luana a impediu.

— Deixa Cris, ela precisava ouvir — assentiu com serenidade e se sentou ao lado de Ju. — Você sabe que as chances de ele ter te traído são quase nulas, né?

Juliana concordou entre lágrimas.

— Olha, Ju, o que te incomoda é que tem uma mulher ao lado do seu marido a frente dos negócios?

— No meu lugar.

— Ninguém, nunca, vai ocupar o seu lugar, Ju, você é a mulher dele, a mãe dos filhos dele. Pensa, pode ter sido a melhor

oferta, ou estrategicamente a sócia ideal. Concordo que pode ter sido precipitado, mas seu marido é louco por você, Juliana. Ele já ligou mil vezes para saber se você está bem.

— Ele sabe que estou aqui?

— Eu pedi a Laura para ligar *pra* ele.

— Por que fez isso?

— Porque ele é o pai dos seus filhos.

O seu marido. Ele tem o direito de saber que você está bem e em segurança.

— Desculpa.

— Pelo que?

— Por estar te trazendo problemas.

Você precisa de mim.

— E você precisa de mim.

Se abraçaram por um longo tempo.

— Eu fui muito dura com a Laura.

— Ela precisava.

Ainda no corredor, Laura ouvia a conversa das duas. Cris tinha se recolhido, logo depois que ela deixou o quarto. Com um carinho tímido nos braços, Laura se afastou, resolveu sair para passear. Desceu até a entrada do prédio e se sentou na calçada.

Lembrou-se de quando o prédio estava sendo construído. Seus pais, escolhendo cada detalhe para que cada filho tivesse sua casa e sua fonte de renda. Deixou esse dinheiro guardado. Há alguns anos entregou para Ernany administrar, logo depois que casou. Nunca quis mexer nesse dinheiro. Ele também nunca permitiu. Sabia que já tinha uma bela quantia. Pois

nunca sequer tocou nesse dinheiro. A última vez que viu se assustou com a arte da multiplicação de Ernany, que explicava com orgulho as aplicações que tinha feito. Na ocasião, não quis ouvi-lo, estava preocupada demais em escolher o vestido que usaria em algum evento.

A brisa fria da madrugada tocava seu rosto. Cada palavra de Juliana, cabia como uma luva.

— Alex?

— Menina do sapatinho de cristal? — brincou ele.

Laura se levantou rapidamente para ajudá-lo, caminhou apressada até alcançá-lo. Alex caminhava com dificuldade, completamente bêbado.

— Alex, preciso que me ajude —

pediu e o abraçou ao mesmo tempo em que tentava ampará-lo.

— Eu moro aqui. — Tentou parar, mas cambaleava muito.

— *Me dê* suas chaves.

Alex tentou, mas acabou caindo sentado no chão.

— A Dama e o Vagabundo — zombou.

Laura se abaixou para pegar as chaves no bolso da calça de Alex. Com dificuldade, ajudou a levantá-lo. Aos poucos conseguiu subir as escadarias da porta que dava acesso a entrada do seu bar.

— Uau! Você fez um *loft* em cima do bar? — Contemplou ela, ainda com ele debruçado sobre ela.

— A princesa gostou do cortiço?

— Deixa de ser debochado, Alex, *me diz* onde é o banheiro. Vou ajudar você a entrar debaixo da água. Vou preparar algo quente *pra* você beber.

— Vai me dar banho, gata borralheira?
— Avaliou os trajes de Laura com deboche.

Laura ignorou e o arrastou até o banheiro.

— Pronto, agora tira suas roupas e tome um banho.

— Eu não consigo.

— Por favor, faça uma força.

— O botão — falou forçando a calça *pra* baixo completamente desajeitado —, não abre.

Laura se aproximou e Alex escorou em seus ombros. Ela tentou soltar com os

olhos fixos em seu peitoral, mas foi inevitável olhar para baixo para que pudesse desabotoar a calça.

— Os sapatos — pediu ele tentando se livrar deles.

— Calma, senão você vai cair — pediu com cuidado. — Eu vou tirar *pra* você.

Depois de retirar os sapatos, Laura os colocou em um canto e guiou Alex dentro do box.

— Vire de costas e tire suas calças e sua camisa. Você consegue?

— Não posso. Eu não uso cueca.

Laura saiu rapidamente do banheiro e recostou a porta. Alex foi uma distração bem-vinda, uma fuga para as palavras cortantes de Juliana. Preparou um chá

enquanto Alex tomava banho. Enquanto a água fervia, prestava atenção na decoração daquele lugar. Era um *loft* perfeito. O único cômodo que que era fechado era o banheiro. No mezanino, um quarto, podia ver pela parede de vidro.

— Gostou do palácio, Rapunzel?

— Vai ficar zombando de mim a noite toda? — falou séria, oferecendo-lhe uma xícara de chá.

— Chá?

— Verde com limão, ajuda a liberar os radicais livres. Achei na caixinha. Aliás você tem uma caixa de chá invejável.

— Minha mãe gostava de chá. Criei esse hábito com ela.

— Café não me faz bem. Deixa meus cabelos opacos.

— Oi? — perguntou incrédulo

— Uma vez um tricologista me falou. Desde então eu evito.

— Tricologista ensina tricô? O que um cara deste entende de cabelo? E você fazendo tricô? Nossa Laura você é uma caixinha de surpresas.

— Bem, já vou indo. Pelo visto você está melhor.

— Espera — Alex chamou e ela se virou de frente para porta.

Alex ainda cambaleava, mas bem menos que antes. Andou até ao seu encontro.

— Fica, desculpa as brincadeiras. Foi uma surpresa te encontrar sozinha no meio da rua.

— Precisava pensar...

— Aí apareceu um bêbado para te dar trabalho.

— E me ajudou a fugir do meu maior medo.

— E qual é o seu maior medo?

— Eu mesma. Eu tenho medo de mim.

CAPÍTULO 19

— Pega, está frio. — Com uma xícara de café fumegante na mão, Alex estendia uma manta grossa para Laura, que estava encolhida no sofá.

— Eu preciso ir. — Aceitou um pouco relutante.

— Vai voltar *pra* casa à essa hora?

— Eu vou dormir na casa da Luana, bem pelo menos eu ia. Talvez volte *pra* casa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Eu e a Ju discutimos, quer dizer a Ju...

— Nossa, teve festa do pijama e eu

perdi?

Laura sorriu e tomou a xícara de café de sua mão.

— Hummm, tinha me esquecido do quanto isso é bom. — Você nunca fala nada sério? — perguntou encarando o homem a sua frente.

— Eu sempre falo sério. Só queria quebrar o gelo. — Saiu e lhe serviu uma caneca de café. — Tome, na caneca é mais gostoso. Sua irmã sabe que você está aqui?

— Alex, eu não tenho 12 anos. Não preciso dar satisfação, quem se importa? — Um pouco irritada, ela se levantou, deixando a caneca em cima da mesa de centro. — Eu preciso ir.

— Calma, Laura. Pelo visto você está

pensando que sou um mal-educado. Posso ver nos seus olhos que a última coisa que quer é voltar *pra* casa da sua irmã. Não é uma boa ideia ficar na porta do prédio da Luana à essa hora. Está frio e pode ser perigoso. Além do mais, é no mínimo imprudente dirigir essa hora da noite.

— Estou sem carro, pedi ao motorista *pra* me deixar e o dispensei.

— Então fique aqui, podemos conversar, esse sofá vira uma cama incrível, se você quiser descansar um pouco.

— Não seria conveniente.

— Laura, por favor, sem formalidades. Eu não sou um estranho e também não estou querendo te levar *pra* cama. Sou um amigo oferecendo arrego.

Laura ponderou suas palavras e concordou silenciosamente. Alex rapidamente pegou se celular e enviou uma mensagem para Luana.

— Pronto, já avisei a sua irmã.

— Você é louco? O que você fez?

— Disse que você estava aqui e que estávamos conversando. Também disse que estava tarde e que você ficaria por aqui — falou e entregou o telefone para que ela pudesse ler a mensagem.

Não se preocupe.

Sua irmã está comigo.

Amanhã a devolvo sã e salva.

— O que ela vai pensar de mim — falou, levando as mãos na boca.

— Laura, o que isso importa realmente agora? Beba seu café.

Ela pegou a caneca, enquanto Alex estendia o sofá.

— Obrigada por me deixar ficar.

— Eu não deixei, na verdade convidei e precisei insistir muito. — Sentou no sofá e a chamou com as mãos, era um sofá espaçoso e não havia o menor problema em dividir com ele. — Olha não precisa falar nada se não quiser. Eu quando me separei fiquei um tempo na minha, na merda *pra* falar verdade. Era difícil me abrir, não falava com ninguém, sabe Laura o único lugar que ia era *pra* sinuca. De onde eu estava vindo agora e acabei bebendo demais com alguns amigos.

— Eu não me separei — rebateu. — Não ainda. Também acho que não vou me separar, eu acho.

— E o que estava fazendo na casa da sua irmã? Acertei na festa do pijama? — Debochou. — Desculpe-me, uma mulher como você nunca sairia de casa. Colocaria o marido *pra* fora, eu me esqueci.

— Até você? Olha, eu confesso todas as escolhas erradas que fiz na minha vida, confesso ser uma egoísta, fútil e tudo mais que vocês quiserem me tachar, mas eu tenho sentimentos, ok? Posso até não me orgulhar da vida que levo, mas eu simplesmente não sei o que fazer — falou alterada.

— *Me desculpe.* Eu não quis te magoar.

— Eu já estou magoada demais. Magoada comigo, acima de tudo, por ter

deixado as coisas chegarem no ponto que estão. Meu marido não me enxerga. As pessoas não me veem e não sabe quem eu sou.

— E você sabe quem você é?

— Não! Eu não sei nem mesmo o que eu quero. Tenho um casamento, de fachada, perfeito, uma irmã morrendo, sabe o que isso significa? Que eu vou perder a única pessoa que se importa comigo de verdade.

— Vamos por partes. Quer falar sobre a sua briga com a Juliana?

— Você é terapeuta?

— Arquiteto.

— Isso justifica o bom gosto no seu *loft*.

— Gostou?

— Adorei. Cada detalhe combina com esse lugar. Olha só essa caneca.

— Você se formou?

— Fiz pedagogia com a Ana, mas nunca lecionei.

— Uau, pedagogia?

— Eu não sabia o que fazer na época. A Ana demorou a prestar vestibular, porque perdeu um semestre sofrendo por causa do Lucas e um ano com a doença da mãe. Encaixou direitinho. Decidi pela comodidade. Bella não queria prestar vestibular.

— Interessante.

— Sabe o que pesou na minha escolha? Que Ana me ajudaria a se formar. Nunca liguei muito para os estudos.

— Nunca encontrou nada que gostasse realmente de fazer?

— Cozinhar, sempre adorei ir *pra* cozinha com minha avó.

— Está com fome?

— Um pouco.

— Então vem, vamos *pra* cozinha e me mostre o que sabe fazer.

Ana acordou com o seu celular tocando, não iria atender, ignorou a chamada mais uma vez. Estava em sua cama de solteira e não havia nenhum sinal de Lucas. Será que havia lhe abandonado mais uma vez?

O bilhete sob a rosa vermelha disposta no criado-mudo, denunciava que ele realmente esteve por ali.

“Ana, meu amor. Não quis te acordar. Você dormia como um anjo.

Precisei sair logo cedo para não perder o voo. Ligo pra você assim que chegar.

Já estou com saudades da minha Ana. A noite de ontem foi simplesmente inesquecível.

Um beijo, do seu Lucas”

Um sorriso sincero surgiu, dominando todos os seus poros. Definitivamente a noite tinha sido perfeita. Cada detalhe,

cada carinho, cada gesto de Lucas, serviu para deixá-la ainda mais apaixonada.

Tomou um banho demorado enquanto se lembrava por onde as mãos dele estiveram na noite anterior. O toque insistente de seu telefone a fez se conectar com o mundo real.

— Bella?

— Ana, onde você se meteu?

— Eu acabei de acordar, aconteceu alguma coisa?

— Uau, você acordando as três da tarde? — Ana se deu conta que não tinha conferido o relógio.

— O Lucas dormiu aqui.

— Uau, então vou desligar, não quero atrapalhar. *Me liga* assim que puder.

— Ele já foi, precisou viajar logo

cedo. Queria mesmo falar com você sobre isso.

— Ia te chamar *pra* almoçar, sei lá, acho que preciso conversar, mas como imaginei que você provavelmente já tivesse almoçado pensei em darmos uma volta agora de tarde.

— Não almocei, nem café tomei. Estou saindo do banho. Onde quer encontrar?

— Eu te pego aí. Acabei de almoçar. Use e abuse desse seu novo guarda-roupa, pois mais tarde vou te levar num lugar.

— Tudo bem, fico pronta em meia hora.

Bella chegou para buscar a amiga em exatos cinquenta minutos. Ana estava produzida, uma discreta maquiagem, uma calça branca justa, sandália de saltos

vermelha e uma blusa azul com uma leve transparência. Na mão sua bolsa e um blazer branco.

— Uau, Aninha, mulher fatal.

— Não brinca, Bella, ainda estou me acostumando com essas roupas.

— Ficou incrível, deixa eu ver essa maquiagem — falou segurando seu rosto contra a luz. — Pele de pêssego, pelo visto a noite foi ótima.

— Foi incrível, Bella, mas eu... — Parou intimidada.

— Deixa de pudores, pode falar. Somos amigas.

— Senti falta de ter um pouco mais de experiência. Eu quis ousar um pouco, mas fiquei insegura. Você sabe, muitos anos sem... e eu não sabia que meu corpo

estava tão diferente. Mais sensível, mais ousado.

— Ana, calma, você precisa se soltar aos poucos. Você precisa de paciência e autoconfiança. Olha o mulherão que você é. Não precisa de muito. Confia em mim, você transpira sensualidade.

— Não diga besteira, eu sou tímida.

— A Ana que se escondia atrás das roupas sem corte podia ser, mas você, vestida assim, é capaz de conquistar um padre. Onde quer ir?

— Podemos ir no shopping? Queria comprar toalhas, roupas de cama nova.

— Enxoval *pra* casa nova?

— Isso, enxoval para mim.

Bella arrancou o carro e ligou o som.

— Você vai mesmo se mudar?

— Vou e acho que em breve, a louca da Laura pediu para decoradora para deixar tudo pronto em no máximo dez dias. Estou feliz com a mudança.

Bella sorriu e deu a mão para a amiga.

— Estou feliz que esteja se acertando com o Lucas. E com todas as mudanças que está disposta a fazer.

— Que droga! Esqueci da entrevista de emprego que tinha. — praguejou Ana conferindo seu celular.

— Que horas era?

— Às quatro!

— Bem, são 15:59, acho que ainda temos tempo. *Me passa o endereço.*

— Bella, mas eu nem me preparei. Ainda por cima vou chegar atrasada.

— Ana, você se prepara há anos,

estudando sem parar. Chegar atrasada uma vez na vida não mata ninguém. Passa logo esse endereço. Você faz sua entrevista, eu te espero, vamos ao shopping e depois vamos encontrar com as meninas no Café. Vou levar vocês para se divertir hoje.

Meia hora depois, Bella estava parada na rua lateral da imponente escola esperando Ana. Fazia alguns telefonemas para deixar todos os detalhes prontos para a noite com as amigas. Quando tudo estava resolvido resolveu telefonar para Júlio, mas ele não atendeu. Pensou em escrever uma mensagem, mas não o fez. Nunca havia ligado antes, uma mensagem, era tudo que mandava quando raramente entrava em contato com ele. Ele que a procurava. Perdida em seus pensamentos ouviu seu telefone tocar. Era ele.

— Júlio.

— Minha Bella, aconteceu alguma coisa? — questionou surpreso. — Você está bem? — Sua voz era baixa, mas preocupada.

— Desculpa ligar *pra* você. É que vou dançar hoje e sei que você gosta. Tem tanto tempo que não me apresento. Convidei umas amigas, reservei a sala privada *pra* você, vou fechar a boate, hoje é um dia de pouco movimento. Quero dançar *pra* você.

— Bella — suspirou. — Estarei lá, não perderia por nada desse mundo.

CAPÍTULO 20

Laura acordou assustada, tentando se situar. Já passava das três da tarde, precisava ir embora. Ernany chegaria de viagem. Precisava pegar sua bolsa na casa de sua irmã e suas roupas.

— Oi. — Cumprimentou meio sem graça quando se deparou com Alex na cozinha.

— Ei, boa tarde. Quer café? Ou chá?

— Café.

— Já ia te chamar, preciso descer para o bar, pode ficar o tempo que quiser.

— Eu preciso ir. Poderia pegar minhas coisas na casa da minha irmã? Preciso do telefone para chamar um táxi.

— Tudo bem, eu pego lá, mas pode usar o telefone aqui da cozinha. Tem alguns cartões de táxi pregados na geladeira e o Sr. Geraldo é ótimo. Fica no ponto aqui da esquina.

— Obrigada — falou sorrindo. — Há muito tempo não me sentia tão humana. Nem me lembrava o dia que fui dormir já de manhã.

— Quase de tarde. — Corrigiu ele. — Adorei a companhia e você preparou as melhores *bruschettas* que já comi.

Alex saiu rapidamente e desceu as escadas apressado. Enquanto esperava que ele trouxesse suas coisas, Laura organizou a sala reparando mais uma vez em todos os detalhes. Tivera uma noite agradável, Alex era inteligente,

espiritoso e conseguiu se abrir com ele. Contou sobre seu casamento e como perdeu quase todo o dinheiro que o pai deixou. Era estranho desabafar com um homem, na verdade era confuso se abrir para alguém, mas ele conseguiu deixar o clima leve.

— Prontinho. Pode usar o banheiro, tem toalhas limpas para você. — Entregou sua bolsa e uma sacola com seus pertences.

Esteve tão absorta em seus pensamentos que nem viu o tempo passar. Trocou-se rapidamente e pegou um táxi para casa. Logo que chegou Ernany já a esperava na sala, seu rosto tenso e uma expressão de preocupação.

— Laura, onde você esteve? A Maria

disse que você não dormiu em casa, saiu tarde da noite e não tinha voltado.

Confusa com as perguntas do marido jogou sua bolsa e a sacola com as roupas da irmã no sofá e se sentou.

— Eu dormi na casa da Luana.

— Ela está bem? Aconteceu alguma coisa com ela? Por que você não me ligou?

— A Luana está bem. Fui socorrer a Juliana, ela se desentendeu com o marido. Preciso de um banho.

Laura caminhou para seu quarto e deixou o marido sozinho na sala, confuso. Se questionou sobre o seu interrogatório. Seria preocupação? Zelo? Ou ciúmes? A possibilidade de Ernany ainda amá-la acendeu uma centelha de esperanças,

talvez um caminho.

Entretanto, como amar alguém que não te atrai? Como ensinar o coração a querer se entregar a um homem? Precisava tentar, se não tentasse nunca iria saber o que Juliana quis dizer sobre casamento e amor. Tomou uma ducha quente e se deitou em sua cama vestindo somente um roupão e uma toalha amarrada nos cabelos.

— Posso entrar? — chamou Ernany de pé na porta. Ele havia retirado a gravata e o paletó.

— Entra. — Convidou ela. — Não precisa pedir, a casa é sua — falou sem pensar e se arrependeu no mesmo instante, mas as palavras de Alex martelavam na sua cabeça.

— Você não parece bem. Está tudo bem mesmo com a Luana?

— Ela está bem.

Um silêncio sepulcral se instalou.

— Por que vivemos assim? — questionou ela com a voz embargada.

— Laura, por favor — pediu ele sem saber como agir.

— Por favor, Ernany, precisamos conversar. Quando foi a última vez que conversamos?

— Ontem pela manhã. Antes de sair.

— Estou falando de uma conversa. Ou sobre nosso relacionamento ou sobre amenidades. Há tempos você não me conta sobre o seu dia.

— Laura, eu... você nunca quis ouvir, sempre tinha algo mais importante ou

urgente *pra* fazer.

As palavras dele a fizeram recuar.

— Eu nunca fui uma boa esposa?

— Não diga isso. Você cuida dessa casa como ninguém. Sempre me acompanha nos compromissos...

— Não estou dizendo do meu emprego de dona de casa perfeita, estou perguntando como mulher. Eu nunca fui o suficiente *pra* você?

Ernany respirou fundo, sem saber o que responder.

— Não precisa responder. — Laura se ajoelhou na cama, abriu seu roupão e deixou que ele deslizesse sobre seus ombros. — *Me toca.*

— Laura...

— Por favor, Ernany. *Me toca.*

Timidamente ele ergueu sua mão, Laura a pegou e conduziu até o meio dos seus seios. Ernany fechou seus olhos, parecia sentir dor. Deslizou sua mão suavemente entre seus seios enquanto ela o olhava intensamente. Pôde perceber que ele chorava com os olhos fechados. O toque do seu telefone o fez despertar do buraco negro em que se afundava e ele retirou sua mão.

Laura rapidamente vasculhou sua bolsa a procura do aparelho. Ernany se levantou e caminhou até a porta.

— Bella? Aconteceu alguma coisa com a Luana?

— Calma, Laurinha. Tô ligando *pra* fazer um convite. Estou no shopping com a Ana.

— No shopping com a Ana sem mim?
— enquanto falava percebeu que seu marido a observava na porta, logo que percebeu que estava sendo observado saiu pelo corredor.

— Laura você está aí? Não compramos nada, hoje foi a entrevista da Ana. Eu a levei e depois viemos comer alguma coisa. Temos algo a comemorar. Encontramos com você no Café às oito.

— Bella, não acredito! A Ana conseguiu? — Pela primeira vez teve vontade de sorrir. — Eu não vou no Café. Podemos marcar outro dia?

— Laura, o que aconteceu?

— Eu e a Ju, ontem, nós nos desentendemos. Acho melhor dar um tempo.

— Liguei para Luana *pra* avisar que iríamos lá. Depois vou fazer uma surpresa para vocês. Por favor, combinamos de fazer tudo juntas.

— Bella é que...

— Olha, não tem desculpa. Você fica bem longe da Ju até fazerem as pazes. Sabe que é impossível ficar muito tempo de mal com a Juliana. A Lua já me contou que ela está quietinha sem conversar. Seja lá o que foi que aconteceu, pode ter certeza que ela está triste por ter discutido com você.

— Eu também estou triste pelo que falei com ela. Estou triste comigo na verdade. Não é um bom dia *pra* sair.

— Laura, a Ana conseguiu o emprego dos sonhos dela! Graças a você,

precisamos comemorar hoje. Além do mais eu garanti a sua irmã que você ia.

— Isso é golpe baixo.

— Promessa é dívida. Eu te espero as oito, não se atrase.

Laura vestiu seu roupão e respirou fundo. Saiu a procura de seu marido, ele estava deitado na cama com um olhar parado, parecia triste.

— Desculpe, fiquei preocupada com a Luana.

— Ela está bem?

— Está. As meninas querem encontrar hoje. — Soltou timidamente.

— Que ótimo — falou ele tentando ser indiferente.

— Como foi na viagem?

— Foi proveitosa. Conseguimos um contrato importante.

— Fico feliz. Você tem talento.

— Eu apenas me dedico, Laura.

— Vou pedir *pra* fazerem um jantar pra você.

— Não precisa.

— Vai sair?

— Não, vou ficar aqui. Peço qualquer coisa ou como o que tiver pronto.

— Vai ficar aqui?

— Vou, estou esperando o mensageiro trazer uns documentos urgentes para eu assinar.

— Tudo bem, vou tentar não demorar.

— Não se preocupe comigo. Pode se divertir com suas amigas.

Aparentemente, tratava-se de uma conversa normal, entre um casal comum, mas na realidade era a distância que crescia entre eles. Ele a tocou, tocou com desejo, com dor, ela sentiu. Algo doía dentro dele, como se travasse uma batalha interna, mas ele a tocou e a desejou. Poderia ser um caminho.

— Ju, vai ficar com essa carinha o dia todo?

— Ai, Cris, eu fui uma estúpida. Eu a machuquei e agora Laura deve estar arrasada.

— Olha, seu marido já ligou umas cinco vezes.

— Não quero falar com o Rodrigo.

— Bom, posso ir na sua casa, pegar uma muda de roupa *pra* você. Você fica aqui, vamos na surpresa que a Bella está preparando e amanhã você pensa no que fazer. Que tal?

— Cris, você também vai? — perguntou Juliana um pouco mais animada.

— E você acha que vou perder a Bella dançando?

— A Bella vai dançar?

— Não conta que te contei, ela quer fazer uma surpresa.

— Uau, eu sempre quis vê-la dançando. E a Laura?

— Não se preocupe com ela, a Luana pediu a Bella para trazê-la. Vamos lá em cima. Eu te empresto uma roupa minha ou

da Lua. Agora, por favor, liga *pro* Rodrigo.

— Não quero ligar.

— Posso ligar?

Juliana somente assentiu.

Às oito, Juliana e Cris já desciam para o Café, Luana já tinha descido há algum tempo, quando Bella e Ana chegaram.

— Será que a Laura vem? — perguntou Luana pegando o telefone para ligar para a irmã.

— Lua, deixa que eu ligo. Pediu Juliana que chegou no momento em que a amiga ia ligar.

— Não precisa, ela está chegando — informou Ana olhando para porta.

Laura estava sem graça, um pouco envergonhada, titubeou para entrar. Ju

rapidamente correu e abraçou a amiga.

— Desculpa. Eu não devia ter dito o que falei.

— Tudo bem, Ju, eu precisava ouvir. É só que dói.

— Laurinha, eu fui estúpida. Por favor, *me perdoe*.

Laura sorriu fracamente. Definitivamente não estava no clima de encontrá-las, mas Ana estava radiante e isso a fez se sentir egoísta mais uma vez. Um sorriso sincero lhe tomou e sem segurar sua alegria ela falou:

— Quero saber tudo, Ana. Conseguiu a vaga de professora?

— Supervisora, Laura! — falou e se jogou nos braços da amiga. — Obrigada, o salário é incrível e eles querem que eu

comece o quanto antes.

— Aninha! Supervisora? —
comemorou mais uma vez. — Eu não
sabia dessa vaga, estou feliz por você. E
como foi com o Lucas.

— Ai, Laura, eu não sei o eu dizer.

— *Se acertaram?*

— Parece que sim. — Ana se
aproximou e sussurrou no ouvido da
amiga. — Ele já chegou nos Estados
Unidos, pediu para te avisar que amanhã é
a consulta e que liga assim que sair do
consultório.

Laura abraçou mais uma vez Ana.

— Vai dar certo, Ana. É a única
certeza que tenho é que a Lua vai ficar
boa.

CAPÍTULO 21

Bella estava ansiosa, parecia até o dia de sua estreia. As amigas entraram na boate e foram recebidas por uma garçonete que as levou para uma grande mesa.

— Fiquem à vontade, eu já trago o cardápio.

— Uau, isso aqui é incrível. —
Contemplou Ana.

— É tão erótico — comentou Ju, observando cada detalhe.

Laura parecia quieta. Cris e Luana, assim como as meninas, analisavam minuciosamente o ambiente.

— Bem-vindas ao lar.

O garçom chegou trazendo um balde de champanhe. Bella ordenou em silêncio para que ele as servisse.

— Então, meninas, como vocês podem ver, mandei fechar a casa hoje para recebê-las. O show hoje é todo nosso.

— Bella, eu sempre quis ver você dançar, o Rodrigo sempre me enrolou.

— Eu vim na estreia, a Cris estava viajando. Podemos dizer que é uma performance e tanto — brincou Luana.

— Dessa vez deveria ter vindo sozinha, Lua, e deixado você em casa — provocou Cris e tomou um gole de sua taça.

— Por favor, não briguem por mim. Preciso me preparar. Então fiquem à vontade. Eu não demoro.

— Bella. — A voz de Laura era quase um sussurro. — Posso ir com você?

Bella titubeou, mas percebeu que ela precisava conversar.

— Claro, vem comigo.

Bella caminhou sensualmente até a porta que dava acesso aos camarins, Laura a seguiu. No meio do caminho encontraram uma jovem simpática que as cumprimentou.

— Bellinha! Já deixei seu figurino separado. Precisa de ajuda com a maquiagem?

— Hoje não, Rosita — falou e deu-lhe um selinho rápido. — Eu me viro sozinha. Preciso que veja se minha encomenda chegou, quero ser avisada assim que chegar. — Piscou e entrou no camarim.

— Estava ansiosa com sua volta para os palcos, achei que participaria do seu *gran finale*.

Bella se apoiou no batente da porta e encarou a funcionária.

— Esse ainda não é o *gran finale*, fique certa que o dia que me despedir dos palcos quero casa lotada. Hoje é só um aquecimento, *pra* testar o quanto estou enferrujada.

Rose saiu, sorrindo da brincadeira. Laura já estava dentro do camarim sentada em uma das cadeiras.

— Você parece feliz aqui.

— Amo isso aqui, Laura. É a minha casa.

— Gosta mesmo do que faz.

— Não tenho do que reclamar.

— Bella, você nunca se pensou em se casar.

Bella respirou fundo e começou a avaliar a roupa que Rose tinha separado.

— Laura, casamento não é uma opção, é uma oportunidade.

Laura se mexeu desconfortável.

— Como é ser tocada por um homem?

Bella estranhou aquela conversa e se sentou ao lado da amiga.

— Como assim?

— Como é desejar um homem? Ser tocada por ele e sentir algo? Ter vontade de se entregar.

— Você nunca?

Laura negou com a cabeça.

— Você ama seu marido? — perguntou

um pouco confusa.

— Não sei. Acho que isso não é amor, pelo menos, não do jeito que a Cris ama a Lua ou que a Ju ama o Rodrigo. — Parou um pouco pensativa. — Não, eu não o amo.

— Já amou algum dia? — perguntou interessada.

— Acho que nunca. Eu me apaixonei pelas possibilidades que ele me trouxe. — Respirou fundo. — Eu pedi que ele me tocasse hoje.

— E? — A amiga a encorajou a continuar e começou a se despir.

Bella se sentia à vontade com seu corpo, seus movimentos eram naturalmente sensuais. Laura parou um tempo contemplando a amiga.

— Ele me tocou, com carinho, com dor, mas eu não senti nada.

Terminando de se vestir, abaixou para calçar suas botas.

— Laura, sexo é entrega, é desejo. Tem que haver alguma química, alguma ligação. Nunca foi bom entre vocês?

— Eu sempre fiz por fazer.

Bela abriu uma das gavetas da penteadeira e tirou uma caixinha. Aproximou de Laura e a entregou.

— Toma isso, vai te ajudar. — Jogou os cabelos para frente e os balançou para dar volume. — Experimente e depois conversamos melhor.

— O que é isso? — Analisava, confusa, o objeto em suas mãos.

— Um vibrador clitoriano. Mais

conhecido como *butterfly*.

Foram interrompidas por uma batida suave na porta.

— Chegou — informou Rose.

— Rosita, vou precisar de você. *Me dê* cinco minutos e volte.

— Ok.

— Laurinha, preciso me preparar. Assim que tentar usar me fale. Aí podemos conversar.

Laura sorriu um pouco confusa e deixou o camarim. Bella se sentou na cadeira e ficou um tempo encarando o espelho. Precisava se concentrar. Pouco tempo depois Rose apareceu para ajudá-la.

— O que precisa.

— De uma venda.

— Vai dançar vendada?

— Vou dançar *pra* ele.

Conduzida por Rose, com as luzes apagadas Bella se posicionou no palco, de costas, encostada no poste de pole dance. Antes da funcionária se afastar, pediu num sussurro.

— Fique atenta, vou precisar de você.

— Sim, senhora. Arrasa!

Bela estava ansiosa, apreensiva e excitada. Há quanto tempo não dançava? O que antes fazia todas as noites passou a ser esporádico. Foi uma saída inteligente para ganhar dinheiro sem precisar se deitar com ninguém. Foi através da dança

que pôde escolher seus clientes.

A primeira batida da música sinalizava que era a hora do show. Sentiu os refletores aquecendo seu corpo. De costas para o público começou a se mexer lentamente, deixando seu corpo deslizar pela barra de ferro. E subiu novamente obedecendo a cadência da melodia.

Ainda de costas, posicionou-se ao lado da barra e desceu sensualmente procurando com os dedos as marcações de posição que Rose havia deixado. Não era a primeira vez que dançava vendada, muito menos a primeira vez que dançava para ele. Já havia feito isso muitas vezes.

Sabia que ele estava ali. Podia sentir seus olhos cravados em sua pele. Nem mesmo o vidro escuro bloqueava a

conexão que sentia com ele. Uma explosão de luxúria, milimetricamente sintonizada com batida do som a fez saltar segurando a barra e suas pernas fizeram uma coreografia perfeita no ar.

Ergueu seu corpo com precisão e começou a escalar o pole ao som de “*Hoochie Coochie Man*”. Quando chegou na marcação mais alta que seus dedos conseguiram alcançar, prendeu suas pernas na barra e com as mãos no ar, foi deslizando lentamente até tocar o piso. Ainda sentada, lançou as pernas com toda sua sensualidade exalando pelos poros e se colocou de pé.

De costas para a barra, mas de frente para o público, mirou onde possivelmente estava a cabide e dançando lentamente deslizou as mãos pelo seu corpo de forma

provocativa. Rose rapidamente subiu ao palco e deu-lhe a mão. Conduziu-a pelas escadas. Mesmo guiada e vendada, a dançarina esbanjava charme e erotismo. Quando Bella chegou em frente ao vidro, retirou sua venda para que ele pudesse vê-la. Ver seus olhos conforme ele havia desejado.

Ela não poderia vê-lo através do vidro, mas ele, sim, poderia vê-la. Se esse era o seu desejo, ele seria concedido. Se questionou por um segundo como ele seria. Porém o medo de vê-lo não a deixava. Gostava do ar misterioso e do encanto que a privação da visão lhe proporcionava. Era a pimenta de sua vida previsível.

Continuou encarando o vidro sentindo sua proximidade e encostou a mão no

como se buscasse algum contato físico. A música terminou anunciando que o show havia acabado. Emocionada e num ato impensado, caminhou até a porta lateral, num dos corredores que dava acesso a uma das entradas da sala e girou a maçaneta. Escutou a outra porta de acesso se fechando e em cima da mesa uma rosa vermelha.

Ele não queria que ela o visse, não ainda. Desabou no sofá, condenando-se pelo ato impensado, poderia ter batido na porta e colocado sua venda, mas não pensou. Desejou tocá-lo com tanta intensidade que por um instante se esqueceu que não podia vê-lo, em compensação, ainda podia senti-lo. Respirou fundo e passou a rosa pelo seu rosto, tinha o cheiro dele. Com ela na

mão, deixou a sala e foi ao encontro das amigas.

As meninas a esperavam de pé. Juliana foi a primeira a se jogar nos braços de Bella.

— Bellinha, que arraso amiga! Você precisa me ensinar isso.

— Acho que também quero — confessou Ana timidamente.

Laura estava sem palavras, conseguiu soltar somente um “Uau”. Cris sorria e Luana não segurou sua curiosidade.

— Quem era?

— Um cliente especial.

— E por que você não nos deixou conhecê-lo?

— Porque nem todas as pessoas são “conhecíveis”.

— Você dançou para ele? —
questionou com um meio sorriso nos
lábios.

— Sabe, Lua, adoraria ter dançado *pra*
você e *pra* Cris, seria uma inspiração e
tanto. Só que, definitivamente na frente da
Laurinha, da Ju e da Ana seria no mínimo
broxante. Eu convidei alguém especial
para me inspirar.

— Hummmm — murmurou Cris. —
Então quer dizer que se mandarmos as
meninas embora podemos ter um show
particular — brincou e deu um beijo no
rosto de Luana que se divertia com a
provocação das duas.

— Nem pensem nisso. Não saio daqui.
Se é *pra* voltar pra casa que eu chegue em
grande estilo. Igual a Ana, uma nova Ju,

mulher fatal.

Laura ficou ainda mais curiosa com o presente que havia ganhado e ergueu a caixinha sobre a mesa.

— Pode me explicar como isso funciona? — perguntou determinada a tratar o assunto com naturalidade.

— O que é isso? — perguntou Ana curiosa.

— Que objeto interessante — observou Juliana enquanto o analisava com os dedos.

— Meu Deus — zombou Laura —, estamos diante de três analfabetas sexuais. — Foi interrompida por um cutucão de Cris.

Bella não se conteve e gargalhou com vontade. Com uma voz firme, pediu:

— Rosita, traz *butterfly pra* todo mundo. Menos *pra* essas duas — falou apontando para Cris e Luana. — Isso é brinquedo de criança *pra* elas.

CAPÍTULO 22

Mesmo alterada pelo álcool, Juliana insistiu que Luana a deixasse em casa. Depois dos ensinamentos de Bella, ela se sentia pronta para enfrentar o marido. Cris achava graça do efeito que a visita na boate fez às meninas.

Ana encorajada pelo ambiente mandou duas ou três mensagens picantes para Lucas. Laura fazia perguntas sem parar, parecia uma jornalista investigativa. Ju tinha subido ao palco e ensaiado uma performance para fazer para o marido. Com algumas dicas de Bella, até Ana se encorajou a colocar suas mãos no pole e ensaiar alguns passos tímidos.

Laura continuava questionando ora a irmã ora a amiga. Cris se divertia com as perguntas da cunhada e instigava mais dúvidas.

— Pronto, Dona Juliana, está entregue.
— Estacionou Luana na porta de sua casa.
— Por favor, juízo e mantenha seu marido vivo e inteiro.

Com dificuldade desceu na porta detrás do carro, estavam todas espremidas no banco. Ju sentia-se leve, mas não completamente bêbada. Alcançou suas chaves na bolsa e caminhou decidida até a porta, a casa estava escura, já passava de uma da madrugada.

Subiu as escadas e passou nos quartos de seus filhos. Beijou um por um e enquanto beijava Carol, sussurrou.

— Desculpa, minha filha. Eu precisava de férias. — Sorriu como uma boba e completou. — Mamãe está de volta.

Encostou a porta do quarto da filha e parou em frente ao espelho do corredor. Limpou seus olhos um pouco borrados, balançou os cabelos para dar volume. Desabotoou os primeiros botões da camisa de Cris que usava e entrou no seu quarto.

Rodrigo cochilava com a televisão ligada e um livro pesado caído no peito. Juliana sorriu maliciosa. Retirou delicadamente o livro e desceu as cobertas. Rodrigo estava de cueca, como

sempre dormia. Juliana se colocou de quatro por cima dele e começou a acariciá-lo com a boca sobre o tecido macio. Rodrigo se contorceu sonolento.

— Ju...

— Shhhhh! Fica quietinho. Eu vou mostrar *pra* você quem mandar aqui.

Quando chegou em casa, Laura encontrou Ernany sentado no sofá, um copo de uísque nas mãos e os pés apoiados na mesa de centro. Com um olhar perdido, visivelmente abatido, ele se levantou logo que percebeu que a mulher havia chegado.

Colocou o copo de uísque sobre a mesa e com passos firmes parou bem de

frente para ela. Segurou seus pulsos e a encostou na parede. Fitou seus olhos intensamente. Laura estava desorientada. Tomou sua boca num beijo firme e começou a descer sua mão pelo seu corpo.

— Espera, Ernany — pediu tentando se afastar.

— Esperar? Mais? — questionou com um rosto impassível. — Você quer brincar comigo, Laura? Ou você quer testar se ainda tem algum poder sobre mim?

Ela respirou fundo e se escorou na parede.

— O que você acha que eu sou? Responde, se meu corpo te dá algum prazer ou você faz por obrigação. Ou gratidão, como sempre fez.

— Ernany, eu...

— Laura, eu nunca forcei a barra com você, nunca, mas você me desprezou, ignorou, *me fez* uma peça de decoração desse apartamento ou alguma peça de roupa que você usa quando é conveniente. Eu lutei, esperei, aguardei por dois anos até o dia em que você saiu do nosso quarto porque não suportava dormir ao meu lado. Eu fui fiel, companheiro, eu te dei tudo que quis e sonhou e eu não estou dizendo do que pode se comprar em uma dessas lojas de grife. — Passou as mãos pelos cabelos revoltos. — Eu desejei você me implorando para tocá-la, pedindo para dormir ao seu lado, mas você não fez. Quando eu resolvi deixar de esperar por qualquer migalha sua, você resolve me iludir de novo. Como no Réveillon,

que você me atacou, dormindo para conseguir me convencer a ir para Paris num desfile qualquer. Ou como sempre usou seu corpo como moeda de troca. Eu nunca quis seu corpo, eu quis você.

Laura deslizou pelo chão absorvendo as duras e sinceras palavras do marido. Ernany se sentou no chão de frente para ela.

— Ei, olha não quero magoar você. Não queria nunca ter que desprezar você, mas não consegue ver. Eu te beijei, eu te toquei e você não quis, porque você nunca me quis. Não vamos conseguir salvar um casamento que nunca existiu. Nós morremos um para o outro no dia em que me falou com todas as letras que preferia que eu resolvesse meus assuntos sexuais na rua. Você nunca quis o meu amor. Você

não consegue perceber o quanto é frustrante você amar alguém que não te ama. — Acariciou seus cabelos com os olhos fechados. — Seus sinais são confusos, você mal me olhava e de repente resolveu perguntar como foi meu dia. *Pra* mim você já tinha desistido deste casamento há anos. Eu ainda amo você, do jeito que você sempre me amou, como companhia, com zelo, com carinho, mas não mais como mulher.

— Ernany, eu não sei o que fazer. — Desabou entre lágrimas e o abraçou com força.

— Não precisamos resolver nada agora. Tudo a seu tempo, você precisa cuidar da sua irmã e sabe que pode contar comigo para o que precisar. Eu entendo que esteja frágil e não vai faltar nada *pra*

vocês. Eu só te peço que não se engane, que não se esconda. Cuide da sua irmã e também cuide de você.

— Estou perdida, eu me sinto sozinha.

— Você se fechou para tudo. Compensa o tanto que se esconde ajudando as pessoas, eu admiro isso em você. Está na hora de perceber quem realmente é e encarar essa mulher que mora aí dentro ao invés de ficar se entupindo de remédios para fugir. Laura, você pode contar comigo, eu sempre estive aqui *pra* você.

Ele se levantou e ajudou-a a se levantar. Levou-a até o quarto dela, retirou as cobertas para que ela se deitasse. Laura tirou os sapatos, os brincos e se deitou. Ernany a cobriu e se

sentou na beirada da cama.

— Obrigada. — Agradeceu ela tocando o rosto do marido com carinho.

Ernany sorriu fracamente e deu um beijo em sua testa. Laura fechou seus olhos tentando entender tudo que se passava a sua volta. Ele não a queria mais e a culpa foi dela. Tentou puxar da sua memória o dia em que sentiu algo intenso pelo marido. Abriu os olhos e encontrou Ernany olhando-a com preocupação.

— *Me desculpe*, eu nunca fui boa o suficiente *pra* você.

— Não diga isso, Laura, eu aceitei o que você me deu, o que podia me dar. Não me arrependo. Você é uma mulher incrível, o amor e forma com que você ajuda as pessoas é uma coisa rara. Eu

sinto muito por ter precisado de mais.

— Eu que sinto muito por não saber dar o que você precisa.

— O amor só se dá quando se sente.

— Beijou novamente seus cabelos e se retirou.

— Ernany — chamou antes que ele pudesse alcançar a porta.

— Eu preciso sair, vou passar a noite na casa da minha irmã.

— Eu levo você. — Ofereceu ele confuso, mas respeitando a sua decisão.

— Não precisa, eu pego um táxi.

— Não vou deixar você sozinha na rua uma hora dessas. Você está bem?

— Estou, acho que preciso conversar com alguém — falou se levantando da cama.

Ernany a deixou na porta da casa da irmã. Laura estava incerta sobre tocar ou não o interfone. De longe pôde avistar o bar de Alex, ainda aberto, no final da rua. Caminhou apressada até alcançar a meia porta de ferro cerrada com algumas poucas cadeiras ainda do lado de fora.

Timidamente entrou e encontrou o seu novo amigo empilhando alguns engradados no fundo do bar.

— Um conhaque por favor — pediu com uma voz alta e firme.

— O bar já está fecha... — Antes que pudesse terminar a frase se virou. — Cinderela! — Contemplou surpreso. — Pelo visto gostou de bater papo com esse louco que vos fala — brincou e foi em sua direção para abraçá-la. — Outro dia

difícil.

Ela concordou com a cabeça e sorriu fracamente.

— Então, nada de conhaque, um bom vinho e uma massa, que tal? Estou morrendo de fome. Só preciso fechar o bar e subimos. Quero te mostrar a receita que te falei. Encontrei *num* dos cadernos da minha mãe.

Laura concordou aliviada. Alex era diferente das meninas, gostava de sua companhia e estava disposta a se abrir com ele, pensando bem, ele se parecia com Lucas, calmo, um pouco atrapalhado, mas sentia que poderia encontrar um conselho. Encarar qualquer uma de suas amigas não estava nos seus planos. As palavras de Ju e Ernany repetiam

incansavelmente em sua cabeça. Talvez Luana tivesse razão, ela realmente precisava ouvi-las.

Alex rapidamente fechou o bar e foram juntos para sua casa, assim que entrou, ele retirou seus sapatos e os deixou largado no canto da sala. Laura retirou seu casaco e o colocou no sofá. Ele serviu duas taças de vinho e entregou para Laura uma folha de papel amarelada.

— Olha essa raridade. Foi escrito pela minha avó.

Laura passou os dedos sobre a tinta velha e tentava decifrar o que está escrito.

— Está em italiano — observou ela. — A letra dela é uma obra de arte. Ficaria lindo *num* quadro emoldurado na parede.

— Pensei nisso na hora que vi, tinha

até me esquecido. Acho que pode ficar perfeito naquele canto, o que acha? Tem outras também. Vou tomar um banho. Detesto esse cheiro de cerveja que impregna nas roupas.

Laura ainda com a receita nas mãos pediu:

— Posso invadir sua cozinha?

— Fique à vontade, a casa é sua — falou, erguendo o braço em um sinal de reverência.

Abriu a geladeira procurando os ingredientes que precisaria. Procurou sob a bancada uma tábua para picar os ingredientes. Quando Alex chegou na cozinha, ela refogava os tomates na panela.

— Hummmm, o cheiro está incrível —

falou e serviu as taças de vinho. — Quer ajuda ou vai tentar sozinha.

— Não me atrapalhe, você já confessou que tentou várias vezes e não conseguiu — zombou ela prestando atenção nas panelas.

Depois de algum tempo colocou a tampa, para que o molho incorporasse e se sentou ao balcão de frente para Alex que tirava algumas lascas de parmesão.

— Você sabe que vai demorar, né? — perguntou ela com receio da hora.

— Temos a noite toda, podemos conversar enquanto isso, que tal? Por que você não me conta o motivo de estar na rua de madrugada novamente?

— Você é sempre tão direto.

— Isso é uma calúnia. Eu me controlo

mais do que o possível para não te fazer perguntas.

— Perguntas?

— Sim, questionamentos, afinal eu sou o seu terapeuta — brincou.

— Arquiteto. — Corrigiu ela e tomou um gole de vinho. — Sabe quando você se vê perdida, não pertencente a vida que leva? Hoje me sinto envergonhada pelas coisas que fiz. A sensação que tenho é que minha vida começa agora.

— Realmente, a vida começa aos trinta.

— Não falo pela idade, falo pelas escolhas que fiz. Montei em um cavalo desgovernado e deixei minha vida tomar um rumo que não sei como sair.

— Precisa segurar as rédeas dele,

fazê-lo parar. Depois precisa escolher o caminho a seguir.

— Você fala como se fosse fácil.

— Laura, quando minha mulher me deixou, eu fique na merda. Tentei me matar, consegue entender o que é isso? Depositei todas as fichas em um amor, em uma única pessoa e quando ela se foi... quando ela se foi, eu me senti abandonado, sozinho, perdido.

— Eu me sinto sozinha.

— Você sabe que não está sozinha, tem muitas pessoas que te amam. Olha a solidão independe das pessoas que nos cercam, ela é um estado de espírito, se você quer estar sozinha, você vai estar. O que te levou até o bar?

— Eu precisava conversar, sair,

respirar, mudar os ares.

— Então, foi até lá porque de alguma maneira sabia que iria me encontrar. Viu, não está sozinha, você está cercado de amigos.

Laura concordou e estendeu a taça para um brinde.

— Eu gosto de conversar com você, às vezes você enxerga as coisas de uma maneira, simples, retilínea, matemática.

Alex gargalhou da sua observação.

— Olha, vou te dizer uma frase que minha avó sempre dizia: Todo mundo tem uma história triste *pra* contar, o que difere uma pessoa da outra é como essas histórias foram resolvidas. Pelo visto você tem uma questão e precisa resolver.

— Uma não, várias — comentou e se

levantou para olhar o molho.

— Então me conta. Qual é a questão que martela na sua cabeça? A maior de todas.

— Não vai rir?

— Nunca riria de um assunto sério.

— Nem debochar de mim ou usar isso contra mim em alguma piada infame?

— Isso depende da situação, mas prometo me esforçar. — Tentou parecer convincente.

— Acho que sou frígida.

Alex não esperava tamanha sinceridade e se assustou.

— Você nunca sentiu prazer?

Ela negou com a cabeça.

— Entende como é complicado falar

sobre isso com as meninas, eu me sinto uma fracassada, uma diferente. Todas têm uma vida sexual ativa, até a Ana que passou anos esperando pelo meu irmão, agora tem aquela cara de bem comida.

Ele achou graça da forma com que ela falou.

— Eles voltaram? — perguntou interessado.

— Estão voltando. Lucas foi para os Estados Unidos para tentar o médico da Luana, amanhã devemos ter alguma resposta.

— Laura, não fuja do assunto, depois falamos da sua irmã. Fale mais sobre você.

— Não tenho o que dizer. É isso, sinto uma pessoa incapaz de sentir e de dar

prazer. Eu me vi querendo salvar um casamento que nunca existiu e hoje pude perceber o quanto fiz meu marido sofrer. — Ela tomou um generoso gole de vinho e continuou. — Sabe o mais estranho? Eu aqui falando com você sem o menor pudor e com a maior naturalidade possível como se estivéssemos trocando uma receita.

— As amizades nascem assim, de afinidades, da segurança que um passa para o outro. Eu por exemplo nunca podia imaginar que você era assim.

— Assim como?

— Tão perdida. Calada e ao mesmo tempo com tantos sentimentos e questionamentos.

— Eu sou humana, só não me sinto bem em me abrir.

— Pois deveria, faz bem. — Ele tocou suas mãos com delicadeza. — Olha eu estou aqui sempre que precisar. — Ele se levantou e foi conferir o molho que estava no fogo. — Precisamos avisar alguém que vai passar a noite aqui? — zombou conferindo o relógio.

— Não, hoje não.

CAPÍTULO 23

— Achei incrível como ela deslizava seu corpo pelo poste, definitivamente a Bella é uma mulher e tanto — comentou Cris.

— Fiquei curiosa para saber quem era o merecedor de tamanha desenvoltura — comentou Luana. — Será que a Bella tem alguém?

— Provavelmente, Lua, ela é uma mulher jovem, bonita, atraente, deve chover pretendentes.

— Estou falando de alguém que cuide dela. Eu me preocupo com ela.

Cris se virou para ver melhor a

mulher.

— Acho lindo a forma como você cuida delas. Sempre foi assim.

— Eu gosto de cuidar delas. Você, elas, meu irmão e o Alex são a minha família.

— Estou aqui pensando na Ju, coitado do Rodrigo — zombou Cris, achando divertido.

— Esse vai ter trabalho, mas sabe, Cris, eu me sinto impotente mesmo em ajudar minha irmã. Ela parecia perdida, pouco falou, a não ser a avalanche de perguntas que ficou fazendo sobre sexo. Ela não é disso, sempre tão reservada.

— Lua, eu achei engraçado a curiosidade dela. Quase não me controlei quando ela perguntou como era o sexo

entre duas mulheres.

— Eu nunca imaginei que ela fosse tão desconectada assim. Sabe, a maior impotência é saber que ela nunca vai se abrir para nenhuma de nós.

— Eu sei, a Laura é bem reservada.

— Tenho que pensar numa maneira de ajudá-la.

— Olha eu não ia te contar, mas acho que vai gostar de saber. O Alex mandou uma mensagem para mim mais cedo. A Laura está na casa dele hoje de novo, queria avisar *pra* você não ficar preocupada, mas como a deixamos na casa dela e você não comentou nada, achei melhor não falar.

— Será que eles? — questionou Luana um pouco incrédula.

— Não, Lua, acho que eles não combinam e o Alex não é do tipo que se aproveitaria de uma mulher num momento de fragilidade. Ela está visivelmente quebrada.

— Por que não ia me contar?

— Porque você não pode controlar tudo que está a sua volta, Lua. Você tem se esquecido de você. Como andam as dores?

— Controladas. Cris, eu tenho me ocupado assim, é bom cuidar deles. *Me faz esquecer que o tempo está passando.* Eu me preocupo com você.

— Lua, por favor.

— Cris, eu me preocupo com você. Precisamos ser práticas, deixar as coisas no Café organizadas. Todos os

documentos estão na gaveta. Não vai te faltar nada. Tudo que é meu é seu, já está tudo resolvido.

— Lua, eu já disse que não me importo com isso, eu só quero você. — Fechou os olhos com força *pra* controlar sua dor.

— Cris, por favor. A única coisa que peço é que não chore, não na minha frente. Eu preciso que você esteja forte por mim. Você é a minha âncora. É você que me deixa de pé todos os dias. Independentemente do tempo que ainda me resta, quero você inteira, do meu lado. E a partir de hoje vai comigo onde eu for. — Tocou seu rosto com carinho. — Mesmo que eu viva mil anos, vou arrastar você pela corrente do meu lado — brincou. — Adorei ver você se divertindo hoje na boate, adorei fazer amor com você

logo que chegamos. Adoro ficar na cama conversando com você nas nossas insônias.

— Eu adoro sua companhia. Adoro a forma como me toca em qualquer lugar que estamos, que não tem vergonha de assumir que sou sua mulher. Sempre admirei isso em você. A sua coragem, o seu carinho.

— É você que me faz ser assim, sem você não sou ninguém. Se você não estiver aqui para me amparar, eu não consigo nada.

— Isso não é verdade, Luana.

— É sim e você sabe disso. — Bocejou e fechou seus olhos caindo no sono.

— Você precisa ver isso. — Estendeu o jornal para Laura junto com uma xícara de café.

Laura parecia confusa com o ataque de informação e a agitação dele, havia acabado de acordar.

— É um concurso culinário, de comida típica italiana. No Sul do país.

Ela o encarou ainda mais confusa.

— Precisamos participar, aliás você precisa participar. Seu molho ficou perfeito.

Tomou mais um gole de seu café e o olhou mais uma vez.

— O que andou bebendo?

— Olha, Cinderela, é a sua chance. Você vai arrasar, uma viagem para o Sul, novos ares, novos objetivos. Não parece uma ótima oportunidade?

— Quando é?

— Na próxima semana. Hoje é o último dia das inscrições — contou entendido. — Só precisamos inscrever as receitas e voar para o Sul.

— Alex, eu não posso, a Ana se muda na semana que vem, também tem o Lucas, que vai trazer notícias sobre os exames da Lua. Eu não posso ir a lugar algum. E como assim receitas?

— Você vai precisar servir um jantar completo. E pode contar com um ajudante. — Ele se ofereceu com um sorriso nos lábios.

— Isso não tem cabimento, se eu ainda fosse a ajudante.

— Laura, são dois dias no Sul. Eu faço sua inscrição e esperamos as respostas do seu irmão *pra* comprar as passagens. Podemos usar a cozinha do café para treinar as receitas. Já tirei cópia de todas para testarmos e escolher o cardápio.

— Eu preciso pensar. Tem a mudança da Ana.

— Sem colocar os outros na frente, mocinha.

— Vou pensar.

— Então vamos tomar café da manhã na sua irmã. Tenho certeza que lá consigo reforços para te convencer.

— Você está completamente insano. Eu não posso chegar com você lá assim de

manhã.

— Quase de tarde, meio-dia. E podemos fingir que nos encontramos no caminho. Melhor leve o molho na hora que for, já o coloquei em uma vasilha, todas precisam experimentar aquilo. Estou indo na frente e te encontro lá. Tem toalhas limpas no banheiro.

— Alex, espera. *Me dá* dez minutos que vou com você.

Enquanto Alex estava empolgado com a possibilidade de participar do concurso, Laura estava insegura e apreensiva. Entraram pelo Café que estava vazio, apesar de ser a hora do almoço.

— Meninas, vocês precisam experimentar isso — chamou a atenção de Cris e Luana, que estavam atrás do

balcão. — Cris, pega umas colheres por favor.

Laura ficou parada atrás dele, não teve tempo nem de cumprimentar a irmã e a cunhada. Cris voltou da cozinha com algumas colheres na mão.

— Provem.

Cris pegou uma colher, mergulhou no molho e colocou na boca de Luana.

— Puta que pariu! Alex isso é sublime.

Sem segurar a curiosidade. Cris provou o molho.

— Meu Deus, isso é maravilhoso.

— Viu? — perguntou para Laura que continuava parada, sem reação. Sem esperar uma resposta ele continuou. — Meninas, por favor deem os parabéns à artista — falou apontado pra Laura e

pegando uma colher para provar o molho.
— Isso é simplesmente fantástico.

— Laura, você que fez? — perguntou Luana provando mais um pouco.

— Gente, assim vocês vão azedar o molho. Podem trocar a colher pelo menos?

— Isso merece uma boa massa — falou Cris retirando a vasilha do balcão.

— Eu não disse? — perguntou para Laura com um meio sorriso nos lábios. — Lua, sua irmã vai participar de um concurso culinário.

— Eu não disse que vou — retrucou ela.

— No Sul! Na Cooperativa Vinícola de Garibaldi.

— Uau! Quando vai ser? — perguntou

Luana interessada.

— No final da próxima semana, mas eu não posso, tenho a mudança da Ana, o Lucas também chega de viagem.

— E o que a viagem do Lucas tem a ver com isso? A Ana pode esperar mais uma semana, qual o problema, Laura? Imagina, todos nós no Sul — sugeriu Luana.

— Como assim, Luana?

— Vamos com você! Eu e Cris. Podemos convidar as meninas. Todas juntas em um fim de semana no Sul.

— Nesse frio — reclamou Laura.

— Deixa de colocar empecilhos. Luana, obrigada por me ajudar a convencê-la. Precisamos ir ao supermercado, temos muito trabalho pela

frente. Voltamos em uma hora *pra* almoçar. — Saiu arrastando Laura para fora do Café.

— Você é completamente maluco — reclamou ela.

— E você é um talento, Cinderela. Precisamos comprar todos ingredientes, são mais de vinte receitas para testarmos em uma semana.

— Alex, isso é uma loucura.

— Não, isso é uma aventura. Pensa Laura, é uma oportunidade.

— Uma oportunidade maluca. Alex, eu não sou uma profissional. Tinha anos que não pisava em uma cozinha, além do mais, não sei mexer no fogão do Café. Aquilo é uma cozinha profissional

— Se esse é o problema, cozinhamos

na minha casa. Lá você não tem desculpa.

— Não posso acampar na sua casa até o dia do concurso.

— Sabe, acho que você deveria parar de colocar desculpas. Confessa que minha companhia não é tão ruim assim. Além do mais pense em como eu ficaria feliz em ver as receitas da minha família em um concurso. Faça isso por mim.

— Isso é golpe baixo.

— Então faça por você!

CAPÍTULO 24

— Ju.

— Ainda estou brava com você. — Rodrigo já conhecia o jeito da mulher e a provocou.

— Você não parecia brava comigo ontem à noite.

— Mas agora estou — falou ela com desprezo.

— Ju, não faça assim. Eu estou bravo com você, muito bravo. Você saiu de casa e ficou dois dias fora.

— Precisava de férias. Além do mais, você mereceu.

— Olha eu não sei o que está

acontecendo com você, mas fica muito sexy assim.

— Não vai trabalhar com sua nova sócia?

— Não, eu não vou ao escritório hoje, vou ficar com a minha mulher.

— Cuidado, sua nova sócia pode ficar muito brava.

— Ju, você está com ciúmes? Que bobagem.

— Ciúmes, Rodrigo? Aquela piranha devoradora de juízes é a sua nova sócia e você quer que eu fique como, tranquila?

— Juliana, de onde você tirou uma coisa dessas.

— Todo mundo sabe, a sua secretária me contou.

Rodrigo gargalhou.

— Olha, se essa história é verdade, eu não sei. Entretanto, é melhor não repetir isso. O noivo dela também vai entrar na sociedade. E o meu novo sócio não vai gostar de saber dessa história.

— Noivo?

— Sim, o João Vitor, da faculdade, lembra dele?

— A Karen é noiva do João?

— É, Ju, você nem me deixou explicar. O cheque que você viu era somente da parte dela, ainda tem a parte dele. Fizemos um ótimo negócio.

— Ah.

— Já pedi nossa gerente para abrir uma conta individual *pra* você e deposei a sua parte. Você vai precisar assinar algumas coisas.

Ela se levantou e o encarou.

— Não ache que vou pedir desculpas *pra* você pelo mal-entendido. Estou muito brava com você.

— Adoro quando você está brava. Menos quando sai de casa — falou, beijando seu pescoço.

— Não, Digo, eu tenho que ir no Café. Vou almoçar lá com as meninas, a Lua ligou, parece que a Laura tem novidades.

— Digo? Então quer dizer que não está mais brava? Vou com você, estou com saudades dessas doidas e depois passamos no banco e no escritório.

— Então preciso trocar de roupa.

— Você está linda.

— Rodrigo eu preciso de um modelito “não toque no meu homem”.

— Gente, eu não sei o que a Laura vai achar dessa comitiva — zombou Cris enquanto todos se ajeitavam na mesa de almoço.

— Estou louca para encontrar com ela, aquela decoradora maluca não me deixa em paz — desabafou Ana.

— Nada de trazer problemas *pra* Laura, mocinha, eu posso te ajudar e as meninas também — sugeriu Bella.

— Meninas, não sei o que fizeram com a Ju ontem, mas por favor façam mais vezes — pediu Rodrigo.

— Olha, então quer dizer que as aulas da Bella funcionam. Cris, precisamos

marcar umas aulas — zombou Luana.

Rodrigo olhou confuso e Ana respondeu.

— Fomos ver a Bella dançar ontem, foi incrível.

— O Digo adorou a *Butterfly* — provocou Ju para deixar o marido constrangido. — É um instrumento bem versátil.

— Não acredito que privei minha mulher disso por tanto tempo. — Divagou, mas se virou para a mulher. — Você foi numa boate para homens?

— Digo, por favor sem ataque de pelanca. Não faria isso com você, sei que não suportaria, em nome da nossa amizade de anos, fechei a boate para elas.

— E para um tal misterioso —

ponderou Luana que foi secada por um olhar bravo de Bella.

— Está com ciúmes, Luana? Cuidado, Cris, segura sua mulher, ela tem tido comportamentos estranhos comigo.

— Vocês não mudam nada — comentou Rodrigo e se virou para Ana. — Aninha, a Ju me contou que você e o Lucas estão tendo um *revival*.

— Rodrigo! — Ju cutucou o marido, nervosa.

— O que foi, Ju, estamos entre amigos. O que sei desse reencontro é que vamos tentar estar mais próximos. E porque não receber todos lá em casa. É claro que o Lucas tem que ir.

— Nós vamos estar mais próximos? — perguntou Juliana, sem entender a folga

do marido

— Lógico, se logo no começo você já sumiu de casa por dois dias, imagina no fim do ano? Prefiro acompanhar você para garantir que chegue bem em casa. Então, quando vamos marcar nosso jantar?

— Tem que ser antes do concurso da Laura — completou Cris, empolgada com a ideia de ficarem mais próximos.

Laura abriu a porta e se assustou com a comitiva de recepção. Sentiu-se importante, de alguma maneira amada. Sorriu um pouco encabulada.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou, olhando diretamente pra irmã.

Alex que vinha logo atrás, com as mãos cheias de sacolas, ao encontrar os

amigos de Laura, sorriu e também olhou para Luana que prontamente respondeu.

— Convidei algumas pessoas *pra* provar o molho. Acho justo cada um de nós dar uma opinião sincera se devemos ou não ir para o Sul.

Laura colocou a mão no rosto incrédula e Alex deixou as compras no balcão para cumprimentar a todos. Em um clima festivo, experimentaram o molho de Laura, encantados com o resultado. Pela primeira vez em toda sua vida ela se sentiu completa, e acolhida.

Rodrigo pegou o garfo e tocou na taça pedindo a atenção de todos.

— Então, já que a Laurinha foi aprovada por unanimidade e que seus dotes culinários beiram a perfeição, quero

anunciar que sábado espero todos vocês lá em casa para combinar nossa viagem para ao Sul.

— Ainda não estou acreditando que vocês vão — desabafou Laura, visivelmente emocionada. — Rodrigo, *me dá* uma carona? — pediu preocupada com a hora. — Eu preciso ir para casa — falou e olhou para Alex.

— Mas Laura, temos que fazer a inscrição e precisamos resolver algumas coisas.

Ela chegou bem perto dele para que não pudessem ser ouvidos.

— Eu preciso ir *pra* a casa. Posso voltar mais tarde. Preciso justificar a minha ausência e também pegar algumas coisas. Queria comprar alguns utensílios

também.

— Eu posso te levar. — Ofereceu ele.
— Preciso ir ao banco e também resolver algumas coisas na rua. Eu te deixo na sua casa e depois te pego. Temos até meia-noite *pra* fazer inscrição. Acho melhor deixarmos a compra dos utensílios para amanhã.

— Você não vai mesmo desistir, né?

— Não posso, tem um monte de gente torcendo por você, Cinderela, seria no mínimo indelicado da minha parte.

Laura estava realmente feliz, a presença de seus amigos, o incentivo de Alex, o olhar orgulhoso de sua irmã, tudo contribuía para deixá-la emocionada. Sem se demorar, despediu-se de todos e foi para casa. Alex a deixou, com a promessa

que voltaria em uma hora.

Logo que chegou em casa encontrou Maria retirando a mesa do almoço.

— A Senhora não avisou que não viria almoçar. E o Dr. Ernany não quis se levantar *pra* comer.

— O Ernany está em casa?

— Está no quarto dele.

Laura caminhou apressada, preocupada com a presença do marido em casa àquela hora.

— Ernany? — chamou o marido, que estava deitado.

— Laura. — Acordou assustado, mas se sentou na cama, ainda um pouco sonolento.

— Está tudo bem?

— Não, mas vai ficar. — Ele a tranquilizou com um sorriso fraco.

Laura se sentou na cama do marido e lhe ofereceu a mão.

— Alguma coisa no escritório?

— Não, eu tirei alguns dias, acho que preciso descansar um pouco.

— Você parece abatido.

— *Me sinto* culpado por tudo que disse ontem. Eu fui duro, você não merecia. Sempre tão polida comigo — demonstrou arrependimento.

Laura se acomodou na cama, um gesto informal e completamente atípico.

— Sabe, quando fui dormir na minha irmã, anteontem, ouvi da Juliana palavras parecidas com as suas. Depois, você me disse tudo aquilo ontem. Não vou negar

que foi difícil ouvir, mas foi necessário, foi importante *pra* mim.

Ernany se assustou com a franqueza da mulher.

— Eu não devia ter fugido ontem, mas eu não queria ficar, eu não podia ficar. Esse apartamento está impregnado de uma Laura vazia. Eu preciso de respirar. Necessito de um tempo para mim, cuidar de mim.

Ernany sorriu orgulhoso.

— Posso sair de casa se você quiser, Laura, mas não acho que devemos resolver nada agora, não com sua irmã no estado que está.

— Não, Ernany. Não precisamos resolver nada agora. Eu vou ficar fora por um tempo, eu... eu me inscrevi num

concurso de culinária. Quero me dedicar a isso.

— Concurso de culinária? — perguntou ele espantado, mas estranhamente feliz.

— Eu sei que é loucura, mas é uma oportunidade de mudar de ares.

— E você vai precisar viajar?

— Só na semana que vem, vou ficar na casa da Luana esses dias. — Não achou necessário dizer ao marido onde ficaria de fato.

— Tudo bem — concordou ele, aliviado. — Estou muito feliz por você. Essa casa é sua e você não precisa sair daqui por minha causa.

— Não estou saindo. Muito menos por sua causa. Preciso de um tempo para mim

— confessou. — E você? Não parece bem.

— Sabe, Laura, nós nos acomodamos com uma vida que fazia mal a nós dois. Deixamos passar muito tempo, querendo ou não é um momento de descobertas para os dois, reconstrução.

— É verdade — concordou segurando sua mão.

Foram interrompidos por Maria, que estava parada na porta.

— Desculpe, Dona Laura, é o seu irmão. Ele está lá na sala.

Laura se levantou rapidamente e Ernany a acompanhou, seguiram para sala.

— Lucas! — Pulou nos braços do irmão, que ainda segurava Ana pela cintura.

Ernany percebeu que a conversa seria difícil, pelo semblante do casal e ofereceu que se sentassem, pediu um café pra Maria. Sentou-se ao lado de Laura no sofá e estendeu sua mão.

— Laura — parou procurando palavras e Ana deu-lhe a mão —, nós já sabíamos que as chances eram pequenas. Conversamos sobre isso.

Com os olhos cheio d'água ela consentiu.

— O quadro da Luana é grave, mas como o médico disse, *pra* Deus tudo é possível. Ele acredita que Lua deve estar sofrendo com fortes dores. Trouxe alguns remédios para ela. Sabe, o que consegui foi quase impossível, acho que a viagem valeu pelos remédios — confessou

chorando.

— Eu pedi ao médico da Luana que entrasse em contato com o médico nos Estados Unidos. Por isso pedi para vocês o nome dele — informou Ernany.

— Inclusive, ele me disse que vão tentar uma parceria com a universidade daqui para alguns estudos — informou Lucas. — Ele sugeriu que déssemos o remédio a ela e que Lua procurasse o seu médico para ser orientada de como e quando tomá-lo. Tentar um tratamento nos Estados Unidos é oneroso e não tem nenhuma garantia de nada. E o mais importante, Luana tem que estar disposta a ir e acima de tudo temos que respeitar a decisão dela.

— Não se preocupe com dinheiro, o

importante é o bem-estar da Luana. — Reiterou Ernany.

Ana se jogou no sofá sem conseguir segurar suas lágrimas.

— Ela não vai aceitar — resmungou. — Principalmente se uma de nós falarmos. Ontem a Cris estava amuada, a Lua proíbe esse assunto entre elas, já deixou tudo pronto, documentos e tudo que a Cris pudesse precisar. A Cris está um caco.

— Eu acho que sei de uma maneira. Lucas, preciso que você entregue os remédios ao médico da Luana. Eu vou fazer com que ela vá até lá. — Respirou fundo e se virou para Ernany. — Preciso que veja todos os custos e tudo que for preciso para que a Lua consiga ir fazer o

tratamento, mas eu quero pagar com o meu dinheiro que está guardado.

— Laura, depois falamos sobre disso. Já disse *pra* não se preocupar.

CAPÍTULO 25

— Você não comeu nada o dia todo — falou Ana entregando um copo de suco à Lucas.

— Estou sem fome — falou com olhar perdido, deitado no sofá. — Vem cá, abriu um espaço para que ela deitasse.

— Toma pelo menos o suco — pediu com carinho e ele aceitou.

— Eu estava pensando, em nós dois. Tudo que vamos ter que enfrentar e passar para ficarmos juntos. Você sabe que teremos dias difíceis, né? E que nem sempre vou poder dar todo amor que sinto aqui. — Pegou sua mão e colocou no peito.

— Eu me sinto impotente em relação a Lua, logo ela!

— Morena, precisamos ser fortes. Forte como o nosso amor — falou e beijou sua testa.

— E os meninos? Chegam quando? — perguntou apreensiva, com medo da resposta dele.

— Chegam amanhã com a Roberta. Estou feliz que vou ter meus filhos por perto, Ana, eu morro de saudades deles e aqui eles poderão ficar mais próximos.

Ana sorriu sem jeito e fechou seus olhos. Por um instante percebeu que aceitar Lucas em sua vida, também era aceitar o passado em que estiveram separados.

— Posso ficar aqui hoje? Eu não quero

ficar em casa e também não quero ficar longe de você. Eu me sinto bem aqui.

Ana o abraçou com carinho.

— Pode, mas você precisa comer.

— Obrigada morena. Senti muita falta de ser cuidado por você.

— Por que você não quis que eu te buscasse? — perguntou Alex enquanto arrastava uma enorme mala de Laura pelas escadas. — Nossa quanta coisa você trouxe — zombou.

— *Me desculpe* — falou sem graça, percebendo que exagerou.

— Você pode ficar no meu quarto, tem

mais conforto *pra* você, um banheiro separado, mais privacidade. — Olhou para parede de vidro onde se via a sala e se arrependeu. — Além do mais você já passou duas noites no sofá. Precisa de uma boa cama.

— Alex, eu não quero atrapalhar. Eu posso ficar na casa da Luana — ponderou —, ou num hotel.

— Não quer mesmo voltar *pra* casa, né?

— Agora não, *tô* precisando desse espaço.

— Então, falou mostrando o quarto com os braços, o espaço é todo seu.

— Obrigada por tudo que está fazendo por mim. Ver todo mundo hoje reunido e experimentando o que fizemos, foi uma

sensação única. *Me senti útil, amada.*

— Cinderela, assim você vai me fazer chorar. — Olhou para ela com ternura. — Vou deixar você se instalar, tomar um banho e estou te esperando lá embaixo para fazer nossa inscrição. Vou só dar uma passadinha lá no bar. *Se prepara* porque temos uma ficha detalhada, descrevendo todos utensílios e ingredientes que vamos precisar.

Laura não se conteve e o abraçou, Alex um pouco sem graça retribuiu o abraço com carinho.

— Queria te pedir um favor.

— Pode pedir.

— Lucas chegou e trouxe uns remédios para Luana. O médico dela conversou com o médico que meu irmão foi se

aconselhar nos Estados Unidos. Preciso que você a leve no consultório.

Ele sorriu e dessa vez a abraçou.

— Existe alguma chance?

— Poucas, e também não sabemos se ela vai aceitar o tratamento, mas é importante que ela pegue esses remédios. Pelo que o médico disse, minha irmã deve estar sofrendo com as dores e esses comprimidos podem ajudá-la

Alex colocou suas mãos em seu rosto escondendo suas lágrimas.

— Ela não reclama, mas sei que toda vez que tem aparecido é porque não quer que a Cris veja que ela não está bem. Sua irmã é cabeça dura.

— Eu sei, mas ainda não perdi minhas esperanças.

Alex a abraçou e ela encostou a cabeça em seu peito.

— Gosto de ver você falando assim.

Depois de um tempo se afastaram.

— Precisa de ajuda com sua modesta mala? — zombou.

— Não precisa. Pode ir lá no bar, tranquilo, eu me viro por aqui. Obrigada por me ceder seu quarto.

— Então eu vou lá. Se precisar...

— Já sei, tem toalhas limpas no banheiro.

Ele tocou a ponta do seu nariz apertando os lábios e contendo um sorriso. Logo que escutou a porta batendo, Laura caminhou pelo cômodo, assim como todo *loft*, era bem decorado, tinha personalidade. Sentou na cama pensando

o quanto gostaria de morar num lugar assim. Onde pudesse ver toda a casa e que a cozinha fosse o elemento chave da decoração.

A cozinha de sua casa era um ambiente frio, sem personalidade. Gostou do novo conceito de decoração, fora dos padrões das revistas. Desejou um lugar que carregasse um pouco dela. Um *loft* seria perfeito, não pretendia ter filhos. Essa é a única certeza que sempre teve.

Feliz por ter descoberto um pouco mais de si mesma, resolveu tomar um banho e organizar suas coisas para que pudesse começar uma nova vida.

— Bella! — Atendeu o telefone surpreso.

— Júlio. — Respirou ofegante e um pouco arrependida de ter ligado.

— Recebeu minha mensagem?

— Vi que teve um imprevisto, e que precisou sair às pressas da boate — respondeu sem acreditar em suas palavras. — Queria ver você.

Júlio se assustou com o pedido. Nunca a viu pedir nada, muito menos para vê-lo.

— Bella...

— Eu entendo se não puder, mas precisava saber se está bem, ou se ainda quer me ver, depois do que fiz na boate. — Precisava saber se ele ainda a queria.

— Eu estou um pouco ocupado, mas chego aí no início da noite.

— Vai passar a noite comigo? Posso cozinhar *pra* você? — pediu dengosa.

— Se você quer que passe a noite com você, eu passarei. E sim, pode cozinhar para mim, vou adorar dar comida *pra* você.

— Você sempre faz isso.

— Você é um pouco desastrada para comer sozinha, vendada.

Bella sorriu e cogitou a hipótese de jantar com ele sem a venda, mas se condenou. Talvez estivesse sendo precipitada demais. Desligou o telefone determinada a entender melhor seus sentimentos, se chegasse à conclusão que a falta que Júlio fazia não fosse somente um fruto de sua fragilidade e carência, se entregaria a ele. Se entregaria como nunca

se entregou para ninguém.

Contudo, precisava tentar, preparou sua sala com todos os detalhes, velas, almofadas no chão. Pelo clima frio achou apropriado um fondue e com esmero deixou tudo pronto para recebê-lo. Tomou um banho longo e não optou por uma lingerie sexy, não queria entregar a Bella Professional e sim a Bella Mulher. Com um jeans confortável e um suéter que caia nos ombros.

Estava na cozinha quando ele chegou. Bella não estava vendada, tentou avisá-lo, mas foi surpreendida com um caloroso abraço por trás. Instintivamente fechou os olhos se deliciando com as sensações que aquele abraço provocava.

— Precisa de ajuda, minha Bella?

— Não estou vendada — explicou ela sem poder se mover.

— Vou pegar uma venda para você, mas em breve não quero mais que use isso.

Ela sorriu por ter seus anseios correspondidos. Esperaria, tentaria usufruir ao máximo da sensualidade e erotismo que aquela privação de sentido. Queria estar pronta para vê-lo.

— Prontinho — falou depois de conferir se os cabelos dela não estavam presos no elástico e a virou. — Você foi simplesmente perfeita naquele palco ontem. — Beijou sua boca com desejo.

Bella retribuiu e deitou a cabeça em seus ombros.

— Eu preparei fondue. Pensei em

ficarmos na sala, conversando, tomando um vinho.

— Você me convidou para um encontro? — perguntou ele com as mãos em sua nuca e a boca colada em seus cabelos.

— Sim, um encontro, por que não? — Sorriu maliciosa. — Devo lembrar que moças boas não costumam ir *pra* cama num primeiro encontro — provocou ainda mais.

— Eu não me incomodo com isso, mas acho que é deselegante um cavalheiro dormir na casa de uma dama assim, no primeiro encontro. — Desceu seus lábios pelo ombro da mulher, deixando que seu cheiro penetrasse em seus poros.

— Não vai dormir comigo? — pediu

dengosa. — Está frio.

— Quer que eu durma com você? Já é a segunda vez que me pede isso em menos de uma semana — observou ele.

— Júlio... — ela respirou fundo e continuou — pode parecer estranho o que vou dizer, talvez deva ser honesta, pode ser melhor *pra* nós dois. Já ouvi tantas declarações, tantas pessoas que se envolveram e que não deveriam ter se envolvido. Pessoas que eu sequer havia ido *pra* cama.

Ele se afastou um pouco para ouvi-la.

— Não sei se é carência ou fragilidade, mas eu comecei a perceber o espaço que você tem na minha vida. Acho que estou confundindo as coisas e eu não quero perder você.

— E por que me perderia?

Bella titubeou, precisava ir até o fim.

— Porque acho que me apaixonei. Porque ontem, quando tirei a venda para que você pudesse me ver foi muito mais que tesão, muito mais que desejo. Eu quis você, quis tocar você, eu quis ver você.

— Você quer me ver, Bella?

— Não! Quer dizer, quero, mas não agora. Nesse momento, eu estou confusa. Eu sei que esse sentimento pode estragar o que temos — confessou e mesmo sem ouvir sua resposta de alguma maneira se sentia mais leve.

— Bella, vem aqui. — Júlio a pegou pela cintura e levou para as almofadas da sala. — Você é uma mulher forte, determinada, escorregadia. — Bella gelou

e teve certeza que seus sentimentos não eram correspondidos. — Eu tive que aprender a amar você a distância para não te perder. Sonhei com cada telefonema que recebi essa semana. Você nunca tinha me ligado, às vezes mandava uma mensagem, mas você não imagina o que significa para mim ouvir sua voz implorando por mim. — Apertou-a contra o seu corpo e afagou seus cabelos. — Hoje eu sou o homem mais feliz do mundo por saber que existe a possibilidade de você sentir algo por mim.

— Eu preciso me libertar dos amores frustrados do passado, eu preciso tentar.

— Pretende largar a vida que leva?

— Não vou vender a boate, eu amo aquele lugar, mas não quero mais nenhum

cliente. Por isso te convidei como um encontro. Não quero receber mais nada para me encontrar com você.

Júlio parecia chocado e um pouco perturbado.

— Eu não pago para ficar com você. Eu gosto de cuidar de você.

— Eu não quero mais. A boate me rende uma boa grana. Não preciso de mais dinheiro, preciso de outra coisa. E isso o dinheiro não pode pagar. Se vamos começar algo diferente, que seja diferente.

Júlio tomou seus lábios com paixão. Deitou-a entre as almofadas e começou a retirar sua venda.

— Não! — impediu ela. — *Me dê* mais um pouco desse prazer, gosto desse mistério. Preciso disso.

CAPÍTULO 26

— Não sei — ponderou mais uma vez tentando escolher uma das receitas em sua mão —, o molho realmente é divino, mas tenho medo que não dê tempo, o preparo dele é demorado.

— Vamos pedir os ingredientes para as duas receitas! Assim podemos escolher com calma.

— É pode ser. — Ainda estava na dúvida. — Ei o que foi?

— Nada, acho que estou cansada. Duas noites sem dormir — lembrou.

— Vou finalizar a lista de ingredientes e já envio. Está com fome?

— Faminta, mas não quero ver

cozinha.

— Podemos pedir um *toscão*.

— *Toscão*?

— Sim, um sanduíche daqueles com muito bacon, ovo e carne.

Laura sorriu achando graça, nem se lembrava da última vez que comeu um sanduíche desses.

— Não tem uma opção menos calórica, algo leve!

— Posso fazer uma salada *pra* você e um *toscão* pra mim.

— *Me parece bom.*

Alex pediu um sanduíche e foi preparar a salada de Laura. Enquanto lavava as folhas, ela percebeu a sua organização na cozinha. Tudo o que fazia e usava, imediatamente lavava e colocava

no lugar.

— É impressionante, como nem parece que você está cozinhando. As coisas ficam exatamente no mesmo lugar.

— É o hábito — continuou seu trabalho concentrado —, no bar, a rotina é essa. Já virou automático.

— É uma boa técnica, nos cursos que fiz sempre via os chefs primando pela organização na área de trabalho.

— Você fez muitos cursos?

— Alguns, eu tinha dificuldade em manter empregadas no começo. Então ao invés de pagar cursos *pra* elas, achei melhor fazer os cursos e treiná-las. Eu gostava.

— Interessante.

— Minha mãe dizia isso, que uma

dona de casa tinha que fazer tudo, mas nunca gostei de limpar. — Sorriu.

— Engraçado como duas irmãs podem ser tão diferentes. A Lua é a pessoa mais organizada que conheço. Sabia que ela me ajuda com as contas do bar?

Assim que Alex colocou a salada diante de Laura o interfone tocou anunciando a chegada de sua encomenda. Sentaram no sofá da sala para comer. Laura com o prato entre as pernas. Estava vestida de maneira simples, como nunca fazia. Um *legging* preta com um casaco quente que Alex havia emprestado.

— Eu gosto tanto de ficar assim, fico me achando uma pessoa normal.

Alex riu e continuou a devorar seu sanduíche.

— Eu não preciso controlar o que como, a maneira que me porto, o que faço. Eu simplesmente faço as coisas naturalmente. Eu consigo fazer isso quando estou com você, admiro sua liberdade, a forma como enxerga a vida.

— Vou considerar isso um elogio.

— Pode considerar. Eu estou sendo sincera. Hoje, aqui, com esse prato de salada, vendo você comer esse sanduíche, que está com uma cara ótima, eu me sinto feliz.

Alex gargalhou e ofereceu a ela.

— Experimenta, não pense muito. Prometo que vai valer a pena.

Procurando o melhor ângulo para morder, Laura se deliciou com um generoso pedaço.

— Hummm. — Fechou os olhos, saboreando. — Isso é muito bom mesmo.

— Não disse?

Alex ergueu o indicador e delicadamente limpou uma gota de molho que estava no canto da boca de Laura. Ela paralisou com o toque, foi algo inesperado, quase em câmera lenta, levou a boca e com os olhos cerrados e sugou o dedo.

Laura buscou o ar que lhe faltou, uma onda de calor percorreu seu corpo e tentou respirar fundo para que pudesse se controlar. Alex fingiu não perceber e mordeu mais uma vez seu sanduíche.

— Quer mais um pouco?

Quando ela o encarou, percebeu que ele também tinha uma gota de molho em

sua boca, num ato instintivo ergueu seu dedo para limpar. Tocou seu rosto suavemente e em um impulso, teve vontade de fazer como ele. Colocar em seus lábios e sugar seu dedo. Um flash da dança de Bella surgiu em sua mente e toda a sensualidade que exalava, só então percebeu o quão erótico aquele gesto poderia ser. Não poderia fazer aquilo. Decidida a limpar o dedo no guardanapo, Alex foi mais rápido. Segurou seu dedo com delicadeza e sugou raspando seus dentes por onde passava.

A estranha sensação estava ali de volta, mais forte, mais intensa. Sua garganta sentia um formigamento agradável, assim como sua barriga e seu ventre experimentavam a mesma sensação. Quis levantar, quis fugir. Só que

continuou a comer até que terminasse completamente.

— Eu preciso de um banho. Fique à vontade, tem uns filmes legais se quiser assistir, quer escolher algum?

— Eu vou deitar, preciso descansar. Quero sair amanhã cedo, precisamos de alguns utensílios.

— Posso ir com você. Pensei em raptar sua irmã amanhã à tarde *pra* ir no médico.

— Já falou com ela?

— Não, mas é melhor falar no caminho.

— Você é corajoso — falou, tocando seus braços, já de pé, pronta para se recolher. — Boa noite!

Apagou as luzes da sala para que a

claridade não atrapalhasse Laura a dormir. Da parede de vidro via somente o velho abajur aceso. Tomou um banho rápido e se jogou no sofá. Ela parecia estar dormindo, somente pelo volume do edredom percebeu que ela se mexia inquieta. Pensou em fazer-lhe um chá, poderia estar estranhando a cama, talvez fosse sensato oferecer o sofá, poderia se sentir mais confortável.

Depois de mergulhar o saquinho na caneca fumegante, subiu as escadas com cuidado para não acordar caso já estivesse dormindo. Na penumbra do quarto percebeu Laura retirando algo de uma caixinha e afastando suas cobertas.

Viu sua camisola subindo e expondo suas pernas bem torneadas. Posicionava o objeto entre as pernas ainda de calcinha.

Um gemido abafado fez Alex tomar o ar com força. Não podia ficar, mas também não podia sair. Laura iria perceber.

Alex fechou os olhos, respirando fundo, buscando alguma sanidade. Quando os abriu, viu Laura desajeitada deslizando o vibrador por cima da calcinha. Ele apertou os olhos mais uma vez para controlar seus impulsos. Laura estava com os olhos fechados, os lábios entreabertos e parecia empenhada em sua tarefa.

A luz suave banhava seu corpo dando a Alex a visão perfeita dos seus pelos dourados. Seus olhos percorriam cada centímetro do belo corpo da mulher em sua cama. Com cuidado, ele depositou a caneca no chão, fazendo o menor barulho possível. Sentia-se um crápula por estar ali, em um momento de total intimidade,

mas algo o impulsionava a ajudá-la a perceber que poderia sentir desejos.

Delicadamente, ele se agachou ao lado da cama e Laura abriu os olhos, surpresa.

— Calma, eu só vim trazer um chá — falou com uma voz suave e tocou os lábios em sua face.

Deslizou sua mão pelo colchão e procurou pelas mãos trêmulas que seguravam o objeto.

— Você está indo bem — falou em um tom tranquilizador.

Laura gemeu com o toque e com a vibração que aumentou entre suas pernas, mas não teve tempo de sentir vergonha. Estava imersa em um mar de sensações jamais experimentadas. Guiando suas mãos sem tocar seu corpo, Alex

continuou.

— Não se preocupe comigo, esqueça que estou aqui — falava com a boca colada em seu ouvido.

Laura gemeu alto.

— Não pense em nada, só sinta.

A cada sussurro, seu corpo retesava na cama clamando por mais. Alex tentou não a tocar e afastou suavemente os lábios de seu ouvido.

— Eu estou indo. Vou deixar você à vontade. — Sua voz saiu entrecortada.

— Não! — suplicou, segurando seus cabelos para que ele continuasse o mantra em seu ouvido. — Eu não vou conseguir sem você. — Estava ofegante.

Ele varreu seu corpo e duvidou do seu controle. Estava em uma posição

desconfortável e seu membro pulsava por debaixo da calça de flanela.

— Se toque Laura — ordenou ofegante. — Toque seus seios.

Ela subiu as mãos levantado ainda mais a camisola de seda, apalpou seus seios de maneira que ficassem ainda mais expostos. Alex estava incrivelmente próximo, e Laura totalmente entregue. Um suspiro fez com que Alex aproximasse ainda mais os lábios de seu ouvido.

— *Se entregue*, deixe crescer e sinta.

Um gemido alto e a vibração do corpo de Laura fez Alex não se controlar. Como um adolescente, melou suas calças. Laura se recuperava do orgasmo enquanto ele ainda ofegava em seu ouvido. Ficou assim por alguns minutos até que sentiu suas

pernas dormentes. Sentou-se no chão e percebeu que ela havia adormecido. Puxou a coberta para aquecê-la e se levantou atordoado. Antes de sair do quarto levando a caneca a olhou mais uma vez.

CAPÍTULO 27

Já era manhã. Laura acordou incrivelmente disposta e como se vivesse naquela casa há anos, foi para cozinha preparar o café. O silêncio reinava e, olhando por sobre o balcão, viu Alex deitado no sofá, imóvel, como se dormisse profundamente. Aproximou-se e percebeu que ele estava acordado, seu olhar era vago e em seu rosto não havia nenhuma expressão.

— Alex?

Ele despertou do transe e se virou para ela. Laura vestia jeans e uma blusa simples com mangas 3/4. Era bonita, mas não era o estilo de roupa que vestia

normalmente. Seus cabelos estavam enrolados em um coque frouxo e algumas mechas estavam soltas.

Ele não sabia o que dizer, a culpa por ter invadido um momento íntimo e a sensação de ter se aproveitado dela, martelou por toda noite em sua cabeça. Ela certamente estaria envergonhada e ele não teria mais como olhá-la.

— Você está bem?

Aquela simples pergunta o fez se levantar e sentar no sofá. Laura se sentou na mesa de centro de frente para ele, preocupada com seu silêncio.

— Eu é quem deveria ter feito essa pergunta. — Ele se condenou mais uma vez por não saber agir depois do que aconteceu.

— Eu consegui. — Um sorriso genuíno brotou em sua face, parecia orgulhosa de si mesmo. — Nós conseguimos. — Corrigiu, não deixando esconder sua gratidão. — Isso quer dizer que não sou frígida, certo?

A forma ingênua com que ela perguntou e sua alegria eminente, estampada em seu rosto demonstrava o orgulho que sentia de si mesma. Não sabia o que responder, a culpa ainda martelava.

— Laura, eu não devia... — Parou, não sabia o que dizer.

Ela colocou um dos dedos em seus lábios impedindo que ele continuasse.

— Por favor, não fale nada. Eu não conseguiria sem você. — Laura o abraçou demonstrando toda sua gratidão, mas

percebeu que ele continuava imóvel. Então se afastou um pouco para vê-lo.

— Eu não poderia ter gozado, mas eu não consegui — desabafou, finalmente, o motivo de sua culpa.

— Você gozou? — perguntou espantada.

Ele assentiu demonstrando com os olhos tristes.

— Você gozou me vendo gozar? — Ela parecia curiosa, mas a forma com que perguntava, sua inexperiência o fez sorrir.

— Eu sei que não devia, mas foi intenso demais. Ver você naquela cama — parou e respirou —, na minha cama, tentando se tocar. Já se deu conta do quanto é bonita?

Ela se constrangeu um pouco. Pela

primeira vez se sentiu constrangida naquela casa.

— Vou fazer um café. Quantas colheres de pó? — perguntou se levantando.

Não queria pensar tão profundamente no que tinha acontecido. Descobrir que poderia sentir prazer era uma grande vitória. Estava realmente feliz por se libertar de uma dúvida que a corroía por anos. Gostou do elogio de Alex, isso a fez se sentir ainda mais confiante que era possível.

— Achei que estaria com vergonha ou raiva de mim — o homem confessou se encostando no balcão enquanto ela esperava a água ferver.

— Alex, eu não ia conseguir sem você. Foi tão natural, você foi tão...

— Tão?

— Gentil, não sei se essa seria a palavra correta.

— Não se sentiu invadida?

— *Me senti* acolhida. — Foi sincera.

— Eu me sinto assim. Nunca encontrei alguém que pudesse me fazer enxergar o melhor de mim.

Ele sorriu satisfeito.

— Pronto, você me deixou aliviado. Confesso que confuso também. Você é surpreendente. Esperava que sairia correndo ou me odiasse. Nunca imaginei que pudesse conversar, com você, sobre isso, fazendo café.

— Como você queria que eu me portasse? Tem noção por quanto tempo me senti fria? Quantas noites, passei sem ter

coragem de me tocar? Acho que antes de ver a Bella na boate eu nunca tinha pensado nisso.

— Você foi ver a Bella na boate?

— Fomos todas. Você não acredita, ela não dança, ela levita. É realmente incrível. Aquilo era erótico.

— Sentiu tesão em ver a Bella dançando?

— Não! — respondeu, jogando o pano de prato nele. — Mas eu me imaginei ali, no lugar dela ontem.

— Foi isso que pensou enquanto se dava prazer?

— Foi — confessou sinceramente. — Sabe, pensei em fazer algumas aulas.

Alex despejou a água fervendo no coador e o cheiro de café invadiu todo o

ambiente. Sem sequer olhá-la comentou.

— Seu marido vai gostar.

Laura colocava as canecas da mesa e pegou a caixa de chá.

— Não vou fazer por ele. Vou fazer por mim.

Foi inevitável não a olhar. Laura colocava um saquinho de chá em sua caneca e despejava um pouco de água quente que havia sobrado na chaleira.

— Não vai tomar café? — perguntou ele.

— Não, hoje eu quero chá.

Juliana carregava algumas sacolas

enquanto Ana olhava vitrines. Depois de um tempo, resolveram se sentar para tomar um café.

— Estou morta de fome, não consegui tomar café. Lucas teve que sair cedo e aproveitei a carona — justificou Ana, olhando o cardápio.

— Pelo visto vocês se acertaram mesmo.

— Sabe, Ju, é estranho. É como se estivéssemos vivendo o passado no futuro. Eu esperei tanto por isso.

— Mas... e vocês, como estão?

— É diferente. Porém parece que o tempo não passou, entende? Eu me sinto bem em me libertar das inseguranças e dos traumas que criei. Sabe, Ju, hoje posso ver que as mudanças são de dentro

para fora e não de fora para dentro.

— Eu preciso descobrir isso. Sabe, Ana, o Digo tá mais atencioso, mais amoroso. Acredita que me deu um vibrador?

Ana sorriu, ainda um pouco desconfortável de tocar nesses assuntos.

— Mas eu vejo que falta um pedaço em mim. Sou louca pelo meu marido, só queria fazer alguma coisa por mim. Voltar a ter um mundo só meu.

— Já pensou o que quer fazer?

— Já pensei tantas coisas e nada ao mesmo tempo. Sabe que aquele tatuador vai entregar o ponto? Vi o corretor na porta da loja do Lucas ontem colocando uma placa. Não pensei em nada específico, mas lá seria um lugar perfeito

para abrir alguma coisa.

Ana divagou pensativa

— Será que ele vai entregar o apartamento também?

— Parece que sim. Não ouvi direito a conversa, mas o corretor ficou de conversar com Lucas sobre prazos.

— Ju, eu não estou certa se quero me mudar. Tenho pensado nisso. Não falei nada com a Laura, porque ela estava radiante ontem com a história do concurso. Não queria decepcioná-la. Eu andei analisando, com as minhas economias eu posso reformar os banheiros, trocar alguns móveis. Não do padrão que a Laura escolheu.

—Olha, Ana, aquele não é o Alex?

A amiga se virou para trás e o

reconheceu.

— É sim, olha a morena que está com ele.

Juliana reparou na morena que andava ao seu lado, balançava os cabelos molhados sorrindo, enquanto Alex carregava algumas sacolas. Eles pareciam estar se divertindo.

— Ana, ela parece com a Laura.

Ana prestou mais atenção e incrédula afirmou.

— É a Laura.

As duas se entreolharam e Ju se levantou para conferir. Assim que chegou em frente de Laura se assustou. Ela vestia jeans e seus cabelos além de molhados e naturais, estavam muitos tons mais escuros. Ela parecia radiante e ofereceu

um abraço sincero a amiga logo que a viu.

— Ju!

— Laura? — perguntou ainda desconfiada. — O que aconteceu com você?

— Ah! Você está falando dos cabelos? — perguntou passando as mãos, parecia feliz com o resultado. — Acabei de sair do salão, resolvi escurecer um pouco. Não gostou?

— Está lindo, não é isso. Você parece diferente. Essas roupas.

Alex percebeu que era sua deixa.

— Bem, meninas, preciso ir. Laura, se quiser ficar com a Juliana posso deixar o carro com você. Eu tenho uma missão importante agora.

— Não íamos almoçar? — perguntou

confusa.

— Acho melhor você almoçar com a Ju — sugeriu ele e deu uma piscadela. — Acha que consegue dirigir um Jeep?

— Não precisa, Alex, eu pego um táxi ou a Ju me leva depois. — Olhou para amiga procurando uma confirmação. — *Me dá* notícias, e não deixa de comer.

— Pode deixar comigo — falou e beijou seu rosto, repetiu o mesmo gesto em Juliana.

Ana observava de longe boquiaberta.

— Vem, Laura, a Ana está ali. — Puxou Ju, louca para encher a amiga de perguntas.

Ana se levantou para receber a amiga.

— Uau, adorei seus cabelos.

— Eu também, Ana, parece bem mais

prático. Estou me sentindo mais leve. Cortei as pontas, deu pra perceber?

— Deu *pra* perceber que muita coisa mudou — completou Ju. — O que está acontecendo?

— Não sei, eu me sinto diferente — confessou.

— O Alex está fazendo muito bem a você — observou Ana.

— Ele é um amigo incrível. Nunca me senti tão eu ao lado de alguém.

— Espera aí, você nos trocou por ele? — perguntou Ju, tentando entender.

— Deixa de ser ciumenta, Ju. Ele é um amigo. Uma pessoa importante *pra* mim, com ele eu consigo me abrir. Não sei, vocês estão me deixando confusa.

— Não tudo bem. — Interrompeu Ana.

— O importante é que você está bem.

Laura sorriu com carinho para cunhada.

— O Alex está indo levar a Lua ao médico. Ele vai entregar os remédios e sugerir o tratamento. Estou confiante.

— Do que vocês estão falando? —
Juliana não entendia a conversa.

— O Lucas viajou para procurar algum tratamento pra Lua — tentou explicar Ana —, apesar de as chances serem pequenas, ainda temos esperanças. Ele também trouxe uns remédios, o médico acredita que ela possa estar sentindo muitas dores.

— E vocês não iam me contar? —
Ficou irritada. — Sabe o quanto me culpo por estar de braços cruzados, eu quero ajudar, fazer alguma coisa e vocês me

deixando de fora?

— Ju — interrompeu Laura —, eu e o Lucas conversamos muito, procuramos mil soluções, encontramos um médico em Boston, queríamos tentar. Hoje fiquei sabendo que a única pessoa que ela permite que a leve ao médico é o Alex. Ela não o deixa entrar, ele só pode levar. Há pouco tempo conseguimos contato com o médico dela. Estamos confiantes. — Tentou tranquilizá-la, mas por dentro seu peito sangrava.

— Vai dar certo, Laurinha — falou Ana respirando fundo e segurando sua mão.

— Vamos conseguir. — Juliana juntou colocou suas mãos por cima das duas.

CAPÍTULO 28

— Rosita, pode pedir as meninas *pra* entrarem — pediu Bella sentada em seu escritório. Respirou fundo e tomou um generoso gole na garrafa de água que acabara de abrir.

Entraram sete meninas que trabalhavam na boate e Bella as convidou a sentar.

— Bem, meninas, acho que não vai ser surpresa o que vou dizer a vocês. Eu sempre fui muito sincera com todas e já tinha anunciado que minha carreira em breve chegaria ao fim. Conversei com o Júlio e ele concordou com a minha decisão. — Tomou mais um gole de água.

— A boate continua. Vocês podem continuar dançando aqui, mas a boate não vai agenciar mais ninguém.

— Mas, Bella...

— Mônica, já conversamos sobre isso e eu fui muito clara quando disse que o dia que decidisse parar não aceitaria nenhum centavo por sexo, então, se a boate continuar agenciando vocês, eu continuo indiretamente vivendo disso.

— Mas, Bella, como vamos fazer?

Bella se encostou na mesa.

— Sejam inteligentes. *Se organizem.* Criem um portfólio, a boate pode apresentar o serviço de vocês. Assim vocês não precisam ser agenciadas por ninguém. Eu pensei em ceder a sala lateral da entrada para vocês, mas sem

intermediador. O clube continua funcionando normalmente lá em cima, a única diferença é que a casa não cobra mais por sexo.

As meninas questionaram Bella sobre os detalhes, que incumbiu Rose de se reunir com elas e resolvê-los. Logo que todas deixaram a sala, Rose se sentou em frente a Bella.

— Você se decidiu mesmo?

— Eu já estava decidida, você sabe disso.

— Não sei, você já esteve decidida antes, mas depois que foi para o Rio, achei que ficaria muito tempo como exclusiva do cantor.

— O Júlio não deixou — confessou Bella sorrindo. — Eu estava pensando em

uma coisa, a Mônica e a Dani poderiam dar cursos de pole aqui, tem tantas mulheres que se interessam. As meninas ficaram empolgadas. Pode ser uma boa para as tardes, podemos ter ainda uma turma pelas manhãs. Assim as meninas continuam ensaiando de tarde.

— Gostei da ideia, vou ver com elas. Posso trazer o financeiro *pra* você assinar?

— Pode. Eu não quero ficar até tarde, quero passar no Café *pra* ver a Lua e a Cris.

— Volto logo. Ah! Já ia me esquecendo, o segurança do Júlio me entregou o dinheiro daquele dia que você fechou a boate para suas amigas. Eu coloquei no cofre, ele também mandou a

grana do carro, Júlio ligou pedindo *pra* te convencer a resolver logo isso na concessionária. Eu não deposei porque não sabia em qual conta você queria que fizesse.

— Deposite na conta dele.

— Ele nunca me passou a conta dele, Bella — respondeu o óbvio.

— Claro! Deposita na minha e faz um cheque com o valor, traz lá que já assino isso. Quanto a concessionária, pode ligar *pra* lá e ver o que precisam *pra* fechar o negócio. — Parou e se recostou na cadeira. — Rose, como foi se libertar disso tudo?

— A melhor coisa que já me aconteceu — respondeu sorrindo amplamente.

— Então ela aceitou os remédios?

— Sim, Lua me mostrou e tomou logo depois que saímos da consulta, mas não falou nada do tratamento.

— Eu achei que ela pudesse dizer alguma coisa — confessou sem esperanças.

— Calma, Laura, a Lua é assim, primeiro ela vai pensar sobre o assunto. Não esperava que me contasse logo de cara. Antes precisa digerir tudo, *pra* ela é difícil.

— Mas ela não precisa passar por isso sozinha.

Alex acolheu Laura em um abraço e afagou seus cabelos.

— Mas é a opção dela. Olha, eu não perdi as esperanças. Lua pode estar pensando, vamos esperar, se ela não falar nada, pensamos em outra maneira, está bem? — Tentou tranquilizá-la.

Laura chorou em silêncio em seus braços, e Alex só a soltou depois que ela estava se sentindo melhor.

— Pensei em cozinhar lá no Café, convidar todo mundo, sei lá — sugeriu ela.

— Laura, eu acho que sua irmã precisa de um tempo, de espaço *pra* pensar. Olha por que não convidamos todos *pra* cá? Assim a Lua pode vir e quando quiser ir, não precisa ficar esperando todos irem embora. Precisamos dar um pouco de privacidade *pra* ela. *Pra* Cris também.

— Todo mundo aqui?

— Vendo você cozinhar — completou com uma piscadela.

— Então vou ligar para as meninas. Separei algumas receitas para testarmos hoje, mas acho que vamos ter que mudar.

— Faça o que achar melhor, eu confio em você.

— Obrigada, por tudo que tem feito por mim.

— Eu é que agradeço, você não imagina o que tudo isso significa *pra* mim.

Laura se sentou no sofá com as pernas encolhidas e estendeu a mão *pra* ele.

— Por que não me conta? Por que não se abre *pra* mim?

Alex se jogou no sofá e colocou seus pés sobre a mesa de centro.

— É difícil admitir o fracasso. —
Tentou resumir seus sentimentos em uma
única frase.

Laura não parecia satisfeita, virou-se
para ele esperando que continuasse.

— Você não vai me deixar em paz, né?
— perguntou com desconfiança.

— Você sabe que não.

— Vai fazer igual fez de manhã *pra* me
convencer a te levar no salão e te
esperar?

— Pior — ameaçou. — Fala logo.

— Minha mulher, era como você —
contou sem esconder a sua emoção. —
Ela nunca ligou para sexo. Eu fui um ogro
durante anos, *deixei ela* de lado, não me
preocupeei com ela e fiz tudo isso sendo
incapaz de perceber o tamanho da merda

que estava fazendo. Trabalhava dia e noite, passava mais tempo fora do que dentro de casa. Eu era arquiteto na construtora do pai dela, viajava o país todo. Um dia quando voltei ela já tinha ido embora. Eu tentei procurá-la, mas era tarde demais.

— Eu sinto muito — lamentou melancólica.

— Eu não fui capaz de fazer com ela o que fiz ontem com você. Não fui capaz de *enxergar ela* como vejo você. Poder te ajudar de alguma maneira me faz sentir um pouco menos incompetente.

— Eu não sei o que dizer.

— Mas eu não *vejo ela* em você. Eu me vejo em você. A forma com que está se entregando ao novo, a coragem que tem

demonstrado *pra* enfrentar a vida, eu vejo muito de mim. Ver você florescer todos os dias me faz renovar as esperanças.

— Então quer dizer que também te faço bem?

— Muito bem.

— Você ainda a ama?

— Não — parou pensativo —, não mais. Acabou a inquisição?

— Mais ou menos. — Sorriu timidamente.

— O que mais quer saber?

— Eu fiquei com dúvidas. É possível que eu sinta prazer com um vibrador e não sentir com um homem?

— Depende.

— Do que?

— Laura, sexo é uma troca, um dando prazer para o outro. Ontem, você estava ali concentrada no seu corpo, o objetivo era se dar prazer, mas quando estamos na cama com outra pessoa é diferente. Você tem que se entregar, o prazer do outro é o seu prazer, os dois tem que estar na mesma sintonia. Por exemplo, um homem que faz um oral numa mulher, ele tem como objetivo dar prazer a parceira. E o prazer dele é ver o prazer dela, consegue entender?

— Mais ou menos. Eu ainda não sei se conseguiria sentir o que senti ontem com outra pessoa.

— Não é diferente, é como se o vibrador fosse uma boca, e que mudasse a intensidade quando seu corpo pedisse.

— Eu nunca fiz um oral — confessou.

— Nem recebeu?

Negou com a cabeça com os olhos vidrados nele. Era como se esperasse algo, queria que ele mostrasse como poderia ser bom. Desejou ser tocada por ele. Seu corpo estava sensível, Laura o queria, como nunca quis ninguém. Alex mordeu seus lábios tentando reprimir a intensidade do olhar de Laura, e ele mirou sua boca.

Cerrou os olhos e deixou que ela aproximasse seus lábios. Ela os tocou timidamente com delicadeza. Impossibilitado de se controlar, Alex se inclinou fazendo com que ela se deitasse no sofá, com os lábios bem próximo aos dela deixou-a que o tomasse em um beijo

lento.

Laura saboreava a boca de Alex sem pressa, como se quisesse decifrá-lo. Ele gemeu e retribuiu o beijo na mesma intensidade. Laura arqueou seu corpo tentando se aproximar ainda mais. Alex pressionou seu corpo contra o sofá e assumiu as rédeas do beijo, deixando-o ainda mais intenso. Laura agarrou seus cabelos e começou a acariciá-los.

Sem fôlego Alex se afastou o suficiente para olhá-la. Laura estava ofegante, corada e seus olhos brilhavam. Retirou com delicadeza seus cabelos do rosto.

— Você é linda! — beijou-a, novamente, com fervor.

Deitou-se de lado para que pudesse

abraçá-la. Apertou seu copo com vontade para que ela pudesse sentir todo o seu desejo. Ficaram se beijando até que o ar lhes faltou.

— Ainda pretende cozinhar para um monte de gente? — perguntou acariciando seu rosto. — Podemos deixar *pra* amanhã.

— Amanhã é o jantar na casa da Ju. Prometi que faríamos o jantar.

— Eu vou com você amanhã?

— Só se você quiser, mas se não for preciso avisar a Ju que não vou cozinhar.

— Quer mesmo que eu vá com você?

Laura não sabia o que responder, seus sentimentos transbordavam de uma maneira que palavras lhe faltavam. A única vontade que tinha era de beijá-lo e assim o fez, porém desta vez mais solta,

mais ousada, mais entregue. Alex se afastou ofegante e colou sua testa na dela.

— Por favor, não faz isso.

Laura percebeu que ele estava no limite, o prazer que dava a Alex, fez com que seu corpo ardesse. Sentia-se queimando em brasas, sentia sua pulsação no mesmo compasso das batidas do coração dele. Poderia ficar horas ali. De alguma maneira se sentiu poderosa por provocar tamanho desejo.

— Você não quer? — perguntou, mas na verdade sua vontade era de implorar para ser possuída.

— É o que eu mais quero, mas com calma, devagar. Quero você a noite toda e vamos receber visitas. — Beijou-a com paixão. — Depois do jantar. Quero fazer

com você tudo que passei a noite pensando e tudo o que quis fazer quando te vi na minha cama, deitada se contorcendo de prazer.

CAPÍTULO 29

— De calça jeans? — comentou Bella chocada sentada no sofá.

— E morena — completou Rodrigo que se divertia com os comentários de Bella.

— Gente, hoje no shopping estava de cabelos molhados — disse Juliana tentando ser discreta.

Lucas gargalhou com o tricô dos três e voltou seus olhos para o balcão onde estavam Cris, Luana, Alex, Ana e Laura. Todos ajudavam no preparo do jantar, menos os quatro que observavam as mudanças de Laura.

— Olha lá — apontou Rodrigo,

indiscretamente, enquanto Alex servia a taça de Laura e sorria maliciosamente. — Está comendo!

— Que isso, Rodrigo. — Ju beliscou o marido, pedindo discrição.

— *Tá* na cara — zombou Bella. — Aposto cem pratas!

— Opa! Aposto com a Bella — concordou Rodrigo.

— Eu aposto que não. — Olhou Juliana desconfiada. — Ela não faria isso. E você Lucas?

— Eu? Estou fora de vocês, o objeto de aposta em questão é a minha irmã caçula. Vou me manter longe disso, antes que sobre *pra* mim — falou e saiu em direção a Ana que cortava cebolas no balcão.

— Ela está diferente — observou Ju.

— Nenhuma grama de reboco na cara. E de calça jeans — observou Bella segurando sua taça.

— Sabe o que me lembrei? Dos biscoitos que ela fazia. Lembro da gente na rua e ela levava umas vasilhas. De que eram mesmo aqueles biscoitos, Ju?

— Vocês podiam ser um pouco mais discretos — Luana chamou atenção quando chegou para se juntar a eles.

— Lua, você acha que é possível os dois... — perguntou Juliana sem coragem de concluir a pergunta.

— Em resumo, queremos saber se vai entrar no bolão. Cem pratas. Está pegando ou não? — Solto Rodrigo.

— Olha, Digo, se estivermos falando

da minha irmã eu aposto no não, mas aquela morena que está ali no fogão eu não sei opinar.

— Ela está de calça jeans. — Repetiu Bella ainda assustada com aquele detalhe.

Luana se sentou ao lado das amigas e continuou a observar a irmã com elas. Quando Rodrigo e Ju entraram numa discussão para se lembrar do sabor dos biscoitos, Luana recostou a cabeça no ombro de Bella.

— Se importa se eu for embora? Não estou num dia muito sociável. Vou tentar convencer a Cris a ficar, mas eu quero minha casa.

— Você está bem?

— O médico trocou o remédio. Eu estou um pouco sonolenta, mas estou bem.

— Foi ao médico? Alguma novidade?

— Amanhã conto *pra* vocês. Cuida da Cris e da Laura *pra* mim.

— A Laura já arrumou alguém *pra* cuidar dela, Lua — falou sorrindo e olhando para Alex que colocava um pedaço de queijo na boca de Laura.

— Digo, anota ai, cem pratas no sim — falou rindo e se levantou.

Luana sutilmente se despediu de todos, Cris não quis deixá-la sozinha. Ana e Ju conversavam baixo no sofá. Alex, Bella e Rodrigo estavam no balcão preparando alguns drinks. Bella o olhava encantada, e Rodrigo prestava atenção em tudo que

Alex preparava. Perto do fogão Lucas e Laura conversavam.

— Você está bonita — observou ele.
— Parece feliz.

— Você também parece feliz.

Ele tocou os cabelos da irmã com carinho.

— A Lua aceitou os remédios, mas não tocou no assunto do médico. — Soltou o que a incomodava. — Ela estava quieta, não quis ficar...

— A Lua é assim, Laura. Eu pensei numa maneira. Talvez se a Bella falasse com ela.

— O que eu fiz de errado? — perguntou Bella que não estava distante.

— Conseguimos um médico *pra* Luana em Boston. Existe uma chance de

tratamento. — Lucas começou a explicar.

Bella bateu com força no balcão e olhou diretamente pra Laura.

— E você não ia me contar? Quando a Lua falou que ia contar alguma coisa amanhã eu fiquei imaginando mil coisas e vocês sabiam e me esconderam?

— A Lua o que? — perguntou Ana se levantando do sofá.

— Ana, não se faça de santa, vai dizer que não sabia que os dois conseguiram tratamento pra Luana e não contou *pra* você também. Isso é o que? Segredo de família? — Estava brava e completamente descontrolada.

— Calma, Bella. — Tentou apaziguar Juliana. — Eu também fiquei sabendo hoje, foi tudo muito corrido, e o Lucas e a

Laura não queriam que a Lua ficasse sabendo até terem certeza que existiria alguma possibilidade.

— Bella, o que a Lua disse a você? — perguntou Lucas, seu semblante era sério e interessado.

— Não importa o que ela me disse, importa o que vocês me esconderam.

— Isabella! — chamou Rodrigo a segurando pelos braços. — Calma, precisamos ajudar a Luana e não se engalfinhar. Responde *pro* Lucas, é importante.

— Ela disse que foi ao médico, que ele trocou o remédio e que ela não estava se sentindo muito bem. Sonolenta. Disse também que amanhã vai conversar conosco e que tinha alguma coisa *pra*

contar.

Laura soluçou, emocionada. Alex a abraçou por trás afagando seus cabelos. Lucas tocou as mãos da irmã e abaixou a cabeça para esconder suas lágrimas. Ana rapidamente se colocou atrás dele e tocou seus ombros. A comoção era geral, Rodrigo e Juliana choravam abraçados enquanto Bella continuava parada sem entender.

— Eu posso saber o que está acontecendo? — perguntou desesperada.

— A Lua vai aceitar o tratamento — respondeu Laura entre lágrimas, seu sorriso transbordava esperança.

Cris retirava a bandeja com o resto de

sopa que tinha preparado.

— Está melhor? — perguntou preocupada.

— Só sonolenta. — Confortou Luana.
— Cris, senta aqui.

Cris deixou a bandeja na mesa do quarto e se sentou ao lado da mulher.

— Eu vou aceitar o tratamento. — Cris não conteve seu sorriso de satisfação. — Mas quero que as esperanças não deixem você cega. Sabemos que as chances são pequenas e não temos nenhuma garantia. Estou fazendo isso por você, por vocês.

— Lua, precisamos ter fé.

Lua balançou a cabeça, mas sua expressão não demonstrava confiança.

— Só, por favor, não se iluda.

Cris abraçou a mulher e não conseguiu

cumprir a promessa que tinha feito. Não poderia ser forte, não naquele momento. Era como se um facho de luz se abrisse e a pequena chance de cura, por menor que fosse era tudo que precisava.

Um barulho alto de móveis se arrastando no andar de cima as fez se assustar.

— Você deixou o apartamento da Laura aberto, Cris?

— Não, depois que entregaram alguns móveis hoje eu tranquei lá. Cheguei a entregar as chaves *pra* Ana, mas depois que ela conversou com a Laura falando que não iria mais se mudar a Laura me entregou de novo as chaves, está dentro da minha bolsa. — Levantou-se para conferir.

— Então fique aqui, eu vou subir pelas escadas.

— Não vou deixar você ir lá sozinha — afirmou Cris indo atrás da mulher.

Subiram rapidamente as escadas, com cuidado, fazendo o mínimo barulho possível e encontraram o apartamento de Laura com a porta aberta. Ela estava deitada no chão olhando para o teto ao lado de Alex.

— Quando a Ana disse que não queria se mudar eu fiquei pensando, será que dá *pra* transformar aqui num *loft*?

— Por isso que me trouxe aqui?

— Também. — Ela se virou para ele e Luana se escondeu para não ser vista. — Eu vou sair de casa. Vou vir morar aqui, o Lucas está pensando em reformar o

apartamento dele, meu pai ficaria feliz de ver os filhos morando juntos.

Alex tocou seu rosto com delicadeza.

— Tem certeza disso?

— Eu preciso resolver, não dá *pra* fugir. Não posso ficar acampada na sua casa. Não posso continuar fingindo. Eu preciso me libertar, entende?

Alex concordou.

— Hoje eu tive vontade de beijar você na frente de todo mundo — confessou envergonhada. — Tive vontade de colocar todos *pra* fora. Eu não pude, não consegui, não era certo com você.

— Laura, você está se sentindo culpada?

— Não é culpa, *me sinto* presa. E eu quero muito me sentir livre de verdade.

— Está arrependida de alguma coisa?
— perguntou cauteloso.

— Estou arrependida de não ter colocado todo mundo *pra* fora — confessou rindo. — Estava ansiosa *pra* que você cumprisse a promessa que fez.

— Então vem — convidou se sentando e estendendo a mão para que ela se levantasse —, vou dar um banho em você e depois te levar *pra* cama.

Laura aceitou sua mão e antes de levantar o beijou com paixão. Sentia-se segura. Não tinha medo com ele, confiava em Alex.

Cris saiu arrastando Luana pelas escadas. Luana controlava a crise de riso, tentando abafar com a mão.

— Lua — reprimiu Cris rindo também

—, você é louca. Ela iria te ver lá.

Luana logo que chegou em casa se sentou no sofá ainda sem acreditar na cena que tinha presenciado.

— Os dois ... — não conseguia continuar. — Meu Deus. Quem diria.

— Lua, *tava* na cara. Hoje lá na casa do Alex, você viu como estavam?

— A Bella e o Digo estavam fazendo bolão.

Cris riu com vontade.

— Esses dois juntos são um perigo, não sabia que eram tão unidos.

— Sempre foram muito amigos. Desde pequeno, o Digo e a Bella sempre foram confidentes. Ele sempre a salvou das enrascadas em que se enfiava. Ele é advogado dela. Foi o Digo que me ajudou

a *localizar ela* no Rio. Ele sabe mais dela do que qualquer uma de nós. — Parou pensativa. — Bem, pelo menos pela boca dela.

CAPÍTULO 30

— Vai querer ser vendada? — perguntou com a voz incerta bem próximo ao seu ouvido.

— Não sei. — Sua voz era fraca, parecia sem forças.

Estava deitada de lado na cama, virada *pra* parede.

— Do que tem medo?

— Do que posso ver, ou do que posso deixar de ver. Hoje não, tive um dia cheio.

Júlio beijou seu rosto suavemente. Abriu uma das gavetas do criado-mudo e pegou uma venda. Colocou-a com cuidado, retirou seus sapatos e se deitou

ao lado da mulher. Bella se virou e se acomodou em seu peito.

— Eu consegui conversar com as meninas.

Júlio a abraçou com força e sentiu um nó em sua garganta descendo como um Bourbon. Afagou seus cabelos e num abraço firme deixou transbordar todo seu orgulho.

— E como foi, minha Bella?

— A Mônica contestou. Eu sei o quanto a boate é importante *pra* elas. Sugeri que elas se organizassem. Aquelas ideias que conversamos.

— Você me deixa tão orgulhoso, sabia?

— Você nunca me pediu *pra* parar... nunca nem tocou no assunto. Também não

me perguntou como fui parar nessa vida, nem mesmo me questionou.

— Eu não podia pedir isso *pra* você, Bella, essa decisão tinha que ser sua. Eu conheço a sua história. Já conversamos tantas vezes, não preciso te perguntar nada, gosto quando você se abre *pra* mim.

Bella desabotoou os primeiros botões de sua camisa e deitou sobre sua pele.

— Você sempre esteve comigo.

— Eu sempre vou cuidar de você.

— Quando penso em como estava quando me encontrou.

— Shhhhhh. Bella, não pensa nisso. Você venceu, superou. Construiu o que sonhou.

— E você me ajudou em tudo. Ninguém nunca cuidou de mim como

você.

— Você também cuida de mim, é o meu bálsamo. Só de saber que em breve vou poder olhar nos seus olhos — sussurrou e beijou seus lábios. — Vamos viajar nesse fim de semana, só nós dois. Sem venda, sem mistério, sem segredos, só nós dois.

— Não posso, amanhã tenho um jantar. É importante.

— Tudo bem, podemos ir na próxima semana.

— Júlio, eu preciso ir *pro* Sul. Escuta, eu não me sinto preparada ainda. Tem a Luana, aquela amiga que te contei e pode ser que ela aceite um tratamento. Eu preciso ficar perto das minhas amigas, elas são a minha família — respirou fundo

e se virou para cima —, é muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. A Luana, a despedida da minha vida, ver você. É muita emoção *pra* mim. A única certeza absoluta que eu tenho é que quero recomeçar.

— Nós vamos recomeçar juntos. Eu vou estar sempre do seu lado, você sabe disso, não sabe?

— Estou confusa. Você tomou um espaço enorme na minha vida, no meu coração — confessou sincera.

— Eu sempre estive aí, Bella — falou tocando seu peito. — E você sempre esteve aqui — falou pegando suas mãos e colocando em seu peito nu.

— Vai me pedir em casamento? — perguntou com esperanças, mas por dentro

seus sentimentos duelavam.

— Tenho medo que recuse —
confessou ele —, mas sim, vou me casar
com você. Vamos ter filhos lindos, como
você.

— Vamos ter filhos? — perguntou
sorrindo, gostando da ideia.

— Três.

— Três? Eu não daria conta.

— Já disse que vou cuidar de você. Já
te provei mil vezes que nunca vou te
deixar, eu não consigo.

— E se eu te deixar? — perguntou
sofrendo.

— Eu vou atrás de você.

Luana fechava a janela apressada já que uma chuva torrencial, caía do lado de fora.

— Cris, olha isso.

Alex girava com Laura nos braços e os dois se beijavam intensamente. Ele a colocou no chão e ela saiu correndo pela chuva, com ele correu atrás dela e a imprensou na porta de sua casa. Estavam ensopados.

Laura respirava ofegante quando Alex afastou seus cabelos molhados do rosto e a beijou novamente. Com dificuldade abriu a porta e eles entraram. No terceiro degrau da escadaria que dava acesso ao *loft*, ele a fez sentar e tirou sua blusa. Olhando intensamente para Laura

começou a desabotoar sua camisa, dando beijos por onde seus dedos deslizavam, até retirar sua blusa por completo.

Ainda sentada, subiu dois degraus e arqueou sua cintura para que Alex pudesse tirar seu jeans molhado. Abaixou-se e beijou sua barriga, a pele estava enrugada, fria. Lentamente abriu o fecho e com dificuldade retirou a calça que estava colada no corpo. Laura subiu mais três degraus de gatinho vestindo somente um conjunto de calcinha e sutiã pretos.

Alex sorriu com a brincadeira e a alcançou, tomou-a em seus braços e a levou para o banheiro enquanto mordiscava seus lábios e seu pescoço. Relutante, ele a deixou no chão. Ligou o chuveiro, testou a temperatura e puxou Laura para a água quente. Alex ainda

vestia suas calças, não as iria tirar. Não ainda.

Pegou o sabonete e esfregou entre as mãos até conseguir espuma suficiente para lavar seus braços. Suavemente deslizou suas mãos desde os ombros de Laura até a ponta de seus dedos. Seu ritmo era lento, delicado, parecia tocar uma peça de cristal. Pegou o sabonete novamente e lavou seu pescoço, sensualmente, enquanto mordiscava sua orelha.

Encarou seu colo contemplando cada detalhe. A renda do sutiã emoldurava com perfeição seus seios. Laura percebeu sua intenção e fechou seus olhos arqueando o corpo para ele.

Alex desabotoou a peça delicada com as mãos trêmulas, Laura estava

completamente entregue. Ele deixou que suas mãos percorressem seus seios com adoração, fazendo com que Laura emitisse um gemido baixo, ofegante e Alex a beijou com paixão.

Laura pegou o sabonete e começou a fazer espuma com as mãos, repetiu seus movimentos na mesma ordem. Ombros, braços, pescoço e o peitoral forte. Permitiu que a ousadia a dominasse e deixou sua mão descer até seu abdômen. Alex se encostou na parede respirando pesadamente. O prazer que estava provocando fazia com que ela se sentisse completa e ainda mais excitada. Timidamente deixou que seu indicador percorresse o cócs de sua calça, seus olhos curiosos não perdiam nenhum detalhe.

Alex sorria malicioso e arqueava o

quadril para encorajá-la. Laura sorriu de volta, sem saber o que fazer, então ele a pegou pela nuca e a tomou num beijo que demonstrou todo seu desejo. Ela queria mais, algo novo ardia dentro de seu corpo, sua alma, algo bem maior do que o pouco que conhecia.

— Quer tirar? — perguntou ele ainda com sua boca colada na dela.

— Eu não sei como.

— Desabotoa. Eu tiro — pediu com os olhos fechados, ansiando pelo seu toque.

Laura desceu suas mãos novamente percorrendo o caminho da felicidade. Desabotoou a calça e desceu o zíper. Pôde perceber que Alex, de fato, não usava cueca. Por um instante não soube como agir.

Ele pegou seus pulsos com carinho e beijou a palma de suas mãos.

— Quer parar? Não precisamos ter pressa — falou tranquilizando-a.

— Por favor, não para — implorou sem saber o que fazer.

Alex saiu do box, de costas para ela retirou suas calças e enrolou uma toalha em sua cintura, não podia disfarçar o volume entre suas pernas. Laura acompanhou cada movimento contemplando o corpo de Alex com desejo.

— Vem — chamou, estendendo sua mão e oferecendo uma toalha para que ela pudesse se secar.

Laura ainda vestia sua calcinha e Alex a ajudava a se enxugar, na verdade,

tentava buscar todo seu autocontrole para que não errasse com ela. Percebendo sua apreensão, a mulher pegou sua mão, deixando a toalha cair no chão caminhou até o quarto e se deitou na cama. Sorriu e mordeu seus lábios esperando o que ele faria com ela.

Alex se ajoelhou no chão e se colocou na mesma posição da noite anterior. Laura fechou seus olhos e ele chegou a boca bem próximo ao seu ouvido.

— Eu estou aqui *pra* te dar prazer, preciso que me mostre do que não está gostando, *me deixe* saber o quanto você gosta do meu toque. E me peça *pra* parar se não for bom *pra* você — pediu e distribuiu beijos pelo seu pescoço.

Laura arqueou o corpo e Alex

continuou seus beijos descendo até seus seios. A cada movimento observava sua reação.

— Gosta disso? — perguntou enquanto sua língua circulava os bicos dos seus seios.

Ela gemeu um pouco mais alto e ele continuou.

— Eu também gosto, eles são lindos, mas gosto mesmo é de ouvir você.

— Por favor, Alex. Eu estou pronta.

Ele começou a descer seus lábios até sua barriga.

— Calma — mordiscou sua barriga e ela gemeu surpresa —, eu prometi a noite toda.

CAPÍTULO 31

Laura acordou abraçada com Alex. O calor de seu corpo a aquecia naquela manhã fria e isso a fez ficar um tempo com os olhos fechados, ouvindo o som de suas respirações se fundirem em um só. Sentia-se plena, completa. Questionou como o prazer poderia trazer tantos sentimentos. Queria tocá-lo, desejava beijá-lo. Ainda sonolenta ela se movimentou, virando-se de frente para ele e encontrou Alex a fitando intensamente.

— Bom dia. — Foi recebida com um sorriso.

— Bom dia — respondeu, beijando seu ombro.

Ainda estavam nus, seus corpos se tocavam de maneira que podiam sentir a eletricidade que os percorria debaixo dos lençóis. Ele a olhava ansioso esperando qualquer reação. Seus olhos brilhavam e ele não conseguia dizer nada, na verdade, não sabia o que dizer.

— Estava me olhando dormir? —
Laura rompeu o silêncio.

— Fiquei com dó de te acordar. Como você está? — Sua preocupação era evidente.

— Estou feliz. — Tocou sua barba por fazer. — Você gostou? — perguntou insegura. Não sabia se tinha conseguido proporcionar o mesmo prazer que sentiu.

— Você foi perfeita. — Segurou seu queixo e deu-lhe um beijo demorado. —

A forma como se entregou, o jeito que me tocou — faltou-lhe palavras —, foi tudo perfeito.

Laura sorriu amplamente e o abraçou ainda mais.

— E normal ter vontade pela manhã? — perguntou, tímida, sem olhá-lo.

Ele procurou seu rosto, não queria que ela se escondesse, muito menos que tivesse vergonha dos seus desejos, mas a insegurança ainda estava ali, tinha medo de não ter sido o suficiente, nem o que ela merecia.

— Está com vontade? — perguntou e involuntariamente sorriu satisfeito.

Ela confirmou com um sorriso envergonhado.

— Não precisa ter vergonha de mim.

Adorei cada pedaço do seu corpo que experimentei ontem — falou bem próximo a sua orelha. — Você é deliciosa.

Laura sorriu amplamente e se virou para beijá-lo. Gostou do que ouviu. Adorou saber que ele havia gostado tanto quanto ela. Queria mais, queria ele. Passaria o dia todo naquela cama.

— Precisamos comer — ponderou ele acariciando seu rosto. — Você deve estar com fome.

— Estou faminta, com muita fome — concordou.

— Quer dormir mais um pouco? Eu trago café *pra* você.

— Eu vou com você.

Laura se espreguiçou e levantou-se lentamente, estava nua. Por um instante

teve vontade de puxar o lençol para se cobrir, mas rapidamente Alex lhe ofereceu seu *hobby* que estava na cadeira e a ajudou a se vestir.

No balcão da cozinha Laura, de pé, comia algumas uvas, enquanto Alex preparava o café.

— Café ou chá? — perguntou analisando sua expressão.

— Café — respondeu sorrindo.

Ele se aproximou, levantou Laura pela cintura e a colocou sentada no balcão. Subiu as mãos por suas coxas até bem próximo da virilha. Com uma de suas mãos contornou com seus dedos pela fresta do decote que se formava pela abertura do *hobby*.

— Tem consciência do quanto é

sedutora? — Beijou delicadamente por onde seu dedo havia passado. — Sabe o poder que tem sobre mim?

Ficaram se olhando por longos segundos, seus olhares conectados, em sintonia. Foram interrompidos pelo interfone, que tocava insistentemente. Alex a beijou e logo que atendeu, acionou o botão para abrir a porta de entrada.

Podia-se ouvir os passos apressados pela escadaria e Laura fechou seu roupão, Alex ofereceu-lhe um meio sorriso tranquilizador. Luana invadiu a sala carregando um bolo nas mãos, mesmo que estivesse visivelmente cansada, tinha um lindo sorriso no rosto. Faltou-lhe ar, Laura rapidamente desceu do balcão e a sentou em um dos bancos, enquanto Alex ofereceu um copo de água, pegando o

bolo de suas mãos.

— Você está bem? — perguntou Laura preocupada.

Luana tentou se recompor, sentiu-se mal pela situação que havia criado, não contava com esse mal súbito, por isso, tentou contornar o clima.

— Bom dia, irmãzinha.

— Bom dia, Lua, está se sentindo melhor?

Alex se aproximou da amiga e a olhou nos olhos.

— Quer se sentar no sofá? — perguntou, mas seus olhos diziam muito mais do que suas palavras.

Lua em um consentimento silencioso concordou e Alex a ajudou a se sentar no sofá. Era nítido o esforço que fazia. Quase

em um sussurro perguntou:

— Quer que peça a Cris *pra* trazer seu remédio?

Novamente, respondeu em silêncio ao amigo que deixou a sala logo em seguida. Laura rapidamente se sentou ao lado da irmã, percebeu que qualquer pergunta poderia lhe fazer mal. A forma com que Alex lhe oferecia ajuda e a maneira com que a irmã se sentia à vontade com ele, fez Laura sorrir.

— Eu gosto da maneira que ele cuida de você. — Tocou seus cabelos com carinho.

— Eu também gosto da maneira que ele está cuidando de você — falou com os olhos cheios d'água. — Eu vi você dois ontem no apartamento e depois na

apresentação do “Dançando na Chuva”.

Laura sorriu tímida.

— O bolão do Digo está em quatrocentas pratas, pena que só a Ju perdeu a aposta. Vai dar mixaria *pra* cada um — zombou tentando deixar o clima mais leve.

— O Rodrigo fez um bolão? — perguntou incrédula. — Ai, que vergonha.

— Laura, a maneira com que você mudou. Tanto em tão pouco tempo. Sabe que tinha até me esquecido que você cozinhava bem. Com exceção dos biscoitos, esses eu sempre me lembro.

— Eu estou feliz.

— Eu vejo isso nos seus olhos. Tinha medo de não ter tempo *pra* ver isso — falou e abraçou a irmã. — Vai mesmo se

mudar *pro* apartamento?

— Vou, Lua, eu preciso resolver isso, quero me sentir livre *pra* seguir meu caminho. Tenho pensado em tanta coisa. Hoje mesmo quero conversar com Ernany e resolver essa situação de uma vez por todas.

Luana parecia melhor, seus olhos brilhavam e estava visivelmente emocionada.

— E como foi com ele?

Laura suspirou e sorriu amplamente.

— Alex é maravilhoso, sinto que ele me dá forças. Além do mais, é paciente, carinhoso, consegue me mostrar o melhor que existe dentro de mim.

— Mas foi bom? — perguntou maliciosa.

— Foi incrível, foi como se tivesse sido minha primeira vez.

Laura abraçou a irmã com carinho. Alex estava de pé no balcão e foi inevitável não ouvir. Sentiu-se completo, realizado, um sentimento forte, único e avassalador surgiu dentro dele. Passaria o dia sorrindo.

Cris chegou trazendo o remédio de Luana. Laura ajudou Alex a colocar o café na mesa de centro, para que todos pudessem comer na sala. Cris estava aflita, mas tentava controlar sua apreensão. Luana recostou a cabeça no ombro da mulher para tentar tranquilizá-la.

— Quais são seus planos *pra* hoje? — perguntou Lua para a irmã.

— Quero ir no apartamento, ver os móveis que chegaram. Talvez dê *pra* aproveitar alguma coisa.

— Vai mesmo se mudar? — perguntou Cris animada.

— Vou, Cris. Preciso de um espaço *pra* mim. Queria tentar resolver tudo antes da viagem — confessou.

Alex se levantou para fazer mais um pouco de café. Sentiu-se desconfortável com a ideia de Laura sair de sua casa, mas se condenou pelo seu egoísmo.

— Acho que você vai gostar do sofá, é bem neutro, eu o deixei embalado porque quando chegou pensei que iriam devolvê-lo. Os eletrodomésticos também já chegaram. A cama, a Ana disse que você ajudou a escolher, achei linda. Posso

pedir o Sr. Jorge, um faz tudo que conhecemos, para ver se está tudo certo com chuveiros, lâmpadas, torneiras. Eu posso te ajudar no que precisar. — Ofereceu Cris.

Laura abraçou a cunhada com carinho e Luana sorriu, observando as duas.

— Vou precisar comprar algumas coisas, panelas, pratos, roupas de cama. Pensei em fazer isso na segunda.

— Eu pulo com louvor a parte das compras, mas organizo um mutirão com as meninas para colocarmos tudo em ordem. Tem a faxineira do bar, a Márcia ela pode dar uma força lá na segunda — falou olhando para Alex que se aproximou trazendo uma garrafa de café.

— Você não queria reformar lá? —

perguntou enquanto servia a caneca de Laura.

— Isso pode ser um projeto futuro — ponderou — O apartamento está todo reformado, pintado. Não justifica gastar dinheiro agora. Eu estou recomeçando.

Luana se assustou com o comentário da irmã, mas de alguma maneira se sentiu feliz por ouvi-la dizendo daquela maneira. Laura florescia a cada dia e de fato parecia uma outra mulher.

— Bom, na verdade eu vim ver se sobrou daquele jantar que parecia maravilhoso. Eu não estou nem um pouco afim de abrir o Café hoje, muito menos ir *pra* cozinha — confessou Luana.

Alex sorriu das intenções da amiga e a provocou, abraçando Laura por trás.

— Sabe, Lua, eu não sei se percebeu, mas quando chegou você interrompeu um jovem casal de namorar um pouco — falou e beijou o pescoço de Laura para esconder seu sorriso.

Laura sorriu envergonhada e Cris ficou feliz de vê-los assim.

— Sabe, Alex, no papel de irmã mais velha, preciso analisar o tipo de relação que pretende levar com minha irmã. Então vou ficar para o almoço — brincou. — E além do mais, vocês têm muito tempo. — Parou e pensou “Eu não”, mas não falou.

CAPÍTULO 32

Laura estacionou o Jeep de Alex em frente à casa em que vivera nos últimos anos. Seu peito apertava, era como se tivesse se despedindo, tentou puxar de sua memória algum momento feliz que viveu naquele lugar, mas não conseguiu encontrar nada parecido com o que estava sentindo.

Determinada a colocar um ponto final naquela história, reuniu forças para a conversa que teria que enfrentar com seu marido. Tocou a campainha, pois não sentiu vontade de usar suas chaves.

Foi atendida por Maria, que se assustou de ver a patroa vestida de uma

maneira informal e com os cabelos soltos, naturais e vários tons mais escuros do que o habitual. Demorou um tempo para ter certeza que era ela mesma.

— Maria, o Ernany está? — perguntou percebendo a expressão da funcionária.

— Dona Laura, a senhora está tão diferente. — Laura não demonstrou nenhuma reação e a empregada rapidamente se recompôs. — Ele está no quarto, acabou de chegar do clube — informou.

— Pode chamá-lo, por favor? Vou esperá-lo aqui na sala.

Maria, confusa, saiu pela casa e Laura observou atentamente cada detalhe daquele lugar. Peças que comprou por um valor absurdo em viagens, em lojas de

grife. Pensou em como aquilo parecia vazio, sem vida.

— Laura! — Ernany vestia somente uma calça jeans e sua cara era de susto e preocupação.

Analizou atentamente as mudanças da mulher, a forma com que se vestia. Estava mais baixa, sem nenhuma maquiagem, seus cabelos estavam diferentes e seu rosto era de pura determinação. Laura se sentou e ele acomodou-se ao seu lado, no sofá. Maria parecia assistir o último capítulo da novela, e Ernany a olhou sério.

— Ah! *Desculpa*, quer um chá? — Ofereceu à patroa, sem graça.

— Um café, por favor, Maria.

A empregada saiu sem entender o

pedido. Ernany olhou preocupado para a esposa.

— A Luana está bem?

— Na medida do possível — respondeu brevemente.

— Você está diferente — observou ele.

— Eu me sinto diferente — afirmou com confiança.

— Você parece feliz.

Ela sorriu brevemente e foram interrompidos pela chegada de Maria, que foi breve e eficiente ao servir o café.

— Ernany, precisamos conversar. — Tentou não postergar mais.

— Precisamos — concordou ele.

— Não justifica mais adiarmos o

inevitável. Já adiamos por tanto tempo. Eu me sinto muito responsável pelo caminho que as coisas tomaram.

— Não diga isso, eu me sinto culpado.

— Eu era uma mulher vazia, oca. *Me casei* com você sem amor, *me esforcei* para ser uma esposa aceitável aos padrões sociais. — Parou e percorreu com os olhos o torso de Ernany.

Ele era um homem bonito, que se cuidava. Seus músculos não eram tão definidos como os de Alex, mas ainda assim era bonito. Teve vontade de tocá-lo, queria ver se, depois de tudo que viveu, conseguiria sentir alguma atração pelo marido. Precisava daquela confirmação. Ernany ficou parado esperando que ela continuasse e sentiu quando Laura tocou

seu ombro.

Ernany se enrijeceu com o toque inesperado. Laura retirou sua mão rapidamente e continuou a falar como se nada tivesse acontecido.

— Eu nunca desejei você. — Precisava dizer aquilo. — Essa repulsa ao meu toque que senti agora, imagino que seja exatamente a mesma que sentiu, de minha parte, por anos, mas eu não amo você, e você parecia me amar. — Um nó se formou em sua garganta. — Não, eu não fui uma boa mulher — afirmou determinada. — Eu pensei em mim. Pensei nos benefícios que esse casamento poderia me trazer.

— Laura, passou. — Tentou tranquilizá-la. — Isso não me faz mal

mais. No dia em que você saiu do nosso quarto e disse que eu me deitasse com quem quisesse, mas que não queria nunca mais que eu a tocasse, tive a certeza de que você nunca me amou. — Ele parou procurando palavras. — Eu amei você, fiz de tudo para que esse casamento desse certo no início, só que ele começou errado. Fui fiel a você até o dia em que você se separou de mim e continuamos morando na mesma casa. Entendi que seria um escândalo, que você não queria se expor daquela maneira e te respeitei. Dei tudo que podia, tentei ser um bom amigo e aprendi amar você assim.

— Nunca fomos amigos — discordou ela. — Vivemos juntos uma grande mentira.

Ernany não podia discordar e também

não sabia o que dizer. Passou tempos ensaiando como conversaria com sua mulher, mas a determinação de suas palavras o paralisava.

— Estou saindo de casa oficialmente — falou abrindo sua bolsa.

De dentro da carteira retirou todos os cartões de crédito, cartão de conta conjunta, deixando somente um ali. O cartão da conta onde seu dinheiro estava guardado. Logo depois que colocou as chaves de casa e do seu carro em cima da mesa, Ernany colocou sua mão sobre a dela.

— Laura, não precisa ser assim. Isso tudo é seu, você me ajudou a construir. Não vou deixá-la desamparada. Metade de tudo que construímos é seu.

Laura o encarou determinada.

— A Laura que você conheceu, certamente ficaria com metade ou até mais do seu patrimônio. A Laura que está aqui quer caminhar com as próprias pernas. Por favor, peça ao advogado que formalize nosso divórcio, peça também *pra* redigir um termo onde eu abro mão de todo o seu patrimônio. Quero minhas roupas, meus sapatos, meus objetos pessoais e mais nada — afirmou com segurança. — Pode pedir *pra* entregar no meu apartamento?

Não tinha mais o que dizer. Ernany até tentou continuar a conversa, mas ela não permitiu. Não precisava ser dito mais nada. Ele ainda tentou convencê-la a aceitar algum imóvel ou algum dinheiro, mas tudo foi recusado.

Dirigindo de volta para casa de Alex, sentiu as lágrimas escorrendo por sua face. Experimentava uma sensação de liberdade jamais vivida.

Queria gritar.

Queria chorar.

Queria sorrir.

Queria viver.

Tinha a certeza de que sua decisão não foi influenciada pelo envolvimento com Alex. Na abertura do baú, desejou a sensação que estava sentindo naquele momento. Ali, ela ainda não era forte o suficiente para tomar decisões. Havia escolhido pelo mais cômodo.

Tentar reconquistar o marido seria a repetição de seus erros, seria continuar usando seu corpo para conseguir dele o

que desejava. O pensamento a fez se sentir suja. Queria se limpar do seu passado e de suas escolhas erradas, precisava recomeçar de uma maneira limpa e lutaria pela felicidade que tinha experimentado ao lado de Alex.

Logo que estacionou o carro, seguiu direto para o bar que estava abrindo. Sentou-se ao balcão e ao longe viu Alex instruindo os funcionários. Alguns músicos se posicionavam no palco e ele, percebendo sua presença virou-se. Caminhou para atendê-la, apreensivo, mas feliz por vê-la.

— Em que posso servi-la? — ofereceu cortês.

— Preciso de um drink.

— Posso surpreender você?

— Sempre — respondeu, mas ainda estava sob efeito da conversa.

Alex preparou, com esmero, uma “Mimosa”, despejou o espumante no suco de laranja com habilidade e enfeitou com duas metades de morangos formando um coração. Deslizou o copo pelo balcão até colocá-lo de frente para ela.

Laura se deliciou tomando um pouco. Alex sorriu, ela pareceu aprovar a escolha.

— Posso experimentar? — pediu ele não podendo mais se segurar.

Laura ofereceu seu copo, mas ele ignorou. Roubou um beijo longo e molhado.

— Muito bom — observou.

Laura sorriu com o carinho

inesperado.

— Você ainda demora aqui no bar?

— Já estou terminando. Quer subir e tomar um banho?

— Eu espero, vou terminar de tomar meu drink.

— Você está bem? — Não sabia se podia entrar num assunto tão delicado. Na verdade, tinha medo da resposta, mas ela parecia feliz.

— Estou me sentindo leve, mas, ao mesmo tempo, suja. É um sentimento estranho — confessou.

— Então eu não demoro — falou e beijou novamente seus lábios —, vamos subir e eu vou dar banho em você. — Seu sorriso era cheio de promessas.

Ana procurava um vestido no armário enquanto Lucas estava saindo do banho. Ele a abraçou, ainda molhado, e ela protestou.

— Morena, eu preciso pegar os meninos — lembrou. — Quer ir comigo ou prefere que eu os pegue e depois te busque?

Ana respirou fundo, ainda não se sentia confortável com aquela situação. Desde que Lucas havia lhe dito que levaria os filhos para casa de Juliana, um sentimento ruim a dominou. Por mais que soubesse da existência deles, não queria nunca ter que os ver, conviver com a prova daquela traição, mas ela sabia que, para viver com Lucas o encontro era

inevitável.

— Lucas, por que não os pega e vai pra casa da Ju? Eu peço a Bella *pra* me buscar.

Lucas pensou em protestar ou tentar a convencer de buscá-la quando estivesse com os meninos, mas podia ver em seus olhos o seu desconforto. Foi para o banheiro e encarou o espelho, certo de que era apenas o início de um recomeço. Não abriria mão de seus filhos, também não abriria mão de Ana. Estava certo de que não seria um caminho fácil, mas também de que faria de tudo para tentar um bom relacionamento entre eles.

Voltou para o quarto com a intenção de tranquilizá-la.

— Ei, olha não precisa ficar assim —

pediu. — Eu posso ir lá, ficar um pouco com eles, depois vamos à casa da Ju — propôs pesaroso.

— Não, Lucas, você estava animado em levar seus filhos para a casa da Ju. Eu só estou apreensiva.

— Ana, eles vão te adorar. Você sempre gostou de crianças e vai se apaixonar por eles — afirmou esperançoso.

— Tudo bem — concordou ela sem muita animação. — Vá se vestir, eu vou ligar *pra* Bella.

CAPÍTULO 33

Bella estava deitada no chão, na beirada da piscina, no colo de Rodrigo.

— Estou feliz por você, Bella. —
Acariciou os cabelos da amiga.

— Ai, Digo, eu sinto que essa é a melhor decisão que já tomei na minha vida.

— E quanto ao Júlio? — perguntou sem rodeios.

Ana observava, da varanda, os dois conversando. As crianças brincavam do outro lado e pareciam entretidas. Ela observou atentamente os traços dos filhos de Lucas. Um se parecia com a mãe, o mais novo de quatro anos, já o mais

velho, de sete, era uma cópia do pai. Lucas brincava com eles enquanto ela não se sentia pertencente àquilo.

Sempre brincou com João, Carol e Felipe, os filhos de Ju, mas não sentia vontade de brincar com os filhos de Lucas, não sentia vontade nem mesmo de conhecê-los. Quando os viu, cumprimentou rapidamente e não quis criar qualquer vínculo. Chegou a levar alguns chocolates na bolsa para as crianças, como sempre fazia com seus alunos, mas não teve vontade de dar. Deixaria com Ju para que ela distribuísse.

— Ana, quer vinho? — ofereceu Ju chegando na varanda com uma taça.

— Não, obrigada — falou, virando-se para a amiga. — Os dois estão

conversando há horas. Será que a Bella está bem?

— O Digo contou que ela decidiu largar tudo.

— Ela vai largar a boate? — perguntou Ana intrigada. — Ela parecia tão feliz lá.

— A boate, não. O Digo não me contou tudo, mas acho que estava feliz demais *pra* esconder a novidade ontem, quando chegamos em casa.

— Esse dois, sempre cheios de segredos. Você nunca sentiu ciúmes, Ju?

Ju sorriu e tocou os braços de Ana.

— Se eu disser que não sou uma mulher ciumenta você sabe que estarei mentindo — comentou brincando —, mas, com a Bella, não. A amizade dos dois é

bonita. Rodrigo ajudou a Bella quando nenhuma de nós foi capaz de fazer. Lembra quando a avó dela morreu? — perguntou à amiga e Ana assentiu. — Rodrigo é o irmão que a Bella não teve, Ana. Eu demorei *pra* entender a amizade e a ligação dos dois.

— Ele é a única pessoa com quem a Bella se abre de verdade, *pra* gente ela sempre demonstra ser tão forte.

— A Lua morre de ciúmes disso, sempre faz um comentário sobre a amizade dos dois. Acho que, na verdade, quando tive ciúmes dos dois, foi de tanto que a Lua falou. Depois desencanei. Se eles quisessem ficar juntos, estariam. A Bella é uma mulher decidida.

— E o Rodrigo é louco por você —

completou Ana, sorrindo.

— Sim, ele é. E eu sou louca por ele.

— Gente, alguém tem notícias da Laura? — perguntou Rodrigo, da piscina.

— Ainda tinha esperança de que a Ju ganhasse uma bolada e me levasse para um motel — brincou e se arrependeu quando viu que as crianças estavam próximas.

Juliana balançou a cabeça para o marido, em reprovação, mas sorria.

— Não se iluda, Digo, a Ju vai ter que pagar todo mundo. E com o dinheiro não dá *pra* comprar nem a “butterfly” — completou Bella, levantando-se do chão.

Rodrigo se levantou rapidamente e jogou Bella na piscina, que gritou de raiva e de frio. Ela jogou uma generosa

quantidade nele que ficou ensopado.

Todos riam da varanda, inclusive as crianças.

— Você tem razão, Ju, são duas crianças — observou Ana achando graça.

Laura estava nervosa. No banco do passageiro do Jeep observava a entrada da casa de Juliana, ali, sim, parecia um lar. As luzes acesas, o jardim bem-cuidado. Estava apreensiva, já que apresentaria Alex para seu irmão e amigos, queria que todos gostassem dele, mas se lembrou de que esse era um comportamento padrão do seu antigo eu, que se preocupava com a opinião e a

impressão das pessoas.

Alex desceu do carro e abriu a porta para que Cris e Luana pudessem sair. Em seguida abriu a porta para Laura, que parecia ainda relutante. Discretamente sinalizou para que Luana fosse na frente e estendeu a mão para que Laura descesse. Ela segurou sua mão e saiu do carro. Cris e Luana já estavam bem perto da entrada. Alex a encostou no capô e acariciou seu rosto.

— Quer que eu vá embora? — perguntou sentido, mas percebeu que talvez fosse melhor lhe dar espaço.

— Não. Só estou insegura. Se vão gostar de você — confessou.

— Eu já conheço todo mundo — lembrou ele. — E não precisamos ficar

juntos se você não quiser, prometo tentar me controlar.

Laura o abraçou, não queria aquilo. Queria-o ao seu lado, queria gritar para o mundo o bem que Alex lhe fazia. Sem poder se segurar, beijou-o com paixão.

Rodrigo estava ensopado quando atendeu à porta, estava indo buscar roupas secas quando a campainha tocou. Encontrou Cris e Lua com um sorriso cúmplice e, logo atrás, Laura aos beijos com Alex. Ficou parado um tempo, observando a cena, seu semblante era de completo choque. Lua gargalhou com sua expressão e automaticamente gritou para a mulher:

— Ju, você me deve R\$ 33,33.

Laura interrompeu um beijo e riu de

Rodrigo, que continuava parado na porta. Lua entrou, puxando Cris, e empurrando Rodrigo, que interrompia a passagem. Alex pegou a mão de Laura e seguiu com passos determinados até a porta. Cumprimentou Rodrigo, que o abraçou fortemente, como se se conhecessem a há anos. Laura estava tímida, um pouco encabulada, e Rodrigo a puxou para um abraço.

— Laurinha, você está incrível.

Laura vestia um vestido preto, com um discreto decote e mangas compridas; nos pés, um scarpin vermelho. Seus cabelos estavam naturais e a maquiagem era quase imperceptível. Ela agradeceu polidamente e Alex sorriu orgulhoso. Rodrigo, enquanto fechava a porta, tocou o ombro de Alex e perguntou sem rodeios:

— E aí, meu amigo, a pergunta que não quer calar: A comissão de frente é silicone ou é natural?

Laura deu um tapa forte em seu braço.

— Você não consegue ser discreto? Ainda estou brava com a história do bolão.

— Laurinha, discrição e Rodrigão não combinam.

Alex soltou a mão de Laura discretamente, mas ela a pegou novamente. Entraram juntos pela sala até a varanda. Foram recebidos por Lucas e os sobrinhos, logo depois por Ju e Ana.

Ju subiu para ajudar Bella. Alex, Rodrigo e Lucas engataram um papo animado. Ana se sentou ao lado de Luana no sofá e Laura foi com Cris para a

cozinha.

— Gostei de ver vocês dois juntos — confessou a cunhada. — Alex é uma joia rara. Ele merecia uma mulher como você.

— A mulher que eu estou descobrindo, né, Cris, pois nenhum homem merecia a Laura de antes — completou melancólica.

— Laura, a vida é assim. Erramos, aprendemos com os nossos erros, crescemos, erramos de novo — Cris falava serenamente.

— Não quero repetir os mesmos erros. Quero fazer diferente.

Cris acariciou os cabelos da cunhada com carinho.

— Eu vou estar ao seu lado. — Prometeu.

— Eu também vou estar ao seu lado.

Não vou deixar você sozinha. — Seus olhos se encheram de água. — Eu espero que a Lua se cure e que possamos viver todos juntos, como uma família.

— Independente do que acontecer, já somos uma família — completou Cris.

Luana observava emocionada do sofá; não poderia deixar o assunto chegar à tona tão cedo. Tinha planejado contar sobre o tratamento depois do jantar, então respirou fundo e arrumou uma maneira de chamar a atenção das duas:

— Alex, aquela senhora morena que veio com você está cantando a minha mulher — provocou divertida. — Pode fazer algo a respeito?

Laura paralisou envergonhada, e Alex olhou para Lucas buscando aprovação.

Ele sorriu e entrou na brincadeira.

— Acho melhor você ir, antes que o Rodrigo abra apostas para um novo bolão.

Alex sorriu e caminhou até o balcão da cozinha.

— As meninas precisam de ajuda? — ofereceu olhando diretamente para Laura.

Quando Bella voltou para a sala, fez Juliana abrir o porquinho dos filhos e a fez pagar cada centavo que devia do bolão. Luana ficou jogando com os filhos de Ju e com os sobrinhos na varanda. Cris, Alex, Ju e Laura prepararam o jantar, enquanto Lucas, Bella e Rodrigo conversavam animadamente.

O jantar foi servido. Pedro, o filho mais novo, não conseguia comer sozinho, então Lucas o sentou ao lado de Ana.

Percebendo o desconforto da amiga, Luana pegou o sobrinho no colo e o ajudou.

A noite fluía com alegria. As trocas de carinho entre Alex e Laura, deixaram de ser o foco das atenções, na cozinha enquanto preparava o jantar, contou para as amigas sobre sua decisão e Cris intimou a todas para o mutirão. Estavam todos na varanda, quando Rodrigo chamou-lhes a atenção.

— Eu estive pensando, podíamos viajar na segunda ou terça, assim passamos uma semana no Sul.

Luana rapidamente interrompeu o amigo. Estava na hora.

— Eu vou dizer uma coisa, mas não quero saber a opinião de vocês. Vou dizer

e vocês se segurem para comentar bem longe de mim como sempre fazem. — Foi dura, era necessário. — Lucas e Laura, vou aceitar o tratamento que conseguiram — a comoção foi geral, mas ela não fraquejou, — o médico me contou do esforço de vocês — informou. — Eu tenho algumas prioridades e quero que respeitem. — Respirou fundo. — Vou ajudar Laura na mudança, portanto, Rodrigo, viajamos na quinta de manhã e voltamos no domingo. Amanhã quero levar vocês à um lugar. — Olhou para as amigas que choravam emocionadas. — Depois da viagem, veremos o tratamento em Boston. Antes disso, não admito que toquem no assunto. Estamos entendidos?

CAPÍTULO 34

— Uau — Alex abraçou Laura pela cintura —, pelo visto alguém acordou animada. — Deu um beijo atrás de sua orelha.

Tinha acabado de acordar, não achou Laura na cama e a encontrou na cozinha separando alguns ingredientes. Estava vestida com roupa esportiva e tinha os cabelos presos.

— Vou caminhar com a Bella — explicou, entregando-lhe uma caneca de café. — Depois vou fazer biscoitos.

Alex a puxou para um abraço e a beijou com carinho.

— Vou aproveitar e descer *pro* bar.

Preciso ver como foi o movimento de ontem e ficar de olho. Podemos pedir algo *pra* almoçar mais tarde, o que acha?

— Tem uma lasanha no forno, fiz logo cedo. Queria testar uma inovação no molho.

Ele se aproximou ainda mais.

— Assim você vai se cansar de cozinhar — falou com os lábios colados aos dela.

— Não nessa cozinha. — Retribuiu o carinho.

Bella ligava insistentemente. Alex deixou Laura em um parque próximo à rua em que moravam na infância. As amigas caminharam por quase uma hora e meia. Bella perguntou todos os detalhes sobre o tratamento durante o percurso.

— Acha mesmo que o tratamento pode dar certo? — perguntou Bella, insegura enquanto andavam em direção ao seu carro.

— Bellinha, é uma chance; melhor do que nenhuma. Pelo menos, é um caminho — respondeu Laura tentando manter as esperanças.

Quando Bella acionou as chaves para que o carro se abrisse, o velho portão enferrujado do outro da rua se abriu.

— Não esperava vocês tão cedo — a velha falou e abriu o portão num convite silencioso.

Bella, automaticamente, travou o carro e atravessou a rua. Laura seguiu a amiga, ainda incerta se queria entrar.

— Como tem passado, D. Júlia? —

Abraçou a senhora com carinho e Laura, em seguida, a cumprimentou.

— Acabei de fazer um chá — falou caminhado com dificuldade para varanda.

Bella ajudou a senhora a subir as escadas enquanto Laura observava o lugar com a mesma curiosidade com que pisaram ali pela primeira vez.

— Lembro de vocês ainda meninas, quando vieram pela primeira vez buscar uma bola que caiu exatamente ali. — As mãos trêmulas apontavam para o centro da estrela perfeitamente pintada no chão. — Também me lembro da última vez que estiveram aqui. Ano passado, se não me engano.

— Já faz cinco anos, D. Júlia — lembrou Laura e Bella automaticamente

olhou para ela.

— Parece que foi ontem — falou Júlia tentando puxar as lembranças.

Tomaram um chá, mas não se demoraram e, antes de se despedirem, a velha anunciou:

— *Nos vemos* em breve. — Parou pensativa. — Não hoje.

Laura entrou rapidamente no carro e Bella demorou algum tempo para dar a partida.

— Achei que a Lua ia nos trazer hoje aqui — confessou Bella.

— Eu também. Tenho medo das coisas que a D. Júlia diz, nunca me esqueço das palavras que ela nos disse da última vez que estivemos aqui.

— Lembro algo sobre união e

irmandade. — Tentou recordar Laura enquanto Bella dava a partida no carro.

— Sobre caminhos e escolhas — completou Laura.

— Lembrei — falou Laura empolgada. — Viemos numa cartomante, você queria se casar e eu queria encontrar um amor.

— E a cartomante era a D. Júlia, lembro que ficamos horas na porta pensando se entraríamos ou não — completou Laura.

— Você ficou com medo — acusou Bella e seu semblante se abriu. — Naquele ano, nós nos encontramos na casa da Ju e do Digo. A Carolzinha estava quase nascendo. — Lembrou com carinho.

— Você nunca se afastou do Digo, né, Bella? Às vezes não se encontrava com a

gente, mas nunca deixou de falar com ele.

— O Digo é o meu elo de ligação com o mundo real, Laura. Ele é mais do que um irmão *pra* mim.

Laura se calou por um tempo.

— Por que deixamos as coisas chegarem no ponto onde chegaram? — perguntou Laura reflexiva. — Éramos tão próximas e acabamos nos tornando tão distantes.

Bella tocou a perna da amiga enquanto dirigia.

— Momentos de vida diferentes. Você tinha seus objetivos, eu não era uma amiga apropriada para uma dama da sociedade.

— Não *fala* isso, nunca tive vergonha de você.

— Mas naturalmente se afastou. —

Bella apertou sua mão. — Não *esquenta*, o meu submundo é um fardo pesado.

Laura ficou em silêncio e algo doeu dentro dela.

— Bella — começou ainda estava insegura —, nunca pensou em ensinar outras mulheres a dançar para os seus... — Não sabia como completar a frase.

— Uau, Laurinha. Efeito *butterfly* instantâneo. E aí, gostou? Tenho alguns outros brinquedinhos que você pode experimentar.

Laura corou.

— Não *fica* com vergonha, *me conta* tudo. E aí, experimentou?

— Sim.

— Que merda é isso de sim, isso não é resposta.

— Eu não consegui sozinha. — Foi inevitável lembrar da cena, sorriu largamente. — Alex me ajudou.

Bella freou bruscamente, num cruzamento, e o corpo das duas foi projetado para frente com o tranco.

— Louca! — retrucou Laura.

— Laurinha! Uau.

Laura começou a gargalhar.

— Não precisa bater o carro. Já estamos bem avançados. — Parou e pensou. — Bem, pelo menos no meu conceito de avançado.

— Ele é aquilo tudo mesmo? Porque, puta que pariu, que bunda é aquela!

A amiga sorriu ainda mais com o comentário.

— Ai, Bella, ele é muito mais do que

eu poderia esperar de um homem. É muito mais que sexo entende? Ele me faz sentir livre, feliz.

— Eu vejo que você está feliz. E fico muito feliz em ver você com o mesmo olhar da menina dos biscoitos.

— Acredita que hoje vou fazer biscoitos? Deixei tudo pronto para quando chegar *em casa*. O Digo, a Lua e agora o Lucas não falam em outra coisa comigo.

— Aqueles biscoitos?

Laura concordou.

— Não perco isso por nada, *liga* para as meninas, quer dizer *pra Ju*, porque agora você é vizinha da sua irmã e só precisa ligar para o seu irmão, o casal vinte voltou.

— O Lucas está radiante, mas achei a

Ana quieta demais ontem.

— Laurinha, *se coloque* no lugar dela, os filhos dele estavam lá. Acho que é isso que a está incomodando.

— A Ana adora crianças. Você viu, na escola, a forma com que ela tratava os alunos.

— Só que é diferente, *pra* ela os filhos do Lucas são a prova de uma traição — falou Bella enquanto estacionava seu carro na porta do Café. — O Café não vai abrir hoje?

— Lua resolveu abrir quando quiser. Sabe que a Cris está gostando da ideia? Ontem passaram o dia comigo na casa do Alex, tenho certeza de que ela queria ver com os próprios olhos.

— Então eu vou subir lá enquanto você

toma um banho. Vou tomar um banho na casa da Lua, daqui a pouco chego lá. Onde é a casa do Alex? — perguntou retirando uma sacola do carro.

— É aquela ali, em cima do bar — falou apontando. — Bella, faz a Lua vir devagar, ontem ela sentiu mal depois que subiu as escadas.

— Pode deixar comigo — falou e piscou. — Eu cuido da Lua e da Cris, cunhadinha.

Laura resolveu entrar na provocação.

— E então quando começam as aulas de pole?

Bella gargalhou.

— Você não precisa disso, Laura, só precisa deixar esse mulherão que existe em você se soltar. Vai por mim, o

gostosão da bunda delícia já está na sua.

Laura sorriu e começou a caminhar em direção ao bar. Bella ficou observando a amiga por um tempo, tocou o interfone e foi atendida por Cris, que estava na cozinha preparando o café da manhã.

— Bella! — cumprimentou Cris, feliz em vê-la.

— Pelo visto acordei vocês — falou, entrando e colocando sua sacola no sofá. — A Lua ainda está dormindo?

— Estava fazendo café *pra* levar na cama. *Vem* na cozinha e me ajuda, que tomamos café com ela.

— Ela não está bem? — arriscou.

— Está se cansando fácil e ontem foi um dia cheio — falou tentando tranquilizá-la.

— Você está segurando tudo sozinha, Cris — falou tocando seus cabelos. — Não precisa ser assim. Aquele dia em que saímos, é lógico que eu queria informações sobre a Lua, mas, acima de tudo, queria dizer que pode contar comigo; que quando tudo estiver pesado demais eu vou estar aqui — disse emocionada. — Sabe, Cris, passei por isso com a minha avó e percebi que tem horas que precisamos de algum porto seguro, senão escolhemos caminhos errados.

— Bella, você é tão doce. É tão Bella. A sua amizade significa muito *pra* mim.

— Então vamos parar de viagem e preparar o café da madame. Fez omelete duplo?

— Duplo?

— Um em cima do outro e no meio requeijão.

— A Luana gosta disso? — perguntou Cris, sem acreditar.

— *Me passa a frigideira.* Pelo visto você não conhece sua mulher.

CAPÍTULO 35

Ernany tentou estacionar em frente ao Café, mas a rua estava cheia de carros, não havia vagas, precisou ir até o final da rua sem saída para retornar. Ficou surpreso quando avistou Laura, sentada dentro de um bar com uma porta aberta e a outra fechada. Bebia uma espécie de drink, num copo longo, e sorria como se tivesse ouvido uma piada. Rapidamente ele estacionou o carro. A possibilidade da ex-mulher estar bebendo naquela hora do dia o levou para lembranças sombrias. Com passos firmes, foi ao encontro dela.

Laura estava esperando Alex finalizar seu trabalho no bar. Logo que chegou, ele

lhe preparou um suco.

— *Pega* algumas carambolas *pra* mim — pediu apontando para ao balcão.

Alex rapidamente atendeu ao seu pedido, mas, antes de entregar a fruta, roubou-lhe um beijo.

— Vamos subir, quero dar um banho em você antes que as meninas cheguem.

Ernany observava a cena na porta de entrada. Laura estava debruçada no balcão, ajoelhada no banco. Pensou por um minuto que não poderia ser sua mulher, mas a voz ofegante do homem que a beijava o fez ter certeza.

— Laura...

Não sabia o que fazer, então caminhou apressado até o carro. Pensou em ir embora, mas precisava entregar as coisas

de sua mulher. Queria também tentar conversar com ela e reverter a sua decisão de abrir mão de tudo. Certamente aquele não seria um momento apropriado. Abriu o bagageiro e começou a retirar as malas.

Enquanto Alex fechava a porta do bar, Laura avistou Ernany retirando a quinta mala do carro e gelou. Pálida, encostou-se na parede e Alex rapidamente foi socorrê-la.

— Linda, você está bem?

Inevitavelmente, Ernany voltou a olhar para o casal. Laura estava branca e o homem parecia realmente preocupado.

— Ernany! — conseguiu sair do transe.

Alex saiu de sua frente e se virou para

o homem. Era alto, um pouco forte, tinha boa aparência. Percebeu que estava diante do ex-marido de sua mulher. Teve medo de perdê-la. Quis abraçá-la e mostrar ao homem que, agora, ela pertencia a ele. Não soube como agir, somente analisou cada detalhe do homem a sua frente.

— Eu não devia ter vindo — afirmou Ernany, colocando a mala dentro do carro. — Pensei que podíamos conversar. Não sabia...

Laura não respondeu, estava constrangida e, além do mais, não teria o que responder. Alex se pôs de pé diante do homem e estendeu sua mão.

— Alex —apresentou-se.

Ernany olhou para mão dele e apertou cordialmente.

— Ernany.

Laura continuava parada observando os dois.

— Eu trouxe suas coisas, achei que pudesse estar precisando — tentou se justificar.

— Obrigada. — Foi tudo que conseguiu dizer.

Alex rapidamente pegou uma das malas e colocou ao lado da porta de sua casa. Ernany olhou confuso, mas não quis contestar. Laura ajudou Ernany retirando uma das malas do carro.

— Precisamos conversar — falou Ernany quando percebeu que não seria ouvido. — Você não precisa abrir mão de nada. Pelo visto não cheguei em boa hora. *Me desculpe* devia ter ligado antes.

— Tudo bem — respondeu ainda sem graça.

— Você está muito bem — falou ele com um olhar preocupado. — Não precisa beber a essa hora do dia.

Laura se assustou com o comentário.

— Não estava bebendo — respondeu prontamente. — Alex fez um suco... — parou por um instante —, quer dizer, era suco.

— Já percebi que estão juntos. — Não sabia o que dizer. Alex chegou para carregar mais duas malas.

— Quer entrar? — convidou naturalmente. — Laura vai fazer biscoitos.

Ernany olhou confuso para ele.

— Não obrigado, vim entregar as malas, mas obrigado pelo convite. Não

sabia que Laura fazia biscoitos.

Alex sorriu malicioso para o possível adversário e entrou pela porta levando as malas de Laura.

— Obrigada por ter trazido pessoalmente. — Tentou deixar o clima mais leve.

— Achei que estivesse no seu apartamento.

— Eu me mudo em breve, ainda preciso de arrumar algumas coisas para me mudar.

— Entendo. Precisa de alguma coisa?

— Não, só que não pense mal de mim.

Ernany passou as mãos pelos cabelos.

— Laura, estou surpreso. — Foi sincero. — Não esperava que estivesse com alguém, mas você parece feliz. —

Sua expressão era impassível.

— Eu estou feliz. — Sorriu fracamente.

— Não vou mais atrapalhar, só vim mesmo trazer as coisas que pediu.

— Obrigada.

Ele não respondeu, entrou no carro e partiu. Ainda restavam duas malas no passeio e ela as arrastou com dificuldade até a porta. Alex descia as escadas rapidamente.

— Ele já foi — ela informou.

— Você está bem? — perguntou preocupado, tocando seu rosto.

— Surpresa *dele ter* vindo até aqui, de você ter se imposto *pra* ele — respondeu sorrindo.

— Eu fiquei inseguro — confessou. —

Tive medo de você ir com ele, o mesmo medo que tive no dia que te deixei na sua casa.

— E por isso se impôs?

— Não, porque quis mostrar *pra* ele que você tem quem cuide de você — falou, sentando-se no degrau da escada. — Na verdade, eu agi por impulso.

Laura se agachou de frente para ele.

— Eu fiquei surpresa. *Me senti* culpada. Não sei explicar.

Alex continuou sentado esperando que ela continuasse.

— Do que tem medo? — Laura questionou.

— De não ser o suficiente *pra* você.

Laura se sentou ao lado dele.

— Laura, eu não tenho condições de manter o padrão de vida que você leva. Eu já tive muito, não tanto quanto você tem, mas descobri que isso não faz de ninguém melhor. Eu perdi tudo pela minha ambição. — Estava sério e determinado. — Tenho economias, o bar vai muito bem, obrigado, consigo viajar *pra* fora a cada dois anos, mas isso é muito pouco perto do que você está acostumada.

— Eu abri mão de tudo.

Alex a olhou sem entender.

— Eu não vou levar nada desse casamento. Tenho a renda do meu apartamento, que ficou alugado durante anos. Tenho minhas roupas, sapatos, joias e não pretendo ficar com tudo. Estou decidida a começar de novo. Não quero

que me dê nada, quero trabalhar. Quero poder dividir uma conta — arriscou tímida. — Pagar minha viagem, viver com o que tenho. Eu não quero mais a vida que eu tinha, nenhum dinheiro do mundo pôde comprar o meu sorriso. Nenhum dinheiro do mundo comprou a minha felicidade e a minha vontade de lutar. Muito menos a saúde da minha irmã. — Parou por um instante. — Alex, ainda é tão recente *pra* mim. As coisas aconteceram tão rápido, ainda não consigo pensar claramente num futuro ou num caminho. Você me ensinou a viver o hoje, *me ensinou* a enxergar a pessoa que existe aqui dentro. Eu estou feliz, mas também estou com medo.

— Medo de se arrepender? Medo de ver que era mais feliz na vida que levava?

— Medo de não ser o que você

precisa, medo de fazer você sofrer ainda mais. Eu não tenho nenhuma experiência em relacionamentos reais. Eu nunca estive tão feliz na minha vida. Você me ajuda muito, mas também preciso me descobrir sozinha. Em breve vou ter a minha casa. Não é longe, mas não vou mais acordar com você — falou melancólica.

Alex se levantou e a puxou pelas mãos, pela escada, chegou bem próximo da grande janela de vidro da sala e a abraçou por trás.

— Consigo ver a janela do seu quarto daqui — sussurrou. — E toda vez que quiser que eu vá ver você, é só me chamar. Sem contar que essa cozinha vai morrer de saudades de você. — Ele a beijou com carinho.

— Gostei do jeito como que se impôs. Foi um pouco desconcertante, mas eu gostei. Parecia que estava marcando território.

Ele sorriu malicioso.

— Eu estava — confessou. — Custei a encontrar você e não vou deixar que escape.

— Eu não quero escapar.

— Ainda bem, porque, mesmo depois que você se mudar, lembre-se que somos vizinhos — falou piscando.

CAPÍTULO 36

— Eu não aguento mais cortar biscoitos — reclamou Ana.

Laura cortou mais uma carambola e envolveu os pedaços no plástico filme. As pequenas estrelas formadas eram os moldes para cortar os biscoitos. Técnica que aprendera com sua avó.

— Então anota aí, Ana, dar cortadores de biscoitos para casa nova da Laura. Isso não é humano. — Praguejou Ju. — Rodrigo, pode vir aqui ajudar.

— Isso mesmo, Diguinho, *vai* ajudar as meninas, daqui a pouco vamos sair e vocês vão ficar tomando conta dos biscoitos. Tinha esquecido como isso

dava trabalho — brincou Lua.

— Pode deixar, que fico aqui e termino. — Ofereceu Cris.

Luana deu-lhe um olhar de reprovação.

— Qual parte do “Você vai comigo” não entendeu?

— Uau, Lua, gostei disso. Senti firmeza, preciso de umas dicas de como domar seu dragão. — Foi inevitável todos rirem da piada de Rodrigo.

Às sete da noite, ainda faltavam seis tabuleiros de biscoitos para serem assados. Laura deixou Alex incumbido de colocá-los para assar. Impaciente, Luana, Cris, Ana e Ju já esperavam por Laura no carro. Bella ficou para esperar a amiga repetir, pela terceira vez, as instruções para Alex. Rodrigo e Lucas se divertiam

jogando damas no balcão da cozinha.

Quando finalmente Laura terminou, desceram para rua e foram para o carro de Bella. Cris já estava ao volante do outro carro, pronta para dar a partida. Seguiram o veículo pela cidade até chegarem à antiga rua onde moravam.

— D. Júlia disse que não nos encontraríamos mais hoje — lembrou Laura.

— Estranho, mas pelo visto é *pra* lá mesmo que estamos indo — observou Bella enquanto via Cris estacionar o carro em frente ao velho portão.

Laura respirou fundo e saiu do carro. A brisa fria a fez se arrepender de não ter levado blusa. Não pretendia demorar, não se sentia confortável naquela casa. As

palavras que ouvira há cinco anos quando estiveram ali ainda martelavam em sua mente.

Luana retirou as chaves do bolso e abriu o velho portão, que rangeu ao abrir. Uma a uma entraram. Na rua, algumas crianças brincavam e isso fez Ana demorar para entrar na velha casa. Ficou observando nostálgica.

— Onde está a D. Júlia? — perguntou Bella.

— D. Júlia faleceu há dois anos, Bella — respondeu serenamente.

Laura gelou e Bella apertou a mão da amiga. Silenciosamente, pediu a ela que não dissesse nada sobre a visita pela manhã. Um tremor percorreu o corpo de Laura e Bella não soltou a amiga.

— Você ainda vem aqui, Lua? — perguntou Ana, tocando um galho de alecrim.

— A filha da Júlia mora fora. Eu ajudo a cuidar da casa, ela faz questão de deixar tudo no mesmo lugar. Costumo vir aqui uma vez por semana, mas tem um senhor que cuida de tudo por aqui.

Laura não conseguia parar de tremer. O frio, misturado à visão que teve de tarde, fez com que ela quisesse sair dali.

— Por que nos trouxe aqui? — perguntou inquieta.

— Para nos despedir — falou com segurança. — A casa vai ser colocada à venda na próxima semana, queria trazer vocês aqui.

Automaticamente todas olharam para

estrela pintada no chão. As marcas do tempo deixaram que ela se apagasse. Luana pegou um caco de tijolo e, quando se abaixou para redesenhar a estrela, sentiu uma tontura. Sentou-se e, com dificuldade, deixou que o tijolo arranhasse o chão deixando a marca de uma nova estrela. Tomou cuidado para que ninguém percebesse seu mal-estar.

Não conseguiria se levantar naquele momento e, sem saber como agir, convidou as amigas para se sentarem com ela. Estava subentendido, cada uma deveria sentar em uma ponta. Cris foi caminhando para varanda e Bella a puxou pela mão, sentando-a em uma ponta. Luana sorriu satisfeita.

Laura, ainda estática, relutava em se sentar, mas já estava posicionada no

mesmo lugar onde esteve anos atrás.

— Aqui foi onde tudo começou — disse visivelmente emocionada. — Tantas coisas aconteceram nesses anos. Encontros, desencontros e reencontros — falou enquanto olhava para Ana. — Risos e choros. — Olhou para Ju. — Caminhos diferentes foram tomados, escolhas certas, escolhas erradas... — falou olhando para Bella. — *Nos perdemos, nos achamos* — olhou para irmã com carinho —, mas *pra mim o mais importante é que, mesmo longe, sempre estivemos juntas.* — Parou e respirou fundo. — Trouxe vocês aqui para repetirmos o pacto de sangue. Este ano, com a abertura do baú e todo o resto, ainda não conseguimos fazer, mas dessa vez, gostaria de juntar o nosso sangue ao da mulher que me ensinou a amar de

verdade. — Olhou para mulher que estava emocionada. — A mulher que me ensinou que o amor não tem gênero, não tem posse, não tem competição, não tem rancor. Um amor que cura, um amor que salva, um amor que perdoa. Um amor que perdoa o próximo, mas que, acima de tudo, perdoa a si mesmo. — Com os olhos fechados, ficou por um tempo tentando se recompor. — Nunca estaremos completas se uma de nós não estiver. Não foi somente um pacto de sangue renovado inúmeras vezes. Foi uma promessa de irmandade. Só estaremos completas quando todas estiverem. — A emoção era grande demais para continuar. Arrastou-se até o lado de Cris, e deu a mão para a mulher e para Ana, que estendeu a mão para Bella, que deu a mão para Laura, que

deu a mão para Ju, que deu a mão para Cris.

De mãos dadas, deixaram que a emoção do momento as tocasse. As lembranças vinham como um vendaval. Por algum tempo, permaneceram assim. Aos poucos, a à medida que os sentimentos amainavam, as mãos foram se soltando e elas foram se recompondo. Bella se levantou e pegou uma rosa vermelha no canteiro colado ao muro.

Todas se colocaram de pé. Luana dividia uma ponta da estrela com a mulher. A rosa passava de mão em mão. Já sabiam o que teriam que fazer, fizeram aquilo tantas vezes. Luana foi a primeira, retirou um espinho e furou o dedo de Cris para extrair uma gota de sangue, que em uma pétala colocou. Em seguida Cris

pegou o espinho de sua mão e repetiu o ritual. Estava concentrada e visivelmente emocionada, sentia-se feliz por estar entre elas.

Ju foi a última a depositar seu sangue na pétala de rosa, quando, ainda imersas no ritual, foram interrompidas pelo som seco e alto. Luana se colocou no centro da estrela para pegar a bola que havia caído. Logo que a tocou, sorriu e encarou cada uma das amigas.

CAPÍTULO 37

— Elas já foram? — perguntou Luana logo que Alex entrou no Café.

— Animadíssimas! — observou com um sorriso.

Alex caminhou para de trás do balcão e começou a preparar dois expressos.

— Você está melhor? — falou concentrado passando água quente nas xícaras. — Sei que essa é a pergunta proibida, mas não tem jeito de perguntar de outro jeito.

— *Me sinto* cada vez mais fraca, o remédio ajuda bastante nas dores, mas tenho tido tonturas.

— Lua, eu tenho pensado se essa

viagem realmente é uma boa ideia — confessou Alex.

— Alex, vai dar certo. Vou com você vai ser ótimo, além do mais a Cris precisa sair um pouco também.

— Algum dia você vai aprender a cuidar de você, mocinha?

— Quem sabe não aparece um príncipe encantado na minha vida — respondeu com deboche.

— Eu não sou um príncipe encantado — retrucou ele.

— Não, você é um sapo. Um sapo que foi beijado por uma certa princesa.

Alex sorriu. Conhecia Luana e certamente não perderia a piada.

— Eu queria fazer uma surpresa *pra* Laura. Pensei em instalar os

eletrodomésticos na cozinha. Deixar tudo mais ou menos pronto — falou enquanto colocava as xícaras no balcão.

— A faxineira está lá em cima. Vem alguém ver a parte elétrica no final da manhã.

— Elas não devem voltar a tempo. — Parou pensativo. — Quer me ajudar lá em cima? — parou pensativo. — Pelo menos me fazer companhia. O café no início da semana fica parado.

— Eu subo com você. Já trouxe as coisas dela?

— Trouxe ontem à noite.

— Vou guardas as roupas dela, então. *Me ajuda* a fechar aqui?

— Ajudo se você não contar *pra* Cris que a ideia de fechar o Café foi minha.

— Fomos convocados para um mutirão. — A voz de Rodrigo ecoou pelo Café.

Lucas estava logo atrás dele, sorrindo para irmã. Os quatro subiram para o apartamento de Laura. E começaram a desembalar alguns móveis.

— Lua, estava pensando em construir mais um andar. Preciso de mais dois quartos para as crianças. Você ainda tem a planta do prédio? Queria mostrar para um engenheiro.

— Está lá embaixo, depois pego *pra* você. Tem toda a documentação também. É bom que fique com você.

Lucas assentiu sem concordar.

— Quem convocou vocês? As meninas não disseram nada antes de saírem.

— O nosso cunhadinho — falou olhando para Alex que ligava a geladeira e colocava algumas compras dentro dela. — Esse aí parece bem-disposto a fazê-la feliz.

— Então faça o papel de irmão mais velho. Vai lá ajuda ele, tenta arrancar dele quais são suas intenções — zombou. — Digo, vem comigo no quarto, *me ajuda* a abrir essas malas.

Rodrigo recolheu os papelões espalhados na sala e colocou no hall de entrada, logo em seguida foi para o quarto de Laura a procura de Luana.

— Uau, vamos ter trabalho. — Chocou-se ao ver a quantidade de malas espalhadas pelo quarto.

— Pelo visto você está empenhado a

ficar próximo da sua mulher — falou enquanto tentava colocar a primeira mala sobre a cama.

— Estou tentando ficar mais próximo de vocês — falou pegando a mala de sua mão. — Estou gostando disso, Lua, a vida nos afastou e agora nos uniu.

— Você e a Ju estão bem?

— Estamos tentando, Ju quer voltar a trabalhar e estamos nos organizando para isso.

— Ela é perfeita para ajudar Cris aqui no Café, sabe disso, né?

Rodrigo concordou, mas a corrigiu.

— Para ajudar você e a Cris no Café.

— Você entendeu, acho que ela iria gostar. Quem sabe você não fala com ela, aí nos quarenta e cinco do segundo tempo

você conta que a ideia foi minha.

Rodrigo achou graça.

— Podem passar mil anos, mas nada muda, né Dona Luana? Sempre mãezona, sempre preocupada, sempre protetora — falou e abraçou a amiga.

— Cuida delas — pediu com a cabeça deitada em seu ombro. — A Ju é uma mulher bem resolvida, mas a Bella não. Você sabe melhor do que eu. — Sua voz soou áspera.

— Lua, sem ciúmes — advertiu. — A Bella sempre foi mais fechada, não é sempre que se abre comigo.

— Digo, sem essa. Ela sempre foi colada em você.

— A Bella é uma irmã *pra* mim. Uma irmã mais nova. Lembro até hoje o dia em

que a avó dela morreu. Ela ficou um dia inteiro em cima do muro que dividia a minha casa da dela. Ela estava tão sozinha, tão perdida. Desde então prometi que cuidaria dela.

— A Bella é muito especial, Digo. Ela é perdida às vezes, cabeça dura, mas merece ser feliz.

— Sabe, Lua, acho que ela está se encontrando. Proibiu a prostituição na boate, abandonou tudo e diz que vai marcar a despedida dos palcos em breve — contou com orgulho.

Luana analisou as palavras do amigo.

— O que foi Lua? Não está feliz?

— Estou, espero que ela esteja fazendo isso por ela — falou e saiu para guardar os sapatos da irmã.

— *Me passa* por favor a chave de boca — pediu Alex para Lucas enquanto tentava instalar a máquina de lavar-louças.

Lucas colocava as peças do fogão que Alex tinha acabado de encaixar no lugar.

— Alex, ontem você ficou calado. O que acha sobre o comportamento da Ana em relação as crianças.

— Acho natural, Lucas. A Ana até algumas semanas atrás era uma mulher tímida, insegura. Não deve ter mudado muita coisa. Já pensou que ela pode estar insegura, que se sente em uma competição e não tem a menor chances contra seus

adversários.

Lucas se recostou no balcão.

— Mas eles não são adversários.

— Não na sua cabeça, mas ninguém sabe o que está passando na cabeça dela. Já tentou uma conversa franca?

— Ela foge do assunto.

Alex respirou fundo e sentado no chão se recostou no armário.

— Sabe, Lucas, as pessoas pensam demais, conversam de menos e não vivem nada. Eu descobri com a Laura, por incrível que pareça, que o diálogo, conversar abertamente sobre as coisas é a melhor coisa a se fazer. Não que eu ache que nesse momento esse seja o seu caso.

— Então meu chapa, meu caso não tem solução. — Bufou Lucas.

— Tudo nessa vida tem solução. Tenta *deixar ela* segura, se a Ana precisa de espaço, dê a ela. Comece a promover uma aproximação natural entre eles, mas mostre *pra* ela que está com ela. Isso é muito importante *pra* elas.

— Cara, *tu é* profissional.

Alex gargalhou.

— Não sou não, estou aprendendo com sua irmã — falou sem esconder o sorriso.

— Esse lance é sério mesmo. Estou feliz por você e ela parece uma menina de dezessete anos.

— Sua irmã é uma mulher incrível. Só precisa se descobrir.

— Por favor, não quero nem imaginar como você tem ajudado. Poupe um irmão mais velho sobre os detalhes sórdidos.

— Esses pode deixar que Luana já fez um questionário — brincou Alex.

— Em compensação, pode me contar suas intenções. Ela me incumbiu disso. — Entrou na brincadeira.

— Eu não tenho pressa, Lucas, vou esperar o tempo certo. A Laura precisa desse tempo. As minhas intenções são as melhores possíveis, mas agora a prioridade é cuidar dela e da Lua. Acho que seria sensato perguntar ao médico se seria conveniente ela viajar. Posso conversar com a Laura e desistimos do concurso se não for boa ideia pra Luana ir *pro Sul*.

— Vou ver isso com ele.

— Então veja e me fale, que já conversei com a Laura sobre isso.

— Qual parte que vocês não entenderam que esse assunto era proibido até voltarmos de viagem? — vociferou Luana em pé na cozinha. Tinha acabado de ouvir a conversa entre eles.

Lucas rapidamente interpelou.

— Lua, só estamos preocupados com você. Não queremos que faça uma viagem se não estiver se sentindo bem.

— Lucas vou repetir *pra* você pela última vez. Temos um acordo certo? Eu vou me tratar, mas tenho compromissos.

— Mas, Lua... — Tentou argumentar.

— Nem mais uma palavra sobre isso. Ok?

Alex, ainda sentado, olhou para Lucas e piscou discretamente. Lucas concordou com a irmã. Lua voltou para o quarto.

— Entendeu agora? Com ações e não com palavras — falou Alex se voltando para sua tarefa.

— Gente, por que a Bella não veio? — perguntou Cris enquanto escolhia algumas toalhas.

— Gigante, Cris, o Alex gosta delas grandonas — falou Laura apontando para a pilha ao lado.

— Meu Deus, já estamos assim? — zombou Ju enquanto escolhia tapetes de banheiro combinando com as cores das toalhas que Cris pegava. — Bella precisou ir *pra* boate. Parece que vão entrar em reforma.

— Foi o Rodrigo que disse? —
perguntou Ana carregando algumas
sacolas.

— Não, ela me contou ontem, na casa
da Laura, quer dizer na casa do Alex.

Cris riu com a piada de Ju.

— Parece que vão ter aulas de pole no
período da manhã — completou Ju.

— Eu tenho vontade de fazer. —
Deixou escapar Laura enquanto separava
roupas de cama.

— Eu vou fazer com certeza. Adorei
as dicas da Bella — falou Ju.

— Eu tenho vergonha — confessou
Ana.

— Pois não devia. — Cris chamou sua
atenção. — Você é linda, tem um homem
que te ama, está recomeçando a vida. Por

que não colocar um pouco de pimenta nessa vida?

Ana corou envergonhada e Cris se arrependeu do comentário.

— Desculpa, Ana — falou baixo.

— Não peça desculpas, Cris — falou Ju. — Amigo é para essas coisas e a Ana está precisando de um sacolejo *pra* ver se põem *pra* fora o que ela fica guardando *pra* ela. Isso é autoflagelação.

— Deixa ela, Ju — interrompeu Laura. — A hora que ela quiser falar, ela fala.

— Então se não vai falar, pelo menos desfaz essa cara de mamona arrependida — falou Ju olhando para Ana. — Mudança da Laura, foco.

CAPÍTULO 38

— Fiquei esperando você me ligar. —
Ouvia sua respiração pelo telefone. —
Queria ter passado a noite com você —
confessou Júlio.

— Eu cheguei tarde — falou Bella
recolhendo alguns orçamentos de sua
mesa. — Tinha que chegar cedo na boate,
só consigo trabalhar aqui de manhã. De
tarde as meninas chegam para ao ensaio e
é sempre um tumulto.

— Precisa de ajuda? — Sua voz era
baixa.

— Vou levar alguns orçamentos *pra*
você ver. A reforma vai ficar dentro do
planejado, até porque é só uma tapa

mesmo *pra* recomeçar com o pé direito. Em dez dias, no máximo, tudo fica pronto.

— Você parece animada.

— Eu estou — parou e sorriu —, com saudade também. Vai me ver hoje?

— Minha Bella, não faça isso. Preciso viajar, chego sexta de tarde.

— Eu viajo na quinta. Lembra a viagem do Sul que te falei?

— Lembro, posso ver você no domingo? Tenho um presente para você.

— Posso voltar sábado à noite, logo depois do concurso.

— Não estrague sua viagem, eu estarei te esperando — suspirou forte. — Domingo espero você no seu apartamento, quando chegar de viagem poderá me ver.

Bella sorriu amplamente.

— Ainda quero brincar com você vendada.

— Do jeito que você quiser, mas domingo vou olhar você, sem nada entre nós. Só nos dois. E segunda você não trabalha. — Não foi uma promessa, foi uma ordem.

Bella arrepiou e deixou que o sentimento bom que chegava aos poucos, invadisse sua alma.

— Gosto de ficar ouvindo sua respiração — falou ele sussurrado.

— Gosto do que me faz sentir — falou sentindo um frio na barriga.

— Gosto de saber que sente algo por mim.

— Bem mais do que você imagina.

— Eu sei. Eu sinto.

Ficaram em silêncio por longos segundos.

— Preciso ir, a Rose vai trazer alguns documentos para que eu assine, quero terminar tudo aqui e ir ajudar minhas amigas.

— Bom trabalho, minha Bella. Eu te ligo a noite, quando chegar no hotel.

— Vou ficar esperando — falou e em seguida desligou o telefone.

Um sorriso bobo se instalou em seu rosto. Seria difícil se concentrar no trabalho depois daquele telefonema. Entorpecida pela onda de paixão que lhe dominava foi interrompida por Rose, cheias de pastas na mão.

— *Desculpa*, Bellita, não consegui bater na porta minhas mãos estavam

ocupadas.

— Sem problemas, Rose, senta — falou remexendo alguns papéis em sua mesa. — Preciso que mande esses orçamentos para o e-mail do Júlio, vou conversar com ele antes de bater o martelo amanhã. Está tudo pronto *pra* minha viagem?

— Sim, mandei *pra* você tudo logo cedo.

— Ótimo, deixe uma passagem de volta comprada *pra* sábado à noite.

— Quer que cancele a outra?

— Não precisa, somente compre uma volta para sábado.

— O Júlio tem algo a ver com isso? — perguntou a funcionária desconfiada.

— Ele tem tudo a ver com isso —

confessou com um sorriso idiota.

Rose sorriu de volta, mas parecia abatida.

— E você, que carinha é essa?

— Fabiana me deixou. — Pôde ver seus olhos cheios de água.

— Que merda, Rosita, depois de tudo que você fez por ela.

— Não adianta, Bella, a família dela não aceita. É melhor assim. Ela é muito nova, imatura. Dói, mas passa.

— Vai fazer o que de tarde?

— Vou acompanhar o ensaio, preciso conversar com as meninas, mas como a boate está fechada pensei em ir *pra* casa mais cedo e afogar as mágoas em algumas barras de chocolate.

— Nada disso, vou te levar *pra*

distrair.

— Onde você vai me levar, sua louca?

— Fui incumbida de levar almoço para um monte de marmanjo esfomeado na casa da Laura. Aproveitamos e ajudamos no mutirão da mudança.

— Bella, eu não posso, tenho que conversar com as meninas.

— Eu espero, pode deixar as pastas aí, eu vejo e o que tiver dúvidas te pergunto amanhã. Saímos em duas horas, tudo bem?

— Não acredito que montou a cozinha — falou Laura eufórica, jogando-se nos braços de Alex.

— Ei, não vai agradecer ao irmãozinho aqui também não? — reclamou Lucas enquanto abraçava Ana, que estava tensa.

— E estamos sem almoço — reclamou Luana —, só na base dos biscoitinhos. Estamos esperando a Bella trazer comida há horas.

— Não estão esperando mais. Trouxe comida chinesa *pra* todo mundo — falou parada na porta. — Trouxe a Rose também.

Em festa todos comeram, Ana estava sem apetite, tinha lanchado no shopping. Lucas percebendo seu desconforto terminou de comer e a puxou para varanda.

— Quer ir embora? Você parece

cansada.

— Não, vamos ajudar sua irmã. Mais tarde vamos, eu estou bem.

— Tudo bem, mas eu quero te fazer um convite — falou abraçando-a com carinho. — Que tal eu e você amanhã num passeio de bicicleta? Só nos dois, passamos o dia todo juntos. Esquecemos a mudança de Laura, esquecemos o mundo lá fora e ficamos só eu e você.

Ana se aqueceu com a proposta.

— Eu preciso me preparar para o emprego novo.

— Ana, você começa em quinze dias. Está de férias. Você sabe que as crianças vão com a gente *pro* Sul. — Ana concordou. — Então, um tempo só *pra* nós.

— Tudo bem.

— Você não parece feliz com o passeio. Posso te levar *pra* andar de pedalinho no lago — brincou se lembrando do seu pavor por patos.

— Não, passeio de bicicleta é melhor.

Lucas a beijou demonstrando naquele gesto todo seu amor. Talvez Alex tivesse razão, o diálogo com Ana ainda era difícil, percebia seu desconforto, mas sabia que ela não iria se abrir. Durante o resto da tarde ficou próximo, ajudando nas tarefas que ela fazia. Foi o mais carinhoso e atencioso possível, no fim do dia conseguiu arrancar alguns sorrisos.

Bella, Ju e Luana terminavam de organizar o closet de Laura, que estava na cozinha com Alex, guardando as louças.

Rodrigo recolhia as caixas vazias, Cris e Rose organizavam e guardavam o enxoval.

— Mas vocês estão juntas há muito tempo — falou Rose enquanto desembalava algumas peças.

— Quase oito anos — respondeu Cris com orgulho.

— Uau, acho que nunca fiquei tanto tempo com uma pessoa. Relacionamentos são complicados.

— Eu costumo dizer que é uma arte — falou Cris finalizando a arrumação das roupas de cama. — Bem, Rose, preciso ir. Vou resgatar minha mulher, ela já fez estripulias demais por hoje. Precisa de banho e cama.

— Adorei conversar com você, Cris,

obrigada pelos conselhos.

— Disponha — falou e saiu para o quarto da cunhada.

Lua estava deitada na cama enquanto Bella e Ju desfilavam alguns modelitos extravagantes de Laura.

— Muito bem, Dona Luana, por hoje chega — falou séria. — Você precisa descansar.

— Estou deitada, patroa, quietinha, *me divertindo* com essas loucas — falou tentando descontraír. — Olha aquele vestido vermelho? — zombou debochada apontando pra Bella.

— Realmente um escândalo. — Tentou ser agradável. — Vamos? — pediu amigável. — Eu também estou cansada, fazer comprar com a Laura é uma prova

de fogo.

— Você não viu nada — falou Bella —, ela até que foi objetiva,

— E econômica — completou Ju. — Bem, também preciso ir. Vou pegar as crianças na casa da minha sogra. Elas estão eufóricas com a viagem.

— Então, Lua, obedece a Dona Patroa — expressou Bella com deboche. — Ela deve ter planos incríveis para noite.

Cris deu um tapa no braço de Bella.

— Você acha que tenho forças *pra* alguma coisa hoje depois da maratona no shopping?

— Agora vai ter que dar conta, patroa — falou Luana dando um tapa na bunda da mulher.

— Então se levante logo daí. Vou

arrumar a cama *pra* Laura, vai que ela resolve passar a noite aqui — falou Cris espantando Luana com um travesseiro ainda embalado.

Rose e Bella foram as últimas a sair levando a faxineira que Luana havia contratado. Ficaram esperando Lucas e Alex montar os móveis da varanda. Enquanto isso com a ajuda de Ana deixaram a casa toda organizada. Quando Laura fechou a porta parou de frente para Alex:

— Enfim sós.

Alex aproximou sua boca na dela.

— Ainda não — falou abrindo a porta.

Sumiu pelo corredor até o acesso as escadas. Laura ficou parada sem entender. Poucos minutos voltou com uma garrafa

de champanhe em uma das mãos e um vaso de orquídeas na outra. Laura olhou surpresa.

— Onde estavam essas coisas? — falou tocando o champanhe que estava gelado.

— A Cris. — Deu de ombros. — Quem tem amigos, tem tudo — falou entregando as flores e colocando a garrafa sobre a mesa. — Agora sim, enfim sós.

CAPÍTULO 39

Rodrigo estava jogado no sofá, João seu filho mais velho assistia Stock Car, Carol desenhava em cima do sofá e Felipe o mais novo cochilava no colo do pai.

— Digo, eu falei *pra* você não deixar ele dormir antes do jantar. — Repreendeu Ju, que apareceu na sala com um pano de prato no ombro.

— Ju, ele estava exausto, brincou o dia todo, ele lanchou tem pouco tempo.

— É mãe! Não briga com meu pai não, ele está cuidando da gente direitinho.

Rodrigo piscou para mulher, feliz de ter ganhado um aliado.

— Não me olha desse jeito, ontem

você passou o dia em casa enchendo os meninos de besteiras e hoje passou o dia no clube com eles, quero ver voltar ao ritmo normal.

— Ju, estamos de férias, viajamos amanhã — falou o marido, feliz.

— Você tirou uma semana de férias, Rodrigo, os meninos estão faltando aula. Você vai ter que dar conta deles.

Rodrigo se levantou e colocou Felipe na cama, ajudou Carol a tomar banho, que voltou para a mesma posição que estava, mas agora de pijama, João permanecia na mesma posição.

Na cozinha encontrou a mulher terminando de montar a salada.

— Quer ajuda? Ofereceu com os braços cruzados, encostando na pia.

— Está quase tudo pronto, vou precisar que me ajude com as malas, eu só consegui arrumar a da Carol.

— E como foi lá no apartamento da Ana?

— Eu fui lá com a Lua e com a Cris, mas ela não abriu a boca *pra* tocar no assunto.

— A Laura não foi com vocês?

— Não, ficou arrumando algumas coisas no apartamento e a Bella passou a tarde com sua mãe.

— Eu sei, minha mãe ligou, mas eu estava no clube com os meninos não quis interromper a farra.

— Digo, você está acostumando eles mal, como vamos fazer quando eu começar a trabalhar?

Rodrigo abraçou a mulher.

— Já disse que vamos dar um jeito, eu tenho tão pouco tempo com eles, senti sua falta lá no clube, falou beijando seu pescoço.

— Não podia deixar a Ana. — Parou e verificou o forno. — Se bem que não ajudou muito, né? Pelo menos ela se distraiu.

— Ju, eu estava pensando, já pensou em trabalhar no Café?

— Rodrigo, não me faça rir, você estava pensando ou a Lua? — perguntou com as mãos na cintura.

— Como você sabe?

— Conheço bem as minhas amigas e mais ainda o meu marido.

— Tudo bem, você está certa, a Lua

veio falar comigo, elas vão precisar de ajuda.

— Sabe, Digo, não é a primeira vez que a Lua mostra interesse nisso. A Cris não fala nada, para ela é difícil o momento. Agora é hora de ficarmos juntos e pensarmos no tratamento da Lua, pensei em me oferecer *pra* segurar as pontas no Café enquanto elas estiverem nos Estados unidos.

— Pode ser uma boa, não se preocupe com nada, os meninos vão ficar bem.

— Digo, é estranho como todos se aproximaram de novo, é como se o tempo não estivesse passado.

— Também sinto assim, Ju, estou adorando ter todo mundo por perto, mas tô preocupado com a Lua e com a Bella

também — falou se sentando e colocando um copo de suco.

— Mas a Bella parece tão bem.

— Você sabe como ela é, a doença da Lua, as mudanças todas que ela está disposta a fazer — suspirou fundo. — Vamos viver um dia de cada vez.

Juliana se aproximou do marido e afagou seus cabelos.

— Acho tão bonito a maneira como você se preocupa com a Bellinha, a forma com que cuida de mim, da nossa família.

Rodrigo enlaçou a cintura da mulher.

— Você é a minha vida, Ju. Você e os nossos filhos, faço tudo por vocês.

— Eu também faço tudo por vocês.

— Menos pudim de leite, pediu com cara de dengoso.

— Não durante a semana — falou o soltando. — Vai lá em cima, tira as malas do maleiro e chama os meninos para jantar, está quase pronto.

Laura estava sentada na sala analisando seu novo lar, ainda queria comprar alguns móveis e organizar algumas coisas, mas sentia-se feliz, livre. Passou a tarde arrumando suas malas e reorganizando seu closet, foi até a cozinha para preparar um chá quando a campainha tocou.

Estranhou a hora, pois Alex ainda demoraria a chegar.

— Lucas, que surpresa boa! —

Abraçou o irmão com carinho. — A Ana não veio com você?

— Não, hoje é dia de dormir com os meninos — falou dando ombros. — Eu vim buscar os documentos do prédio com a Luana, era *pra* ter vindo mais cedo, mas hoje foi um dia cheio, tive que deixar tudo em ordem para a viagem de amanhã. Animada?

— Vem, entra — chamou puxando o irmão para se sentar em um dos sofás. — Estou ansiosa, mas na verdade não quero mais sair daqui — falou orgulhosa da sua nova casa.

— Estou orgulhoso de você, o papai ia ficar feliz em ver você morando aqui.

— Eu sei, estou feliz de estar aqui, perto da Lua e em breve perto de você.

— Laura, sabe que a Lua está muito fragilizada! — ponderou.

— Eu sei, Lu, mas quero estar perto dela e da Cris, *me sinto* tão bem, é como se sempre tivesse morado aqui, ter todos tão próximos de novo, viajarmos todos juntos...

Foram interrompidos pelo apito da chaleira e pela porta abrindo bruscamente.

— Laura, você não vai acreditar, Alex irrompeu a porta, ofegante e encontrou o cunhado. — Opa, Lucas! — Cumprimentou-o batendo em seu ombro.

— Aquele músico que te falei, é hoje que ele se apresenta no bar, fiz confusão com as datas.

— Em plena quarta-feira?

— Linda, quarta é dia de maior movimento, queria que você visse.

— Ficamos lá um pouco, eu já consegui arrumar as malas.

— Pelo visto estou sobrando e vocês já têm compromisso, passei mesmo para dar um beijo.

— Fica, Lucas, toma um chá, eu tomo um banho rápido e conversamos mais um pouco, está cedo ainda, você deveria ir com a gente.

— O chá eu aceito, mas ainda tenho que pegar as crianças, ouvir mil recomendações da Roberta, a mãe dela não está bem, vai ser bom levar os meninos para viajar.

Alex ajudou Laura a servir o chá, e logo em seguida ela foi tomar banho.

Logo que percebeu que a irmã havia saído da sala Lucas se aproximou de Alex.

— Fui no médico da Lua hoje, ia contar *pra* Laura, mas não queria estragar a felicidade dela.

— E aí?

— Ele não aconselha a viagem. Por ele, Lua estaria no hospital, preparando-se para o tratamento. Disse que conversou com ela, mas se ela quer ir, não podemos fazer nada.

— Ela passou aqui mais cedo, estava bastante animada — Alex contou —, mas me preocupo com ela.

— Vamos ficar de olho, ele pediu para evitar álcool, alimentar direito, não forçar tanto.

— Obrigado por não falar nada com a Laura. — Agradeceu Alex. — Tem acontecido tantas coisas, sei que ela é bem mais forte do que parece, mas ontem passou o dia mais quieta e sei que tudo isso mexe demais com ela.

— Você cuida muito bem da minha irmã, das minhas irmãs. — Corrigiu Lucas. — Aquela cabeça dura, que mora aqui embaixo, *me dá* um bom trabalho. — Riu melancólico.

— É meu chapa, pelo visto você está bem encrencado com a família Stankevitz.

Alex sorriu e abriu um dos armários da cozinha colocando o pote de biscoitos na bancada, logo em seguida pegou a garrafa de uísque e serviu uma dose para cada.

— E as coisas com a Ana,

melhoraram?

Lucas respirou forte.

— Contanto que os meninos não estejam por perto — ponderou. — Ontem passamos um dia incrível juntos, hoje cedo sai, liguei algumas vezes, mas já estava no modo introspectiva, a Lua falou que foi lá com a Juliana, mas ela não falou nada.

— Fé e paciência — falou Alex erguendo o copo para um brinde. — A viagem pode ajudar.

— Tenho medo de piorar, Alex, mas já prometi para os meninos levá-los, a Roberta está toda enrolada com a doença da mãe, também ainda não conseguimos uma escola para eles.

— Devia ficar para o show, o cara é

bom, vai ser legal espairecer um pouco, você está precisando.

— Eu e a Cris, coitada parece que envelheceu cinco anos nessa última semana, fica de olho nela falou virando o resto do seu *shot*, preciso ir, missão pai me aguarda.

— Pode deixar comigo eu cuido delas, *nos vemos* no aeroporto amanhã?

— Às nove — falou dando-lhe um abraço breve, deixa um beijo pra Laurinha.

— Pode deixar.

— Ah! Alex, é muito bom chegar na casa da minha irmã e encontrar um amigo valeu mesmo.

CAPÍTULO 40

— Digo, liga pra Bella de novo — pediu Juliana, aflita, com Felipe no colo. — Nós vamos perder o voo.

— Já tentei, Ju, só cai na caixa postal.

— Será que algum dia na vida ela vai chegar no horário — reclamou Laura tomando seu café.

Alex e Luana jogavam purrinha com João e Thiago num café no aeroporto. Pedro, o mais novo de Lucas, estava com Carol no colo de Cris, que lia gibis para eles.

— Calma gente, ela já deve estar chegando — falou Lucas sem muita certeza. Observava ao longe Ana escolher

alguns livros mais afastada.

— Olha ela lá — falou Ju.

Bella corria pelo aeroporto até a fila do *check in* toda atrapalhada. Logo que despachou sua mala correu ao encontro dos amigos.

— Finalmente. — Bufou Ju, abraçando a amiga. — Já te ligamos mil vezes.

— Calma, Jujubinha, já estou aqui. — Acalmou a amiga dando um beijo em seus cabelos. — Cadê a afilhada mais linda do mundo? — falou e Carol rapidamente correu para o colo da madrinha.

Seguiram juntos para sala de embarque. Lucas demorou um pouco mais com o documento das crianças, Ana ficou inquieta e Bella a puxou para um canto.

— Para que está feio. — Repreendeu a

amiga. — Eu até entendo que você se sinta desconfortável, Ana, é natural e humano, mas passar quatro dias no Sul, com você assim, não dá. Se você resolver não ir eu fico com você e arrumamos uma desculpa, mas pelo menos, tente ser agradável. — Respirou fundo. — Você reparou que uma criança de três anos tentou te dar a mão na escada rolante e você simplesmente ignorou? — Bella estava séria.

Os olhos de Ana se encheram de água, mas ela não recuou.

— E então vamos embarcar ou vamos ficar? — Sua voz era firme.

— Vamos embarcar — respondeu quase sem voz.

— Então vamos no banheiro, melhora

essa cara. Trouxe seu estojo de maquiagem?

Ana confirmou engolindo o choro e foram juntas para o banheiro. Lucas, com Pedro no colo, viu Ana saindo com Bella. Tocou o ombro de Alex e soltou:

— Falei que ia ser difícil?

— Fé e paciência — lembrou. — Vem comigo Pedroca, a tia Laura trouxe biscoitos — Alex falou pegando o menino no colo.

Logo que Bella e Ana voltaram, na fila de embarque, Luana abraçou Bella e sussurrou no seu ouvido.

— E aí?

— Nada. Nenhuma palavra.

O voo foi tranquilo. Ana se sentou na poltrona ao lado de Bella e de Cris e

dormiu quase toda a viagem para fugir do interrogatório das amigas. Chegaram no Aeroporto de Caxias do Sul e demoraram até conseguir que todos pegassem suas malas.

— Eu aluguei três carros — explicou Rodrigo. — Eu, Lucas e Alex dirigimos.

— Olha, movimento machista.

— Desculpa, Lua, eu me esqueci de você, mas pode deixar, amanhã te chamo *pra* pelada — provocou Rodrigo, que foi atingido por uma bolsada na orelha.

Todos riram da cena e com muita confusão conseguiram se organizar nos carros. No veículo de Lucas, além de seus filhos, estavam Ana e Bella. O desconforto de Ana era visível, mas sorria de vez em quando, sem graça,

sempre que Bella fazia alguma piada.

Menos de uma hora depois todos desciam no hotel Casacurta em Garibaldi.

— Lucas, pedi *pra* nós, dois quartos conjugados, por causa das crianças — explicou Rodrigo.

Lucas agradeceu, mas não teve coragem de olhar para Ana, teve medo que ela quisesse dormir com Isabella.

— Então nos encontramos aqui em uma hora? — perguntou Ju, ansiosa para agasalhar as crianças.

— Almozem vocês. Eu quero descansar um pouco — falou Luana saindo, não dando chance para ser questionada.

— Podem ir. — Tranquilizou Cris. — Eu peço alguma coisa no quarto. É uma

viagem longa, qualquer coisa aviso vocês.

Laura e Alex ajudaram Lucas e acomodar os sobrinhos. Bella trocou de quarto com Rodrigo e Juliana. Prometeu tomar conta das crianças a noite lhes garantindo um pouco de privacidade.

Laura, apesar de preocupada com a irmã estava feliz.

— Adorei o hotel — falou se sentando na cama.

— Não se compara ao que você está acostumada, mas é bem aconchegante.

— É incrível, Alex, eu não me importo quantas estrelas tenha, importa é que estamos aqui, todos juntos.

— Gosto de ver você sorrindo assim.

— Mas estou preocupada com meus irmãos. A Luana pareceu abatida no carro.

E a Ana, — bufou — não estou entendendo minha amiga, ela sempre amou crianças. Viu o Pedro tentando aproximar e ela nem deu bola *pra* ele. É uma criança, ele não tem culpa de nada.

— Talvez devesse falar com ela — sugeriu Alex.

— Não sei, estou muito chateada com a postura dela. Depois eu tento, fiquei com o coração apertado de ver o Pedro.

Alex se sentou ao lado dela e acariciou seus cabelos.

— Que tal fazermos como a sua irmã? Pedimos uma comida aqui no quarto, descansamos um pouco e saímos mais tarde *pra* conhecer a cidade. Não dormimos nada de noite. — Sua voz era calma e suave.

— Não seria deselegante da nossa parte?

— Aqui não existe um manual de etiqueta a seguir. Aqui existe a sua vontade — falou percorrendo os dedos pelo seu pescoço e retirando o cachecol. — A minha vontade — distribuiu beijos pelo seu pescoço —, sem convenções sociais. Sem regras. — Seus olhos brilhavam.

— Por que demorei tanto *pra* te conhecer? — perguntou tocando sua face.

— Não estávamos preparados para nos encontrar.

Alex parou por um instante como se buscasse algo em sua memória.

— “Quando encontrar alguém e esse alguém fizer seu coração parar de

funcionar por alguns segundos, preste atenção. Pode ser a pessoa mais importante da sua vida...”

Laura sorriu largamente e continuou:

— “... Se os olhares se cruzarem e neste momento houver o mesmo brilho intenso entre eles, fique alerta: pode ser a pessoa que você está esperando desde o dia em que nasceu...”

Antes de tomá-la para si, Alex a jogou na cama e sussurrou:

— “...Por isso, preste atenção nos sinais, não deixe que as loucuras do dia a dia o deixem cego para a melhor coisa da vida: o amor.”

— Veio ver se eu os agasalhei direitinho? — zombou Bella de Juliana e João riu da piada.

— Não, vim pegá-los *pra* almoçar. Você está com cara de quem não dormiu de noite.

— Fiquei na boate até tarde. — Juliana colocou o dedo na boca pedindo que a amiga falasse baixo e Bella fez uma careta. — O clube continua funcionando, dei uma passada por lá, mas acabei saindo tarde, resolvendo alguns problemas.

Ju se sentou ao lado da amiga e olhou para o lado para ver se não estavam sendo observadas. Carol e Felipe coloriam em cima da mesinha da sala que unia os dois quartos e João estava com seus olhos

vidrados na televisão.

— Vai mesmo largar tudo?

— Já larguei. Só preciso adaptar tudo. Vai dar trabalho. — Riu. — Não sei por que pergunta, se bobear você sabe mais da minha vida do que eu.

— Você que se engana, o Digo não conta nada.

— Hummm, não está conseguindo arrancar informações do maridão? Tenho umas ótimas dicas.

Juliana sorriu e bateu no braço da amiga a repreendendo por causa das crianças. Chegou bem próxima do ouvido da amiga e cochichou:

— Aceito as dicas, mas por favor controle o que sai dessa boquinha na frente dos meninos.

— Sim, senhora. — Bateu continência.

— Dorme um pouco, Bella, eu vou levar as crianças *pra* almoçar, estou querendo conversar com a Ana.

— Boa sorte!

— Vou precisar — falou se levantando.

— Vou passar lá no quarto da Lua, ver como ela está. De repente almoço com elas lá e depois descanso um pouco.

— Qualquer coisa liga — pediu Juliana dando um beijo no rosto da amiga.

— E vê se dorme um pouco.

Bella se sentiu acolhida pelo carinho da amiga.

— Carolzinha — gritou Bella —, pega a caixa de chocolates que a dinda deu e leva *pra* vocês comerem com o Pedro e o

Thiago, a tia trouxe mais.

Juliana olhou *pra* amiga furiosa.

— Você vai ficar entupindo as crianças de porcaria?

— Estamos de férias — falou dando ombros.

Ju tentou ficar brava, mas sorriu com a brincadeira.

CAPÍTULO 41

Cris saiu do quarto deixando Bella e Luana dormindo, precisava de ar. Precisava desligar um pouco da preocupação que a consumia. Caminhou pelo hotel até encontrar a piscina, ao longe avistou Ana, sentada em uma das mesas sozinha, almoçando. A comida parecia quase intocada.

— Ana.

— Oi, Cris. Tudo bem com a Lua?

Cris se sentou ao seu lado e roubou uma batata.

— A Luana está dormindo. A Bella foi almoçar com a gente no quarto, começamos a assistir um filme e as duas

capotaram. E você, não quis sair com o pessoal *pra* almoçar?

— A Laura e o Alex não desceram. Lucas foi com a Ju e o Rodrigo almoçar.

Cris suspirou, queria ajudá-la mas não sabia como.

— Já se sentiu culpada pelos seus sentimentos? — Ana perguntou com um olhar distante.

Cris não entendeu muito bem a pergunta.

— Se sente culpada por algo?

Ana empurrou o prato e se recostou na cadeira.

— Não consigo, Cris. Eu perdoei um Lucas que não existe mais. Hoje ele é pai e tem uma família.

— Ana, não acho que você deveria ou

não ter perdoado o Lucas, não é da sua alçada. Escolhas foram feitas e ninguém merece ser julgado. Você aceitou a ficar com ele, é diferente. Escolher ficar com ele, hoje, significa que você aceita um passado que não foi em comum entre vocês.

Ana olhou para ela pensativa.

— Conheço a história de vocês. Eu vi com meus próprios olhos. Se você ficou parada esperando que Lucas voltasse, não pode cobrar que ele fizesse o mesmo. Ele tem uma família, sim. E cabe a você ponderar se é ou não capaz de aceitar isso.

Ana começou a chorar e Cris tocou seu braço.

— *Desculpa* dizer essas coisas *pra*

você, mas o seu desconforto é visível. Assim como é óbvio que Lucas está chateado com essa situação. Então pensa no tanto que ele te ama, Ana. O que ele sente pelos filhos, é um amor diferente, não existe competição.

— Mas e se eles não me aceitarem? — perguntou entre lágrimas.

— Esse não é o seu medo. Você está com todas as barreiras levantadas. — Cris tocou seus cabelos. — Olha, você tomou tantas decisões difíceis. Abandonou o emprego, resolveu se mudar, depois decidiu a continuar no seu apartamento, aceitou o Lucas de volta. A resposta não está nas crianças nem no Lucas, ela está em você. Se *quiser ele* em sua vida, vai ter que aceitar o pacote completo. Não se culpe por não os amar.

Amor é construção, um dia após o outro.

Ana abraçou Cris com carinho, que ficou feliz por ter tentado ajudá-la. Assim como Ana, Cris sempre sonhou em ser mãe. Conversaram várias vezes sobre o assunto, mas ali diante de Ana relutante em aceitar seus enteados, começou a repensar alguns sentimentos.

— O problema é que eles não são seus, não é?

Ana chorou ainda mais e Cris não precisou de uma resposta. Acariciou seus cabelos até que ela estivesse melhor.

— Ana, vocês estão recomeçando, têm uma vida pela frente. O Pedro e o Thiago são crianças incríveis, você vai aprender a se apaixonar por eles. Dê tempo ao tempo, que tudo se ajusta.

— Obrigada, Cris — falou pegando na mão da amiga. — Eu vou tentar segurar esses sentimentos. O Lucas precisa de mim, está cheio de problemas. Tem a Lua, você, e eu aqui te enchendo. Você está segurando um rojão sozinha.

— Não estou sozinha, Ana, eu tenho vocês.

Enquanto ainda conversavam, Rodrigo, Juliana e Lucas chegaram com as crianças. Pedro, logo que viu Ana, correu em sua direção com um chocolate nas mãos. Cris retirou sua mão da de Ana e o menino se virou para as duas.

— A Tia Bella mandou a Carol me dar. — Seus olhinhos brilhavam de alegria.

Sem pensar escalou o colo de Ana e se sentou entregando o chocolate para ela.

— “*Abi for me?*” — pediu misturando o português com inglês.

Lucas, ainda de longe, apressou seus passos e Ju tocou seu ombro pedindo cautela, silenciosamente. Ana continuava estática e Cris lhe ofereceu um sorriso encorajador. Ana pegou o doce das mãos de Pedro e desembalou com cuidado. Lucas parado ao lado de Ju e Rodrigo, sorriu satisfeito com a cena.

João e Thiago se sentaram em uma mesa ao lado, estavam entretidos com um jogo de celular. Carol abria mais um chocolate para o irmão mais novo. Ju tentou impedi-la, mas Rodrigo pegou os dois no colo para protegê-los da mãe. Sentaram-se todos a mesa.

Pedro continuou no colo de Ana, e

Lucas, sentado ao seu lado, estava visivelmente feliz com a aproximação dos dois. Minutos depois chegaram Bella e Luana abraçadas e logo atrás Alex e Laura de mãos dadas.

— Achamos vocês. — Alex sorria.

— Convenção das bruxas — completou Luana que puxou uma cadeira e se sentou ao lado da mulher.

— Meninas, vocês não vão acreditar — falou Rodrigo empolgado e todas se olharam apreensivas. — No restaurante que fomos, descobrimos que hoje vai ter uma noite de fondues em Bento Gonçalves. Na Vinícola da Casa Valduga. Não podemos perder.

— Digo, isso não é programa para as crianças. — Repreendeu Juliana.

— Eu posso ficar com eles. —
Ofereceu Bella. — Isso não é programa
nem para crianças e nem para avulsas.
Vão vocês, eu vou adorar passar uma
noite com essa galera — falou piscando
para Ju.

— Não tem graça, Isabella. Podemos
pensar em outra coisa — falou Lucas
preocupado.

Pedro já estava sonolento e recostou a
cabeça no ombro de Ana que o amparou
com um de seus braços. Bella sorriu com
a cena.

— Acho justo. — Continuou Bella. —
Uma saída só de casais. Eu não estou
muito animada, e uma noite com eles vai
ser bem mais divertido do que ver tanto
mel escorrendo — falou, olhando para

Alex e Laura com um sorriso debochado. — Além do mais, o Digo precisa tomar alguma providência para relaxar a Jujubinha. Está resolvido, todos dormem comigo no meu quarto.

Engataram um papo animado. Pedro dormia profundamente. Lucas pegou o filho no colo de Ana e o colocou deitado em uma das espreguiçadeiras. Carol e Felipe brincavam sentados no chão perto de João e Thiago que continuavam entretidos no jogo.

Lucas puxou Ana para um abraço, ela parecia com frio.

— Vou lá no quarto pegar uma blusa *pra* você e uma manta para o Pedro, quer ir comigo?

Ela concordou e beijou seus lábios

discretamente, Thiago observou a troca de carinho. Logo que saíram Bella foi a primeira a comentar.

— Cris, você merece um altar.

Juliana fez cara feia para amiga e pediu que ela falasse mais baixo.

— É difícil *pra* Ana — falou Cris, chateada. — Às vezes, os sentimentos são incontroláveis.

— Concordo — retrucou Luana —, eu por exemplo acordei com um morenã do meu lado e minha mulher tinha me abandonado — brincou. — Foi incontrolável.

— Espero que tenham se divertido. — Cris entrou na brincadeira.

— Sabe, Cris, pensei até em te ligar e te chamar *pra* farra, mas quando fui

atacar, ela roncou.

Todos caíram na gargalhada.

— Broxante — comentou Alex.

— Eu ronco? — perguntou Laura sem pensar.

O papo estava animado quando Lucas e Ana voltaram. Bella se levantou para brincar com Carol no chão, Ju e Rodrigo se aproximaram.

— Tem certeza que vai ficar com eles?

— Ju perguntou preocupada.

— Não estou no clima. Vai ser difícil ver todo mundo em clima de romance — falou melancólica.

— Está sofrendo de amores, Isabellita? — provocou Rodrigo.

— Estou sofrendo de saudades.

Ju sorriu e deixou os dois sozinhos.

— Digo, vou voltar no sábado à noite, logo depois do concurso.

CAPÍTULO 42

— Pode ficar quieta por favor? — pediu Bella enquanto passava delineador nos olhos de Juliana.

— Tia Bella, você vai me maquiar também? — perguntou Carol observando a transformação da sua mãe.

— Carolzinha, princesas lindas como você não precisam de maquiagem.

— Mas a mamãe também é princesa.

Bella analisou a amiga com deboche.

— É, pode ser, mas está velha.

Juliana deu um tapa no braço da amiga que acabou borrando toda a maquiagem.

— Olha o que você fez! — reclamou.

— Vem aqui no banheiro que vou tentar consertar isso.

Carol gargalhou, mas não foi atrás delas, ficou sentada na cama com Felipe assistindo televisão.

— Você é muito chata, Ju.

— E você é legal demais, Bella. Quero ver quando for mãe.

Bella parou pensativa.

— Nem sei se tenho mais esperanças, Ju.

— Não fala bobagem, pelo que eu entendi o coração já tem dono. Já é um grande passo.

Bella sorriu amplamente.

— Pode ser. — Ela se concentrou na maquiagem da amiga. — Juba! Já ia me esquecendo. Trouxe umas coisinhas *pra*

você.

— *Pra mim? Igual a butterfly?*

Bella gargalhou e foi até sua mala tomando cuidado para que as crianças não vissem. Fechou a porta do banheiro e entregou a sacola para a amiga. Ju ficou empolgada e rapidamente começou a desembalar seus presentes. Quando retirou o primeiro frasco, a amiga explicou.

— Gel de massagem comestível.

Ju arregalou os olhos e pegou uma pomadinha.

— Essa aí é o ouro. Vale a pena experimentar com a *butterfly* sozinha.

Ju começou a se empolgar.

— Uau — falou abrindo uma camisola de renda preta. — É maravilhosa, Bella.

— Comprei uma parecida *pra* mim, achei que ia gostar.

Ju abraçou a amiga e agradeceu.

— Amei meus presentes.

— Você pode aproveitar a noite. Pode deixar que a babá aqui vai se comportar.

— Tem certeza que não quer mesmo ir?

— Ju, estou em outra *vibe*. Sabe saudade, vontade de estar junto? Então, vou ficar vendo vocês se amassando e eu chupando dedo? Prefiro chupar pirulito com os meninos.

— Sem muita porcaria de noite.

— Sem muitas regras, vai aproveitar seu marido e deixa que eu cuido das suas crias.

Carol bateu na porta chamando a mãe.

— Mãe, papai veio buscar você.

Bella rapidamente entregou um batom para amiga e ajeitou seus cabelos. Quando Juliana abriu a porta Rodrigo parou maravilhado.

— Ju... Uau... — Não tinha palavras.

— Gostou? — perguntou dando uma voltinha.

— Adorei, você está uma delícia.

— Igual ao chocolate da Tia Bella? — perguntou Felipe que também observava a mãe.

Bella riu alto.

— Muito melhor, meu filho. Bellita, eu até iria insistir *pra* você ir conosco, poderíamos até levar as crianças, mas diante desse visão não vou insistir.

— Por favor, não insista. Ju, não

esqueça da sua sacola.

Lucas encontrou a porta do quarto de Bella aberta e entrou com seus filhos.

— Uau, Ju, você está linda! — observou dando um beijo na bochecha da amiga. — E você também, Bella, mesmo de calça de flanela. Não quer mesmo ir com a gente?

— Lucas, não insista — falou Rodrigo tirando o amigo de dentro do quarto e voltando para buscar a mulher.

Os três saíram no corredor, animados. Bella fechou a porta e se viu com cinco crianças de idades diferentes. Por um instante se imaginou mãe e gostou da ideia. Desde que Júlio tocou no assunto, começou a voltar a sonhar com a possibilidade.

Precisava entreter os sobrinhos. Para os menores colocou um filme na televisão, para os maiores um jogo, João e Thiago escolheram damas, e Bella sorriu com o tanto que pareciam com os pais. Deitou na cama com Carol, Pedro e Felipe se certificando que todos estavam cobertos. Um sorriso bobo invadiu seu rosto. Ficou se deliciando com a doce companhia até que seu telefone tocou.

— Deve ser a mamãe — falou Carol.

Bella afagou os cabelos da afilhada e atendeu o telefone.

— Ei.

— Fez boa viagem, minha Bella?

— Estou sentindo sua falta.

Ele suspirou fundo.

— Também estou sentindo sua falta.

Está se divertindo?

Não podia dizer que a saudade que sentia era tamanha, que a única vontade que tinha era pegar um avião e ir embora.

— Estou com cinco crianças dentro de um quarto. Dois de sete, uma de cinco, um de quatro e um de três.

— Isso é a perfeita escadinha. São os filhos dos seus amigos?

— Sim, eles foram comer um fondue. Preferi ficar com os meninos, assim podem namorar.

— Não quis ir com eles?

— Isso é romântico demais *pra* ir sozinha — confessou.

— Ainda vamos juntos. Depois de domingo não vou mais desgrudar de você. Não sabe há quanto tempo espero por

isso.

— Júlio, eu vou voltar sábado. Pode me buscar no aeroporto? — Pensou melhor e saiu do quarto para que os meninos não a ouvisse. — Quer dizer, *me esperar* lá em casa. Deixa uma máscara dependurada na porta. Quero ter você pela última vez vendada. Quero que tire minha máscara quando estivermos na cama.

— Não fala assim, Bella. Fico louco de vontade.

— Eu também estou. — Ficou ofegante. — Não consigo parar de pensar em você.

Ficaram por um tempo ouvindo suas respirações.

— Espera um minuto, estão batendo na

porta.

Bella caminhou até a porta, João e Thiago continuavam jogando concentrados. Felipe dormia e Carol e Pedro estavam sonolentos. Ao atender a porta se deparou com o mensageiro carregando um imenso buquê de rosas vermelhas sem nenhum cartão. Bella sorriu e rapidamente colocou o telefone na orelha.

— Foi você? — Quase não consegui perguntar de tanto que sorria.

— Já entregaram? — Ele devolveu a pergunta.

— São lindas. Como você descobriu onde eu estava?

— A Rose me ajudou. — Parou um pouco e suspirou fundo. — Eu não

consigo mais esperar Bella. Eu preciso da sua resposta.

Bella não cabia em si, teve vontade de gritar, mas ainda esperaria a pergunta.

— Ainda quero ouvir sua resposta olhando nos seus olhos, mas por favor, deixe-me ouvir agora? — Sua voz era uma súplica. — Casa comigo?

Ela se agachou no chão e as lágrimas invadiram seus olhos. Ele esperava sua resposta ansioso, seu coração batia acelerado e o copo de uísque em sua mão estava prestes a estourar tamanha força ele usava para o segurar.

— Sim. — Sua voz quase não saiu.

— Ah, minha Bella! Você me fez o homem mais feliz desse mundo.

— E você me fez a mulher mais feliz

desse mundo — falou abraçando as flores.

— Vai me responder olhando para mim, quando eu estiver amando seu corpo como se fosse a nossa primeira vez. — Não foi um pedido. — Quero filhos logo, Bella. Quero tudo com você.

— Filhos? — perguntou olhando para as crianças que dormiam na sua cama.

— Já conversamos sobre isso, meu amor.

Ela gostou da ideia e se imaginou mãe dos filhos de Júlio.

— Sim, já conversamos. — Chorava emocionada.

— Desculpe-me não conseguir esperar. Se eu não tivesse sido obrigado a viajar teria ido ontem mesmo na sua casa.

— Não peça desculpas, eu achei

incrível. Você foi perfeito.

— Perfeito seria se eu pudesse beijar você agora, meu amor.

— Sábado à noite.

— Eu peço alguém para te pegar no aeroporto. Tem certeza que vai querer ser vendada?

— Sim, pela última vez.

— Não vai mais querer ser vendada, nem por fantasia?

— Eu adoro ser vendada por você. O único homem que confio para isso.

— Eu vou cuidar de você para sempre.

— E eu de você.

Bella enxugou suas lágrimas e percebeu que João e Thiago a observavam atentamente.

— Preciso ir.

— Descansa, eu ligo para você amanhã.

— Eu espero. Amei as flores, e o pedido. — Tentou ignorar os olhares curiosos.

— Boa noite, meu amor.

Ela se levantou e colocou as flores em cima da cômoda, foi para o banheiro tentar se recompor, mas a felicidade estava estampada em seu rosto.

— Tia Bella, você está apaixonada?

— perguntou João com a mesma perspicácia do pai.

— Completamente, Joãozinho.

CAPÍTULO 43

— Que merda é essa, Lua? — falou Cris se remexendo na cama.

— É o começo do fim da nossa vida — falou sorrindo radiante. — Anda, levanta.

Sem dar chance para a mulher dizer alguma coisa, Luana colocou o apito na boca e continuou apitando. As crianças acompanharam e Bella começou a pular na cama para acordar a amiga. A farra estava pronta.

Luana não subiu na cama, mas as crianças acompanharam Bella. Todos ainda estavam de pijama. Lua sorriu para Cris e lhe ofereceu um apito. Tinha um

saco cheio deles. Ela sorriu sem acreditar e se levantou para se juntar a eles.

Foram então para o quarto de Laura. Alex atendeu a porta de cuecas sonolento e rapidamente a turma do apito invadiu o quarto. Laura estava nua, enrolada nos lençóis. Lua tampou os olhos de João e Felipe. Só saíram do quarto quando conseguiram mais dois adeptos da bagunça.

A felicidade era contagiante. Ana, quando abriu a porta, sorriu alegremente e rapidamente pegou um apito, Lucas a abraçou, pegou Pedro no colo e começou a apitar no mesmo ritmo.

Ficaram muito tempo na porta do quarto de Rodrigo e Juliana. O gerente do hotel apareceu para repreendê-los, mas

estavam muito felizes. Alex saiu para conversar com ele, que acabou pegando um apito para levar para o filho. Juliana atendeu a porta descabelada e toda borrada. Ficou em choque enquanto todos entravam no quarto.

— Bonita camisola — Bella comentou ao passar por ela e Juliana cobriu os seios praticamente expostos pela renda preta.

Foi direto para o banheiro se trocar e lavar o rosto. Voltou minutos depois ainda com o apitão. As crianças pulavam na cama e os adultos apitavam. Ju achava graça da bagunça, tendo a certeza que a ideia era de Bella.

Muito tempo depois resolveram descer para piscina. Luana foi ajudar Bella e Ju a trocar as crianças.

— Uau! Flores? — perguntou Ju tocando o buquê em cima da cômoda.

Bella sorriu e Luana provocou.

— Está explicado o apitação matinal.

— Já tínhamos combinado ontem, sua vaca.

Lua piscou para amiga.

— E essa cara de idiota?

— Vou me casar. — Soltou.

Luana arregalou os olhos e Juliana colocou a mão no peito.

— Sem perguntas. Não vou responder nada agora, mas depois conto tudo. Estamos entendidas? — falou olhando para Lua imitando sua fala no jantar na casa do Rodrigo.

Em clima de festa tomaram café na

piscina. Lucas, Rodrigo e Alex brincavam com os meninos na água.

— Nesse frio. — Repreendeu Juliana.

— A piscina é aquecida. — Tentou apaziguar Ana, que observava Lucas brincando com os filhos.

— Você vai ser chata assim *pra* sempre? — Bella perguntou interessada.

— Ela não é chata, é neurótica — falou Luana, colocando as pernas no colo da Cris.

— Até você, Lua? Cris você me acha superprotetora?

— Não posso opinar, Ju, estou chegando agora. Ainda estou em fase de teste.

— Ah, fase de teste. Quase oito anos e fala como se tivesse conhecido vocês

ontem — reclamou Luana.

— Acha mesmo que a Cris vai responder, Ju? — provocou Bella.

— Vocês que são umas chatas. Quero ver quando tiverem o filho de vocês.

— *Me põem* fora dessa — retrucou Laura —, maternidade nunca esteve nos meus planos.

— Vai dizer que não vai querer uma miniatura do Alex em casa? — perguntou Cris.

— Já conversamos sobre isso, ele também não tem vontade de ter filhos. Preferimos ser tios.

Bella sorriu, lembrando-se da conversa com Júlio. Juliana chegou perto do ouvido da amiga e cochichou.

— Ainda quero saber essa história de

casamento, direito.

Bella a repreendeu com o olhar.

— Esse café da manhã não valeu de nada — reclamou Luana. — Quero ir num café colonial. Daqueles que você come até deitar.

— Meu Deus, que viagem de velho. Comer e dormir — resmungou Bella.

— Olha quem fala, perdeu um fondue dos deuses ontem, *pra* cuidar de crianças — zombou Laura ofendida.

— Laurinha, você não conta está em lua de mel. Pode comer à vontade, *se lambuzar*, porque aquele bofe ali é *pra* muitas viagens.

Laura sorriu sem graça dos comentários.

— Ele é tudo isso mesmo? —

perguntou Ju curiosa e Ana se inclinou para ouvir.

— Olha isso, Ana interessada. — Luana não poderia perder a piada. — Conta Laura, não mate suas amigas de curiosidade.

— Vou preservar minha intimidade, vocês são muito indiscretas — falou colocando os óculos escuros.

— Isso mesmo cunhadinha. Não faz propaganda não. — Apoiou Cris.

— Vamos levantar acampamento. Estou morrendo de fome — reclamou Luana mais uma vez.

Ana ajudou Lucas a tirar Pedro da piscina e subiram para o quarto para se trocar. Cris chamou Luana para caminhar pelo jardim e Rodrigo e Juliana foram dar

banho nas crianças. Alex beijou Laura e subiu para tomar um banho, deixando-a sozinha com Bella.

— Você está incrivelmente bonita, segura e feliz — observou Bella.

— Você também, está com os olhos brilhando.

Bella ofereceu-lhe uma piscadela.

— Se importa se eu for amanhã no meio da tarde e não ficar até o fim do concurso?

— Algum cliente?

— Não faço mais programa — respondeu naturalmente.

— Então um encontro?

— Quase isso.

— Só deixo se continuar feliz como

está. É tão bom te ver assim.

— Só estamos completas quando todas estão — lembrou as palavras de Júlia.

Laura se arrepiou.

— Você contou para alguém que vimos ela?

— Não — ficou pensativa —, mas fiquei pensando por que ela apareceu.

— Eu também.

Cris falava ao telefone e se aproximou das duas.

— Laura, liga lá no quarto e chama o Alex *pra* descer que eu estou com muita fome. — Lua já estava quase mal-humorada.

— Mas é *pra* ligar viu, não sobe não, senão o almoço vira jantar — zombou Bella que se levantou para abraçar Lua.

— Já disse que você fica linda de mau humor? — Apertou suas bochechas. — Eu te amo. — Ficou um tempo olhando a amiga que sorriu com os olhos.

— Eu também te amo, doidinha. — Abraçou Bella apertado. — Promete que vai se cuidar.

Bella se afastou e a encarou. Olhos nos olhos cravados, diziam tantas palavras em silêncio. Luana sustentava o olhar e Bella titubeou se emocionando.

— Isso não é uma despedida, é?

Laura sorriu fracamente e respirou fundo para conter sua emoção.

— Cedo ou tarde é inevitável. — A primeira lágrima brotou em sua face. — Preciso que me prometa que não vai desistir. Que vai lutar. — Luana limpou os

olhos de uma maneira nada delicada.

— Irônico você me pedir isso. Desde que nos reencontramos era exatamente isso que tinha vontade de gritar *pra* você.

— Eu não podia fazer isso com a Cris, nem com vocês. Eu vi no hospital, e não é uma coisa que desejamos para quem amamos.

Bella chorava copiosamente. Era impossível controlar a dor que lhe invadia. Não se lembrava de ter visto Luana chorando, isso a abalou ainda mais.

— Prometa *pra* mim, Isabella — implorou. — Preciso de você forte, ajudando a Cris. Prometa!

— Eu nunca conheci ninguém como você, Lua. O seu altruísmo não tem limites. Você sempre aberta, disposta a

ajudar, a acolher. Passou a vida assim.

— Não sou diferente de você, Bella.
— Parou e respirou fundo. — A sonhadora apaixonada que vendeu a virgindade, aos 14 anos, para pagar a conta de luz de casa, para ajudar a vó doente, é uma grande mulher. — Emocionada apoiou na cadeira e se sentou. — Na verdade é esse pequeno detalhe que nos une. Nós cinco, e agora seis. Altruísmo. Essa é a única característica que todas têm em comum.

Bella se sentou e abaixou a cabeça.

— Se não consegue me prometer. — Pegou seu queixo, levantando seu rosto. — Pelo menos deixe o Rodrigo cuidar de você.

CAPÍTULO 44

Alex enrolou um pouco mais para acordar Laura que dormia pesado. No dia anterior depois do Café Colonial, foram para o quarto e passaram o resto do dia por lá. Ele queria acordá-la, na verdade, precisava. Era o dia do concurso e ela ainda precisava saber da surpresa.

Ficou um tempo admirando Laura e relacionando a sua chegada em sua vida. Entrou de mansinho, conquistou, encantou e tomou um grande espaço. Com ela, se permitia sonhar novamente. Não queria filhos, nunca quis, assim como ela. Ria sozinho a cada afinidade que analisava.

— Você fica lindo sorrindo — falou

ela sonolenta se cobrindo com os lençóis.

— E você linda acordando. — Parou acompanhando o contorno de seu corpo. — Estava com dó de te acordar.

— Perdemos a hora?

— Ainda não, mas se você não colocar uma roupa, vamos acabar perdendo. — Seu sorriso era malicioso e seus olhos a desnudavam. — Gosto de você dormindo nua.

— Eu estou gostando da experiência. Nunca tinha feito antes. — Mordeu os lábios provocando. — É libertador.

Alex percebeu suas intenções e retirou sua camisa.

— Vou tomar uma ducha. — Era um convite.

— Vou dormir mais um pouco —

respondeu preguiçosa.

— Não, senhora — falou puxando os lençóis. — Vamos nos atrasar.

Laura se levantou e correu para o banheiro. Alex esperou que ela lavasse seus cabelos para entrar.

— Tem notícias da Luana? — perguntou enquanto passava condicionador nos cabelos.

— Parece que foi uma indisposição. Todos exageramos na comida ontem. — Tentou tranquilizá-la. — Falei com a Cris logo depois que você dormiu. Não se preocupe.

Laura puxou Alex para debaixo da água.

— Vamos passar lá *pra ver ela* antes de irmos?

— Está preparada?

— Ansiosa. Será que vai dar certo?

— Já deu. Trouxemos torcida organizada — brincou.

— Estou curiosa *pra* ver como será. Não vai mesmo me contar nada?

— Na hora você vai ver — falou e beijou seu ombro entrando debaixo da água quente.

Laura saiu do banho, secou os cabelos com a toalha e se vestiu rapidamente. Optou por roupas confortáveis. Mal terminou de se vestir e avisou Alex que iria ao quarto da irmã para saber como ela estava se sentindo.

Cris atendeu a porta com os cabelos molhados, Luana ainda estava deitada.

— Ela melhorou?

A cunhada não quis preocupá-la. Sabia o quanto o concurso era importante para Laura. Tentou tranquilizá-la da mesma maneira que Alex e omitiu que a mulher havia vomitado quase a noite toda.

— Lua? — Laura entrou no quarto e a irmã parecia cochilando.

Abriu os olhos com dificuldade, mas sustentou um sorriso para mostrar que estava bem. Não quis perguntar se ela se sentia melhor, sabia o quanto essa pergunta era desgastante para ela. Somente a abraçou.

— Você já está indo? — perguntou Luana se sentando na cama.

— Precisamos chegar mais cedo — explicou. — Vamos tomar café e aí vamos. Se não conseguir ir, eu entendo. —

Tentou confortar a irmã.

— Eu vou. Tenho certeza que vai ser um sucesso. Não perco por nada nesse mundo minha irmãzinha cozinhando num *food truck*.

Laura arregalou os olhos. E Cris percebeu que Alex não tinha contado a ela ainda.

— *Food Truck?* — perguntou confusa.

Luana sorriu, mas não disse nada. Alex chegou para buscar Laura e ele acabou tendo que revelar para ela a surpresa antes da hora, de tantas perguntas que fez no café da manhã. Seguiram um pequeno trajeto de carro até chegar numa ampla avenida, que estava com uma das pistas interrompidas com mais de cinquenta carros de *food truck* estacionados.

Várias pessoas circulavam pelo local, ainda era cedo, quase nove horas da manhã, e o movimento de pessoas se preparando para o concurso era grande.

— Como vamos fazer? — perguntou apavorada. — Não temos um caminhão e eu não sei se consigo cozinhar dentro de um.

Alex sorriu.

— Primeiro, vamos ter que ser organizados. Vem comigo que quero te apresentar uma pessoa.

Alex puxou Laura pela mão e foi entrando no meio da confusão. Ao longe avistou seu velho amigo e se apressou para cumprimentá-lo.

— Laura, quero que conheça Gaspar.

Ela estendeu sua mão sem entender

ainda como seria o concurso.

— Ele é engenheiro, trabalhamos juntos. Gaspar hoje mora em Caxias e tem uma rede de *food trucks*.

Laura sorriu e homem baixo, de meia idade a analisou.

— Então é essa linda mulher que roubou seu coração? — perguntou para o amigo satisfeito e se virou para Laura. — Eu não posso participar do concurso, fui convidado *pra* ser jurado, estou ansioso pra conhecer seus dotes culinários. O Alex é só elogios, mas pelo visto a opinião dele não conta muito.

Ela sorriu nervosa e Alex lhe deu a mão.

— Você vai assustá-la.

— Não se espante com esse velho

gordo. Eu gosto de apreciar a boa comida. Vem, vou mostrar para vocês onde vão trabalhar.

Alex se virou para ela explicando:

— Vamos usar um *food truck* do Gaspar. Ele gentilmente cedeu para um querido amigo.

— Não foi tão fácil assim! — observou. — Ele me prometeu concluir o projeto da minha casa — contou. — Ele tem me enrolado há anos.

Alex deu de ombros e Laura ficou ainda mais apreensiva. Gaspar mostrou a Alex todas as instalações. Laura ficou impressionada com a estrutura, mas não se sentia capaz de cozinhar ali. Logo que Gaspar saiu ela desabou:

— Não posso fazer isso.

Alex se aproximou e a abraçou pela cintura.

— Não gostou?

— Alex, isso é loucura. Como vou preparar e servir 3 pratos cozinhando num mini caminhão.

Alex começou a carregar algumas caixas enquanto Laura continuava parada. Ele desembalou ingredientes, utensílios e tudo que foi pedido na inscrição do concurso. Colocou de forma organizada cada coisa em seu lugar.

— Vamos precisar de algumas regras — falou ignorando a apatia Laura, que continuava estática. — Precisamos manter sempre tudo organizado. Posso picar tudo enquanto você prepara as coisas.

— Isso é completamente insano. —

Balançava a cabeça incrédula.

— Pensei em três pratos. *Bruschetta* de entrada, um *ravioli* de ricota com nozes e uma *Ciambella* de chocolate servida com uma bola de sorvete de sobremesa.

— Como vamos preparar tudo isso aqui?

— Precisamos dividir as tarefas e nos organizar.

— Não vou conseguir.

Ele chegou bem perto do seu ouvido e sussurrou:

— Vamos conseguir. Pronta?

Ela não respondeu.

— Posso preparar as *bruschettas* e a *Ciambella*. Você faz o *ravioli* — sugeriu.

— Quantas refeições vamos servir?

— Temos que servir no mínimo cem.

Laura bufou e vestiu um avental.

— Você vai me pagar caro por isso. —
Bufou, lavando suas mãos.

— Vou cobrar — falou pegando alguns tomates.

Cozinhar no caminhão não era tão ruim quanto Laura imaginou, quarenta minutos depois já estava com a massa descansando, e preparando o recheio.

— Pode me ajudar com a quantidade? Não sei cozinhar *pra* tanta gente assim — falou esbarrando nele para pegar as nozes.

Ele pegou suas mãos e um pano na pia. Abraçando-a por trás falou bem baixinho.

— Não vai conseguir preparar o recheio com essa bancada cheia de

farinha. — Laura bufou. — Organização — lembrou.

Com o tempo Laura foi se acostumando com o espaço confinado. A cada esbarrada que dava em Alex, ele a beijava. As *bruchettas* já estavam montadas, prontas para ir para o forno. Alex colocou a água para ferver e começou a ajudar Laura e rechear as massas.

— Não vai dar tempo, não temos um molho.

— Podemos *passar eles* na manteiga e na sálvia, que tal? — sugeriu. — Precisamos escrever no quadro lá fora nosso cardápio. A organização do evento vai disponibilizar uma pessoa para recolher as fichas e servir as pessoas. —

Tentou tranquilizá-la.

— Faz um teste com o *ravioli* enquanto termino aqui. Ainda estou brava com você. Deveria ter me contado. — Estava ansiosa.

— Se eu contasse, você toparia?

— Claro que não. Aliás vou pensar duas vezes antes de topar qualquer loucura sua.

— Confessa que está gostando — ele zombou jogando um pano de prato nela. — Está até cantando. Nunca te vi cozinhando cantando antes.

Ela fez uma careta.

— Pega meu telefone, liga pra Ana — pediu apontando o dedo para sua bolsa dependurada. — Ela escreve no quadro *pra* gente. Você pode separar as vasilhas

que vamos servir.

Laura mostrou para Alex como pensou em servir os pratos, que ficou feliz com sua empolgação.

— Pelo visto tem alguém empenhado em ganhar a viagem para Itália. — Não pode deixar de beijar seu pescoço exposto.

— Viagem para Itália?

— O prêmio do concurso — falou naturalmente. — Meu sonho é conhecer onde meus avós viveram, e vou poder ir lá com você.

Laura sorriu para ele.

— O que mais está me escondendo?

— Muitas coisas. — Ele a beijou com vontade. — Gosto de surpreender você.

Quando a feira do concurso foi aberta,

Laura continuava ocupada, recheando *raviolli*. Alex colocou uma cadeira para que ela se sentasse e cuidava das *bruschettas* no forno e do *raviolli* no fogo.

— Não disse que não perderia isso?
— falou Luana debruçada na bancada do caminhão.

Estava abatida, apesar do seu sorriso. Laura parou o que estava fazendo e cumprimentou todos os amigos. Foram os primeiros a serem servidos e ficaram assustados em saber que tudo foi preparado no pequeno caminhão.

Não pararam um minuto, já se formava uma fila de pessoas para experimentar os pratos preparados por eles.

— Laurinha — chamou Bella —,

preciso ir, estava uma delícia. Não tem *pra* ninguém. Vocês estão arrasando.

Laura parou por um instante para dar atenção para amiga.

— Boa viagem, Bella. Já indo para o aeroporto?

— O Digo vai me levar. Nós nos vemos na segunda, passo lá na sua casa.

— Mandou um beijo no ar.

— Também vamos, Laura — falou Cris tentando não parecer preocupada. — O sol está forte para sua irmã, acho melhor não abusar. Nós nos encontramos no hotel, mais tarde. O Lucas vai nos levar.

Laura saiu do *food truck* e abraçou a cunhada e a irmã. Luana estava quieta e saiu com dificuldade escorada no irmão.

Alex se encarregou de distrair Laura, que não parou um minuto até que o concurso se encerrasse.

CAPÍTULO 45

Assim que o motorista parou em frente ao seu prédio ele lhe entregou uma caixa vermelha. Bella sorriu agradecida e apressou seus passos sem se preocupar com sua mala. Estava ansiosa demais. Queria senti-lo, seu peito ardia de paixão e saudades. Carregava na mão uma única rosa vermelha do buque que carregou por toda a viagem.

Jogou a caixa na bolsa sem abrir, afinal, já imaginava o que era, mas queria as mãos livres para entrar depressa no elevador. Passou pelo porteiro sem cumprimentá-lo. Enquanto subia num ritmo tortuosamente lendo, abriu a caixa e

retirou uma venda preta, de toque macio. Seu coração se apertou, sentiu um arrepio percorrer por toda sua espinha. Seu coração parecia saltar pela boca.

Quando as portas do elevador se abriram, parou na frente da entrada do seu apartamento. Uma onda de medo, luxúria, ansiedade, paixão e esperança a invadiu. Colocou a venda nos olhos, respirou fundo e bateu a parede até encontrar a campainha.

Ouviu os passos se aproximando da porta, por um instante lhe faltou ar. Júlio estava igualmente ansioso para vê-la. Esperava que ela não estivesse usando a venda. Ansiava por dizer a ele tudo que queria olhando para os seus olhos.

A porta foi aberta e Bella soltou todo o

ar que segurava. Júlio a beijou, carregando-a para dentro de casa. Encostou-a na parede e Bella deixou cair no chão sua bolsa e a rosa. Num beijo intenso, ela apertava seu corpo ao dele. Queria que fossem um só. Júlio a devorava com sua boca.

— Que saudades — ele falou ofegante.

Bella suspirou fundo e começou a deslizar suas mãos pelos ombros largos. Seus dedos percorreram cada centímetro do corpo de Júlio que foi possível. Em sua mão direita encontrou um anel e paralisou.

— Está usando aliança? — perguntou e sua voz quase não saiu.

— Quero lhe entregar a sua. — Sua voz era baixa e suave.

Bella estendeu a mão diferente e tocou seu peito. Júlio titubeou, não queria entregar a aliança daquela maneira, mas entendia seus receios. Também tinha medo, mas o amor que sentia poderia passar por cima de qualquer coisa para estar com ela. Sem desgrudá-la, enfiou a mão no bolso e retirou a pequena caixa do bolso. Pegou a mão de Bella e beijou com carinho cada um de seus dedos. Lágrimas escorriam pela sua face e percebeu que ela também chorava. Não podia ver, mas podia sentir.

Retirou o solitário da caixa e deslizou pelo seu anelar e sussurrou em seu ouvido.

— Eu amo você. — Bella sorriu. — Não vou pedir de novo com você assim vendada. Quero olhar *pra* você. Quero

dizer *pra* você tudo que tenho guardado há tanto tempo.

Bella gelou. Chorou ainda mais e implorou.

— *Me dê* essa última noite. — Ela o beijou suplicando por algo que nem sua razão poderia compreender. — Eu também amo você.

Laura estava cansada, mas feliz. Estava com a cabeça recostada no ombro de Alex, no banco atrás do táxi. Tudo o que queriam era um banho e uma cama. Já passava das oito da noite, Laura nem percebeu quando Ju e Ana foram embora. Passaria no quarto da irmã e depois se

jogaria na cama.

Quando desceram do táxi, encontrou as crianças sentadas em um dos sofás do saguão, cochilando. João e Thiago assistiam televisão. Ju abraçava Ana e Rodrigo andava de um lado para o outro falando no telefone.

Seu coração disparou, reuniu todas as forças que lhe restava para fazer a pergunta que não queria ouvir a resposta.

— Cadê a minha irmã?

Ana se levantou rapidamente e abraçou a amiga, Ju se aproximou delas e pegou Laura pela mão.

— Senta, Laura. — Alex rapidamente se colocou atrás dela. E sentiu um aperto no peito.

— Onde está a Luana? — Com os

olhos fechados e uma dor dilacerante no peito, conseguiu repetir a pergunta.

Rapidamente Rodrigo desligou o telefone e se aproximou, respirou fundo buscando toda sua serenidade.

— A Luana passou mal. Lucas ligou para o médico dela, queríamos levar para um hospital próximo, mas ele providenciou um transporte aéreo médico com urgência *pra* ela. Eles vão chegar lá em duas horas.

— Quando foi isso? — perguntou Alex ajudando Laura a se sentar.

— Saíram tem vinte minutos.

— Quero ir embora — Laura falou. — Alex resolve as passagens — ele assentiu. Rodrigo se ajoelhou diante dela.

— Não podemos ir. Lucas e a Cris

foram com ela. As crianças ficaram. — Segurou suas mãos. — Precisamos ser fortes, seu irmão garantiu que vai nos manter informados.

— Alex, eu quero ir embora. — Estava nervosa.

— Laura, o último voo sai em duas horas. Não vamos conseguir chegar a tempo. Rodrigo já marcou nossas passagens para amanhã de manhã — explicou Ju.

— Conseguimos chegar lá em duas horas se sairmos agora — falou com esperanças.

— Você embarca, mas eles não — apontou para os sobrinhos. — Precisamos de uma autorização para que eles possam viajar com você. A Roberta já está

mandando um e-mail, o hotel todo está mobilizado em nos ajudar. Lucas deixou uma carta de próprio punho autorizando as crianças a viajar com você, o médico também já fez uma carta explicando a situação. Estou tentando resolver isso, o fato de eles serem estrangeiros complica um pouco. Tudo bem? — perguntou Rodrigo.

Laura acenou e Alex se sentou ao lado dela.

— Ei, confia em mim. Vai dar tudo certo. — Sobe com as meninas, fiquem lá no quarto. Você toma um banho, relaxa. As meninas ficam lá com você — falou olhando para Ju. — Rodrigo deve estar precisando de ajuda. Amanhã logo cedo, estaremos voltando *pra* casa e vamos ficar com a Luana.

CAPÍTULO 46

Laura esperava sua mala ansiosa. Alex ajudava Pedro e Thiago com sua bagagem, estavam todos cansados, não tinham pregado os olhos durante noite. Logo que saíram no saguão do aeroporto Rodrigo se adiantou.

— Ju, vai com a Ana de táxi lá *pra* casa com os meninos. A Roberta vai buscá-los lá.

— E a Bella? Conseguiu falar com ela? — perguntou Ana aflita.

— Tentei a noite inteira, telefone desligado. Vou passar na casa dela. Alex e Laura, vem comigo. Deixei meu carro aqui no aeroporto. Passamos na Bella e

depois vamos para o hospital.

— Encontramos com vocês lá. — Ana se despediu.

O trânsito estava tranquilo, em meia hora Rodrigo estacionava o carro em frente ao prédio de Bella e se apressou para sair do carro.

— Deixa, Digo, eu subo lá. Preciso ir no banheiro — avisou Laura se apressando para descer do carro.

Bella acordou assustada com a campainha insistente. Retirou a venda e Júlio não estava na cama, pelo barulho estava no banho. Vestiu uma calcinha e a camisa dele que estava jogada no chão e pelo caminho até a porta foi abotoando-a.

— Laura!?

Laura abraçou a amiga, buscando

conforto.

— A Lua... — parou de falar e soltou Bella, fixou seus olhos no homem que estava diante dela. — Ernany?

Bella levou as mãos à cabeça, seu maior medo estava diante dela. Não precisava olhar para trás, ali estaria seu pior pesadelo. Naquele instante seu mundo ruiu. Idealizou sim, ele, durante tanto tempo, mas tinha esperanças que não fosse. Tinha esperanças de ser feliz algum dia, e naquele momento, sem coragem de se virar, teve certezas que seu mundo ruiu.

Em câmera lenta foi se agachando no chão. Laura continuava encarando Ernany que acompanhava Bella abaixando-se até o chão. Correu para tocá-la, mas ela o impediu.

— Não toque em mim — ainda sem olhá-lo ela gritou.

Laura sentiu seu peito se apertando e logo desviou seus olhos para Bella esperando alguma reação.

— Laura, não é o que está pensando. Conheci a Bella na minha despedida de solteiro e me apaixonei. — Sua voz era firme, mas um nó se formava em sua garganta. — Nós nos apaixonamos. Eu cheguei para cancelar o casamento, mas ela me impediu. Terminou tudo. Descobri naquele dia que a mulher que eu estava apaixonado era a sua melhor amiga. — As palavras saiam de sua boca enquanto um peso saía das suas costas. — Antes de nos casarmos eu entrei na sacristia, disse que tinha me apaixonado por outra pessoa, fui sincero com você. — Bella se virou para

olhá-lo. — Você não aceitou. Pediu uma chance, pediu que eu tentasse te amar e eu tentei. Eu amei você, tentei de tudo para que ficássemos juntos. Passei por cima de todo amor que eu sentia por ela.

Bella estava encolhida no chão de cabeça baixa, sentia-se suja, envergonhada. Laura continuava a olhar para ele sem reação, Bella levantou seu rosto e o encarou pela primeira vez. Ira, remorso, dor, arrependimento e um vazio sem fim. Era isso que ele podia ver.

— Fiquei oito meses sem notícias dela e me desesperei quando soube que ela tinha tentado tirar a própria vida. — Bella se encolheu ainda mais envergonhada. — Eu não podia deixá-la — Laura abaixou sua cabeça, tentou controlar as emoções —, por isso, *a amparei*, ofereci tudo que

pudesse precisar, mas sem tocá-la. Ela não sabia que era eu, bem pelo menos nunca tinha me visto.

Laura olhou interrogativa para ele.

— Eu a vendava. Queria ajudá-la, mas não queria que soubesse que era eu. Depois que ela estivesse bem e longe das drogas — a última frase falou com cautela —, eu ia sair de cena, mas eu me apaixonei de novo. — Ele respirou fundo e tentou controlar a emoção. — Você desistiu do casamento, foi dormir em outro quarto, desistiu da nossa vida conjugal. Eu a estava ajudando a montar a boate, um sonho dela. Ficamos ainda mais próximos. — Passou as mãos pelos cabelos num ato desesperado. — Eu estava carente, você pisando em mim de uma maneira dura, mas agia como se nada

estivesse acontecendo. Você não olhava *pra* mim. — Olhou *pra* Bella com amor. — A Bella entrou no meu coração de novo, não vou mentir, acho que nunca saiu. Chega de mentiras. — Balançou a cabeça. — Eu não tinha consciência do que significava essa amizade *pra* vocês. Nesses cinco anos vocês mal se falavam. Depois que a sua irmã adoeceu é que eu comecei a enxergar a merda em que tinha me enfiado.

Bella se levantou com dificuldade e parou de pé de frente para ele.

— Você não tinha o direito! — berrou alto. — Você destruiu tudo! Destruiu a única família que tive. Eu nunca ficaria com você! NUNCA!

Bella passou o braço pelo aparador de

vidro e jogou todos os adornos no chão que se espatifaram no chão. Laura deu um passo para o lado para se esquivar dos estilhaços e Ernany pegou Isabella pelos braços com força e a imprensou pela parede.

Laura sentiu um nó no estomago.

— Você não pode negar o que sentimos um pelo outro. Laura tem outra pessoa, nós temos uma chance. Eu não quero te perder de novo, não posso te perder de novo. Cacete! Não era *pra* ser assim. Era *pra* eu ter conversado com você ontem. — Parou e olhou para Laura. — Eu fui atrás de você para contar tudo. Eu não aguentava mais essa mentira. — Afrouxou os dedos sobre os braços de Bella que cuspiu na cara dele e o empurrou.

Alex e Rodrigo chegaram no apartamento e encontraram Laura chorando parada no meio da sala. Bella no seu ataque de fúria quebrava todo apartamento. Ernany chorava sem forças para contê-la.

Rodrigo avançou pela sala e segurou Bella pelos braços. A amiga desabou em lágrimas. Rodrigo jogou as chaves para Alex quando percebeu que o pé e as mãos de Bella sangravam.

— Leva a Laura para o hospital. Eu chego lá — pediu.

Laura ficou imóvel.

— Não é justo, minha Bella, nós nos amamos.

Rodrigo a soltou quando ela parecia mais calma e Ernany se aproximou.

— Eu nunca menti *pra* você. Você criou um viúvo sem filhos para se iludir. Eu nunca contestei, mas sei que você me sentia. — Levantou a mão para tocá-la. — Eu vou cuidar de você.

— Não toque em mim. *Me tira* daqui — pediu entre lágrimas para Rodrigo.

Rodrigo ofereceu um olhar acolhedor para Ernany, foi até a cozinha, pegou um pano de prato e amarrou a mão de Bella. Desceram pelo elevador até a garagem e ele a ajudou a entrar no carro. Pegou uma muda de roupa de Juliana para ela e um chinelo.

Ela chorava copiosamente e ele a abraçou.

— Eu perdi minha família, Digo — foi tudo que conseguiu dizer.

— Bella, eu estou aqui. Não devia estar falando isso agora — parou e respirou fundo —, você não me disse que ia encontrá-lo. Achei que ele ainda estava viajando. Caralho, Isabella, você e sua mania de não me contar as coisas.

— Você nunca me contou que era ele.

— Você sempre pediu para eu não contar. Não me culpe por isso, no fundo você sabia que podia ser ele. Você embarcou nessa Bella e independente se fosse ele ou não era nele que você pensava.

— Eu sou suja, Digo. — Chorava grudada no amigo. — Eu nunca vou ter uma vida digna. Minhas escolhas são sujas. Meu caminho é nojento.

— Não fala isso. — Ele a abraçou

com desespero.

— Eu não queria vê-lo, passei a noite vendada. Tinha medo que fosse nossa última vez — confessou. — Eu me senti uma merda vendo a Laura naquela sala, presenciando aquilo. — Eu não vou conseguir, Digo, eu perdi meu chão. Eu nunca vou me perdoar.

— Preciso de você forte, estou com você. Precisamos ir para o hospital. Você tem cortes profundos, vai precisar de pontos.

Ela assentiu chorando.

— Tem mais uma coisa que preciso te dizer — falou afagando seu rosto. — A Lua está internada.

CAPÍTULO 47

— Ju — Rodrigo falava baixo pelo telefone —, preciso que venha aqui embaixo na emergência. No segundo andar.

— O que aconteceu? — falou alto e todos olharam para ela.

Estavam todos na sala de espera da Unidade Intensiva de Oncologia. Laura saiu para o banheiro e Alex foi atrás dela.

— A Bella se cortou, está tomando alguns pontos. Precisou ser sedada pois estava fora de si.

— Estou descendo — falou correndo pelas escadas.

Juliana encontrou Rodrigo com a

camisa cheia de sangue e com a cara abatida.

— Digo — correu para os braços do marido —, você está bem?

— Senta aqui, preciso te contar uma coisa. — Esperou que a mulher se acomodasse. — Há um tempo atrás, um pouco antes do casamento, Ernany e Bella se conheceram. Eles se apaixonaram.

— É ele? — perguntou Ju com as mão na boca.

— Sim, Ju, é ele. Foi por ele que a Bella tentou se matar no dia em que o Lipe nasceu. Eu não sabia o que fazer, você precisava de mim. Ela precisava de mim e então eu num ato de desespero liguei para ele pedindo ajuda. Na época, eu tinha acabado de pegar um processo na

empresa dele. Foi por coincidência — parou e passou as mãos na cabeça —, mas enfim, ele que socorreu ela. Desenvolveram uma relação onde ela não podia vê-lo.

— Como?

— Ela sempre estava vendada. Eu não sabia que eles ainda se viam, até o dia em que ele resolveu abrir a boate com ela. — Respirou fundo. — Ele me procurou, queria ajudá-la. É lógico que procurei a Bella, mas ela nunca quis saber quem era ele. Ela se tratou, ficou boa, e ele sempre ficou por perto.

Juliana prestava atenção no marido, chocada com a história.

— Sempre soubemos que o casamento da Laura era pura fachada, isso nunca foi

segredo *pra* ninguém. Ele até tentou, Ju, conversamos algumas vezes sobre isso. O dia que ele resolveu abrir o jogo, a Bella fugiu. Foi morar no Rio, mas contrariando as expectativas, ela segurou a onda. Ernany foi atrás dela, porque estava com medo, parece que a pessoa que ela estava envolvida era um viciado. — Rodrigo respirou fundo para tentar se recompor. — Foi aí que ele pediu exclusividade *pra* ela. Ia abrir o jogo com a Laura e acabar com essa merda toda, mas veio a doença da Luana. E hoje a Laura pegou os dois no apartamento da Bella. Eu não sei bem o que aconteceu lá dentro.

— Você sabia de tudo? — A expressão de Juliana era de choque.

— Sabia, Ju — confessou sem palavras.

— Que merda, Digo. Como vai ser agora? — Estava preocupada.

— Precisamos cuidar dela — falou pegando na mão da mulher. — E a Lua?

— Não temos nenhuma notícia concreta ainda, o Lucas está esperando uma posição para ver se ela pode ser transferida e dar continuidade no tratamento em Boston, mas ela está muito debilitada. — Seus olhos se encheram de lágrimas.

Rodrigo pegou a mulher e a colocou em seu colo. Abraçou-a com carinho.

— Ju, vamos precisar ser fortes. — Suas mãos percorriam os longos cabelos.

— Leva a Bella lá *pra* casa, deixei os meninos na casa da minha mãe. Vou falar com a Cris, pensei em passar a noite aqui

ou com ela. Parece que não vai poder ficar ninguém.

Rodrigo sentiu seu telefone vibrando e com dificuldade, sem retirar a mulher do colo atendeu a ligação.

— Oi, Ernany.

— Como ela está?

— Estou com ela no hospital, precisou tomar pontos na mão e no pé. Ficou muito alterada quando soube que a Luana está internada. O médico deu alguns sedativos. Ele vai receitar alguns tranquilizantes para ela. Estou aqui esperando.

— E a Luana?

— Parece que não tem nenhuma posição ainda.

Juliana observava o marido.

— A Laura?

— Não estive com ela, mas o Alex está com ela.

— Rodrigo, vou ligar para o psiquiatra da Bella, aquele que cuidou dela. *Me passe* o nome dos remédios que vou conversar com ele.

— Pode deixar que te passo assim que ele me entregar a receita. Fica tranquilo, estou cuidando dela.

— Por favor, não deixe nada faltar para elas. Cuide da minha Bella. — Sua voz era de choro.

— Fica bem, eu dou notícias.

Juliana continuava olhando para o marido quando ele desligou o telefone.

— Puta que pariu, Digo, que merda.

Rodrigo a abraçou ainda mais.

— Posso vê-la? — pediu Juliana

aflita.

— Ela está naquela sala ali. Não sei se está acordada — apontou para a porta do meio.

Juliana se levantou e demorou alguns segundos diante da porta que o marido havia indicado. Respirou fundo antes de girar a maçaneta. Uma enfermeira retirava o acesso da veia de Isabella.

— Prontinho. O médico já vem falar com você. — A senhora se afastou e ofereceu um sorriso para Juliana, quando deixou a sala.

Juliana se aproximou da cama em que Bella estava. Se olharam e Bella não controlou seu choro.

— Você me odeia? — perguntou entre lágrimas.

Juliana negou com a cabeça.

— Preciso ligar para Rose me buscar — pediu à Juliana envergonhada.

— O Digo vai levar você lá *pra* casa. Preciso ver com a Cris se ela precisa de mim.

— E ela? — As lágrimas escorriam no rosto de Bella.

— Não está bem. — Foi sincera. — Vamos fazer o que for possível.

— O Digo contou tudo *pra* você?

Juliana confirmou com a cabeça.

— Viu a Laura?

— Está lá em cima, aguardando notícias da Lua.

— Não quero ir lá. — Bella se encolheu na cama.

A amiga se sentou na beirada da cama.

— Não precisa ir. — Tocou sua mão.

— Eu vou lá em cima, vou ver como estão as coisas e já desço para irmos embora. Você precisa de um banho, comer alguma coisa e descansar.

— A Lua precisa de você. — Bella apertou a mão da amiga. — A Rose pode me pegar aqui.

— Você tem família, Bella. Não vou deixar você, só preciso de alguns minutos. Não ouviu a enfermeira falando que o médico já vem falar com você. Assim que estiver liberada, vamos. — Sua voz era suave. — Não se preocupe com a Lua, tem muita gente cuidando dela. Vamos cuidar de você

— E os meninos? — perguntou

preocupada.

— Estão na mamãe.

Bella chorou e beijou a mão da amiga.

— Não quero ficar sozinha. Eu tenho medo de mim.

— Eu vou chamar o Digo *pra* ficar com você, eu não demoro. — Beijou a testa da amiga e deixou o quarto.

Encontrou o marido no corredor dando um abraço em Alex, que saiu logo em seguida.

— O que ele queria?

— Saber notícias da Bella.

— Eu vou lá em cima, ver como estão as coisas. Vou *pra* casa com vocês.

Rodrigo abraçou a mulher.

— Não prefere ficar aqui com a Lua?

Eu posso cuidar dela.

— Não tem muito o que se fazer em relação a Lua a não ser ter fé. Essa história toda, da Laura, do Ernany e da Bella, *me tirou* o chão se você quer saber a verdade. — Balançou a cabeça. — O mais próximo que cheguei de ter uma opinião sobre essa história é que os três viveram uma mentira. Digo, ninguém tem mais ou menos culpa nessa história. Os três transformaram a vida deles num ninho de gesso.

— Podia ser diferente — falou Rodrigo. — No domingo, tinha combinado com Ernany que o ajudaria a conversar com a Bella. Ela não me disse nada que iria encontrá-lo. Ele viajou, não sabia que tinha voltado. — Bufou com raiva. — Ju, ele foi contar tudo para

Laura, foi atrás dela, mas a encontrou no bar do Alex com ele. Apesar de assustado ele queria contar tudo *pra* Laura e acabar com a mentira, mas ele não teve oportunidade.

— Essa história é muito louca. Como conseguiu ficar no meio disso tudo durante tanto tempo.

— Por ela. Eu me sinto culpado, Ju. Se eu não tivesse ligado *pra* ele naquele dia.

— Não pense assim, Digo. Laura nunca amou o Ernany, mas sustentou o casamento. Bella nunca quis a vida que tem, mas fazia questão de se mostrar a mulher mais forte do mundo. E Ernany, esse nunca teve as duas mulheres que amou. Foram escolhas, Digo, não podemos julgar ninguém, muito menos

você. Porque a verdade é que todos têm sua parcela de culpa.

Rodrigo concordou com a mulher e a abraçou.

— Fica lá dentro com ela. Eu não demoro. — Saiu dando um beijo casto.

CAPÍTULO 48

Lucas chegou na antessala com a cara batida. Cris se levantou rapidamente, estava ansiosa por notícias.

— Ainda está sedada e no estado que está não é aconselhável a viagem, tudo vai depender de como ela vai passar a noite. Provavelmente não vamos poder vê-la hoje.

Cris se sentou novamente e Lucas se agachou diante dela.

— Vamos *pra* casa? Vou ficar lá com você. Precisamos estar fortes e descansados, podemos voltar mais tarde *pra* saber notícias. — Pegou a mão da cunhada.

— Você viu ela?

Ele concordou com a cabeça.

— Estava dormindo. Vamos?

— Não precisa ir comigo, Ana —
chamou a amiga. — Cuida dele.

Ana sorriu e abraçou Lucas.

— Eu vou ficar com você, Cris —
falou Laura que ficou em silêncio desde a
hora que chegou.

— Alguém conseguiu avisar a Bella?
— perguntou Cris preocupada.

— O Rodrigo está com ela. — Alex se
adiantou.

Laura olhou para ele que ofereceu um
olhar acolhedor.

Durante todo percurso até em casa
permaneceram calados. Logo que pararam

na frente do prédio de Cris, ela desceu sem esperar por ninguém. Alex se apressou para abrir a porta para Laura que não esperou.

— Não precisa entrar — ela falou. — Preciso ficar sozinha, vou ajudar a Cris no que ela precisar.

— Tem certeza? Não quer conversar?

— Não tem nada *pra* ser dito agora, eu preciso de um tempo — falou e saiu sem ao menos se despedir.

Lá estava de volta a Laura fria e indiferente. A máscara que lhe encaixava bem nos momentos de dor e desespero. Não queria olhar para trás. Não poderia. Nunca havia usado nenhuma máscara com Alex, sempre foi ela mesma, mas naquele momento não era possível. Culpa, dor,

medo a assombravam. Resolveu colocar todos os sentimentos no bolso e se concentrar na única coisa que lhe importava naquele momento. Sua irmã.

Foi para o apartamento da irmã e encontrou a cunhada debaixo do chuveiro. Cris terminou seu banho, vestiu a primeira roupa de Luana que encontrou e se sentou na cama com os cabelos molhados. Laura pegou um pote de creme no banheiro e passou nos cabelos da cunhada.

— Como vai ser, Laura?

— Eu não sei. — Estavam emocionadas.

— Não sei se consigo viver sem sua irmã — desabafou.

— Eu vou ficar com você. — Prometeu entre lágrimas.

— Ela sabia, aceitou o tratamento sabendo que não tinha tempo.

— Acha que ela não vai sobreviver?
— Laura estava com medo.

— Temos que nos preparar *pra* tudo. Ela tem nos preparados há algum tempo já.

Juliana foi atender a campainha. Rodrigo preparava um chá na cozinha.

— Pois não. — Abriu a porta e se deparou com um homem abatido, demorou alguns segundos para reconhecê-lo. — Ernany?

— Juliana, desculpa ter vindo sem avisar, mas precisava vê-la. Como ela está?

Juliana abriu a porta para que ele entrasse e Rodrigo ao ouvir sua voz, saiu da cozinha para encontrá-lo.

— Não devia ter vindo — falou, mas o abraçou. — Como você está?

— Preocupado com ela.

Juliana pôde ver sinceridade em seus olhos.

— Ela está descansando lá em cima — falou Juliana tentando tranquilizá-lo.

— Posso vê-la?

— Não acho uma boa ideia — sugeriu Rodrigo.

— Digo, não podemos interferir — falou Ju olhando para Ernany. — Já procurou a Laura?

— Não achei apropriado, diante do estado de saúde da irmã dela. — Juliana

olhou para o marido e logo em seguida se virou para ele.

— E o que difere Laura de Bella? — perguntou curiosa.

— Quero que a Isabella saiba que não está sozinha. — Seu olhar era de desespero.

— Última porta do corredor. É só subir as escadas — falou Juliana sob os olhares do marido.

Ernany subiu as escadas, aflito, e abriu a porta apressado. Bella despertou com o barulho e ficou olhando para ele, estática.

— Como você está? — perguntou desesperado, pegando sua mão com delicadeza.

Ela não respondeu, e ele continuou ajoelhado no chão diante dela.

— Eu sinto muito que as coisas aconteceram desta maneira — lamentou ele com os olhos cheios de lágrimas.

Bella apertou os olhos e as lágrimas desceram. Ficaram em silêncio por algum tempo.

— *Me deixa* cuidar de você? — implorou. — Nem que seja a última vez.

Bella chorou ainda mais.

— Eu te amo, Bella. Eu errei, não deveria ter feito tudo que fiz, mas não podia deixar você num momento tão frágil. — Tocou seu rosto. — Você não está sozinha, eu sempre estive aqui *pra* você. Sempre.

— Obrigada. — Foi o que conseguiu dizer.

Ele a abraçou e ela não se esquivou.

— Vamos *pra* casa? Mandeí limpar tudo por lá.

— Eu não piso mais naquele apartamento — respondeu retraindo seu corpo

Ernany olhou a mão que não estava enfaixada e viu que a aliança ainda estava em seu dedo. Uma onda de esperança invadiu seu peito.

— Podemos ir para um hotel, ou lá *pra* casa — sugeriu. — Depois providenciamos uma casa linda *pra* gente.

— Eu não vou com você a lugar nenhum — falou baixo. — Muito menos *pra* casa da Laura. Você não tem noção do que está falando.

— Desculpa, eu quero ficar com você.

— Mas eu quero ficar sozinha.

Obrigada por tudo que fez por mim.
Prometo pagar cada centavo.

— Você não me deve nada.

— Eu devo a Laura. Por favor, saia.

Ernany deixou o quarto, relutante e, logo que fechou a porta, desabou. Esperou se acalmar um pouco antes de descer as escadas. Encontrou Juliana e Rodrigo, sentados no sofá, apreensivos.

— Falei com o médico dela. — Ernany foi direto. — Ele quer vê-la amanhã, infelizmente não tive como falar isso com Bella, não tive abertura.

— Que médico? — perguntou Ju preocupada.

— O psiquiatra que a atendeu da última vez — explicou Rodrigo.

— Eu posso levá-la. — Ofereceu

Juliana.

— Obrigado. — Ernany agradeceu. — Rodrigo, converse com o Lucas por favor, veja se Luana ou Laura precisam de alguma coisa e me mantenha informado, por favor.

Rodrigo acompanhou Ernany até a porta depois que ele se despediu brevemente de Juliana.

— Vai ficar bem? — Rodrigo perguntou preocupado.

— Ela está muito magoada, Rodrigo. A única coisa que temos que nos concentrar nesse momento é que ela não se afunde de novo. Por favor, *me liga* se acontecer qualquer coisa com ela.

— Vamos cuidar dela — falou batendo em seu ombro. — Descansa um pouco.

— Você também.

Rodrigo fechou a porta e foi ao encontro da mulher.

— Você não podia ter deixado ele subir, Ju.

— Não podemos interferir. Ele parecia realmente preocupado, além do mais, vê-lo daquela maneira me fez ver que o amor que sente pela Bella é real.

— Ele a ama muito.

Juliana suspirou.

— Precisava ser tudo de uma vez só?

Rodrigo abraçou a mulher.

— Estamos juntos, vamos fazer tudo que pudermos. O mais importante, Ju, é que eu tenho você e você tem a mim. Isso é raro meu amor. Um casal que constrói o relacionamento com amizade,

compreensão, carinho, respeito, amor. Vamos conseguir passar por isso porque estamos juntos.

Bella estava parada no alto da escada e se sentou para ver o carinho entre os dois. Chorava em silêncio vendo com os próprios olhos o que sempre sonhou. Isso apenas a feriu ainda mais, ela viu que sua vida escoava pelos dedos, que o seu mundo ruía ainda mais. Sentiu-se estúpida por desejar coisas que nunca poderia ter. Caso tivesse alguma amiga que invejava pela vida que tinha, certamente era Ju.

Voltou para o quarto com a certeza que seu fardo era sujo demais para manchar aquela família. Que não podia trazer para a vida de Juliana e Rodrigo todos os seus erros.

CAPÍTULO 49

Ana chegou com uma bandeja de café para Lucas, fez um cafuné em seus cabelos e beijou seu rosto com carinho. Ele a abraçou forte e buscou nela toda força que precisava.

— Que horas você precisa estar na escola para o seu primeiro dia? — perguntou tentando parecer animado.

— Eu liguei para lá e expliquei o que estava acontecendo. Vou começar só semana que vem, a Laura é amiga da dona da escola e ela entendeu. Preciso passar lá de tarde para deixar meus documentos.

— Eu levo você — falou acariciando seus cabelos. — Preciso ir para o

hospital, mas a mãe da Roberta vai fazer uns exames de urgência e tenho que pegar os meninos. Também tenho que resolver a questão da escola deles, o Thiago não pode ficar o resto do ano sem frequentar a escola. — Parecia preocupado.

— Eu posso ficar com eles. Você vai para o hospital, eu fico aqui na sua casa com eles. Preciso estar na escola às duas.

Lucas abraçou Ana com carinho.

— Pode mesmo ficar com eles?

Ela concordou.

— Come, você mal se alimentou ontem. Fiz o bolo que você gosta.

Uma hora e meia depois Roberta deixou as crianças no apartamento de Lucas. Ana não quis sair do quarto para recebê-la, só viu as crianças na hora que

Lucas estava saindo. Logo que Pedro a viu correu para o seu colo.

— Oi, Thiago. — Ela o cumprimentou timidamente.

— Oi — o menino respondeu sem olhá-la.

Lucas saiu garantindo que daria notícias e que voltaria para almoçar com eles. Ana tentou tranquilizá-lo dizendo que ficaria tudo bem. Tão logo Lucas saiu pela porta, Thiago subiu no sofá e se debruçou na janela para ver o pai saindo.

Ana rapidamente fechou a janela.

— Não faça isso, é perigoso. Olha o ténis em cima do sofá.

O menino ainda em cima do sofá se virou para ela.

— Você não manda em mim, não é

minha mãe. — Seu tom era de raiva. — E essa casa é do meu pai, não é sua.

Alex não pregou os olhos de noite. Estava preocupado com Laura e sua reação. O dia anterior foi tão intenso que não teve oportunidade de contar para ela que ganharam o concurso. Pegou as chaves do apartamento da namorada e saiu pelas ruas frias, iluminada pelos primeiros raios da manhã.

Laura estava na sala, tomando um chá, dormiu mal na casa da irmã e saiu de madrugada, quando Cris dormia profundamente. Um vazio a consumia, era como se estivesse vivendo a vida que

achou ter abandonado. Ouviu o barulho da fechadura e viu Alex abrindo a porta.

— Bom dia — ele arriscou.

— Bom dia — ela respondeu sem emoção.

— Não dormiu? — perguntou a ela, sentando-se ao seu lado.

— Pouco. E você?

— Nada... fiquei preocupado com você.

Ela fechou os olhos e respirou fundo, não tinha o que dizer.

— Quer um chá? — foi tudo que conseguiu dizer.

— Posso fazer um café? — pediu incomodado com a distância entre eles.

— Fica à vontade — falou sem se

mexer do lugar.

— Vai querer ir para o hospital agora de manhã? — Alex perguntou enquanto colocava a chaleira no fogo.

— Vou ver com a Cris.

Alex andou até a sala e parou diante dela.

— Por que estou me sentindo conversando com uma estranha?

— Porque é exatamente assim que me sinto.

Alex se sentou novamente ao seu lado.

— Eu entendo que tudo que aconteceu e que está acontecendo é duro demais, mas não precisa me afastar. Eu quero ajudar você, não quero te ver assim — falou e pegou na sua mão.

— Não é justo — ela falou séria.

— Do que está falando.

— Não posso viver um conto de fadas quando ajudei a destruir a vida de tanta gente.

Alex olhou para ela.

— Eu ouvi, Alex... no dia do meu casamento, eu estava numa salinha dentro da igreja. Ernany estava atrasado, acabei ficando nervosa, com medo de ser abandonada no meio da igreja lotada. — Chorou. — Eu ouvi quando ele e Bella se encontraram na porta e ela o impediu de terminar tudo, ouvi toda a conversa deles. Ela abriu mão dele por mim e mesmo assim, Ernany entrou naquela sala, propôs que eu o abandonasse no altar para que as pessoas não falassem, ele queria ficar com ela. — Chorou ainda mais. — Luana

estava comigo, pediu que eu não levasse aquilo a diante. — Laura se encolheu no sofá. — Eu só pensei em mim, no dinheiro, no luxo, no conforto. Eu passei por cima do amor dos dois e destruí tudo.

Alex ouvia atentamente.

— Quando vi os dois no apartamento dela. Fiquei frente a frente com a Bella que fugiu descontrolada, que usava drogas e que tentou se matar. Ele a ajudou e eu nunca fui capaz de fazer. — Sua voz era fraca. — Não tenho condições de pensar nisso agora, é profundo demais. A Luana precisa de mim, a Cris precisa de mim. Eu não posso falhar de novo.

Alex abraçou Laura e deixou que ela chorasse.

— Sei que Rodrigo está cuidando da

Bella, eu a conheço, não vai querer falar comigo agora, também não me sinto preparada. Preciso concentrar todas as minhas forças na minha irmã.

— *Me deixe* te ajudar. Só me deixe ficar perto — pediu emocionado.

— Não é justo — falou tocando seu rosto. — Não tenho nada para te dar agora.

— Eu tenho por nós dois — pediu novamente. — Você não precisa passar por isso sozinha.

— Sabe, vou te contar uma história, que nunca contei *pra* ninguém. Há uns cinco anos atrás, eu e a Bella fomos em uma bruxa, uma cartomante, aquelas pessoas que falam sobre o futuro. Na época, eu queria um marido rico e a Bella

um amor. — Parou olhando para o nada. — D. Júlia nos perguntou se estávamos preparadas para assumir as consequências dos nossos desejos, e que poderíamos está pedindo a mesma coisa. Na época tudo pareceu estranho, mas no dia do meu casamento eu entendi o que ela quis dizer.

A chaleira apitou e ela se levantou para passar o café.

— Ernany foi um bom marido, eu é que não fui uma boa mulher. Não queria que ele me tocasse, pois, mesmo casada com ele era como se eu tivesse traído a Bella. Nunca me permiti sentir nada por ele, porque no fundo sabia que o amor dele era *pra* ela — serviu uma caneca de café e colocou em cima do balcão e se virou para pegar outra —, mas eu não pensava nisso claramente, pensava em joias,

roupas, viagens e status. Quanto mais eu tinha, mais queria.

Alex se sentou de frente para ela.

— A Lua conversou comigo no casamento, disse que eu não deveria me casar, pediu que eu abrisse mão dele. Que amor de verdade era raro, mas homem rico certamente eu encontraria outro. — As palavras saíam para tentar amenizar a dor que sentia. — Estou te contando isso *pra* você saber que não sou quem você pensa que sou. *Me sinto* envergonhada, passei por cima de tudo *pra* conseguir o que queria. Eu não quero mais ser assim, mas não posso ignorar as consequências do passado.

Alex tocou suas mãos com carinho.

— Não é justo eu embarcar nessa

relação, sabendo que contribuí para destruir um amor. Um amor verdadeiro. Se eu tivesse desistido de me casar, talvez hoje eles estivessem juntos, com filhos. Ele sempre quis ter filhos.

— Laura, as pessoas erram, escolhem caminhos tortuosos. Não vou dizer que vai ser fácil, é uma situação delicada, mas o momento é delicado. Tem a Luana e tudo mais. Não se cobre, dê um tempo.

— Eu vou dar, vou cuidar da minha irmã, da Cris. Não posso encarar isso agora. Preciso de tempo, preciso me perdoar. O que mais me deixa feliz é que pela primeira vez em toda a minha vida, eu não culpei as pessoas. Eu consigo reconhecer a minha parcela de culpa nessa história e não foi pequena, mas eu preciso de um tempo pra digerir tudo.

CAPÍTULO 50

Bella acordou antes do sol nascer, tinha dormido no quarto de Carol. Vestiu a mesma roupa do dia anterior e procurou as chaves do seu carro pela sala. Sentia-se sonolenta por causa da medicação, mas sabia que precisava ir embora. Não sabia para onde, ou como. Pegou o telefone de Rodrigo na mesa da cozinha e ligou para Rose buscá-la. Meia hora depois ela estacionava o carro em frente à casa de Rodrigo e Bella entrou no carro o mais rápido possível.

— Quero que suba no meu apartamento, pegue minhas roupas, meu telefone e documentos. Vou ficar te

esperando no carro.

— Ele está lá — ela se limitou a dizer.

Bella percebeu que a amiga já sabia de tudo.

— *Me leva* pra boate então. Preciso resolver umas coisas por lá.

— Bella, não faça nada sem pensar. Calma — pediu a funcionária com cautela.

— Vai me ajudar ou não?

Rose deu a partida no carro e em quinze minutos estacionou-o na porta da boate. Bella esperou que ela abrisse e rapidamente entrou, indo direto até a sua sala. Sentia-se mais lenta que o normal. Rose entrou logo em seguida na sala e se sentou do lado dela.

— Quero que coloque meu

apartamento à venda, assim como a boate. Vou deixar uma procuração para o Rodrigo. Quero que todo o dinheiro seja devolvido para ele.

Rose se encostou na cadeira, mas ela não a deixou espaço para contestar.

— Procure a Cris, ela já deve estar sabendo de tudo. Eu vou voltar para o Rio ainda hoje, mas queria ver a Luana antes de ir. Peça a Cris por mim — pediu sofrendo.

Rose olhou para a mão enfaixada, o rosto abatido e as roupas largas. Seu peito se apertou, lembrou de quando Bella ainda se prostituía nas ruas.

— Não pode voltar para o Rio assim, você está frágil demais. Fica um tempo, espera as coisas se acalmar, depois você

vai.

Bella suspirou, mas ignorou o pedido.

— Preciso de roupas, passaporte e todos os documentos que encontrar no apartamento. Por favor, *me ajuda*, eu preciso sair daqui. — Seu pedido era desesperado.

— Bella, você precisa ter calma, olha tudo que construiu e conseguiu até agora. Eu soube ontem quem ele era, quando Jú... quer dizer, Ernany veio aqui me contou tudo. Ele está preocupado com você, ele te ama de verdade.

— Isso não importa. O fato é que trai uma amiga, fui amante do marido dela sem saber, eu me sentia culpada por pensar nele, mas daí a estar com ele de verdade. Nada mais faz sentido, Rose. Tudo que

construí foi com ajuda dele, eu não construí nada sozinha — falou entre lágrimas. — Eu só tenho você, a Ju e o Digo.

— Não fala assim, tem suas amigas.

— Acha mesmo que eu vou ter coragem de olhar para Laura algum dia? Acha que quero trazer para as pessoas que amo a imundice que é a minha vida? Ele destruiu tudo e eu ajudei. — Olhou para aliança que ainda estava no seu dedo. — Eu não nasci para contos de fadas, nasci *pra* ficar a venda, torcendo *pra* ser catada por alguém que não me dê nojo.

— Você não precisa mais, Bella. Estava feliz, tinha decidido largar tudo.

— E o que vou fazer, Rose? Acabou! Acabou tudo!

Rose se levantou e preparou um café para a amiga.

— Bella, deixa pelo menos trazer a Cris aqui ou eu te levo lá. Conversa com ela, ela me pareceu uma pessoa centrada.

— Não posso trazer esse fardo *pra* ela, Rose, a mulher dela está internada.

— Ela vai gostar de vir, no dia que a conheci, ela me disse o quanto vocês são importantes pra Luana, deixa ela te ajudar.

— Não posso contaminar mais ninguém com essa merda. Vai lá, conte a ela o necessário. Peça a ela para que eu veja a Lua, pela última vez.

Rose saiu da sala de Bella, ligou para Rodrigo e pediu que ele a buscasse. Faria o que a amiga havia pedido, mas não a deixaria sozinha. Esperou Rodrigo chegar,

para sair. Não esperou para ver o escândalo que Bella faria, só disse para ele que iria ao apartamento buscar as coisas de Bella. Parou em frente ao Café, lembrou-se que Cris disse morar no andar de baixo, eram quase oito da manhã quando tocou interfone.

Cris abriu a porta sonolenta, encontrou um rosto familiar, mas não se lembrava muito bem. Demorou alguns segundos para reconhecê-la.

— Onde está a Bella? — Seu coração se apertou, sabia que aquela visita não traria boas notícias.

— Está com Rodrigo. *Me desculpa* vir aqui, ainda mais nessas circunstâncias, mas a Bella me pediu para falar com você.

Cris a convidou para entrar e a levou para cozinha.

— Cris, a Bella quer ver a Luana. —
Tentou ser direta.

Cris se sentou e convidou Rose para de sentar.

— Ela não pode receber visitas ainda, vai depender de como passou a noite. —
Tentou parecer tranquila.

— Eu sinto muito. — Rose estava constrangida.

— Todos nós sentimos. Por que Bella não veio dizer isso pessoalmente?

— Ontem ela descobriu que seu amante misterioso era o marido de Laura. —
Cris se recostou na cadeira.

— Como ela não sabia?

— Ele a vendava, foi um acordo que

fizeram, Laura chegou na casa dela e viu os dois juntos.

Cris socou a mesa.

— Por isso ela não foi para o hospital?

— Ela ficou descontrolada, primeiro foi a revelação, depois a internação da Luana — ponderou as palavras. — Ela quer fugir, mas quer ver a Luana primeiro. Chamei o Rodrigo para tentar detê-la, mas estou correndo o risco de perder uma amiga por isso.

— *Me dá dez minutos?* — pediu se levantando. — Vou com você na casa do Rodrigo, depois vou para o hospital, assim que Luana puder receber visitas, ela será a primeira. Pode me dar uma carona?

— Claro. Posso passar o café,

enquanto você se troca?

— Fique à vontade. Eu não demoro.

Lucas estava ansioso para ver a irmã. Havia chegado cedo no hospital e aguardava o médico fazer sua avaliação, que logo em seguida, permitiu que ele visse a irmã tão logo ela acordasse, estava na sala de espera aguardando ser chamado. Quando recebeu a notícia, ligou para Cris que estava saindo da casa de Rodrigo. Rose a levou correndo para o hospital.

Lucas entrou antes que a cunhada chegasse. Encontrou a irmã pálida, abatida e visivelmente fraca.

— Oi! — ele arriscou.

— Ei. — Não tinha reação.

— Está se sentindo bem?

— Não. Quero ver a Cris.

— Ela já está chegando — falou carinhoso.

— Preciso de um favor — pediu tocando a mão do irmão.

— Quero todos aqui ainda hoje, preciso me despedir.

— Não sei se é permitido Lua.

— Eu tenho esse direito. Faça o que for preciso. Quero todos aqui comigo, no próximo horário de visitas.

Lucas concordou emocionado. Cris entrou apressada pela porta e abraçou a mulher com carinho. Lucas se afastou dando espaço para as duas. Antes de sair perguntou a irmã:

— Precisa de mais alguma coisa?

— Reze, peça a Deus para que eu possa esperar por eles.

CAPÍTULO 51

Cris passou todo o dia com Luana, só saiu para ligar para Rodrigo. Pediu para que ele convencesse Bella a vir no horário de visitas na parte da tarde. Lucas saiu do hospital na hora do almoço, para pegar Ana e os filhos.

Ficou esperando no carro enquanto Ana levava seus documentos na secretaria da escola.

— Ana, querida! — Isabel a diretora da escola a recebeu feliz. — Por favor, dê o meu abraço a Laura, diga que estimo melhoras a irmã dela.

Isabel levou Ana para sua sala e ofereceu-lhe um café.

— Agradeço por ter entendido a minha situação e permitir que eu iniciasse na próxima semana.

— Imagina, minha querida. É um momento delicado.

Ana ficou feliz pela compreensão.

— Não sei se te explicaram, mas você terá bolsa integral para seus filhos. Então se quiser providenciar a transferência deles para cá, pode pegar o formulário na secretaria. Vou providenciar o quanto antes.

— Não tenho filhos — Ana falou com o coração apertado —, mas tenho dois enteados. Eles moravam nos Estados Unidos, estamos procurando uma escola para eles.

— Então já encontraram, minha

querida. Para eles consigo uma bolsa de cinquenta por cento, mas acredito que já é uma grande ajuda.

— Nossa, Isabel, não tenho como agradecer. O Lucas, irmão da Laura, já estava preocupado por eles ficarem tanto tempo sem frequentar a escola. Temia que perdessem o ano.

— Peça a ele para trazer os documentos que já fazemos a matrícula e uma avaliação de aprendizado. Eles falam português fluentemente?

— O mais novo de quatro ainda se enrola, mas o de sete, fala bem.

— Vamos atendê-los com o maior carinho.

Ana se despediu de Isabel com a certeza que começava uma nova etapa de

sua vida. Sentiu-se feliz por poder ajudar Lucas e por poder ajudar a aliviar um pouco de suas preocupações. Apesar da resistência de Thiago, tinha a certeza que não conseguiria mais ser feliz longe do grande amor de sua vida. Também tinha a confiança de que enfrentaria tudo que fosse preciso para ficarem juntos.

Chegou ao carro e se jogou nos braços dele, que retribuiu o carinho inesperado e sorriu.

— Consegui uma vaga para os meninos.

Lucas ficou emocionado, piscou várias vezes para ter certeza que ouvira certo. Seu coração se aquiesceu e abraçou Ana retirando um grande peso de suas costas. Percebeu naquele momento que ela havia

cedido. Tocou seu rosto com carinho agradecido. Sabia que aquele era somente o primeiro passo.

— Vamos, Luana está nos esperando — Ana pediu sem graça com a intensidade de seu olhar.

Laura estava ansiosa para ver a irmã. Faltava somente Ana e Lucas para que entrassem todos conforme Luana tinha pedido. Não chegou perto de Bella, não saberia o que dizer, a amiga havia chegado com Rodrigo e Juliana, sentou-se num canto, de óculos escuros e não disse uma palavra.

Lucas e Ana chegaram apressados e

todos já os aguardavam na sala de espera. Rodrigo se apressou para informar o médico e ele recomendou que evitassem tumulto ou emoções fortes.

Bella foi a última a entrar no quarto, todos já tinham cumprimentado Lua. Quando viu a amiga deitada na maca retirou seus óculos escuros.

— Não vai me dar um beijo — pediu Luana sorrindo com carinho.

Bella deu um selinho na amiga e passou a mão pelos seus cabelos. Luana deu a mão para amiga e estendeu a mão para Cris.

— Podemos dar as mãos? — pediu e todos formaram uma grande roda.

Luana era a única deitada, analisava cada um com carinho e foi difícil conter a

emoção.

— Eu queria vocês aqui comigo, precisava disso. — Deixou a emoção dominar. — Primeiro, quero dizer que ao lado dessa mulher — olhou para Cris —, eu encontrei o amor que desejo *pra* vocês. — Cris começou a chorar. — Um amor puro, verdadeiro, um amor que cura, um amor que perdoa, que conforta e que não julga. É isso que quero *pra* vocês, assim como Ju e Digo — falou com carinho olhando para o casal de amigos.

Alex apertou a mão de Laura e beijou.

— Sei que não somos perfeitos, que nem sempre agimos certo um com o outro — olhou para Bella e para Laura —, sei que nos magoamos muitas vezes, falamos o que não devíamos, erramos sem querer,

mas somos humanos, passíveis de erros e de acertos. — Sua voz estava cada vez mais fraca e suas pálpebras pesavam. — Será que se a minha morte não tivesse anunciada, abriríamos o baú da maneira que abrimos? Se não soubéssemos que eu partiria, vocês seriam capazes de tentar transformar aquilo que lhes incomodava?

Parou um pouco, para tentar se recompor.

— Acredito que não. E que em dois ou três anos, estaríamos como estávamos há dois meses. Infelizes, mas incapazes de tirar da nossa vida aquilo que nos fazia mal. Então quero que vejam a minha partida como algo positivo, algo que transforme a vida de vocês, não como um peso. Quero que sigam adiante tendo a certeza que o tic-tac de vocês também

existe, e que o dia de hoje é menos um dia. — Luana olhou para o irmão e pediu. — Não quero velório nem enterro, quero que meu corpo seja cremado e que guardem a cinzas. Quero estar presente a cada encontro de vocês. E a cada vez que se encontrarem e faltar um de nós, quero que se lembrem que só estamos completos quando estamos juntos. — Olhou para Bella e chorou.

Cris pegou um pouco de água e deu para Luana.

— Eu amo vocês. — Chorava cada vez mais fraca. — E o meu último pedido é que de mãos dadas, cada um assuma o quando foi humano e errou. Quero que assumam a sua omissão ou mentira, para que o que for dito aqui, seja queimado junto com o meu corpo. — Respirou

fundo. — Bella, Laura, eu sabia de tudo. Não fui capaz de dizer, pois, esperei que vocês tomassem as rédeas de suas vidas, mas fico muito feliz em saber que vou partir com a verdade.

Cris tentou controlar suas lágrimas e confessou olhando para mulher.

— Eu te dava os remédios escondidos do tratamento que você negou. — Chorava copiosamente.

— Eu sei, meu amor. — Sua voz quase não saiu.

— Fui eu quem entreguei seus exames para Laura — confessou Alex.

— Eu sempre ajudei as pessoas para amenizar o vazio que sentia — confessou Laura. — Porque nunca me importei de verdade com as pessoas — completou

soluçando.

— Eu sabia de tudo, mas nunca disse nada. Eu sempre temi pela Bella — falou Rodrigo emocionado.

— Não acho que Bella traiu a Laura. Não consigo acreditar que tenham deixado essa história ter chegado tão longe — falou Juliana.

— Eu tenho dificuldade em aceitar os filhos da Roberta, porque queria que eles fossem meus — confessou Ana timidamente.

— Eu me arrependo de ter sido um fraco e de ter perdido tanto tempo na minha vida — falou Lucas olhando para Ana.

— Eu quis tirar minha vida de novo ontem — falou Bella.

Quando todos a olharam preocupados o som dos aparelhos que Luana estava ligada informaram que ela já havia partido. Ainda de mãos dadas choraram, Bella começou a rezar e todos a acompanharam.

CAPÍTULO 52

Alex levou Laura para sua casa. Bella foi com Rodrigo e Juliana. Lucas deixou Cris em casa, pediu Ana que ficasse com ela para que pudesse resolver todo processo burocrático.

— Você vai ficar bem? — perguntou antes de sair.

— Não se preocupe, eu fico com ela — falou Ana abraçando-o com carinho.
— Rodrigo vai com você?

— Vai, ele foi deixar as meninas em casa.

Ana beijou Lucas que partiu logo em seguida. Encontrou Cris no quarto, sentada na cama com uma velha caixa no

colo.

— Acho que ela não sofreu — falou segurando uma foto de Luana.

— Também acho que não — falou Ana tentando confortá-la.

— Vai ser difícil viver sem ela, Ana.

— Ela vai estar sempre conosco, Cris.

— Por mais que ela tenha nos preparado, dói muito, Ana, é como se tivesse arrancado uma parte de mim. Quando soltei sua mão lá no hospital, deixei ali uma parte dos meus sonhos.

— Estamos juntas, você não está sozinha. — Ana abraçou a amiga.

— Estou preocupada com a Bella — confessou Cris.

— Eu também não entendi muito bem a história, mas sei que ela precisa da gente.

— A Laura, onde está?

— Foi *pra* casa com o Alex. Ele disse que se precisarmos de alguma coisa é só ligar.

Laura subiu as escadas apoiada no corrimão, suas pernas falhavam. Alex gentilmente a tomou pelos braços até o quarto.

— Que tal um banho? Posso encher a banheira *pra* você, depois preparo algoquentinho para comermos.

— Eu preciso ir para casa. A Cris precisa de mim.

Ele afastou seus cabelos do rosto.

— Só podemos dar quando temos *pra* gente. Ana está com ela, você precisa descansar. Amanhã será um dia difícil.

— Não posso ficar aqui. Não é certo.
— Tentou relutar.

— *Me deixe* cuidar de você — pediu com carinho —, não faça isso com você. Sabe que não está sozinha.

Laura chorou. A dor da perda, a dor de seus erros, a dor das consequências de suas escolhas. Tudo se fundia dilacerando sua alma. O carinho de Alex era um bálsamo para as feridas abertas, por isso o abraçou apertado e deixou que seu corpo trouxesse um pouco de tranquilidade.

— Não quero fazer mal a você — confessou seu maior medo. — Não

consigo fugir de quem eu era, de quem ainda sou. Agora, com a perda da Lua, tudo parece mais intenso, mais forte, mais difícil.

— Eu gosto de você do jeito que é — sussurrou em seu ouvido —, com toda bagagem que carrega. *Me apaixonei* pelos seus erros, pelos seus acertos. Por tudo que você é hoje.

— Você não me conhece. Eu não me conheço.

— Então podemos conhecer juntos. — Beijou sua face de leve. — Vem, *te coloco* no banho enquanto preparo algo *pra* comermos. Você quase não se alimentou hoje.

Laura tomou um banho demorado, permitiu que seus pensamentos vagassem

por lembranças distantes, de quando ainda era criança. Sempre grudada na irmã, que apesar de não demonstrar muita paciência às vezes, sempre a acolheu com amor. Às vezes em que Luana cuidava dos seus machucados, passando pasta de dente, garantindo que aquilo não deixaria cicatrizes. Sorriu com carinho. Quando saiu do banheiro, no quarto seu telefone tocava dentro da bolsa.

Antes que a ligação caísse, atendeu.

— Ernany.

— Laura. Como você está?

— Triste — não tinha mais o que dizer.

— Eu sinto muito. Passei na sua casa, não tinha ninguém. Eu não queria atrapalhar.

Ela não disse nada.

— Está precisando de alguma coisa?

— Ele também não sabia o que dizer.

Durante algum tempo era esse o único diálogo que tinham.

— Estou bem. — Parou por um instante. — E você, como está?

— Triste também.

Não tinha mais o que ser dito.

— Não hesite em ligar caso precise de alguma coisa.

— Obrigada — falou e desligou o telefone.

Como sentir raiva de alguém que sempre foi atencioso, alguém que sempre se preocupou com seu bem-estar. Que nunca lhe faltou com o respeito. Ernany, nunca a tocou sem o seu consentimento,

parecia pedir permissão cada vez que se aproximava. E ele estava ali, mesmo depois de tudo oferecendo solidariedade.

Será que podia julgá-lo? Julgar por amar e não ser correspondido. Julgar por tentar dar um amor que ela nunca quis. Ela não poderia querer o marido, não depois de saber que ele foi o único homem que Bella amou. Acreditava na fidelidade dele, pois via como seu marido definhava bem diante dos seus olhos, a cada banho demorado que tomava, para encontrá-lo dormindo, quando ainda dividiam a cama.

As palavras de sua irmã ainda martelavam em sua cabeça. Passou quatro anos ignorando os sinais, mas hoje elas resolveram ecoar. Luana tentou convencê-la a não se casar, implorou para que abrisse mão de seu capricho, para que

Bella pudesse viver aquele amor, mas as suas vontades e desejos eram maiores do que o bem do próximo. Era mais fácil ajudar instituições de caridade do que as amigas de infância.

Alex encontrou Laura aos prantos no chão do quarto, ainda desnuda. Ajudou-a a se vestir e a deitou na cama, com todo carinho que podia dar a alguém, ele a acalentou até que dormisse profundamente.

Rodrigo deixou Bella e Ju em casa logo depois da consulta com o psiquiatra. Bella permaneceu calada desde a última frase que disse no hospital. Rodrigo e

Juliana conversaram com o médico, estavam receosos, ele receitou um tranquilizante forte para que ela dormisse. Logo que chegaram, Bella tomou um copo de leite, e pediu o remédio ao amigo e tomou.

Juliana a ajudou a se trocar antes que caísse num sono profundo. Rodrigo pediu a Rose que fizesse companhia a mulher e que ajudasse a cuidar de Bella. Ju e Rose estavam sentadas na varanda quando a campainha tocou.

— Desculpe mais uma vez. — Ernany estava sem graça.

— Por favor, entre. — Juliana abriu a porta. — Aceita um café?

— Tem algo mais forte? — Juliana concordou levantando o próprio copo de

uísque.

Serviu uma dose para ele e completou seu copo e o copo de Rose.

— Eu sinto muito, Juliana — ele arriscou.

— Eu também.

— Onde ela está?

— Dormindo. O médico achou melhor que ela descansasse, quer vê-la amanhã depois da cerimônia de cremação.

— E Laura?

— Estamos todos tristes Ernany, éramos como irmãs.

— Eu não sabia disso antes. Passaram tanto tempo afastadas. — Havia tanta sinceridade em sua voz, que era impossível ignorar.

— Às vezes o tempo não apaga sentimentos, amizades, amores. Podem se passar anos que nada muda.

Rose saiu pela varanda e foi dar uma volta pela piscina.

— Eu me sinto mal por invadir sua casa dessa maneira. Por todo mal que causei, mas não posso deixá-la. — Pegou a mão de Juliana e olhou no fundo de seus olhos.

— Meu marido está diretamente envolvido nisso, Ernany. Não há mais ou menos culpados nessa história louca de vocês. Só não quero que a Bella caia novamente, minha amiga é bem mais frágil do que parece. Não vou suportar perder outra amiga — falou entre lágrimas.

— Eu fiz tanto mal a ela — lamentou.

— Talvez se Laura tivesse aceitado o divórcio o dia em que saiu do nosso quarto as coisas poderiam ser diferentes.

— Não, não poderiam, você teve um grande azar. Ficou no meio de duas irmãs de alma. Uma precisava do seu dinheiro e outra do seu amor. — Respirou fundo. — Isso não te faz vítima da história e sim mais um culpado. Como disse foi um erro coletivo, que vai ser queimado amanhã, mas que deixará cicatrizes profundas. — Não conseguiu segurar o choro.

Ernany se aproximou e com o olhar ofereceu um abraço. Juliana aceitou o consolo, era inevitável não se emocionar com ela.

— Eu sinto muito por todo mal que causei a todos.

Juliana se afastou e tentou se recompor.

— Quer mais uma dose?

— Não, eu gostaria de vê-la, mas ela não vai querer me ver.

— Ela está dormindo, o remédio é forte, provavelmente só acorda amanhã.

Ernany passou as mãos pela cabeça desesperado.

— Sei que não tenho o direito de te pedir isso, é indelicado e demasiado invasivo, mas vai além das minhas forças. *Me deixa* passar a noite com ela. *Me deixa* velar seu sono. Preciso ter a certeza que ela está bem.

Juliana sorriu fracamente.

— Sei que pela razão isso seria a última coisa que ela ia querer, mas é tudo

que o coração dela precisa. Não posso te negar isso — falou tocando suas mãos. — Rodrigo está chegando, vai trazer algo para jantarmos.

— Não precisa se incomodar.

— Não é incomodo. Você parece que não teve um bom dia assim como nós.

Ele concordou.

— Laura está com aquele rapaz?

— Sim, ela está com Alex.

— Ele parece gostar dela — falou tranquilamente.

— Sim, ele faz muito bem a ela.

CAPÍTULO 53

Rose admirava a vista sentada na beira da piscina. Ernany e Juliana conversavam na varanda, mas ela não se sentia à vontade para participar de uma conversa tão íntima. Enquanto conversavam pode perceber o real significado daquela amizade e do estrago que toda aquela história tinha causado.

Bella para ela era muito mais do que uma fada madrinha. Começaram juntas, elas se apoiaram, moraram juntas. Foi a amiga que lhe deu a oportunidade de sair daquela vida. Temia por ela, sabia o quanto Bella era impulsiva e como poderia ser autodestrutiva. Ver Ernany ali,

fez com que tivesse certeza que ele não a deixaria.

Sabia que a amiga estava bem cuidada. Estranhamente seu coração se apertava a cada momento que pensava em Cris, não conseguia mensurar a dor que ela poderia estar sentindo. Pareciam tão perfeitas juntas, algo que nunca imaginou ver na vida.

— Rose! — a voz de Rodrigo a chamou.

Estava tão mergulhada em seus pensamentos que não o viu chegar.

— Vamos comer — convidou Juliana abraçada ao marido.

Rose subiu as escadas que dava acesso a varanda e logo se adiantou.

— Ernany, você vai ficar aqui? —

Queria ir embora, precisava passar na casa de Bella buscar roupas para ela.

Também pensou em passar na boate para tentar se distrair um pouco. Sentia-se presa naquela casa, estava preocupada com Bella, mas só de pensar na dor que Cris estaria sentindo seu peito ardia.

Ernany continuava calado esperando uma resposta de Juliana que olhava para o marido.

— Vai sim, Rose, você por ficar no quarto dos meninos. — Adiantou-se Juliana.

— Eu preciso ir. Vou pegar roupas *pra* Bella, passar na boate.

— Algum problema por lá? — perguntou Ernany preocupado.

— Não, mas é sempre bom ficar de

olho.

— Pelo menos jante conosco. —
Ofereceu Rodrigo.

— Não estou com fome, amanhã de manhã eu volto e fico com ela.

Juliana levou Rose, até a porta, que saiu apressada. Dirigiu por um tempo pensando como a vida pode ser volátil. Embora não tivesse diretamente envolvida, a morte de Luana, a descoberta de quem era Júlio, tudo aquilo virou um grande furacão que ainda passava. Precisaria ser forte para cuidar de Bella, mas seu coração se apertava cada vez que pensava no sofrimento de Cristina.

Estacionou o carro na frente do apartamento de Bella e rapidamente pegou algumas mudas de roupa para ela. A cama

desarrumada e o copo de uísque no aparador, denunciava que Ernany havia estado ali. Enquanto dirigia até a boate, desviou seu caminho e entrou na rua sem saída. Se viu diante do Café, que estava com as luzes acesas.

Num ato impulsivo, estacionou o carro e desceu, pelo vidro viu a loja vazia, as portas trancadas. Tentou ver melhor pelo vidro e encontrou Cris sentada num sofá no canto, com uma taça de vinho ao lado e uma rosa branca na mão. Foi inevitável não se emocionar com a cena. Se sentiu uma voyeur, invasiva, suja, mas não conseguia sair dali.

Cris percebeu que estava sendo observada e levantou. Viu Rose por trás do vidro e caminhou até a porta para convidar a outra a entrar.

— Tudo bem com a Bella? — Sua expressão era de preocupação.

— Sim, ela está na casa do Rodrigo. Tomou um remédio, está dormindo. — Olhou para baixo envergonhada. — Desculpe, eu estava passando por perto... queria saber se estava bem. Vi as luzes acessas e não resisti.

Cris sorriu fracamente e a convidou para entrar. Rose não hesitou.

— Aceita alguma coisa?

— Não quero atrapalhar.

— Não atrapalha. Estou tomando um vinho, *me acompanha?*

Rose aceitou, agradecida. Cris serviu a taça e lhe entregou.

— Achei que estaria com sua cunhada.

— Ela foi para casa do namorado. Ana

ficou comigo de tarde, mas Lucas veio buscá-la, até se ofereceram para ficar comigo, mas ele teve um dia cheio, não era justo.

Rose ouvia, brincando com os dedos na borda da taça.

— Não consegui ficar lá em cima, eu gosto de ficar aqui — confessou e se sentou no sofá e Rose sentou na outra ponta.

— Fiquei pensando em você, em como estaria. Na sua dor.

Cris respirou fundo.

— Não estou acostumada a ficar sozinha, Rose. Fazíamos quase tudo juntas. Quando Ana e Lucas saíram percebi que esse vai ser o meu maior tormento. Não terei mais a companhia

dela.

Rose tocou sua mão com carinho sem dizer uma palavra.

— Sabe, eu estava aqui justamente pensando em como prosseguir. Como levar o Café a diante, como dormir e acordar sem ela.

— Estava na casa da Juliana e estava pensando justamente nisso. Como recomeçar a vida depois de tudo. Não conseguia parar de pensar em como você poderia estar. Passei por aqui no automático, não era o meu caminho.

— Que bom que veio, acho que precisava mesmo de companhia — confessou sinceramente.

— Mas eu me sinto de alguma forma invadindo um espaço, entende? Não temos

tanta intimidade, eu sou amiga da Bella, trabalho com ela e dois dias seguidos invadindo o seu espaço.

— Não me sinto invadida, Rose. Às vezes encontramos apoio onde menos esperamos. Eu fiquei tanto tempo imersa no universo da Lua, as amigas dela viraram minhas amigas, tudo era compartilhado. De alguma maneira, mesmo você sendo diretamente ligada a Bella é um rosto novo, entende?

Rose assentiu.

— Você comeu alguma coisa? — perguntou preocupada enquanto Cris enchia as taças de vinho.

— Não tive forças — confessou.

— Posso pedir uma pizza *pra* gente? Ou comida chinesa?

— Pizza. Eu amo pizza, a Lua não gostava muito.

— Então escolhe o sabor, tem uma pizzaria ótima perto da boate, eles não demoram *pra* entregar.

Rodrigo estava apreensivo em deixar Ernany passar a noite com Bella, mas não se pronunciou. Ele prometeu que sairia logo cedo, antes que ela acordasse.

Quando entrou no quarto em que Bella dormia, fechou a porta com cuidado e tirou seus sapatos, deixando-os no canto do quarto. O cômodo era todo decorado em tons de rosa, com bonecas. Sorriu, pensando se um dia teria a oportunidade

de ter uma filha com Bella.

No dia de seu casamento, quando procurou Laura para cancelar tudo, chegou a contar que estava perdidamente apaixonado. Mesmo depois de Isabella ter terminado tudo e de dizer que ele não significou nada para ela. Ernany acreditou, e ao ver Laura suplicando para não ser abandonada, lutou contra o amor que sentia e resolveu se entregar a sua futura esposa.

As palavras de Juliana foram certeiras, Laura queria seu dinheiro e Bella seu amor. Demorou tanto tempo para enxergar isso. Muitas vezes pensou o contrário, mas hoje conseguia ver claramente, que todas as vezes que Bella tentou lhe tocar, não era para fazer jus a quantia que recebia. Era por vontade de tê-lo.

Bella tentou se aproximar algumas vezes, relutante, nunca permitiu. Já se sentia traidor o suficiente por vendá-la e ajudá-la sem o conhecimento da mulher, que ignorou a amiga quando mais precisou de sua ajuda. Como poderia imaginar a força daquela amizade? Quando Bella precisou de ajuda, Laura não foi capaz de dar.

No momento em que finalmente seu casamento ruiu, na fatídica noite em que pediu uma chance para mulher de tocá-la e amá-la, Laura não suportou seu toque, seu asco era tamanho, que saiu do quarto e pediu que nunca mais a tocasse. Depois disso, usou o sexo algumas vezes como moeda de troca.

No dia em que se sentiu o ser mais repugnante e nojento, sem pensar foi para

a boate e ficou na sala reservada observando Bella dançar. Os homens caíam aos seus pés, mas quando soube que ele estava lá, desceu do palco já vendada e Rose a conduziu até onde ele estava.

Naquele dia permitiu ser tocado por ela. Precisava saber que podia ser desejado, amado. E ela fez. Com toda sua delicadeza de menina e sensualidade de mulher, Bella se entregou a ele. Foi impossível controlar os sentimentos do passado não tão distante. Ali não foi para cama com a garota de programa, foi para cama com uma mulher.

Emocionado com as lembranças, tocou seus cabelos com carinho, com dor. Com arrependimento.

Arrependimento de ter errado, de não ter sido forte o suficiente para lutar por aquele amor, que mesmo adormecido, sempre esteve vivo.

Bella remexeu na cama e abriu os olhos sonolenta.

— Shhhhh! Dorme, meu amor. Você precisa descansar.

— Vai ficar aqui comigo?

— Sempre.

CAPÍTULO 54

Ana acordou e encontrou Lucas sentado na cama com o olhar fixo. Virou-se para abraçá-lo e ele despertou dos seus pensamentos.

— Está cedo ainda, morena. Dorme mais um pouco.

— Você não conseguiu dormir?

Ele negou. Ana afagou seus cabelos revoltos e deitou em seu peito.

— Precisa tentar descansar um pouco.

— Não consigo, Ana. É muita coisa acontecendo. Tantos problemas.

Ana olhou para ele esperando que dissesse.

— A mãe da Roberta não está bem, parece que Thiago pegou uma virose. Ontem não tive nem tempo de vê-los, de contar sobre a Luana. São tantos detalhes para resolver sobre a cremação, que se não fosse o Rodrigo me ajudando ontem, eu não conseguiria. Estou preocupado com a Laura, com a Cris. A Bella parece que não está bem.

— Eu não entendi o que aconteceu.

— Ernany me procurou ontem, *me contou*, depois explico com calma. É uma história longa e bem maluca. Ele fez questão de arcar com os custos da cremação e acabou nos ajudando com as coisas no cemitério. Eu não estava com cabeça para aceitar ou negar nada, simplesmente concordei, mas não acho boa ideia Laura ficar sabendo disso.

Ana concordou.

— Pelo menos conseguimos uma escola para os meninos, né? — falou beijando sua cabeça. — Agora é fazer a última vontade da Lua e aprender a conviver sem ela.

— Você às vezes é tão prático.

— Já perdi meus pais, Ana, agora a Lua. Não tenho nada a fazer além de sentir a falta dela e me arrepender pelos momentos que não passamos juntos. Lua é tão especial que mesmo na beira da morte se preocupou com as pessoas. Talvez seja esse o grande ensinamento que tenha nos deixado.

— Eu quero conhecer o amor que ela falou. — Ana estava chorando agarrada nos braços de Lucas.

— Nós vamos, morena. Vou dedicar minha vida a isso.

— Posso ficar com os meninos até a hora da cremação. Depois pego um táxi, deixo-os na casa da mãe da Ju, os meninos estão lá. Quando terminar passamos e os buscamos. Assim Roberta pode ficar com a mãe dela.

Lucas a abraçou e se permitiu a derramar sua primeira lágrima.

— Quero ir ver a Laura, saber como ela está. Também quero conversar com a Cris, tem algumas coisas que ela precisa escolher e decidir. Se incomoda se eu pedir a Roberta para deixá-los aqui?

— Tudo bem, mas vai ter que me prometer que vai comer alguma coisa antes de sair.

— Eu prometo, minha morena. Toma um banho comigo? Quero ficar abraçado com você.

Juliana acordou com Rodrigo enroscado nela, apertando-a tanto que se sentiu sufocada. Aos poucos foi conseguindo se libertar dos seus braços e se levantou.

— Ju...

— Dorme, Digo, está cedo ainda. Eu vou ver a Bella.

Deixou seu quarto, vestindo um pijama de flanelas e encontrou Ernany descendo as escadas com os sapatos nas mãos.

— Como ela está? — perguntou

descendo atrás dele.

— Eu te acordei? Fiz barulho?

— Não. — Sorriu fracamente. — Eu geralmente acordo cedo por causa das crianças. Já me acostumei.

— Ela está bem, dormindo tranquila. Achei melhor sair antes dela acordar.

— Conseguiu dormir?

— Sim, um pouco. *Me deitei* com ela.

— Vem, toma um café antes de sair. O dia vai ser longo.

Ernany colocou os sapatos no chão e se sentou à mesa da cozinha.

— Eu fiquei pensando, como conseguiu passar tanto tempo às sombras das duas?

— No começo ajudei a Bella como

amigo, até a separação de corpos. Depois entendi que Laura não me queria. No começo não foi fácil, mas infelizmente as coisas foram se arrastando.

— Quanto tempo você e Bella...

— Desde que ela tentou se matar. Eu ajudei, apoiei, *ajudei ela* montar a boate. Só que nunca havíamos nos tocado. Ela tentou algumas vezes, mas eu não podia permitir. Eu amei Laura, vim de uma família que valorizava o casamento e fiz o que pude para que desse certo.

— *Me lembro* o quanto era dedicado à ela no início. *Me lembro* também da maneira com que ela te tratava. Uma vez *num* jantar em sua casa...

— Ela nunca me amou, Juliana.

— Imagino o quanto deve ser difícil

viver ao lado de alguém assim.

— Mas ela tem suas qualidades. Desenvolvemos uma relação diferente, de parceria, de compreensão.

— O casamento perfeito aos olhos dos outros — completou.

— Não diria perfeito. — Ele sorriu sem graça. — O casamento de vocês é perfeito. Vocês se amam, tem filhos lindos.

— Nunca quis ter filhos com a Laura?

— Ela nunca quis ter filhos.

Juliana colocou uma xícara em sua frente e serviu de café, e partiu uma fatia de bolo para ele.

— Sabe que não vai ser fácil, né?

— Sim, eu sei, mas não quero que nada de mal aconteça a elas. Mesmo

errado, mesmo sujo, eu sempre me preocupei que não faltasse nada que pudessem precisar.

— Nunca se incomodou com a profissão da Bella?

— Não pela profissão. No começo, como sabia o quanto era difícil para ela, paguei para que não precisasse ir *pra* cama com ninguém. Só que Bella é uma mulher geniosa, atraente. — Parou pensativo. — Preferia não saber, mas doía sim, sempre doeu. Não enxergo ela diferente por isso, ela é frágil, doce, não teve uma vida fácil.

— É bonito a forma com que você fala dela.

— E a amo, Juliana. Sou capaz de tudo por ela.

Juliana se sentou à mesa e Ernany terminou sua xícara de café.

— Muito obrigado por tudo. Preciso ir. Diga a Rodrigo que me ligue se precisar de alguma coisa.

Laura acordou com a cabeça doendo, os olhos pesados de tanto chorar. Acordou com o cheiro de café invadindo o quarto.

— Bom dia, princesa.

— Lucas!

— O Alex estava preparando café *pra* trazer pra você, pedi a ele *pra* trazer. Eu disse que você gostava de chá, mas ele me garantiu que você ia preferir café.

Laura abraçou o irmão com carinho.

— Acho que meu novo cunhado conhece melhor minha irmãzinha do que eu. — Fez charme. — Como passou a noite?

Ela não disse nada.

— Laurinha, vou precisar de você forte. Precisamos ir até a casa da Lua, temos que conversar com a Cris, decidir algumas coisas. Não vai ser fácil, mas preciso de você, tudo bem?

Ela concordou.

— Quer que Alex vá conosco?

— Não precisa.

— Então toma seu café e troca de roupa. Eu te espero lá embaixo, tudo bem?

Laura não se demorou, mal tocou na comida e desceu com a bandeja quase

intacta. Alex não pode deixar de reparar.

— Bom dia. — Beijou seus cabelos.
— Come pelo menos uma fruta? Tem pêra que você gosta.

Laura aceitou e sorriu. Alex percebeu que ela não lhe deu abertura.

— Lucas, não se preocupe, eu pego a Ana e os meninos. Se precisar de qualquer coisa liga — falou tocando seu ombro. — Laura, eu estou aqui, é só me chamar.

— Obrigada — falou abraçando-o e dando um beijo casto em seus lábios.

Caminharam abraçados pela rua e em pouco minutos estavam na porta do apartamento de Cris.

— Bom dia. — Lucas se adiantou.

— Bom dia — respondeu abraçando

Laura que já chorava.

Lucas se sentou com as duas e começou.

— Sei que não temos condições, mas temos que resolver algumas coisas. São dolorosas, mas necessárias. Marquei a cerimônia de despedida para o fim da tarde. Rodrigo ainda precisa resolver alguns documentos para levar ao cemitério, mas já está tudo certo. Vou tentar ser prático, ok? — falou segurando a mão da irmã e sorrindo fracamente para a cunhada.

— Flores. — Começou e Laura bufou. Cris se levantou e foi para o seu quarto, abriu a primeira gaveta do criado-mudo de Luana e retirou uma pasta. Uma carta caiu e ela se assustou. Teve vontade de

abri-la, mas não se sentia preparada.

Voltou para sala emocionada e abalada por ter encontrado o envelope. Estendeu a pasta para Lucas.

— Sua irmã deixou tudo pronto, do jeito que ela queria. Quis me mostrar algumas vezes, mas eu nunca quis ver. — Parou para tentar controlar a emoção. — Sei o quanto é difícil *pra* vocês, assim como é *pra* mim, mas por favor Lucas, eu não me importo com nada, somente que seja do jeito que ela desejou.

Lucas pegou a pasta e respirou fundo. Laura abraçou a cunhada e choraram por um tempo.

— Posso resolver tudo então conforme o desejo dela? — confirmou olhando para a cunhada e para irmã, que apenas

concordaram. — Eu preciso resolver tudo isso, mas não posso deixar você duas aqui sozinhas. Vou pedir ao Alex *pra* ficar aqui com vocês.

— Não! — Laura se adiantou.

Cris percebeu a relutância da cunhada.

— Não se preocupe, Lucas. Eu estou bem, é que isso tudo é muito difícil. Deixa Laura aqui comigo. Mais tarde pode nos buscar?

— Vou tentar vir almoçar com vocês. Laura não comeu nada e vocês precisam de forças, tudo bem? — falou abraçando a cunhada. — Você não precisa cuidar dela, precisa cuidar de você.

— Vamos aprender a cuidar uma da outra, Lucas, somos uma família, não somos?

CAPÍTULO 55

Roberta chegou com na casa de Lucas e Ana atendeu a porta.

— Bom dia. — Cumprimentou sem graça.

— Bom dia — Ana respondeu analisando a mulher a sua frente por alguns instantes.

— O Lucas já saiu?

— Desculpe, já sim. — Abriu a porta para que ela e os meninos entrassem. — Aceita um café?

— Não, obrigada.

— Lucas foi encontrar com a Laura e a Cris. Saiu tem vinte minutos, mas não se

preocupe eu fico com eles — falou enquanto Pedro escalava seu colo para subir.

Ela sorriu para o menino enquanto Thiago se sentava no sofá um pouco amuado.

— Ana, obrigada por ficar com eles. — Foi sincera. — Obrigada também pela vaga na escola. Lucas me contou.

— Não precisa agradecer.

— O Thiago precisa tomar os remédios, ele pode ter febre. Deixei meu telefone anotado, *me liga* se precisar de alguma coisa.

— Não se preocupe. Na hora que sairmos, vou deixá-los na casa da mãe de uma amiga. Pegaremos logo em seguida, eu dou os remédios direitinho e te aviso

qualquer coisa.

— Pode me passar seu telefone? —
pediu e Ana demorou a processar. — *Pra*
ter notícias — explicou

— Claro.

Ana anotou seu telefone num pedaço
de papel para Roberta, que saiu logo
depois de se despedir dos seus filhos.
Ana entrou e colocou a mão na testa de
Thiago que a olhou apreensivo.

— Quer um suco?

— De que?

— Laranja ou maracujá. Do que você
gosta?

— Morango.

Pedro se sentou no sofá e tentou ligar a
televisão, Ana rapidamente foi ajudá-lo.

— Morango não tem, mas laranja vai te fazer bem.

— Pode ser.

Ana preparou o suco ainda pensando no confronto com Roberta. Ela parecia aflita e preocupada em deixar os filhos, colocou-se no lugar dela e se arrependeu por ter sido tão fria. Entregou o copo de suco para Thiago e pegou um cobertor para ele. Conferiu as anotações sobre os remédios e percebeu o quanto Roberta era uma mãe dedicada.

— Como se conheceram? — Thiago perguntou.

— Eu tinha um pouco mais do que a sua idade. Sempre estudei com da sua Tia Lua — contou e uma onda de saudades e dor invadiu seu peito.

Ana se sentou ao lado dele e conferiu novamente sua temperatura. Pedro estava entretido em um desenho que passava na televisão.

— Começou a namorar ele ainda criança?

— Eu tinha doze, seu pai tinha quinze.
— Ana lembrou sorrindo.

— E por que não se casaram? —
Thiago parecia interessado.

Ana respirou fundo.

— Seu pai foi morar fora, nós nos distanciamos. Seu pai conheceu sua mãe...

— E ela engravidou de mim — ele falou e Ana se espantou. — Eu sei, já ouvi eles brigando, minha mãe sempre dizia que meu pai só se casou com ela porque ela estava grávida de mim — falou

melancólico.

— Sim, ela engravidou de você —
Ana concordou.

— É por isso que não gosta de mim?

Ana tocou os cabelos de Thiago e percebeu o quanto era parecido com o pai.

— Thiago, eu gosto de você, mas estamos nos conhecendo. Eu sou uma estranha para você, você é um estranho para mim, mas temos algo em comum, nós amamos seu pai.

— Então você não me odeia?

— Não, eu não odeio você. Você não tem culpa de nada.

Thiago sorriu.

— Vocês vão se casar? Vai morar aqui *pra sempre*?

— Não sei, Thiago, eu só sei que amo muito o seu pai. Sempre amei.

Cris chegou com Lucas e Laura. No centro o caixão estava fechado. Num canto estava Bella toda de preto e óculos escuros, sentada com Rodrigo e Juliana. Ana tocava a tampa do caixão e Alex tocava seu ombro com carinho.

— Ela não quis que o caixão fosse aberto? — Cris perguntou para Lucas enquanto se aproximava.

— Não.

Em volta não havia coroas de flores e sim arranjos de rosas brancas e vermelhas. Cris sorriu sabendo que com

certeza aquele era um pedido da mulher. Juliana ajudou Bella a se levantar e todos se colocaram em volta do caixão.

— Cris me entregou uma pasta hoje de manhã. Lua tinha deixado todos os desejos escritos de como queria sua despedida. Escolheu urna, caixão, flores, tudo para nos poupar. Deixou tudo anotado e pediu que sua despedida fosse breve. — Suas palavras falharam. — Eu gostaria que rezássemos, embora ela não tenha pedido isso, mas acho que seria uma homenagem e um pedido para que seja acolhida com o mesmo amor que temos por ela.

Começaram e rezar e Ernany chegou. Ficou da porta rezando com eles, mas em silêncio. De um lado via Laura ao lado do irmão, do outro Bella ainda de óculos escuros ao lado de Juliana. Sentiu-se um

intruso e saiu caminhando pelo cemitério arborizado.

— Às vezes não precisamos estar perto para cuidar de quem amamos — a senhora grisalha lhe falou.

Ernany demorou a compreender que falava com ele. A senhora sorriu e saiu. Esperou que a breve cerimônia terminasse num ponto onde pudesse observar a sala em que estavam. Viu Isabella saindo com uma rosa branca na mão e caminhando em direção ao cemitério. Era um lugar bonito, arborizado e no imenso gramado guardavam placas com os nomes de quem já não estava mais entre nós. Seus passos eram firmes. Ernany a seguiu e a viu depositando a rosa em uma lápide. Chegou bem próximo e ficou observando sua oração silenciosa. Pelo nome, deduziu

que ali estavam seus pais e sua avó.

— Bella — arriscou chamá-la e ela se virou.

— Júlio? — Foi irônica ao se virar.

— Precisamos conversar.

— Não temos nada a dizer. — Estava fria, parecia forte e decidida, mas ele sabia bem que por trás daquela máscara estava a mulher que se apaixonou.

— Isso não é verdade. Sei que não é o momento, então talvez possamos nos encontrar depois.

— Não vejo necessidade — falou olhando no fundo dos seus olhos. — Não temos mais nada a dizer.

Ernany olhou para sua mão e percebeu que ela ainda usava a aliança e seu coração se encheu de esperança.

— Nós nos amamos — ele arriscou.

— Nem sempre o amor é o suficiente...

Adeus.

Ernany ficou parado vendo-a se afastar. Queria ir atrás dela, segurar-lhe pelos braços e implorar para que o ouvisse, contudo, não foi capaz. Viu que ela não voltava para sala onde estava o corpo de Luana e sim em direção a saída do cemitério. Antes que pudesse alcançá-la, Bella entrou em um táxi e partiu.

CAPÍTULO 56

7 dias depois

Ainda relutante Cris abriu a gaveta de Luana e pegou o envelope que ali ficou guardado desde o dia que encontrou. Abriu e retirou a carta e começou a ler.

“Criou coragem mocinha?

Não preciso estar aí pra saber que enrolou o quanto pôde para ler a carta que te deixei. Escrevi antes de viajarmos. Não sei como foi a viagem, nem sei se consegui embarcar, mas enfim, isso não importa...

Não queria escrever, mas achei que

fosse necessário.

Sabia que iria enrolar pra ler, sei também que agora está sentada na nossa cama, com aquela calça estranha que usa pra ficar em casa e alguma blusa minha. Não preciso estar do seu lado pra saber que está de pernas cruzadas e sorrindo nesse momento.

Não quero prolongar sua dor, meu amor. Não deixei essa carta para que nunca se esquecesse de mim, sei que o que vivemos é forte demais para ser apagado com o tempo. Quero que se levante dessa cama. Já faz quanto tempo três dias? Dez? Quinze? Também não importa.

Você tem contas para pagar no fim

do mês. O Café precisa abrir. A vida precisa continuar. Deixei um pouco de dinheiro guardado, já te mostrei isso, mas nada o suficiente para você passar o resto da vida nessa cama. Hora de levantar e encarar a vida.

Você precisa procurar a Ju. Vai precisar dela, ela pode te ajudar muito no Café. Seria uma sócia perfeita. Por que não pensam numa reforma? Assim você ganha um tempo antes de começar a trabalhar de novo, mas nada de ficar nessa cama.

Se você não procurar a Juliana, dificilmente ela vai invadir o seu espaço. Vai por mim, ela está te esperando.

Quanto a Laura, não passe muito a

mão na cabeça dela, deixe-a sofrer e aprender com os erros, é só assim que crescemos. Foi você mesma que me ensinou isso, lembra?

Na gaveta do escritório vai encontrar tudo que precisa. Já transferi toda a grana da aplicação pra sua conta. Na minha conta só tem uma mixaria. Use esse dinheiro pra fazer uma festa para todos. Minhas cinzas já chegaram? Nada de deixar como adorno na sala. Enfia dentro do baú e só abra quando estiverem todos juntos.

Espero que a Ana tenha deixado de ser a madrasta má e que esteja tratando meus sobrinhos direito. Senão, manda ela para o lado de cá, que eu me vejo com ela.

Lucas é forte, mas é um desmiolado às vezes, fique de olho nele.

O Alex pode ajudar muito no Café, conte com ele.

Não vou ficar aqui dizendo como deve seguir sua vida, só me prometa que vai ser feliz. Siga seu caminho com a certeza que eu te amo e que você é a mulher da minha vida.

P.S.: Cuide da Bella.”

Cris fechou a carta e sorriu. Retirou suas roupas e jogou a calça estranha no lixo, sorrindo. Tomou um banho demorado, deixando que a água e as lágrimas lavassem sua alma.

— Precisa de mais alguma coisa? —
perguntou Rose recolhendo os papéis da
mesa.

— Quando começa o curso de pole?

— Semana que vem. Já temos uma
turma completa.

— Podíamos colocar alguns produtos
à venda, não sei. Algumas fantasias, gel
de massagem. O que acha?

— Acho que você leva jeito *pra* coisa
— falou Rose sorrindo.

Ernany se recostou na cadeira.

— Eu estou tentando. Alguma
mensagem? Notícias?

— Nada, só aquela no dia em que ela
foi embora. Deixou a procuração na casa
de Rodrigo antes de saírem para o

cemitério.

— Veja se está tudo certo com os documentos e se ele já pode assinar os cheques.

— Vai ficar por aí ainda? — Rose perguntou preocupada. — Você precisa de um tempo disso tudo. Desde que a Bella foi embora você tem se desdobrado *pra* dar conta do seu trabalho e daqui.

— Esse é o sonho dela, Rose. A única coisa que posso fazer no momento é cuidar daqui *pra* ela. A Juliana nunca ia deixar o Rodrigo tocar a boate. Sem contar que não é justo com eles.

— Você é um homem de ouro.

— Não sou, Rose, sou um homem tentando consertar os erros do passado.

Um toque tímido na porta fez Rose se

levantar. Mônica estava na porta.

— Tem uma moça procurando a Bella. Laura é o nome dela.

Rose olhou para Ernany.

— Peça ela *pra* entrar.

Segundos depois Laura entrou e ficou surpresa ao encontrar o ex-marido sentado na cadeira da amiga.

— Laura. — Ernany se levantou para recebê-la. — Sente-se.

— Eu vim falar com a Bella.

— Por favor, sente-se. — Ela se sentou. — A Bella não está, sumiu desde o dia da cremação de sua irmã — falou com o peito doendo.

— E você está trabalhando aqui? — perguntou olhando a sala.

— Somos sócios, quer dizer, a boate é dela...

— Não precisa explicar... sabe onde posso encontrá-la?

— Não, ela não disse a ninguém onde estava. Como você está?

— Indo, pelo menos tentando.

— Laura, eu...

— Por favor, não diga nada. Não me sinto preparada para conversar com você ainda. Eu vim atrás da Bella, tem algumas coisas da Lua que a Cris queria dividir e eu criei coragem para vir falar com ela, mas agora sei que ainda não me sinto preparada. Eu preciso ir.

Ernany segurou seu braço.

— Não está preocupada com ela? Não tem medo do que ela possa fazer?

Laura engoliu seco e retirou seu braço. Levantou e deixou Ernany parado sem compreender a reação da ex-mulher.

— Rodrigo me entregou seu pedido de divórcio — falou antes que ela saísse pela porta. — E uma carta onde você abre mão de tudo.

Ela se virou para ele.

— Não quero nada.

— Mas é seu, você me ajudou a construir.

— Eu ajudei a construir uma grande mentira. Um oceano de dor.

— As coisas não precisam ser assim. — Ele se levantou e foi ao encontro dela.

— Não consigo ver uma maneira diferente.

Ele tocou seus braços e falou

tranquilo.

— Eu sinto muito por todo mal que te causei. Eu não sabia o que essa amizade significava *pra* vocês. Errei e se pudesse voltar no tempo faria tudo diferente. — Parou e fechou os olhos. — A única coisa que não faria era deixá-la morrer com os pulsos cortados num banheiro de motel barato.

— Você sempre amou a Bella.

— Não é verdade, eu coloquei meu amor no bolso e me entreguei à você. Eu amei você, Laura, quis muito que nosso casamento desse certo.

— Não precisa me lembrar dos meus erros — falou alterada.

— Vou te lembrar dos seus acertos. Você me ajudou muito na empresa, com

seus projetos sociais, com o seu trabalho, ajudou-me a construir tudo que temos, então nada mais justo que ficar com o que é seu por direito.

— Considere como pagamento dos anos que te roubei. Eu não me sinto preparada para ter essa conversa com você.

— Tudo bem — falou e soltou seus braços.

Laura ainda demorou alguns segundos para sair, ficou encarando Ernany, sem expressão.

CAPÍTULO 57

— Finalmente consegui um horário com a delícia mais cobiçada — Roger falou, sentado com os pés na mesa, logo que Bella entrou.

Ela vestia um longo preto, com um generoso decote e uma fenda que deixava suas pernas a mostra. Os cabelos ondulados emolduravam perfeitamente o rosto com uma maquiagem perfeita.

— Assim você vai me matar — falou se levantando e retirando a camisa. — Estava com saudades, delícia. — Puxou seu cabelo para trás e beijou seu pescoço.

Bella enrijeceu. Gostava de ir para cama com ele, mas sentiu um desconforto

incomum.

— Com você vestida desse jeito, merece um jantar e tudo mais que você tem direito. Voltou *pra* ficar, minha gostosa? Sentiu falta de mim, foi?

Ela fechou os olhos e concordou.

— Onde quer ir, você manda, sou seu escravo. Precisamos comemorar a sua volta para a Cidade Maravilhosa.

Bella não queria ser vista, se sáísse com ele provavelmente seriam fotografados juntos. Roger era um cantor famoso e a imprensa sempre andava atrás dele.

— Pensei em ficarmos aqui — falou vestindo sua máscara de mulher fatal, deslizando sua unha afiada pelo tórax bem trabalhado.

— Minha putinha gostosa — apertou ainda mais seus cabelos, puxando para trás, fazendo com que ela evidenciasse seu decote —, pelo visto alguém também estava com saudades — falou e percorreu sua língua pelo seu decote.

Bella temeu por não conseguir levar aquilo a diante, mas precisava. Já havia postergado por muito tempo sua volta. Não poderia ficar presa ao passado para sempre.

— Não vai me oferecer nada *pra* beber?

— Que indelicadeza a minha — falou, soltando seus cabelos. — O que a minha delícia deseja? Vinho? Champanhe?

— Uísque.

— Uau, algo forte, isso não combina

com você.

— Tudo combina comigo — falou e ele a tomou em um beijo.

Bella demorou um tempo para conseguir corresponder. Duvidou de sua capacidade de levar aquilo a diante, mas precisava se libertar, precisava aprender a ser tocada e desejada por outros homens. Fechou os olhos e sentiu as mãos de Ernany sobre suas pernas. Afastou-se rapidamente.

— *Me desculpe*, delícia, eu estava morrendo de saudades, vou preparar seu uísque, enquanto você tira a roupa *pra* mim.

Sentiu um alívio. Dançar e se despir era algo que sabia fazer e nunca teve vergonha daquilo. Roger ligou um som

pulsante e ela, de olhos fechados, entrou no embalo da música. Dançou sensualmente, sempre com os olhos fechados, descendo as alças de seu vestido lentamente. Ele retirou sua calça e com o copo na mão esperou que ela terminasse.

Quando abriu os olhos, Bella estava somente de calcinha e o olhar de Roger era de luxúria. Pegou o copo de suas mãos e virou num único gole.

— Está com sede, gostosa? — perguntou, enchendo o copo novamente.

Bella novamente virou seu copo. Roger retirou o copo vazio de suas mãos e colocou na mesa. Pegou pelos seus braços e a jogou na cama. Ele parou para observar seu corpo e ela pela primeira

vez se sentiu envergonhada. Cobriu os seios com as mãos e fechou os olhos. Não podia fazer aquilo.

— Não fica com vergonha de mim, conheço seu corpo de cabo a rabo.

Bella respirou fundo, mas não conseguiu retirar os braços que tentavam sem sucesso cobrir seu corpo.

— O que você precisa? — falou bem perto do seu ouvido.

— De um aditivo. — Sua voz quase não saiu.

Roger se levantou da cama e abriu a gaveta espalhando pela cômoda vários tipos de droga.

— Escolhe, minha delícia. Temos das mais variadas qualidades.

Ela se levantou da cama como se

caminhasse para a força. Com as mãos trêmulas, escolheu um pino com conteúdo branco dentro. Roger pegou o tubo de suas mãos, retirou sua cueca e se deitou na cama. Abriu o tubo e espalhou o pó pelo seu membro ereto.

Bella tremia, tinha medo de mergulhar novamente no seu buraco negro. Respirou fundo e foi para cama, certa de que aquela era a saída para as dores que assombravam a sua alma.

Laura chegou em casa e encontrou Alex em sua cozinha. Fazia dois dias que ela não o via.

— Invadi sua cozinha — falou com um

sorriso nos lábios. — Estou fazendo um jantar *pra* você.

Laura sorriu fracamente e Alex foi ao seu encontro, abraçando-a. Ela retribuiu o abraço, bem-vindo, entre lágrimas.

— O que foi? — perguntou preocupado.

— Eu não posso — falou e se afastou.

— O que está acontecendo Laura? Por que está tão distante?

— Eu não posso, Alex, eu não consigo.
— Chorava copiosamente.

— Não me quer mais, é isso?

— Eu quero, mas não posso. Não é justo.

Ele a pegou pela mão e a sentou no sofá.

— Preciso que me diga o que está acontecendo, que seja sincera comigo. Por favor, não faça isso comigo, não faça isso com a gente.

— Fui atrás da Bella. Não sabia bem o que ia fazer lá, mas eu fui. Estava disposta a abrir meu coração. — Chorou ainda mais. — Encontrei o Ernany.

— Eles estavam juntos e você sentiu alguma coisa? — perguntou, inseguro.

— Não! Não sinto nada por ele. Nunca senti. Só respeito... — Respirou fundo. — A Bella sumiu desde o dia da cremação da Luana.

— Eu não sabia — Alex lamentou.

— O Rodrigo e a Ju não iam contar, não diante dos últimos acontecimentos. Alex, o Ernany estava na boate, tocando

os negócios, ele estava um caco, parecia que não dormia há dias. Eu me sinto culpada também. Não vou negar que quando vi a Bella vestindo a camisa dele naquele apartamento meu chão se abriu. Não por ele, mas por ela.

Alex segurou suas mãos.

— Como posso me entregar *pra* você se eu ajudei a destruir a vida dos dois, e a minha própria vida? A Bella está sumida e ele jogou na minha cara que não me preocupo com ela, assim como o dia que eu não fui ajudá-la quando ela tentou se matar.

Alex a abraçou para tentar consolá-la, mas ela se afastou.

— Ela tentou se matar porque me casei com o homem que ela amava.

Alex esperou que ela se acalmasse.

— Laura, isso tudo ficou no passado.

— Não ficou! Eu não posso ser feliz sabendo que ela está em qualquer lugar, jogada Deus sabe lá como. Eu não me sinto preparada *pra* embarcar numa relação onde eu não me sinto completa — desabafou finalmente. — Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, mas eu não sei se sou merecedora disso e nem me sinto preparada *pra* me entregar de corpo e alma sabendo que acabei de perder a minha irmã e posso perder a minha melhor amiga.

— Laura, não tenho pressa, eu espero por você — falou tentando tranquilizá-la. — Eu entendo que está passando por um momento turbulento, mas não tenho

pressa, eu quero você. Demorei muito *pra* te encontrar e não vou abrir mão desse amor que cresce a cada dia.

Laura tocou seu rosto com carinho chorando.

— Eu te mostro o meu pior lado e você sempre me mostra o amor.

— Todos temos um lado bom e o lado ruim. Eu te amo por completo. Esses dois dias que passei sem você foram os mais difíceis que já vivi. Nem quando a Sabrina me deixou me senti tão vazio.

— Eu não mereço esse amor.

— Você merece muito mais.

Laura fechou os olhos.

— Isso é amor? A Lua disse que o amor é puro. Eu me sinto culpada por amar você.

— Não, Laura, você se sente culpada pelas escolhas do passado.

Ficaram um tempo em silêncio.

— Preciso terminar nosso jantar de comemoração.

— Comemoração?

— Você ganhou o concurso.

— Nós ganhamos o concurso. — Parou e pensou no que tinha acabado de dizer. — Ganhamos?

CAPÍTULO 58

— Digo, olha a lambança que você está fazendo! — reclamou Juliana enquanto limpava a cozinha.

— Você é a chata mais linda que conheço, sabia? — falou a puxando para seus braços com as mãos sujas. — Estou tentando preparar um jantarzinho *pra* minha mulher linda.

— Eu admiro muito, mas, por favor, não pode deixar essa bagunça toda.

— Fica sentadinha ai! — Colocou-a sentada em um dos bancos. — Eu dou conta de tudo.

Juliana fez uma cara de reprovação. Minutos depois a campainha tocou.

— Vai lá atender, Ju, visita *pra* você.

— Com um sorriso torto deu uma tapa em sua bunda.

Juliana saiu apressada e curiosa. Quando abriu a porta encontrou Cris sorrindo com um vaso de flor na mão.

— Cris! — Abraçou a amiga com saudade. — Eu ia amanhã te visitar acredita?

— Acredito — entrou sorrindo —, mas recebi um puxão de orelha e não podia deixar de vir. Avisei o Rodrigo que vinha, você estava no banho na hora que eu liguei.

— Então está explicado a bagunça que ele está fazendo na cozinha.

— Os meninos estão aí?

— Não, a mãe do Digo os pegou na

escola. Ficou com ciúmes deles terem ficado tanto tempo na casa da minha mãe.

Entraram e foram direto para a cozinha.

— Cris! — Rodrigo a abraçou com carinho. — Estou preparando um jantar especial *pra* nós.

— Achei que estivesse destruindo a cozinha — falou observando a pia cheia de louça.

— É melhor ficarmos na sala, Cris, antes que eu enfarte.

As duas se sentaram no sofá e Ju pegou em sua mão.

— É bom ver você, pensei em ir lá ontem, mas achei melhor dar um tempo. Ficamos muito tempo na sua casa. Você precisava de espaço.

— Foi bom, ficar um pouco sozinha. Nem tão sozinha — brincou. — Vocês não deixam.

— Por isso achei melhor dar um tempo.

— Obrigada, Ju. Você e o Digo foram maravilhosos. — Sorriu agradecida.

— Não agradeça. Somos uma família.

— E a Bella? Ela não foi lá nem um dia.

Juliana olhou para cozinha para ver se o marido estava escutando.

— A Bella sumiu, Cris. No dia da cremação da Lua, ela saiu e nunca mais apareceu. Mandou uma mensagem para Rose falando que tinha deixado uma procuração aqui em casa dando plenos poderes *pra* ele administrar e vender

tudo. Pediu *pra* depositar tudo que tinha na conta do Ernany.

— E ele?

— Está um caco de gente. *Se desdobrando* para cuidar da boate, esperando algum sinal de fumaça dela.

Cris passou as mãos pelo cabelo.

— Rose também não apareceu mais, estranhei. — Juliana olhou confusa. — Ela foi no Café no dia... Enfim, ela deve estar cheia de problemas.

— Ela e Ernany estão se virando em mil, não querendo sobrecarregar o Digo. Ele até pensou em interditá-la ou qualquer outra coisa. Só hoje que está mais animado.

— Precisamos encontrá-la, Ju.

— Ela não deixou rastros, Cris —

lamentou preocupada.

— Juntos vamos encontrar um jeito — falou tentando confortá-la. — Ju, eu vim até aqui *pra* te fazer uma proposta.

Juliana sorriu.

— Eu não consigo administrar nem a minha casa. Não sei como vou fazer, porque você sabe que a Lua sempre cuidou de tudo — suspirou. — Enfim, eu preciso de uma sócia. Sei que você tem procurado uma ocupação e eu não vejo outra pessoa para isso.

Ju abraçou Cris com carinho, agradecida. Saiu e buscou no escritório seu caderno de anotações. A amiga olhou confusa.

— Eu tentei ocupar minha cabeça esses dias. — Justificou-se. — Tive

algumas ideias.

Cris sorriu com o seu dinamismo. Concentrada, Juliana começou a recorrer a suas anotações.

— O Tatuado já desocupou o imóvel?

— Ele se mudou ontem. Liberou a loja e o apartamento.

— Ótimo, sei que Lucas não vai vender a loja, mas poderíamos alugá-la. Olha isso. — Mostrou um desenho mal feito no caderno. — Pensei em passarmos a livraria para nova loja, integrar os espaços. Assim ganhamos espaço e podemos promover pequenos eventos como exposições, lançamentos de livros. O que acha?

Cris sorriu e olhou para Rodrigo que estava encostado na porta de braços

cruzados, orgulhoso da mulher.

— Vem aqui, Digo — chamou o marido empolgada. — Podemos organizar melhor a parte da floricultura, assim ganhamos mais espaço para o Café. — Parou e colocou o lápis na boca. — Eu pensei que o Café poderia ser melhor aproveitado também, já que a rua é bem movimentada, poderíamos fazer um café bistrô. E eu pensei que a Laura poderia ficar responsável pela parte de gastronomia. — Virou a página e mostrou. — Assim você ficaria responsável para livraria e pela floricultura. A Laura pelo café e pelo bistrô e eu ficaria com a parte administrativa.

— Amei todas as ideias Ju — falou Cris encantada. — Então quer dizer que você aceita?

— Você tem alguma dúvida? — perguntou Rodrigo, achando graça.

— Então precisamos conversar com a Laura e com o Lucas — ponderou Cris.

— Vai ser ótimo *pra* ela, já que precisa se ocupar. Vamos ter que contratar funcionários e treiná-los e para não perdermos tempo, podemos fazer isso enquanto a reforma é feita, o que acha?

— Perfeito.

— Acho que o Alex é arquiteto, podemos contratá-lo para fazer um projeto, mas precisamos ser rápidas.

— Sim, senhora — concordou Cris.

— Meu Deus, já vi que essa conversa vai render. Vou voltar *pra* cozinha — falou Rodrigo dando um beijo nos cabelos da mulher.

Ana colocou o suco de morango na mesa e Thiago sorriu.

— Não vão me contar como foi o dia de vocês? — perguntou Lucas enquanto servia o prato de Pedro.

— A Ana foi na minha sala hoje — falou Thiago empolgado. — Vai ter uma gincana na escola, pai.

Lucas partiu a carne para o filho mais novo e deu o primeiro pedaço na boca de Pedro.

— Nada disso — Ana falou tirando a colher de sua mão e entregando um garfo para Pedro. — Já estamos aprendendo sozinho — recriminou Lucas. — Hoje no

almoço ele comeu sozinho — falou com orgulho.

— Fez a maior sujeira — completou Thiago.

— Mas é assim mesmo, ele só vai aprender se tentar. Vai Pê, você consegue.

Pedro sorriu e estendeu a mão para que ela tocasse. Lucas olhou a cena encantado e beijou Ana satisfeito.

— Queria dar uma notícia *pra* vocês. — Lucas falou preocupado. — O meu apartamento lá no prédio da Tia Cris e da Tia Laura foi desocupado ontem. Eu mandei pintar e arrumar tudo por lá. Vou me mudar *pra* perto delas. Por enquanto, você dois vão dividir um quarto até eu construir no andar de cima. Pois eu e a Ana vamos precisar de um escritório.

Thiago olhou para ele interrogativo.

— Vocês vão construir um quarto *pro* bebê também?

Ana olhou para ele surpresa.

— Bebê?

— Sim, vocês não vão ter um bebê?

— Vamos sim, meu filho, — Lucas afagou os cabelos do filho. — Primeiro preciso saber se a Ana quer casar comigo — falou olhando para ela.

— *Please, say yes!* — falou Pedro com as mãozinhas juntas.

Todos riram, pois ao juntar suas mãos acabou espalhando arroz para todo lado. Ana não teve como resistir. Beijou Lucas e os meninos aplaudiram.

CAPÍTULO 59

Laura acordou com a campainha tocando insistentemente, como Alex ainda dormia pesado, ela se enrolou no roupão e foi atender a porta.

— Até que enfim — reclamou Juliana entrando apressada.

Cris entrou logo em seguida e Laura ficou olhando para as duas sem entender.

— O que aconteceu?

— Precisamos falar com você. — Cris também parecia agitada.

— Não vai oferecer um café? — perguntou Juliana se sentando.

— A essa hora? Vocês me tiraram da

cama *pra* tomar cafezinho? Cris, o que houve. Gente o Lucas resolveu contratar uns pedreiros que trabalharam a noite toda em cima da minha cabeça.

— Precisamos deles — falou Juliana abrindo seu caderno. — Eles trabalham noite e dia?

Laura estava cada vez mais assustada.

— O que ela tem?

Alex ficou parado no corredor sem camisa olhando a agitação de Cris e Juliana enquanto Laura tentava absorver o furacão em sua sala.

— Bom dia, meninas — falou beijando as duas e indo para cozinha para fazer café.

Juliana descarregava todas as suas ideias, sem pausa. Cris estava empolgada

e completava as partes que ela havia pulado pela empolgação e Laura aos poucos acordava tentando entender o que elas falavam.

— E então, Laurinha, você aceita? — Juliana perguntou meigamente, em um tom baixo e calmo bem diferente da maneira que falava segundos antes.

Alex gargalhou da cozinha e serviu o café para elas.

— Alex, precisamos de você! — Cris soltou.

Laura o puxou para o sofá e recostou a cabeça em seu ombro, bocejando.

— Sobrou até *pra* você.

Apesar de ter demorado para processar tudo que diziam, Laura ficou feliz com o convite. Sentiu-se importante

por ter sido lembrada por Juliana e a possibilidade de trabalhar com elas lhe parecia a melhor coisa a se fazer. Alex ouvia atentamente as ideias de Juliana e pegou seu caderno, rabiscando com perfeição a mão livre a planta do espaço.

Laura ficou encantada com suas habilidades, chegou até a arriscar um palpite ou outro que era sempre bem recebido com um beijo dele.

— Então ficamos assim, vou lá em cima falar com os pedreiros do Lucas, Laura fiz uma lista *pra* você. Preciso que providencie tudo até o fim da semana. Rodrigo vai ver a questão dos documentos. Vamos comprar a parte da Lua e uma parte da Cris. Passamos o dinheiro para ela e depois que levantarmos o investimento cada um dá a

sua parte.

— Jú, eu não sei fazer isso — arriscou Laura envergonhada.

— Eu também não — confessou Cris.

Juliana bufou. — Não sabem pagar e receber dinheiro? Em que planeta vivem.

— Eu nunca resolvi nada de dinheiro. Sei que tenho uma boa quantia no banco, mas não sei como fazer — explicou Laura.

— A Lua sempre fez tudo — Cris também se justificou.

— Uma coisa de cada vez. Resolvam a lista, que vou arrumar um jeito de ajudar vocês. Cris pode fazer o levantamento do que temos no Café?

— Vai ser assim? — Laura perguntou apavorada.

— Assim como? — Juliana perguntou interessada.

— Você dando ordens.

— No começo vai ser necessário. Até vocês pegarem o jeito.

Laura deitou a cabeça no sofá e Cris achou graça.

Lucas deixou Ana e as crianças na escola e foi direto para seu apartamento. Viu um movimento dentro de sua loja e se assustou.

— Meu Deus, o que está acontecendo aqui?

— Estou mesmo precisando falar com

você. — Juliana falou séria e voltou a atenção para os pedreiros.

Alex sorriu para o cunhado e deu de ombros. Lucas sem entender entrou no Café e encontrou Laura e Cris fazendo anotações.

— Bom dia? Posso saber o que está acontecendo?

Laura se jogou nos braços do irmão.

— Lucas! A Jú é incrível. As ideias dela são ótimas.

— Vai ficar incrível — completou Cris. — Estou cheia de ideias.

Lucas percebeu que a agitação era geral e se sentou no balcão.

— Sai um café? — perguntou para o funcionário que tirava tudo das prateleiras e colocava numa caixa.

— Vamos ser sócias, não é incrível?

— Laura continuou falando.

— Sócias? — perguntou divertido.

— Sim, eu, a Laura e a Ju, não é fantástico? — perguntou Cris empolgada.

— Isso é um perigo, isso sim. Só uma pergunta, aqueles com a Ju na minha loja são os pedreiros que deveriam estar trabalhando no meu apartamento?

— Lucas, precisamos conversar, não é humano aquela barulheira de madrugada. Eu não consegui dormir.

— Laura é só até o fim da semana. Eu quero me mudar em breve.

— A Ju já resolveu tudo. — Continuou ignorando o irmão.

— Ah, já? — perguntou interessado.

— Eles vão trabalhar na sua casa na

parte da manhã e aqui no café de tarde e de noite.

— E a minha loja faz parte do projeto de vocês? — perguntou com as sobrancelhas erguidas.

— Vamos pagar aluguel, é claro — justificou Cris.

Lucas sorriu.

— Meninas, estou encantado com o entusiasmo de vocês, mas vou me casar e preciso da minha casa pronta o mais rápido possível.

— Você não pode ser tão egoísta. Os pedreiros são ótimos... — Laura parou de falar por um minuto. — Vão se casar?

Lucas concordou e as duas o abraçaram.

— Cris, eu sei que é recente, mas eu a

Ana já estamos praticamente vivendo juntos. — Tentou se desculpar.

— Lucas, não fala bobagem. — Deu um beijo no cunhado. — Pois faço questão de dar a festa. Aqui no Café, na inauguração.

— De jeito nenhum, Cris.

— Sua irmã deixou um dinheiro, não sei bem quanto é, a Ju pode ajudar nisso, mas ela pediu que fizesse uma festa *pra* nós. E precisamos comemorar. Tenho certeza que era isso que ela faria.

Lucas abraçou a cunhada com carinho.

— Além do mais, tem uma vantagem — completou Cris. — Se a festa for aqui, você também terá interesse que a reforma acabe rápido, logo não vai se incomodar de dividir os pedreiros.

— Meu Deus! O que fizeram com você, Cris?

Todos riram e Juliana chegou arrastando Alex.

— Pronto, tudo resolvido — falou aliviada jogando seus papéis no balcão.

— Meninas, preciso ir, hoje é dia de entrega no bar — falou e chegou perto de Laura para se despedir.

— Precisamos da sua lista de fornecedores. — Juliana falou e anotou no seu caderno.

Lucas gargalhou.

— Linda, *te espero pra* almoçar lá em casa. — Alex convidou Laura e lhe deu um selinho.

— Pode colocar mais dois pratos na mesa, eu e Ju vamos fazer companhia *pra*

vocês — falou Cris se divertindo com a animação.

Lucas gargalhou e olhando para Alex repetiu suas palavras.

— Fé e paciência.

CAPÍTULO 60

— E aí? Como estão as coisas? — Rodrigo perguntou de sentando na mesa.

— Indo — respondeu Ernany.

— Ela mandou uma mensagem ontem, falando que estava tudo bem — falou Rose.

— Eu recebi também — comentou Rodrigo. — Tentei ligar, mas ela não atendeu.

Ernany deslizava os dedos pela barba sem fazer, pensativo.

— Talvez ela precise de um tempo — falou Rose. — Precisamos de ter um pouco de fé nela.

— Talvez — comentou Rodrigo, preocupado. — Ernany, o comprador para o apartamento fez uma oferta. Foi rápido demais, aquela região é muito concorrida. Eu trouxe a proposta para você analisar.

Ernany apoiou os cotovelos na mesa.

— Rose, traz os cheques para o Rodrigo assinar e nos dê dez minutos por favor.

Rose deixou a sala e Rodrigo começou.

— Tem certeza que devemos vender o apartamento?

— Ela não vai querer voltar *pra* lá — falou Ernany. — Mesmo que volte, o último lugar que vai querer morar é lá.

— E o que você está pensando?

— Talvez uma casa. No bairro que

você mora. É um lugar perfeito *pra* se criar uma família — falou com esperanças.

— Ernany, eu admiro muito a preocupação e o carinho que tem com ela, mas você precisa se cuidar meu amigo. Está acabado. Ela não tirou férias e vai voltar. Você sabe, assim como eu, que ela está fugindo.

— Falei com o psiquiatra dela ontem — Ernany confessou. — Ele também está preocupado. Rodrigo temos que fazer alguma coisa.

— Eu sei, queria poder acreditar na Rose e ter fé na Bella, mas pelo que conheço dela, deve estar uma bomba relógio.

— Eu contratei um detetive. Tem

aquele cantor que ela estava envolvida. Pedi que ficassem de olho nele, estou aguardando notícias.

Rodrigo sorriu fracamente.

— Obrigado por cuidar e por não desistir dela.

— Não posso desistir de um pedaço de mim, deve ser o mesmo que sente pela Juliana.

Rodrigo concordou.

— Venda o apartamento, deposite o dinheiro naquela conta que te passei. Vou procurar uma casa para comprar, preciso de algo *pra* me ocupar, *pra* não enlouquecer.

— Admiro a sua perseverança.

Ernany se apoiou na mesa.

— Sabe, Rodrigo, lá no cemitério,

encontrei uma senhora, por duas vezes. A primeira vez ela me disse que não precisamos estar perto para cuidar de quem amamos. Logo que a minha Bella saiu, fiquei parado sem reação, tentei alcançá-la mas ela já tinha ido. Então a mesma senhora estava sentada num banco perto da saída e me pediu *pra* cuidar da mãe dos meus filhos. — Chorava ao se lembrar.

Rodrigo tocou sua mão.

— E você acredita no que essa senhora falou?

— Preciso acreditar em alguma coisa. Eu vou cuidar dela, nem que isso custe a minha própria vida. — Respirou fundo e entregou o envelope com a proposta *pra* ele. — Venda pelo preço que for. Aquele

apartamento já foi pago com os momentos bons que passamos nele.

— Eu te dou notícias e se souber de alguma coisa me fala. Eu preciso ir, vou pegar as crianças e a Ju lá no Café.

— Dê um abraço nela por mim.

— Dou sim. Vai jantar lá em casa essa semana. Você precisa espairecer um pouco. Tem ido ao clube?

— Não estou com cabeça, mas aceito o convite para o jantar. Vá cuidar da sua família.

Rodrigo deixou a sala e andou pelos corredores até a saída. Encontrou Rose na porta, fumando um cigarro.

— Eu tenho uns cheques *pra* você assinar.

— Leva lá no escritório amanhã?

Preciso pegar a Ju no Café.

— Tudo bem. A Cris já abriu o Café de novo? Passei na porta esses dias estava fechado.

— Estão planejando uma reforma. Cris, Ju e Laura vão virar sócias, estão super empolgadas. Passa lá depois.

— Vou passar. Eu ligo amanhã *pra* ver um horário com a sua secretária.

— Combinado. Rose, cuida dele.

— Estou tentando, mas aquele ali é cabeça dura.

Rodrigo entrou no carro e partiu. Rose ficou parada olhando o carro sumir, pegou o telefone e digitou uma mensagem para Bella.

Rosita 18:37: Me diz onde você está.

Estamos todos preocupados.

Bellita 19:01: Estou bem, não se preocupe.

Rosita 19:02: Está mesmo bem?

Bellita 19:10: Não, mas vou ficar.

Rosita 19:11: Juízo.

Rose entrou na boate certa que seu expediente havia acabado. Estava cansada e louca para sair dali. Mesmo preocupada com a amiga, acreditava que ela não teria nenhuma recaída. Despediu-se de Ernany e pegou sua bolsa. Dirigiu por algum tempo e sem perceber parou em frente ao Café. As luzes estavam apagadas, chegou a descer do carro para ver se tinha algum movimento.

Não teve coragem de bater o interfone,

quando olhou para cima viu Cris na varanda, observando-a.

— Não ia bater? — Cris perguntou.

— Passei só *pra* dar um oi, mas estava tudo fechado.

— Entra, vou abrir *pra* você.

Rose trancou o carro e subiu até o apartamento.

— Soube hoje que Bella sumiu — falou logo depois que abriu a porta. — Tem notícias dela?

— Tenho falado com ela por mensagens — falou, dando um beijo rápido no rosto de Cris e entrando.

— E onde ela está?

— Não quer dizer. Acho que está num hotel, se ela tivesse viajado me pediria *pra* comprar as passagens. A Bella é toda

atrapalhada com essas coisas. — Sorriu fracamente.

— Quer beber alguma coisa?

— Não vou demorar, só passei *pra* dar um oi e ver como você está.

— *Me acostumando* com a solidão. Li uma carta que a Luana deixou ontem. *Me deu* um pouco de ânimo.

— Fico feliz que esteja bem.

Cris pegou duas cervejas na geladeira e entregou uma à Rose.

— Você não parece bem — observou Cris.

— Estou preocupada, Rodrigo e Ernany acham que ela pode ter tido uma recaída, mas eu acho que ela não faria isso. Conversamos tanto sobre isso, Cris. Ela nunca mais usou nada. Está limpa há

tanto tempo.

— Eu fiquei preocupada quando Ju me contou ontem à noite. Ia te procurar, queria conversar com Rodrigo, mas ela estava tão empolgada com a sociedade que acabou contagiando a todos.

— Rodrigo me contou, ele acabou de sair da boate. Tem passado lá todos os dias. A Juliana estava indo com ele, eles estão muito preocupados. Passamos dois dias procurando por ela.

— Não me disseram nada — Cris lamentou.

— Você precisava de atenção e não de mais problemas. — Parou e tomou um gole na sua cerveja. — Eu sinto muito não ter voltado, até passei por aqui, mas estava tudo fechado lá embaixo.

— Eu precisava de um tempo. *Pra* colocar a cabeça no lugar.

— Acho que também vou precisar de um tempo quando tudo isso se resolver.

Cris se sentou na varanda e chamou Rose para lhe fazer companhia.

— Está cuidando da boate sozinha?

— Ernany está se desdobrando, mas a grande parte fica nas minhas costas.

— Ele está indo *pra* lá trabalhar?

Rose sorriu.

— Ele era sócio dela, sabe o quanto aquilo é importante *pra* ela, mas a Bella deixou uma procuração *pra* vender tudo, inclusive o carro.

— Rose, isso é muito sério.

— Também estou começando a

acreditar nisso. No começo, achei que ela queria jogar tudo *pro* alto e recomeçar, mas a preocupação dele me assusta. Eu não quero acreditar que ela possa ser capaz... — Não teve coragem de continuar e segurou para não chorar. — Desculpa, Cris, eu vim trazer apoio e não problemas. Eu preciso ir.

— Espera — Cris pediu a impedindo de se levantar. — Esse problema não é só seu, é nosso. Acho que as meninas não sabem da situação, bem pelo menos a Ana e a Laura.

— A Laura esteve ontem na boate, conversou com Ernany. Rodrigo e Ernany acharam melhor poupar vocês, diante de tudo que aconteceu.

— Mas agora estamos juntos, certo?

CAPÍTULO 61

— Fico feliz em te ver empolgada, minha chatinha linda — Rodrigo falou colocando os cabelos da mulher para o lado.

— A Cris estava tão feliz, Digo, a Laura também. — Respirou fundo. — Queria a Bella lá com a gente.

Rodrigo se encostou na cama e suspirou.

— Você não precisa ficar me poupando de tudo, sabe disso. Eu fiquei feliz pela Cris ter vindo aqui ontem e proposto sociedade. Fiquei tão empolgada, que nem liguei *pra* você hoje para saber notícias. *Me sinto* tão culpada,

Digo. — Deitou no ombro do marido. — Também tem as crianças que estão completamente sem rotina, indo de um lado para o outro.

— A babá que você marcou *pra* entrevistar esteve aqui hoje, logo depois que você saiu.

— Ai meu Deus. Que cabeça minha.

— Ela tem ótimas referências, pedi que voltasse amanhã cedo *pra* conversar com você.

— Obrigada, meu amor. — Beijou com carinho. — Acho que deveríamos contar para as meninas sobre a Bella. Elas precisam saber.

— Vou procurar a Cris amanhã, pedir ela *pra* contar *pra* Laura. Depois ligo *pro* Lucas.

— Ela deu mais alguma notícia?

— Mandou mensagem para Rose no começo da noite, ela mandou cópia *pra* mim. A mesma coisa, fala que está bem e que não é *pra* se preocupar.

— Não acha que ela possa só estar querendo um tempo disso tudo?

— Pode ser, Ju, mas ela não precisa estar sozinha.

— Como o Ernany está?

— Um bagaço, cada dia me assusto mais. Apareceu um comprador para o apartamento da Bella.

— Já?

— É um ponto muito valorizado e procurado. Fizeram uma boa oferta, ele nem quis ver, mandou fechar o negócio.

— E se ela voltar?

— Ele disse que quer comprar uma casa por aqui.

— Acha mesmo que eles podem ficar juntos um dia?

— Eu não sei dizer, mas ele não vai desistir.

— Não tem nada que possamos fazer, Digo?

— Ele está procurando ela, mas quantas vezes a Bella caiu no mundo? Não é a primeira vez que ele a procura.

— Mas ela sempre disse onde estava. E se a Laura tentasse falar com ela?

— Pode ser uma saída. Vou conversar com a Cris amanhã.

— Vou com você, tenho que estar cedo no Café.

— Nada de esquecer o encontro com a

babá. A Neide falou que pode ficar com eles de manhã — falou se levantando da cama. — Vou cobrir os meninos.

Laura saiu do banho e vestiu a camisola. Alex assistia televisão e ela se deitou do lado dele.

— Você está tão quietinha. Estava tão feliz durante o dia, mal tocou no jantar.

— Fiquei pensando na Bella, na preocupação do Ernany, onde será que ela está?

— Deve estar dando um tempo *pra* pensar.

— Pode ser, mas mesmo assim me sinto culpada por estar feliz.

— Laura, não se julgue tanto. Dê tempo ao tempo as coisas vão se resolver — falou, afagando seus cabelos.

— Vou tentar, mas uma hora vou ter que enfrentar tudo isso de frente.

— No seu tempo, sem pressa.

— Alex, eu andei pensando no que me disse. A viagem pra Itália, eu não quero ir.

Alex ficou parado.

— Eu sei que é a viagem dos seus sonhos, mas eu não posso. Ficar um mês fora com todos esses problemas, eu não vou ser boa companhia. — Deitou a cabeça no seu ombro. — Eu fiquei feliz por termos vencido o concurso, a viagem, mas não quero viajar.

Olhou para ele intensamente.

— As viagens que fiz, sempre foram

uma fuga de mim mesmo. Eu esperava que mudando de lugar as coisas podiam mudar. Pela primeira vez eu tenho vontade de criar raízes. — Foi carinhosa. — É muita coisa nova acontecendo. Esse amor que cresce sem medida a cada dia. A minha incapacidade de ficar longe de você, por mais que a minha razão grite que eu não deva. — Respirou fundo. — O Lucas vai se mudar, quero ajudar no casamento. O Café, trabalhar pela primeira vez. Ajudar a Cris a recomeçar a vida, encontrar a Bella. — Fechou os olhos. — Preciso ter uma conversa madura com Ernany, não me sinto preparada ainda, mas preciso.

Alex se emocionou com suas palavras.

— Você me ajudou a me descobrir, a me encontrar, a me aceitar, mas eu preciso

caminhar, aprender a conviver com essas mudanças todas que estão acontecendo. Por isso quero fazer um pedido. Vá para Itália, realize o seu sonho, mesmo porque, quando você sonhou, sonhou sozinho. Eu vou ficar, preciso desse tempo para me reconstruir e estar pronta para construirmos juntos os nossos sonhos. — Deixou que as lágrimas banhassem seu rosto. — Acho que é isso que a minha irmã quis ensinar e eu quero aprender o que é esse amor com você.

Alex a abraçou apertado.

— Eu podia desistir, eu podia ficar com você, mas eu sei o quanto é importante *pra* você ficar sozinha. Saiba que por onde eu for você vai estar comigo.

Lucas acariciava os cabelos de Ana. Ela estava deitada no seu colo lendo enquanto ele assistia o jornal.

— Vamos precisar começar a embalar as coisas no fim de semana. Queria que saíssemos amanhã no fim do dia *pra* escolhermos uma cama.

Ana sorriu *pra* ele.

— Vamos mesmo morar juntos antes de nos casar?

— Já estamos morando juntos, ou você não percebeu?

Ana mordeu sua barriga.

— É tudo tão recente.

— Não posso enrolar muito *pra* mudar, Ana. Cris e Laura sozinhas naquele prédio. Elas precisam de ajuda, as duas não tem a menor noção, a Luana que cuidava de tudo, e a Laura nunca foi a uma farmácia na vida. — Parou pensativo. — Sem contar que elas soltas com a Ju na reforma do Café vão precisar de alguém por perto. O Alex não vai dar conta não. Você precisava ver, estavam eufóricas. Tive que contratar mais pedreiros para que o apartamento ficasse pronto, porque a Juliana simplesmente raptou os que tinha contratado. A Cris estava pior do que elas, marcando nosso casamento para o dia da inauguração do Café só porque sabe que estou com pressa — contou achando graça.

— Vai ser bom morar perto delas.

— Vai ser bom morar com você — ele falou e beijou sua testa. — Queria ficar com aquela mesa que era da sua mãe, acho ela linda.

— Amanhã consigo sair mais cedo, podemos passar lá em casa e comprar a cama.

— Eu peço a Roberta *pra* buscar os meninos.

— A mãe dela melhorou?

— Já está em casa. A irmã dela chegou de viagem.

— A casa fica vazia quando os meninos não estão — falou Ana fechando seu livro.

— Você não imagina o quanto eu fico feliz de ver que estão se dando bem — falou e colocou as mãos em sua barriga.

— Não vejo a hora de darmos um irmãozinho *pra* eles.

— Não vou casar grávida, minha mãe morreria de novo — brincou.

CAPÍTULO 62

Rose chegou cedo na boate, não sabia o porquê, pois somente costumava trabalhar pelas manhãs. Ernany sempre chegava no fim da tarde, mas naquela noite não conseguiu dormir direito. Saiu tarde da casa de Cris e ficou pensando em sua vida como um filme.

Cumprimentou a faxineira e como sempre fazia entrou na sala de Bella para abrir as janelas.

— Dormiu aqui de novo?

Ernany dormia sobre a mesa, sentado apoiado em seus cotovelos.

— Ernany, *me desculpe*, mas você não pode continuar assim!

Com os olhos inchado e a barba quase cobrindo todo seu rosto, ele se levantou com o semblante triste e derrotado.

— Eu acabei pegando no sono. —
Tentou se justificar.

Rose ligou a máquina de café e abriu a porta do banheiro para que ele entrasse.

— Anda, vem lavar esse rosto. Pode até me mandar embora, mas preciso ficar brava com você.

Ele se levantou e atendeu o pedido no automático. Jogou uma água no rosto e quando se levantou viu seu reflexo no espelho. Tinha olheiras profundas, sua barba estava quase cheia, seu olhar refletia todo seu desespero.

— Viu como está acabado? — Rose tinha a voz firme. — Quanto tempo acha

que consegue viver assim? Sem comer, sem dormir, trabalhando o tempo todo.

Ele saiu e voltou para a cadeira de Bella.

— O que você está fazendo aqui tão cedo?

— Eu costumava trabalhar de manhã com a Bella, não consegui dormir. Hoje é dia das meninas apresentarem os exames de sangue e sempre tem uma pessoa para dar instruções para elas. Resolvi deixar tudo preparado, Bella tinha dito que não deixaria de distribuir preservativos nem esse acompanhamento.

— Eu não sabia sobre isso.

— Eu esqueci de contar, também é tanta coisa. — Bufou e foi preparar dois cafés. — Ela sempre cobrou o teste das

meninas e forneceu atendimento ginecológico *pra* todas. Fazemos isso a cada dois meses. Trazemos um médico que instrui e conversa com as meninas.

Ernany olhava para Rose enquanto ela manipulava a cafeteira.

— Ernany, você precisa ir *pra* casa, tire alguns dias de folga. Eu consigo me virar por aqui. Você vai acabar caindo doente se continuar nessa loucura.

— Eu não consigo, Rose, fico pensando onde ela pode estar, se precisa de mim.

Foram interrompidos pelo telefone de Ernany.

— Rodrigo! Ela apareceu?

— Bom dia, Ernany. A Ju encontrou uma foto da Bella na internet. Numa rede

social, numa festa badalada no Rio. Vou enviar *pra* você. Onde você está?

— Na boate.

— Estou indo para aí.

Ernany desligou a ligação e ficou com os olhos fixos na tela, os minutos pareciam uma eternidade. Rose colocou a xícara de café na sua frente.

— O que foi?

— A Bella, estava numa festa no Rio.

Rose rapidamente pegou o computador e começou a pesquisar. Não demorou muito para encontrar fotos de Bella com Roger. Ernany observava a pesquisa e quando viu deu um soco na mesa. Nas fotos Bella estava ao lado do cantor fazendo caras e bocas, tinha fotos dos dois juntos na pista de dança. Ernany

socou a mesa mais uma vez.

— Viu, Rose, eu disse. Ela está completamente drogada!

Ele a conhecia bem, a forma com que seu maxilar estava travado, o brilho dos olhos e sua mão fechada em punho.

— Eu vou para o Rio! — falou se levantando e Rose o impediu.

— Consegue ficar calmo? — gritou. — Precisamos pensar antes de agir. Você vai atrás dela e aí? O que vai adiantar? — Sua voz estava alterada. — Acha que ela vai correr para os braços do príncipe encantado e vocês vão ser felizes para sempre?

As palavras de Rose foi um soco em seu estômago.

— Vai ficar agindo como um idiota?

Acorda. Vai para o Rio e aí? E se ela não estiver mais lá, se ela estiver com ele viajando o Brasil todo, fazendo shows? Pensa. — Rose estava nervosa e iniciou a sua pesquisa.

Ernany se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— E você quer que eu fique aqui parado?

— Não foi isso que fez esses dez dias e tinha outra coisa para fazer?

Rose começou a ignorar o nervosismo de Ernany e a fazer anotações num papel.

Rodrigo chegou meia hora depois. Ernany estava nervoso e Rose o ignorava.

— Rodrigo! — Ernany suspirou aliviado.

— Ernany, senta! — Rose ordenou e

Rodrigo se assustou.

— Bella está com o Roger, o cantor.

— Rose começou a explicar.

— Completamente drogada — completou Ernany fora de si.

— Eu vi — Rodrigo falou. — Eu vou buscá-la.

— Não! Ele vai fazer um show numa cidade aqui perto essa noite. Uns vinte quilômetros, precisamos descobrir em que hotel ele vai ficar. Com certeza ela deve vir com ele.

— E você quer que eu fique esperando até a noite enquanto ela está enfiando não sei o que para dentro? — Ernany estava furioso. — E o filha da puta do detetive de merda que não foi capaz de encontrá-la. — Socou a mesa mais uma vez.

— Rodrigo, por favor, dê um jeito nele, não dorme e não come há dias. Vou para minha sala tentar descobrir tudo. — Antes de sair se virou para Ernany. — Se eu fosse você controlava sua mão nervosa, porque se você quebrar a mesa que era da avó dela, aí sim as coisas vão ficar ainda mais feias *pro* seu lado.

Rose saiu e Rodrigo tentou acalmá-lo.

— Agora sabemos onde ela está e temos uma pista onde podemos encontrá-la. Precisamos ter calma. Vou te levar lá para casa, você toma um banho, come e veste roupas limpas. Assim que Rose tiver notícias, ela nos avisa.

— Não posso ficar parado, Rodrigo.

— Não estamos parados, só precisamos de calma. Se você for atrás

dela do jeito que está vai acabar ferrando tudo de vez. Vem?

Rodrigo ligou para Juliana e pediu que levasse as crianças para casa de sua mãe. Levou Ernany para sua casa, entregou-lhe um barbeador, roupas limpas. Antes pediu Neide que preparasse um café da manhã reforçado. Sentaram-se na varanda para comer. Ernany comia sem vontade.

— Acha que ela vai querer me ver? — Sua voz era de choro e puro desespero.

— Não do jeito que você está. — Rodrigo bateu em seu ombro. — Ela está fragilizada, na beira do abismo. Ela conhece você forte, como um porto seguro para ela. Não pode te ver fragilizado dessa maneira. Eu entendo, é difícil *pra* todo mundo, os últimos dias foram

díficeis. Precisa comer, descansar para estar pronto para ajudá-la. Já se olhou no espelho?

Ele concordou.

— Acha que ela vai gostar de vê-lo assim?

Ernany se recostou na cadeira.

— Por favor, coma.

— Obrigado, Rodrigo, eu não queria estar trazendo problemas para você, você tem sua família.

Rodrigo bateu no ombro de Ernany e encontrou Neide na porta da varanda.

— Seu Rodrigo, a Dona Laura está aqui.

CAPÍTULO 63

Enquanto Rodrigo foi receber Laura na sala, Ernany parecia viver seus piores pesadelos. Ter que encontrar sua ex-mulher naquele momento era tudo o que não queria. Desejou se libertar do seu passado, poder sair correndo e pegar Bella pelos braços e levá-la para algum lugar que pudessem viver sozinhos, longe do passado e de tudo que pudesse lhe fazer mal. A vida lhe cobrava um preço alto. Morreria se não conseguisse ajudar o grande amor de sua vida.

Laura tinha ido atrás de notícias de Bella, passou a noite revirando na cama sem conseguir dormir. Alex saiu cedo com

o objetivo de fazer compras para o bar, ela aproveitou e foi junto com ele. Queria ouvir de Rodrigo notícias da amiga. Quando o marido de Juliana lhe disse que Ernany estava na varanda, ela percebeu que por mais que não se sentisse preparada, não tinha mais como postergar aquele confronto. Rodrigo também lhe contou sobre a possível pista de Bella e que seu ex se encontrava muito abatido.

Quando viu Ernany na varanda, quase não o reconheceu. Estava muito pior do que podia imaginar. Respirou fundo e caminhou devagar até se colocar ajoelhada diante dele.

— Oi. — Sua voz saiu rouca e baixa, um nó se formava em sua garganta.

Pela primeira vez na vida teve vontade

de tocá-lo com carinho e assim o fez. Ernany se assustou com a mão suave deslizando pelo seu rosto, mas não se retraiu.

— Há quanto tempo não toma um banho? — perguntou quando percebeu seus cabelos emplastados grudados na cabeça.

— Há alguns dias — falou sem forças.

— Tem comido?

Ele negou com a cabeça baixa.

— Venha comigo. Vou te ajudar.

Ernany ergueu os olhos e encontrou uma desconhecida. Aquela não era sua mulher. Seus olhos eram doces, acolhedores. Seu semblante era suave. Aceitou a mão estendida e deixou ser guiado por ela. Laura trocou meia dúzia

de palavras com Rodrigo que ele não pode compreender. Continuou seguindo os passos do anjo que veio lhe tirar do martírio.

Laura não entrou no quarto em que tinha dormido com Bella na última noite em que estiveram juntos. Teve forças para agradecer a Deus por lhe poupar daquela doce lembrança. Involuntariamente tocou a aliança que ainda usava em sua mão direita e se lembrou que naquele dia, assim como na foto, Bella ainda usava. Mais uma vez seu coração sentiu um sopro de esperança.

— Consegue tirar sua camisa? —
Laura perguntou, mas ele não respondeu.

Tomando cuidado para não o tocar desabotoou cada botão e o ajudou a

retirar a peça. A primeira lágrima rolou por sua face oleosa e suja. Laura se abaixou e retirou seus sapatos e meias, retirou seu cinto e relógio.

— Preciso que me ajude com as calças — pediu e ele as retirou no automático.

Ela ligou o chuveiro e testou a temperatura. Ernany chorava, de cuecas, como um menino. Ajudou-o a entrar na água quente.

— Consegue se lavar? — ele não respondeu, somente entrou debaixo da ducha quente e deixou que a água se misturasse com suas lágrimas.

Ficou assim por alguns minutos, com os olhos fechados, esperando que a água limpasse toda sujeira que carregava. Laura se inclinou para dentro do box, não

se importando em se molhar e pegou o shampoo. Despejou uma quantidade generosa em suas mãos, pegou-o pelo braço para que saísse da água e começou a massagear seus cabelos. Repetiu a lavagem mais uma vez, passou condicionador e lhe entregou a bucha embebida de sabonete.

— Preciso que me ajude — falou entregando para ele.

Ernany se lavou automaticamente, virou-se de costas para lavar suas partes íntimas, ainda de cueca. Ela retirou uma toalha limpa e entregou para que ele se secasse, depois de seco, enrolou-a na cintura e Laura pegou outra toalha para secar seus cabelos. Pediu que ele se sentasse num banco próximo a pia. Colocou uma generosa quantidade de

espuma de barbear e espalhou pelo seu rosto. Ele fechou os olhos e só abriu depois que ela terminou de barbeá-lo.

— Vou pegar algo *pra* você comer. Tem roupas limpas em cima da cama.

Logo que ela saiu, ele se levantou para se olhar no espelho, não parecia a mesma pessoa que viu de manhã. Apesar dos olhos fundos, abatidos, podia se ver novamente. Quando saiu do banheiro percebeu que o quarto que estava, possivelmente, era de Rodrigo e Juliana, as fotos das crianças espalhadas num rack. Isso o fez querer ter fotos dos seus filhos em seu quarto, fechou os olhos e imaginou Bella grávida, carregando criança no colo e mais uma vez a visão da aliança em seu dedo lhe deu forças para continuar.

Pegou a roupa separada em cima da cama e se vestiu, os sapatos ficaram folgados e a calça um pouco larga, mas se sentiu aliviado por se sentir limpo. Laura retornou trazendo uma bandeja com suco e mingau. Assim como sua mãe lhe trazia quando estava doente. Ela se sentou na cama e colocou a bandeja sobre ela.

— Obrigado — falou sem conter sua emoção.

Ela tocou novamente a face agora lisa e macia.

— Perdão, Laura. — Sua voz era baixa, assim como seu rosto envergonhado. — Eu não queria fazer mal a ninguém.

Ela se ajoelhou diante dele procurando seus olhos.

— Todos erramos e somos todos responsáveis pelo que estamos passando. Eu também preciso lhe pedir perdão. — Sua voz era entrecortada. — Não tínhamos o direito de fazer o que fizemos, isso fez com que acabássemos nos machucando. *Me desculpe* por ter privado você de viver esse amor. — Não conseguiu controlar sua emoção. — Eu fui egoísta e me arrependo tanto.

Ele segurou suas mãos.

— Eu também estou arrependido. *Me sinto* incapaz de me libertar dessa sujeira.

— Nós vamos conseguir, vamos superar. Ela precisa da gente e nós vamos estar aqui *pra* ela.

Ernany abraçou Laura, com desespero, e chorou. Laura chorava em seus braços.

A dor do erro era aos poucos tomada pelo vazio do arrependimento e pela primeira vez se abraçaram com carinho mútuo.

— Você precisa se alimentar, estar forte *pra* quando ela voltar. Com o tempo tudo vai ficar bem — falou tentando acreditar nas próprias palavras.

— Se tivéssemos conseguido ter nos abraçado antes, se tivéssemos sido capazes de ser sinceros um com o outro antes — ele lamentou.

— Não conseguiríamos. Somos o que somos hoje pelos nossos sofrimentos. Eu não sei o que a vida nos reserva, mas eu sei que hoje tiramos um grande peso de nossas costas — Laura falou limpando suas lágrimas. — Coma.

CAPÍTULO 64

Bella desceu no aeroporto e seu peito se apertou. Não queria voltar para sua cidade tão cedo, se pudesse escolher, não voltaria nunca mais. Viu sua vida passar como um filme. As mãos de Roger apertaram seu braço com força.

— Anda. — Foi caminhando com passos firmes, puxando-a pelo braço entre os seguranças no meio das fãs que gritavam por onde passavam.

A mulher se viu novamente fotografada, continuava deixando rastros. O que mais queria era sumir, evaporar. Entrou no carro e fechou os olhos para impedir que as lágrimas caíssem, uma dor

dilacerante cortava seu peito, então, sem pensar, enfiou a mão em sua bolsa e retirou um pino de cocaína.

— Porra, em plena luz do dia, Isabella! — Roger a recriminou. — Não acha que está abusando, não?

Ela o ignorou e mergulhou novamente num mundo onde não precisava ser quem ela era de fato.

Quando chegou a sala, acompanhado de Laura, encontrou Rose conversando com Rodrigo e Juliana. A mulher se levantou e ficou diante de Ernany, sem se incomodar com a presença de sua ex-mulher.

— Agora sim! Parece um homem de verdade — Rose falou e ele sorriu sem vontade.

— Vou pegar um café *pra* gente — falou Juliana já deixando a sala.

Quando todos se sentaram, Rose começou a contar.

— Eles já chegaram na cidade, saíram do aeroporto tem vinte minutos. — Mostrou as fotos no *tablet*. — Uma fã que *acompanha ele* no *Instagram* tem postado informações. Estou acompanhando algumas fãs, já descobri até o hotel em que eles vão ficar.

— Precisamos ir atrás dela — falou Rodrigo ansioso.

— Não — Ernany se pronunciou. — Se formos todos atrás dela, Isabella vai se

assustar e fugir. Está com medo, perdida.
— Seu peito doeu de pensar.

— Ernany tem razão — Rose falou e Laura prestava atenção. — Ela vai se sentir acuada e exposta.

Ernany fechou os olhos e se encostou no sofá. Laura tocou seu ombro.

— Eu vou com Rodrigo. — Laura finalmente se pronunciou.

— Não acho uma boa ideia — Rose falou com ela. — Não sabemos como ela vai reagir, ela pode estar fora de si. Roger é uma pessoa impulsiva também.

— Eu vou — Ernany falou com a voz firme. — Vocês ficam aqui. Rodrigo, ligue para o médico e deixe-o em alerta.

— Embora você não esteja nas melhores condições, vou ter que

concordar que Ernany é a melhor pessoa *pra* tentar um primeiro contato. Se ele não conseguir Rodrigo vai atrás dela — Rose sugeriu.

— Não vá dirigindo, Ernany — Rodrigo pediu. — Peça o motorista *pra* te levar.

— Eu não vou expô-la. Eu estou bem e vou trazê-la de volta.

— Então vamos, Ernany — Rose chamou —, você precisa trocar de roupa, ficar apresentável, *pra* trazer ela de volta.

Juliana ouvia tudo sem dizer uma palavra, seu peito se apertava de preocupação, percebendo a tensão da esposa, Rodrigo a abraçou.

— Volta *pra* cá depois, Rose — Juliana pediu. — Assim vamos

acompanhando as notícias juntas.

— Obrigada, Juliana. Eu preciso passar na boate, ver como estão as coisas e no fim do dia volto. Vamos, Ernany.

Ernany se despediu de Rodrigo com um abraço, onde depositou todas as esperanças que ele pudesse ser capaz de trazê-la de volta. Juliana em sequência o abraçou.

— Vai dar tudo certo — disse com um olhar meigo, mas aflito.

Laura deu a mão para o ex-marido e o levou até a porta. Fechou os olhos e falou:

— Ela só precisa do seu amor.

Ernany a encarou e respondeu:

— Ela precisa do seu perdão.

Ele não deixou Rose dirigir. Entraram no apartamento onde viveu durante anos

com Laura e teve vontade de se libertar daquelas lembranças. Maria olhou assustada para o patrão e para a bonita moça ao seu lado, mas nada falou. Ernany caminhou na frente e Rose o seguiu, ele pegou uma roupa e ela o lembrou.

— O perfume — falou sorrindo. — Ela sempre descreveu seu cheiro, vai se sentir bem quando o sentir.

Ernany sorriu e teve vontade de enchê-la de perguntas, porque a verdade é que não sabia que Bella falava dele com outras pessoas, muito menos que fossem elogios, mas sabia que ela gostava do seu cheiro, a maneira com que grudava em seu corpo, que beijava seu pescoço e suspirava a cada vez que se encontravam.

— Olha *pra* mim — Rose pediu. —

Você tem que se lembrar que durante muito tempo ela não podia te ver. Bella somente podia sentir você. E ela descrevia isso de uma forma tão bonita, mas agora ela pode te ver, e seu rosto carrega a dor de que tanto ela quer fugir, mas você, e ela, sabem bem que é o porto seguro dela. Preciso ter certeza que está pronto para se confrontar com o seu duelo interior. Razão e emoção — Rose suspirou. — Não cobre nada, não questione, só dê o que Bella precisa. Não deixe que ela escorregue pelos seus dedos. — Era um pedido desesperado.

— Eu vou trazê-la de volta, Rose. — Apesar da emoção, suas palavras tinham convicção.

— Então se troque, *se prepare* para encontrá-la.

Não esperou muito tempo, na sala, até que Ernany voltasse bem-vestido como sempre se apresentava. Rose arrumou seus cabelos, num gesto carinhoso. Assim que saíram Ernany pediu ao motorista que a levasse até a boate, mas antes de ela entrar no carro entregou o um envelope para ele.

— Aqui está o endereço do hotel. Roger tem um patrocinador, o nome está aí no envelope. Pode ser útil — falou e piscou.

Ernany entrou no carro e suas pernas fraquejaram. Colocou o envelope no bolso e segurou firme o volante. Por um instante duvidou de um futuro ao lado de Bella, respirou fundo, preparando-se para o caso de Bella não aceitar passar a vida ao seu lado, mas havia feito uma

promessa a si mesmo de que cuidaria dela até o último dia de sua vida. As palavras da senhora, que encontrou no cemitério, voltaram a sua mente. Automaticamente pegou o envelope e o abriu. Encontrou as anotações de Rose e uma carta. Sem pensar duas vezes, ele a abriu.

“Ernany,

Fico feliz que antes de partir todas as mentiras tenham sido descobertas. Sei que terão um longo caminho para reconstruir os erros do passado. Eu sabia, sempre soube sobre o seu relacionamento com Bella. Vi você na inauguração da boate e também vi você chegando o dia em que ela nos levou lá e se apresentou pra você.

Cris me contou que ela não podia vê-lo e foi aí que percebi que não erraram somente uma vez, mas continuaram errando. Me lembro de que no dia que se casou com minha irmã que te pedi para cuidar da Laura com carinho. Você cuidou, da maneira que ela permitiu.

Hoje ela não precisa mais dos seus cuidados, está começando uma nova vida, te dando a oportunidade de recomeçar a sua. Então, eu te peço, cuide da Bella, ela é frágil, doce, autodestrutiva e se sente incapaz de ser amada. Mostre pra ela, todos os dias, que ela é especial, e que não precisa passar a vida fugindo do que mais sonha.

Se você realmente a ama, lute por

isso. Porque hoje eu tenho a mais absoluta certeza que esse amor sempre foi correspondido.

Luana.”

Ernany pegou o telefone e discou para Rose, que atendeu logo em seguida.

— Como?

— A Cris me entregou, Luana escreveu no hospital quando a Laura descobriu. — Parou e respirou fundo. — Vá, e me dê notícias.

CAPÍTULO 65

Bella secava seus cabelos, por um momento parou e olhou fixamente para a mulher no espelho, seu reflexo a assustou. Estava nua, com marcas de chupões pelo seu corpo. Enojada com a imagem, foi para o quarto e encontrou Roger sentado numa poltrona com os pés para o alto, falando ao telefone. Colocou no silencioso e se virou para ela.

— Quero comer você antes de sairmos. — Voltou sua atenção para o telefone. — Isso, então manda o segurança aqui em quinze minutos, não quero me arriscar com essas loucas lá fora. — Bella continuou o observando, foi

inevitável não o comparar com Júlio.

Voltou para o banheiro, certa de que precisava de mais uma dose, antes que seus pensamentos vagassem por onde não queria estar. Escutou o telefone do quarto tocando e voltou para pegar mais droga.

— Veste qualquer coisa, delícia. O Luciano, patrocinador da turnê resolveu fazer uma visitinha surpresa, está subindo agora, mas ainda quero comer esse cuzinho lindo seu — falou e deu um tapa forte em sua bunda.

Bella pegou uma roupa na mala e foi para o banheiro se trocar. Pegou alguns pinos e levou para o banheiro. Espalhou toda droga em cima da bancada e quando foi mergulhar no seu universo colorido ouviu aquela voz que a fez paralisar.

— Onde ela está? — Ernany invadiu o quarto logo que Roger abriu a porta.

— Que isso meu chapa! Você não pode entrar assim.

Ernany o agarrou pela gola da camisa e o imprensou contra a parede.

— O que você fez com ela, seu filho da puta?

— *Me solta!* — Roger tentou lutar, mas Ernany o imobilizava.

— Eu sei que ela está aqui.

— O engomadinho *tá* achando que vai *tirar ela* de mim de novo? Aquela puta gostosa é minha.

Ernany não conseguiu controlar sua fúria e lhe deu um soco na boca.

— Diga onde ela está! — berrava, enquanto Bella tremia agachada no

banheiro.

Roger levou a mão à boca que sangravam.

— Olha o que você fez seu desgraçado. — Tentou avançar para cima de Ernany, que o impediu.

A porta foi aberta e Ernany olhou para trás. Roger aproveitou o momento de distração e lhe deu um soco no olho, o que fez com que ele cambaleasse e Roger berrou para o segurança.

— *Tira* esse merda daqui.

O segurança rapidamente imobilizou Ernany e o retirou do quarto. Bella ainda trêmula se levantou, encarou mais uma vez o espelho e viu seu choro de medo e pavor. Com raiva jogou tudo que estava na bancada no chão, espalhando toda a

droga. Roger chegou no banheiro furioso e a encontrou transtornada.

— Olha o que você fez, sua puta drogada — falou dando-lhe um tapa na cara. — Você vai me pagar. — Ele estava furioso.

Retirou seu cinto e começou a desferir golpes impiedosos pelo seu corpo. Prendeu Bella contra a parede, de costas, e abrindo suas calças gritou em seu ouvido.

— Sua puta, piranha. Vai me pagar com esse seu cu imundo o que aquele filha da puta me fez.

Bella chorava, desesperada, Roger a possuía sem dó, parecia um animal no cio. Ele terminou rapidamente e se retirou de dentro dela sem o menor cuidado. Queria

fugir, sentiu nojo de Roger, sentiu nojo de si mesma quando se viu sozinha no banheiro com toda droga espalhada no chão, pegou um roupão e o vestiu, sem preocupar em fechá-lo, saiu correndo do quarto, chorando desesperada. Naquele momento se arrependeu de tudo que tinha feito nos últimos dias. O efeito da droga em seu corpo ainda lhe deixava transtornada, desceu os dez andares de escada com medo de ser alcançada, mas Roger não a seguiu, estava furioso ao telefone quando ela saiu do quarto. O som alto do seu choro ecoava pelas escadas, que pareciam não ter fim.

Ernany foi jogado para fora do hotel pela segurança. Sentia seu olho latejando, mas a raiva que sentia era ainda maior, para tentar diminuir a adrenalina, ficou andando de um lado para o outro na rua, sem saber o que fazer. Tinha ferrado tudo.

Inquieto e desesperado continuou na porta do hotel, condenando-se e pensando em uma maneira de encontrá-la. Foi quando a viu correndo com o roupão semiaberto, sua cara era de medo. Parou na porta, atordoada, procurando uma direção, foi quando ele correu ao seu encontro.

— Bella! — gritou e ela o viu.

Ela ficou parada em meio aos fotógrafos e fãs que ainda acampavam na porta. Bella correu para os braços de

Ernany e chorou, soluçando forte.

— *Me tira* daqui.

Ernany a segurou pelos braços por um tempo, até perceber que eram observados. Abriu a porta do carro, ajudando-a a entrar e viu que ela sentou com dificuldade. Uma dor cortante o fez ter vontade de voltar dentro do hotel e matar Roger, mas não podia, Bella precisava dele.

Entrou no carro e deu a partida, Bella continuava encolhida no banco do passageiro com a cabeça baixa. Dirigiu o mais rápido que pôde até um hotel-fazenda que viu, na estrada, quando estava indo buscá-la. Estacionou o carro e ela continuava na mesma posição.

— Bella — chamou seu nome

suavemente, mas ela não se moveu —, estamos em um hotel, vou entrar e fazer nossa ficha. Consegue ficar me esperando aqui? Já venho te buscar.

Ela concordou sem dizer uma palavra, ainda de cabeça baixa. Ele saiu e cinco minutos depois voltou ao carro, com as chaves de um chalé. Estacionou o veículo na porta de entrada e a carregou no colo. Bella parecia uma criança, desprotegida e apavorada. Ernany deitou-a na cama, fechou a porta e pegou uma garrafa de água para ela.

Bella tomou um pouco, sem tocar na garrafa e se encolheu ainda mais na cama. Ernany se deitou ao seu lado e ficou por um longo tempo afagando seus cabelos até que ela se acalmasse. Frágil e dolorida, deixou-se envolver pelo carinho e pelo

cheiro que lhe trazia paz e proteção. Aos poucos o pavor foi tomado por uma onda de tristeza profunda.

— Deixe-me ver você — Ernany pediu com a voz trêmula.

Ela não disse nada, mas aos poucos, ele abriu o roupão e viu seu corpo coberto de marcas. Fechou os olhos para tentar controlar sua raiva, não era o momento para isso, era a hora de cuidar dela, protegê-la, por isso foi ao banheiro e colocou a banheira para encher, voltando ao quarto, ajoelhou-se diante dela.

— Você precisa de um banho, posso ajudar você?

Ela não respondeu, apenas chorou, em silêncio. Seu coração se apertou e ele a abraçou.

— Está tudo bem, estou com você.
Acabou.

Levantou-se e retirou seu roupão, viu os restos de sêmen escorrendo por suas nádegas e se controlou mais uma vez. Levou-a até o banheiro e a colocou com carinho debaixo da ducha quente, teve o cuidado de não a tocar. Bella entrou na água, pegou o sabonete e se lavou repetidas vezes com desespero. Ele não podia fazer nada, somente a observava se lavando, com nojo de si mesma. Quando achou que já era o suficiente, retirou-a do chuveiro e a colocou na banheira.

— Eu já volto — falou, prendendo seus cabelos.

— Fica comigo — sussurrou entre lágrimas segurando sua mão.

Ernany percebeu que ela ainda usava aliança. Sentou-se no chão.

— Eu preciso ligar *pra* polícia, meu amor. Vou ligar para o Rodrigo e pedir que ele resolva tudo e que traga roupas *pra* você.

— Eu não quero ver o Digo — pediu entre lágrimas.

— Você não precisa ver ninguém se não quiser, mas preciso ligar para o Rodrigo, estão todos preocupados com você, aquele filho da puta — tentou se controlar —, violentou você, precisamos chamar a polícia, vamos precisar ir num posto médico. Sabe disso, né?

Bella chorou ainda mais.

— Não me deixa sozinha.

CAPÍTULO 66

Rodrigo olhava ansioso para telefone. Rose, Cris e Lucas procuravam notícias pela internet, mas apenas encontraram algumas fotos de Bella, seminua na porta do hotel, abraçando Ernany, em um site de fofocas sensacionalista.

Laura, Ju e Ana estavam aflitas sentadas no sofá. Ana rezava.

— Que merda! — Rodrigo socou o telefone tentando mais uma vez tentando ligar para Ernany.

Algum tempo depois seu telefone tocou e ele atendeu, aflito.

— Até que enfim! Onde vocês estão?

— Como sabe que estou com ela?

— Na internet, tem fotos de vocês dois na porta do hotel! — Ernany fechou as mãos em punho, a brisa fria do fim do dia balançava seus cabelos revoltos.

— Tive que esperar que ela dormisse um pouco. Não podia falar na frente dela, está muito fragilizada.

— Como ela está?

— Ela está machucada, aquele filho da puta abusou dela.

Rodrigo urrou e arremessou o copo que segurava na parede despertando ainda mais a atenção de todos.

— Ela precisa ir *pra* delegacia, ela se lavou?

— Não tinha como não fazer, Rodrigo. Anota o telefone que vou te mandar. O Mendes é um delegado amigo, lá do

clube. Converse com ele, tenho certeza que ele vai atender a um pedido meu. Peça a ele para vir *pra* cá se for preciso, mas não vou levá-la a lugar algum do jeito que está.

— Ela precisa procurar um atendimento. Já conversou com ela?

— Não consegui ainda, mas vou fazer. Quero deixá-la descansar um pouco. Estou precisando de roupas e sapatos para ela.

— Estou indo levar.

— Não, ela está com vergonha, Rodrigo. Peça a Rose *pra* trazer, resolva tudo com o delegado, antes que esse filho da puta escape. Eu o quero atrás das grades, eu o quero morto.

— Eu vou ligar para o Mendes e me

encontrar com ele. *Me dê* notícias e não deixe de levá-la para o posto.

— Pode deixar, estou esperando só a Rose trazer as roupas e ver se ela consegue comer alguma coisa.

Quando desligou o telefone Ernany teve vontade de quebrar seu carro e tudo que viu pela frente, mas precisava se controlar, por ela. Entrou e encontrou Bella deitada na cama com os olhos abertos e fixos no teto.

— Achei que estivesse dormindo — falou se aproximando e ela virou para ele.

— Não quero que o Digo me veja assim. — Sua voz era de choro.

— A Rose vem trazer roupas *pra* você — falou, tocando seus cabelos —, ela nem precisa entrar se você não quiser.

Bella concordou.

— E o Digo?

— Ele vai ligar para um delegado amigo. Talvez precise recebê-lo, tudo bem?

Ela concordou e ele respirou fundo para conseguir continuar.

— Bella, preciso que me responda algumas perguntas, são importantes.

Ela fechou os olhos e chorou ainda mais.

— São necessárias, meu amor, para que eu possa te ajudar. Tudo bem?

Ela concordou novamente, com os olhos fechados.

— Ele abusou de você antes? — ela negou. — Foi a primeira vez? — ela concordou. — Usaram preservativo?

— Sim, só dessa vez... — não conseguiu continuar.

— Não precisa contar nada agora, continue como estávamos. Ele bateu em você? — ela concordou sem dizer nada. — Foi só dessa vez? — ela negou e ele engoliu seco. — Vamos precisar procurar ajuda, eu não sei quanto tempo temos, mas vou procurar saber.

— Setenta e duas horas — ela respondeu e ele olhou sem entender. — Não quero ir hoje, eu não quero sair daqui.

— Olha, *me escute*. Vamos procurar saber tudo direito, se for possível só resolvemos amanhã de manhã, mas preciso que converse com o delegado, seria importante que o Rodrigo viesse

com ele. Por favor, é só isso que te peço. Depois você descansa. É importante, meu amor.

Ela chorou e Ernany a abraçou com carinho para consolá-la. — Eu não vou sair de perto de você, vou ficar do seu lado, prometo que não vai demorar.

— Não quero ir na delegacia, não hoje.

— Hoje você não vai, Rodrigo vai arrumar um jeito de trazer o delegado até aqui. Não precisa sentir vergonha dele, meu amor, ele te ama. Estão todos na casa dele, preocupados com você. Por favor?

— Tudo bem, pode pedir Rose para trazer um remédio para dormir?

— Vamos ligar para o seu médico, ele precisa saber o que você usou. Ele faz a

receita, Rose passa onde ele estiver, pega a receita e compra o remédio, tudo bem?

Ernany ficou no telefone, ligou para o médico que fez algumas perguntas a Bella. Logo em seguida, Rodrigo ligou, falando que buscaria Mendes e que se colocariam a caminho. Bella apesar de atordoada, não deixou de reparar em sua preocupação e dedicação. Ele estava abatido, olhos fundos e um hematoma grande no seu olho direito.

Não tinha forças para pensar o quanto era errado estar ali ao seu lado, não naquele momento. Precisava do seu cuidado, do seu carinho, do seu amor. Uma hora depois Rose chegou com Cris, cheias de sacolas. Bella não quis que elas entrassem e Ernany respeitou. Apenas as tranquilizou dizendo que daria notícias e

que Rodrigo chegaria em breve com o delegado.

— Olha quanto coisa elas trouxeram — falou retirando as roupas da sacola. — Posso te ajudar a se vestir?

Bella concordou, e com delicadeza, sem deixar de prestar atenção nas marcas em seu corpo, Ernany a vestiu com um pijama.

— Rose trouxe o remédio, mas seria melhor esperar o delegado chegar — explicou. — Você também precisa se alimentar. Tem suco e sanduíche na sacola — achou desnecessário dizer que foi Laura que havia preparado —, mas se quiser podemos pedir algo aqui no hotel, quer ver o cardápio?

— Eu como o sanduíche.

Rodrigo chegou com o delegado Mendes, Bella abraçou o amigo, chorando e pedindo perdão. Rodrigo chorou abraçado com ela e se afastou para que o delegado fizesse suas perguntas.

O coração de Ernany se apertou por saber que foi o culpado por ela ter sido violentada. Talvez se tivesse pensado antes de agir, poderia ter evitado tudo aquilo. Mendes finalizou seu trabalho pedindo que ela comparecesse na delegacia na manhã seguinte para fazer exame de corpo de delito e a orientou a procurar um posto de atendimento. Antes de sair Rodrigo pediu para ficar a sós com ela.

— Você vai ficar bem? — ela assentiu.
— Amanhã vou com você na delegacia, Ernany vai me ligar a hora que estiverem

indo — ela não respondeu, somente se recostou na cama e ficou quieta.

Rodrigo deu um beijo em sua testa e saiu. Ernany os acompanhou até a porta e voltou para o quarto.

— Seu olho — ela falou tocando sua face com cuidado. Ele fechou os olhos saboreando seu toque.

— Não está doendo — falou apesar de sentir um certo incômodo.

— Precisa de gelo — Bella falou preocupada.

— Vou pedir. — Ernany sorriu, pegou sua mão e beijou os dedos.

— Por que não me levou *pra* casa?

— Achei que não quisesse mais voltar lá — respondeu quase se arrependendo de ter deixado Rodrigo vender seu

apartamento.

— Eu não quero.

— Não se preocupe com isso agora, vamos dar um jeito. Quer tomar o remédio?

— Vai ficar comigo?

— Se você quiser, senão eu deito ali no sofá.

Ela não disse nada. Ele lhe deu o remédio e pediu gelo. Quando entregaram, Bella já estava sonolenta. Ernany tirou os sapatos e se deitou no sofá com o pacote de gelo no rosto, antes de dormir ela pediu.

— Dorme aqui comigo?

CAPÍTULO 67

Rose estacionou em frente ao Café.

— Obrigada por ter ido comigo.

— Não tem o que agradecer. Você está bem?

— Não, mas vou ficar. De qualquer maneira, acho que não conseguiria sem a sua ajuda.

— *Entra*, eu faço um chá e conversamos um pouco.

— Não quero atrapalhar, Cris, já tenho te ocupado demais.

Cris sorriu com carinho e Rose retribuiu o sorriso, ficou analisando sua suavidade, teve vontade de abraçá-la, mas

se condenou pelo desejo inoportuno.

— Você é sempre bem-vinda, deixa de bobagem, vem? Depois do dia de hoje merecemos algo mais forte.

Rose aceitou o convite com a promessa de não demorar.

— Há quanto tempo conhece a Bella?

— Eu tinha 17 e ela 19. Eu estava começando e ela já tinha um tempo de casa.

— Você também.. ? — Cris perguntou sem saber usar as palavras.

— Sim, eu me prostituí durante um tempo, até o dia que fui abusada, assim com a Bella. — Sua emoção era evidente. — Ela me acolheu, cuidou de mim, *me levou* para um posto e eu tomei a medicação. E graças a Deus eu sou limpa,

mas foram os piores dias da minha vida até que terminasse o tratamento e pudesse repetir o exame.

— Eu não sabia que existia uma vacina.

— Não é bem uma vacina, chama profilaxia pós-exposição. É fornecido pelo Governo, o tratamento dura vinte e oito dias, são três comprimidos que você toma uma vez por dia, durante esse tempo. Provavelmente a Bella vai ter que tomar.

— E você pode tomar sempre?

— Não, é aconselhável tomar somente uma vez, Cris. Então não pode brincar. Depois disso larguei tudo. A Bella foi um anjo *pra* mim, segurou minha onda e quando ela montou a boate me levou pra trabalhar lá.

— Eu sinto muito, Rose, eu não sabia que você tinha passado por isso.

— Fazem dois anos, mas parece que foi ontem. Essas coisas não conseguimos esquecer. Eu nunca imaginei que a Bella passaria por isso.

— E você conseguiu se relacionar, depois disso?

— Tive um relacionamento, mas ela era muito nova. Ficamos juntas por um tempo, mas não deu certo.

Cris ficou um tempo parada.

— Estou preocupada com a Bella, Cris. Ernany agiu sem pensar, deixou que Rodrigo vendesse seu apartamento e agora como vai ser? Ela não vai aceitar o dinheiro, eu a conheço. Divido um apartamento com mais duas meninas,

então ela não aceitaria ficar comigo. Também penso que ela não vai aceitar tudo assim de cara, vai precisar de um tempo. Tanta coisa aconteceu nesse último mês.

— Rose, nós vamos dar um jeito. Tem o apartamento da Ana que está vago, já que ela vai se mudar. Tem a casa do Rodrigo. Tem a minha casa, ela pode ficar aqui. Com o tempo tudo se ajeita.

— A Bella tem muita sorte de ter amigos como vocês, eu queria muito isso, mas a única pessoa que tenho é ela. Meia doidinha, desmiolada às vezes, mas é ela que segura a minha onda quando preciso.

— As amizades são construídas ao longo da vida, Rose. Olhe nós duas, nós nos damos bem, acabamos nos unindo em

prol da Bella. Já desabafamos, conversamos. Isso é o início de uma amizade.

— É sim, Cris. Eu admiro muito você, sua força, sua doçura, a maneira como enxerga as coisas. Eu me sinto bem em conversar com você.

— Eu também, Rose, você é uma companhia bem-vinda nesse recomeço. Sabe, que pensei em arrumar um bichinho de estimação, sempre quis ter um gato, mas a Lua tinha pavor de gatos — contou achando graça.

— Conheço um abrigo de animais, posso te levar lá um dia. Quem sabe você não encontra um.

— Acho que vou querer mesmo. Apesar de que agora, com a reforma e

reinauguração do Café quase não vou ter tempo.

— Você parece animada com a ideia.

— Apesar do vazio é bom recomeçar.

Era isso que ela esperaria de mim.

Laura chegou em casa e encontrou Alex na cozinha.

— *Desculpa* não conseguir ter encontrado com você, estourou um cano lá no bar, foi uma confusão.

— Tudo bem. O Lucas me trouxe — respondeu Laura lhe dando um selinho rápido.

— Comeu alguma coisa?

— Comi na casa da Ju, mas acho que preciso tomar alguma coisa. Prepara alguma coisa *pra* mim? — falou sentando no balcão da cozinha.

Alex pegou uma Coca-Cola na geladeira, abriu o armário e pegou uma garrafa de Jack Daniel's e preparou um drink para ela.

— Como ela está? — falou colocando o copo em sua frente.

— Ernany *levou ela* para um hotel, Bella não quis ver ninguém. Só Rodrigo e o delegado.

— Putz! Que barra. E você como está nessa história toda?

— Se eu disser que me sinto culpada vou estar sendo repetitiva? — Tomou um gole de seu copo. — Sabe, Alex, hoje

quando ajudei Ernany, consegui mensurar o tamanho do sofrimento deles. Eu me sinto culpada, mas eles se amam e os dois estão se destruindo. Minha vontade era ir atrás dela, pedir perdão e implorar que ficasse com ele, mas depois disso tudo, nem sei mais o que tenho que fazer.

— Segue seu coração, às vezes o que ela mais precisa agora é de carinho. Na hora certa vocês conversam. — Ele a abraçou. — Não vou negar que morri de ciúmes quando você me ligou dizendo que deu banho nele, mas eu tive muito de orgulho de você — falou tocando seus cabelos. — Você está exorcizando seus fantasmas, está se preparando *pra* sonhar comigo.

Ela sorriu e o abraçou.

— Eu vou tomar um banho — Alex falou. — Depois vou preparar um banho de banheira do jeito que você gosta. — Beijou seus lábios com ternura. — Já sei que você vai querer ficar sozinha um tempo, assim você relaxa. E quando você quiser minha companhia, vou estar na cama, *te esperando pra* te encher de carinho.

— Você já me conhece tão bem.

— Sou um ótimo observador, sei que quando fica com essa carinha você precisa de um tempo. Eu não demoro, depois preparo outro drink *pra* você — falou e beijou sua testa.

CAPÍTULO 68

— Então, Isabella, você vai responder esse questionário. Depois vamos encaminhá-la para fazer um teste rápido. Dando negativo, você já recebe a primeira dose da medicação. Vai levar os remédios para casa, precisa ficar atenta aos horários. Sempre três comprimidos de uma única vez, durante vinte e oito dias. No trigésimo dia, você retorna e repete o exame. — A médica carimbou o prontuário. — Caso sinta náuseas, diarreia ou qualquer outro efeito colateral forte, é importante que volte.

— E quanto as outras doenças Dr.^a Marcia? — Ernany perguntou, sentado ao

lado de Bella, de mãos dadas com ela.

— As outras doenças são sintomáticas e tem cura. Aparecendo qualquer sintoma você deve imediatamente procurar seu médico. Não se preocupe, Isabella o PEP é muito eficaz, tomando os remédios de maneira correta, você vai estar saudável.

Apesar de fazer exames regularmente sentia uma angústia dentro do seu peito. Era sempre assim toda vez que fazia seus exames de sangue. Não queria mais aquele sofrimento, agradeceu por nunca ter tomado o PEP antes. Estava certa que aquela vida ela não queria mais. Enquanto aguardava a sua vez, os flashes da cena em que Roger a imprensou na parede a assombravam. Imediatamente se encolheu e Ernany a abraçou.

— Meu amor, estou com você. Não precisa ter medo.

Ela aceitou o carinho e ele a acompanhou até o fim do atendimento. Apesar do alívio, Bella ainda se sentia suja.

— Posso te convidar *pra* almoçar? — Ernany era cauteloso e gentil, não teve como negar.

Ele a levou em um restaurante elegante que conhecia bem, mas nunca tinha ido com ele, já tinha ido lá algumas vezes e Ernany sempre levava comida de lá para jantarem juntos. Sentiu seu peito apertar, era a primeira vez que saíam como pessoas normais. Enquanto eram conduzidos até a mesa ele percebeu sua relutância.

— Está tudo bem? Se quiser podemos ir embora.

— Tudo bem. — Tentou parecer tranquila.

Ele fez questão de puxar a cadeira para que ela se sentasse e se sentou em sua frente.

— Água, por favor — pediu e o maître se retirou. — Obrigado por aceitar o convite. — Agradeceu sorrindo.

Apesar do hematoma no rosto ele parecia feliz por estar ali. Seus olhos brilhavam e seu nervosismo era aparente.

— Como está se sentindo? — perguntou preocupado.

— Melhor. — Era difícil encará-lo, estava emocionada, passou tanto tempo sonhando com o dia que pudessem sair

juntos que lamentava as circunstâncias.

— Eu não queria dizer isso, mas acho que precisa saber — falou com cautela. — Quando deixou a procuração para Rodrigo, imaginei que não quisesse mais voltar para o seu apartamento. Colocamos à venda e ele foi vendido bem mais rápido que imaginávamos.

Isabella se assustou, mas não falou nada, porque o garçom chegou trazendo as bebidas.

— E a boate?

— Eu e Rose cuidamos de tudo por lá enquanto você esteve fora. — Pegou sua mão. — Não quero que se preocupe com nada, posso continuar cuidando de tudo até que se sinta melhor. Também vamos resolver, ainda essa semana, uma casa.

Ela retirou suas mãos delicadamente das de Ernany.

— Não consigo pensar em nada agora.

— Tudo bem meu amor, *me desculpa*. Só achei que precisava saber.

— Preciso encontrar um lugar para passar a noite.

— Não se preocupe com isso. Vamos para um hotel e amanhã resolvo tudo.

O garçom chegou com o menu e Bella lhe devolveu, olhando para Ernany, disse:

— O de sempre.

Ernany rapidamente fez o pedido e o garçom se retirou.

— É estranho, passei tanto tempo esperando por isso e agora estamos aqui nessas circunstâncias... — Bella se assustou com o que disse, foi involuntário.

— Haverão circunstâncias melhores, prometo. Você precisa se alimentar. Eu te trouxe aqui porque sevem o seu prato preferido.

Ela sorriu com o carinho.

— E as minhas coisas?

— Rose contratou uma empresa para retirar tudo do apartamento. Vai ficar tudo guardado até encontrarmos um novo lugar.

— Ernany, eu...

— Não precisamos conversar agora, vamos com calma, você precisa de cuidados e é isso que eu vou fazer. Depois resolvemos o resto, com tempo, quando estiver bem e preparada. Só preciso que me deixe cuidar de você.

Ana trabalhava aérea, tentava se concentrar, mas estava preocupada com Bella. Juliana havia ligado mais cedo informando que já tinham ido até a delegacia e que Ernany a acompanharia até o posto de atendimento. Lucas a buscaria no final do dia, naquela noite as crianças dormiriam com eles. Pensou em como faria, já que o seu apartamento e de Lucas estavam cheios de caixas espalhadas. Um toque na porta a despertou.

— Ana?

— Ei, Thiago! Aconteceu alguma coisa? Você não deveria estar na aula?

— Educação física — falou se sentando a mesa, de frente para ela. —

Hoje tem natação e ainda não posso nadar.

— E você veio me visitar — falou sorrindo.

— Bem, na verdade eu vim conversar. — Ana achou graça da maneira que falava como o pai. — É uma menina na minha sala. A Bianca, acho que gosto dela.

Ana sorriu e pegou nas mãos do enteado.

— Mas você ainda é muito novo, precisa focar nos estudos.

— Eu sei, mas fiquei pensando se o que eu sinto por ela é a mesma coisa que você e o papai sentiam quando eram crianças.

— Isso só o tempo vai dizer. Não fique preocupado com isso.

— Tudo bem, eu vou esperar —

ameaçou se levantar. — Eu fiquei pensando *numa* coisa.

— No que?

— Você precisa aprender a dirigir. Toda vez precisamos ficar esperando o papai buscar a gente. Se você tivesse um carro ia ser mais fácil.

Ana sorriu.

— Eu já tinha pensado nisso. Deixa passar a mudança que vejo isso com calma.

— Vamos precisar comprar uma cadeirinha *pro* Pedro, *pro* seu carro novo.

— Sim, vamos comprar — respondeu rindo.

— Posso ir com você nas suas aulas?

— Quer me ver aprendendo a dirigir?

— Eu quero, quem sabe vendo eu não aprendo também.

Ana gargalhou.

— Vai rir de mim quando eu errar muito?

— Não, prometo. Você ensinou *pro* Pê que é errando que a gente aprende.

Ana se levantou para abraçar o enteado com carinho.

— Você não existe sabia? Vem, vou te levar na biblioteca para você pegar um livro. Você me enrolou a semana toda.

CAPÍTULO 69

Rodrigo estava deitado no sofá, com as crianças, quando Juliana chegou. Ela beijou os filhos e se jogou no sofá ao lado do marido.

— Estou exausta! — falou colocando os pés para o alto. — Hoje conseguimos empacotar tudo, o Sr. Sergio, o mestre de obras, falou que em duas semanas entrega o serviço.

Rodrigo achou graça.

— Ainda dá tempo de desistir — brincou —, e poder cochilar depois do almoço todo dia.

— Nem morta, Rodrigo. — Retirou os sapatos que estavam incomodando. —

Ernany deu notícias?

— Deu tudo certo lá no posto, em trinta dias ela repete os exames. Falei com ele no meio da tarde, eles tinham saído *pra* almoçar e ela estava descansando.

— E na delegacia? Alguma notícia?

— O Mendes falou que com o escândalo nas redes sociais apareceram outras denúncias. Ele não tem como escapar.

— E ela como estava?

— Mãe, para de encher o pai de perguntas, estou tentando ver o filme — João reclamou.

— Você é um chato, hein, João — Ju reclamou se levantando.

— Puxou a mãe — Rodrigo brincou,

deu um tapa na bunda de mulher e se levantou atrás dela.

Juliana entrou na cozinha para pegar um copo de água e Rodrigo encostou na porta, observando seus movimentos.

— No escritório está tudo bem?

— Sim, apesar de não ter certeza, pois esses dias mal tive tempo de pisar lá. Uma hora as coisas vão voltar ao normal

— falou puxando a mulher para seus braços. — Isso se minha mulher resolver entrevistar a babá. — Mordeu seu ombro.

— A Neide não dá conta de tudo não, Ju.

— Que droga, Digo, esqueci de novo!

— Você vai ter que delegar, Juliana, não vai dar conta de tudo. Eu contratei a pobre, não aguentava mais enrolar. Ela começa amanhã.

— Mas amanhã eu tenho que sair cedo *pra* fazer compras *pro* café.

— Você vai ter que delegar, Juliana.
— Repetiu apertando sua bunda. — Eu posso trabalhar em casa amanhã de manhã.

— Mas o que você achou dela?

— Você vai ter que delegar, Juliana. E confiar em mim. Acha que colocaria uma louca cuidando dos meus filhos?

Você vai ter que delegar Juliana.

— Mas como ela é?

— Você vai ter que confiar em mim Juliana — falou debochado.

— Você é um insuportável! — respondeu deixando a cozinha.

— Eu?

Bella olhava Ernany dormir, tocou o hematoma em seu olho com carinho e ele despertou. Ficaram se olhando em silêncio por um tempo até que ela falou.

— Eu não mereço o seu amor.

Ele tocou seus cabelos com candura.

— Não diga isso.

— Também não mereço o perdão da Laurinha.

Ele continuou afagando seus cabelos.

— Ela também se sente culpada. Todos nós erramos, eu acho que a única vítima nessa história foi você, meu amor.

— Não, eu não sou. No fundo eu

queria que fosse você.

Ele fechou os olhos e se deliciou com aquelas palavras.

— Não sabe quanto é bom ouvir isso.
— Ela ficou envergonhada. — Nós vamos conseguir, vamos ser felizes.

— Eu preciso de um tempo. — Fechou os olhos e seu semblante era de quem sentia dor.

— Bella, eu não me importo de esperar. Quero você bem, isso é o que importa.

— Você conversou com a Laura? — perguntou apreensiva.

— Tentamos algumas vezes, mas ontem quando fui buscar você — Ernany sentiu uma dor no peito —, conseguimos nos perdoar, ela está preocupada com

você.

Bella cobriu o rosto com as mãos.

— Não sei se consigo *encarar ela* depois de tudo.

— Ei, olha *pra* mim — pediu tirando seu braço do rosto. — Uma hora vamos ter que colocar uma pedra no passado e seguir em frente. Ela ama você, eu amo você. — Errei muito, naquele dia devia ter jogado tudo *pro* alto, pego você e sumido no mundo. Eu me sinto culpado por tudo que passou, *me sinto* culpado por ontem.

— Não fala isso — pediu colocando sua mão em sua boca. — Você me salvou. Provavelmente agora estaria no hospital, porque ia fazer algo pior. — Chorou arrependida. — Eu me sinto suja por ter

me entregado a outro homem, derrotada por ter caído de novo, mas você estava lá. Não desistiu de mim.

— Eu nunca vou desistir de você.

Bella o beijou com paixão e se entregou ao beijo que sonhou por tanto tempo. Seu corpo e sua alma agradeceram. Ali se sentia completa, segura, amada. Ernany se deliciou com o carinho, as mãos de Bella afagavam seus cabelos, aos poucos perdia o controle.

— Não, meu amor. — Parou ofegante. — Você está machucada. Não posso fazer isso com você assim.

— Eu preciso, por favor. — Seu pedido era uma súplica.

— Não me peça isso, não quero machucar você. Não temos pressa, vamos

ficar juntos *pra* sempre — falou e a abraçou forte.

Ernany se afastou para olhá-la. Bela colocou a mão direita em seu peito, e lá estava a aliança.

— Você nunca tirou. — Não foi uma pergunta.

— Não, eu nunca tirei — ela confirmou.

— Por que?

Bella sorriu sem graça.

— *Pra* você me encontrar e a gente fugir. Igual nos filmes nos quais o mocinho põe um localizador no anel da mocinha.

— Um localizador? — ela confirmou rindo. — Quer fugir? — Ele sorria de volta.

— *Pra* bem longe.

CAPÍTULO 70

Ernany recebeu Rose já vestido e barbeado. Bella estava no banheiro.

— Obrigado por vir, Rose!

— Achou mesmo que eu a deixaria? — Rose entrou na antessala do quarto de hotel carregando uma mala. — Trouxe algumas coisas, o resto está lá na boate.

— Vou dar um jeito nisso. Conseguiu tudo que te pedi?

— Tive que pedir ajuda *pra* sua secretária, eu sou uma só! — recriminou. — Você me liga às cinco da manhã, cheio de ideias, são oito horas, eu não sou a Mulher Maravilha. E ela, já acordou?

— Está no banho. Ela tem que tomar

os remédios meio-dia, então vou tentar chegar antes disso.

— *Confie* em mim! Eu fico com ela. Pode ir.

— *Deixa eu me despedir dela* — falou e saiu para o banheiro.

Bella secava os cabelos e parou para ver seu reflexo no espelho. Estava corada, seus olhos brilhavam e um sorriso bobo tomava seu rosto; sentia-se feliz. Mesmo ainda não se achando merecedora de tamanha felicidade. Ernany a abraçou por trás e ficaram se olhando pelo espelho. Olhos nos olhos, sorriso evidente. Ela se virou para vê-lo.

— Vou precisar sair, meu amor. Rose está aí *pra* ficar com você. Preciso resolver algumas coisas. — Acariciou seu

rosto. — Vai ficar bem?

— Não se preocupe — ela retribuiu o carinho —, você precisa trabalhar, não pode ficar trancado aqui comigo.

— Eu não vou demorar, volto antes do almoço.

— Não vai tomar café?

— Eu como qualquer coisa depois. Tome os remédios direitinho.

— *Sente* aqui — pediu e pegou um corretivo na bolsa de maquiagem sobre a pia.

— Não vai fazer isso. — Ele virou o rosto.

— Não pode ir trabalhar com o olho desse jeito — ela falou séria. — *Me deixa* cuidar de você.

Suas palavras o desarmaram, por isso,

mesmo sem querer, deixou que Bella aplicasse uma pequena camada de corretivo em seu olho e pegou um pincel de pó para dar acabamento.

— Isso não — reclamou.

— *Fique* quieto. — Segundos depois, ela finalizou seu trabalho. — Prontinho.

Ernany se levantou e, no espelho, ficou analisando a maquiagem que ela tinha feito. Estava quase imperceptível e ele beijou-a em agradecimento.

— Preciso ir.

— *Espere* — ela pediu e ajeitou sua gravata, dando-lhe um beijo amoroso. — Bom trabalho, meu amor.

Ernany não conseguiu se controlar e a agarrou com vontade.

— Assim não vou conseguir sair.

— *Vai logo* — falou sorrindo e se virou para terminar de arrumar os cabelos.

Ernany deixou o banheiro com um sorriso bobo nos lábios. Encontrou Rose folheando uma revista, sentada na poltrona do quarto. Reparou que ela tinha um sorriso debochado e lhe deu um beijo rápido no rosto.

— Não demoro, qualquer coisa *liga*.

— Adorei o *make*.

Ele tomou a revista de suas mãos e bateu com ela, de leve, em sua testa.

Ernany saiu levitando, uma onda de felicidade o invadiu, não se sentia tão bem assim desde o dia que a conheceu. Dirigiu ouvindo música, coisa que pouco fazia, pois geralmente seu tempo no

trânsito era ouvindo o noticiário. Tinha muito o que fazer e pouco tempo para conseguir se libertar de todos os fantasmas do passado.

Estacionou o carro em frente à casa de Rodrigo, mas não seguiu até a porta, desceu caminhando um pouco mais e ali viu a casa em que passaria o resto de sua vida. O jardim florido, a casa parecia bem-cuidada. O corretor já o esperava. Estava conversando com Rodrigo enquanto Juliana olhava todos os detalhes.

— Obrigado, Rodrigo — falou e abraçou o amigo.

— *Me agradeça* também. — Juliana o abraçou feliz. — Quando nos acordou às seis da manhã, fui eu que liguei para o Fernando. — Apontou para o corretor e

Ernany apertou sua mão.

— Obrigado, Juliana, não sei como agradecer.

— *Me chama* de Ju. Juliana me lembra o Rodrigo quando me irrita — brincou. — Como ela está?

— Melhor, bem melhor — ele respondeu sorrindo largamente.

Fernando mostrou a casa para Ernany, que ficou muito feliz com tudo que viu. Este ofereceu o dobro do valor do imóvel, para já ficar com as chaves. Deixou Rodrigo incumbido de resolver os detalhes finais e ligou para sua secretária pedindo que fizesse o depósito do sinal.

— Ju, agora preciso de você — Ernany falou.

Juliana se despediu do marido e foi

embora com Ernany. Ele passou na floricultura, pagou uma pequena fortuna para que sua encomenda fosse entregue antes da hora do almoço. Ela estava eufórica, encantada com todos os detalhes em que ele havia pensado.

Ernany mal dormiu a noite. Logo depois que Bella caiu no sono, começou a pesquisar entre anúncios de imóveis e se surpreendeu ao saber que a casa ao lado da de Rodrigo estava à venda. Passou a noite planejando cada detalhe, mas ainda precisava do mais importante.

Estacionou na porta do Café e Juliana pegou em sua mão. Apesar de tê-lo enchido de perguntas durante todo o trajeto, ela se calou naquele momento e o abraçou.

— Estou muito feliz — confessou. — Sei que vão ser muito felizes. — Vocês merecem isso, Laura merece isso.

Ernany concordou emocionado. Desceu do carro e abriu a porta para Ju, que sorriu agradecida e entrou no Café. Ernany tocou o interfone no apartamento de sua ex-mulher, que atendeu à porta surpresa. Alex tomava café enquanto trabalhava no projeto do Café.

— Ernany! Aconteceu alguma coisa com a Bella?

— Ela está bem, posso entrar?

— Claro, *me desculpe* — falou, abrindo a porta para ele.

Alex se levantou e o cumprimentou. Voltou ao seu lugar, fechou o computador e juntou os papéis espalhados na mesa.

— Eu vou ver como estão as coisas lá embaixo — falou, achando melhor deixar os dois sozinhos.

— Não precisa sair, Alex — Ernany falou. — Eu não vou me demorar.

Alex ficou sem jeito, mas não saiu. Sentaram-se no sofá e Ernany começou.

— Vou tentar ser breve — falou olhando para Alex e se virou para Laura. — Eu assinei os papéis do divórcio, também acatei sua carta, mas os imóveis que estão no seu nome, assim como quinze por cento da empresa, são seus. Então você fica com o que já é seu no papel. Você precisa dessa segurança para recomeçar sua vida.

— Ernany...

— Laura, eu não vou conseguir

prosseguir se não tiver a certeza de que fui justo com você. Construímos juntos o nosso patrimônio. Eu preciso começar do zero e você também. Então, por favor, não me negue isso, é seu.

Ela não sabia o que dizer.

— Sei que não tenho o direito de te pedir isso, mas não podia deixar de vir aqui para pedir. Rodrigo vai oferecer um almoço, hoje, para Bella. É importante para ela que estejam todos juntos — ele falou envergonhado. — Ela precisa do seu perdão, Laura.

Alex deu a mão para Laura e ela fraquejou.

— Onde ela está?

— No hotel, com a Rose. Quero pedi-la em casamento hoje, e é muito

importante para mim e para ela que esteja conosco, mas sei que não posso te pedir isso. Então não se sinta obrigada a ir.

— Eu vou — ela falou com firmeza —, mas quero vê-la antes.

Ernany sorriu agradecido e não conseguiu controlar sua emoção. Abraçou Laura com carinho e beijou seu rosto.

— Alex, faço questão de sua presença — falou, levantando-se. — Cuide da Laura, ela é uma joia rara. Preciso ir, tenho algumas coisas *pra* resolver antes do almoço.

Antes que Ernany saísse Laura o chamou.

— Eu quero ajudar, me diz o que posso fazer?

CAPÍTULO 71

— Era o Ernany? — Bella perguntou logo depois que Rose desligou o telefone.

— Não, era a Mônica. —
Desconversou.

— Está tudo bem na boate?

— Consegue relaxar um pouco? Vamos dar uma volta?

— Sair? — Bella perguntou apreensiva.

— Sim, sair! Tomar um ar no rosto, ver o dia. Damos uma volta de carro, não demoramos. Assim o tempo passa mais rápido.

— Não sei se Ernany vai gostar. —

Ela demonstrava alguma apreensão.

— E desde quando você se importou com isso? — Rose a repreendeu. — *Anda*, vai te fazer bem.

Bella saiu, preocupada, pois não queria sair, mas quando o carro começou a andar, sentiu-se bem ao ver o movimento das ruas. Rose dirigia concentrada como se tivesse destino certo. Sentada no banco do passageiro, Bella via as pessoas andando, os carros passando. Percebeu que Rose ia em direção ao antigo bairro que morava e seu coração se apertou.

— Aonde estamos indo?

— Dando uma volta — falou naturalmente.

Rose passou em frente ao parque e

Bella viu uma senhora muito parecida com Júlia.

— *Pare* o carro, Rose.

— Quer descer aqui? — perguntou intrigada, pois estava justamente procurando uma vaga para estacionar.

— *Me deixa* descer, *te encontro* em frente à lagoa, no chafariz. — Quando a amiga reduziu a velocidade, ela saltou sem nem mesmo esperar que o carro parasse.

Bella andou apressada à procura de Júlia, procurava sem a certeza de que iria encontrá-la. Ao longe, uma senhora sentada no banco alimentava os pássaros. Bella correu e quando a viu se emocionou.

— Oi — falou timidamente.

— Oi, minha filha. Está esperando *ela*? — O coração de Bella se apertou, não precisava perguntar quem era “ela”. Ficou alguns minutos calada sem saber o que dizer, eram tantas perguntas, tanta coisa a dizer que não conseguia. — Pode perguntar minha filha, mas seja breve, eu preciso ir. Ela está chegando.

Um nó se formou em sua garganta.

— A Lua, como ela está?

Júlia sorriu e se levantou.

— Ela está bem, feliz! Feliz por você estar de volta. — Júlia começou a caminhar com dificuldade, parou, virou-se para Bella. — Não precisa fugir *pra* encontrar o que está do seu lado

Ela viu a senhora se afastar e, emocionada, não conseguiu segurar suas

lágrimas. Encostou-se no banco, deixando que a saudade invadissem seu peito.

— Bellinha! — Escutou uma voz ao longe a chamando.

— Laurinha! — Correu ao encontro da amiga, ainda chorando.

Abraçaram-se emocionadas. Laura não deixou de ver a senhora que já estava longe.

— Era a D. Júlia?

— Sim — falou, enxugando suas lágrimas.

— O que ela disse? — Laura perguntou ainda abraçada com a amiga.

— Que a Lua está feliz.

O abraço tornou-se ainda mais apertado e ambas deram vazão às lágrimas que aquietavam o coração.

Depois de um tempo, sentaram-se no banco.

— Como você está? — Laura perguntou preocupada.

— Melhor. E você?

— Com saudades. — Chorava, mas sorria com carinho.

— Eu também. — Parou um tempo. — Eu preciso te pedir perdão.

— Não, não precisa. — Laura enxugou seu rosto e o rosto de sua amiga. — Eu passei esse tempo todo querendo te pedir perdão também. *Me senti culpada, me senti* doída, enganada, mas percebi que não existe perdão para o que fizemos com nossas vidas. — Laura parecia forte. — Aprendi tantas coisas nesses últimos tempos, é difícil crescer — sorriu —, mas

as dores são necessárias, é com ela que evoluímos. — Parou e respirou fundo. — Quando vi Ernany desesperado, percebi que a única coisa que podemos fazer é tentar superar o passado e seguir em frente.

Bella abraçou a amiga, mas Laura continuou.

— Ele te ama, Bella. Se eu não tivesse conhecido Alex e descoberto o que é o amor, nunca ia enxergar isso. Ernany errou, mas esteve do nosso lado, cuidando, protegendo. — Bella chorava copiosamente. — Acabaram as mentiras, as omissões, os erros. Precisamos tentar de novo e, mesmo que erremos mais um milhão de vezes, o importante é tentar.

— Eu não sei o que dizer. É tanta

coisa, eu não sabia que era ele, não queria que fosse ele, mas era o Ernany que eu sentia. Não conseguia controlar o que eu sentia, nem conseguia me afastar.

— Amor não se controla, Bella. —
Laura se emocionou novamente. —
Aquele dia em que fomos na Dona Júlia, lembro que ela perguntou se estávamos dispostas a abrir mão de tudo para conseguirmos o que queríamos. Não soube responder naquele dia, nem você, mas hoje eu te digo, com a maior certeza da minha vida, não quero abrir mão dessa amizade. Mesmo que nos doa ter que conviver com as sombras dos nossos erros, eu sei que vamos conseguir superar isso.

Ficaram sentadas por um tempo de mãos dadas.

— Vamos, você precisa tomar os remédios, está quase na hora.

— Eu vim com a Rose, preciso encontrá-la. Como você sabe dos remédios?

— Ernany me recomendou que não deixasse passar a hora dos remédios — falou sorrindo. — A Rose já foi embora com a Cris, encontrei com ela na porta do parque.

— Foi tudo combinado? — Bella perguntou confusa.

— Eu precisava ver você, achei que aqui fosse um lugar perfeito.

— Mas a Rose me chamou *pra* dar uma volta. — Queria entender.

— Eu liguei *pra* ela, pedi que te trouxesse aqui — falou e se levantou. —

Vem, precisamos ir. Eu estou com o carro da Cris, *te deixo* no hotel e fico com você até Ernany chegar.

— Não ando com você dirigindo —
Bella reclamou. — Você dirige muito mal.

Laura riu e deu um tapa no ombro da amiga.

— Fui eu quem te ensinei a dirigir.

— Mentirosa, foi o Lucas e o Digo.

— Mas eu tirei carteira primeiro.

— Você seduziu o instrutor.

Saíram do parque de mãos dadas, discutindo quem iria dirigir. Bella sabia ser persuasiva e Laura acabou cedendo. Passaram em frente à casa de Júlia, que estava completamente no chão. Um tapume cobria o muro e uma placa da construtora informava que ali seria

construído um prédio.

— Talvez devêssemos comprar um apartamento aqui, para quando ficarmos velhinhas. — Laura sugeriu observando a obra.

— Estou falida — Bella brincou. — Não tenho nem profissão.

— Não se preocupe, você vai casar com um homem muito rico — falou Laura repetindo as palavras que Júlia dissera há cinco anos atrás. — Vai ser uma socialite fútil — completou brincando.

— Fútil, não — Bella entrou na brincadeira —, vou ajudar obras de caridade. — Arrancou com o carro.

CAPÍTULO 72

Bella estacionou o carro na frente do hotel.

— Vai descer? — convidou.

— Não posso, Alex está me esperando — falou abraçando a amiga. — Vai ficar bem?

— Sim, estou me sentindo leve, como se tirasse um peso das costas.

— Eu também. — Abraçaram-se novamente e Laura desceu do carro para pegar a direção.

— Dirija com cuidado — Bella brincou antes de Laura partir.

Subiu para o quarto sentindo-se

levitar, pronta para recomeçar. Quando abriu a porta do quarto encontrou Ernany, sentado na poltrona. Assim que a viu entrar, ele se levantou e a segurou em seus braços quando Bella se jogou em seu colo.

— Eu te amo. Sempre te amei — falou e o beijou com paixão.

Ernany retribuiu o beijo e a carregou até a cama. Deitou-se com ela e a apertou contra o seu corpo.

— Eu também te amo, minha Bella.

Bella arqueou o corpo, queria senti-lo, desejando que seus corpos se fundissem em um só, mas ele recuou.

— Por favor, eu não aguento mais — pediu. — Eu tenho preservativos na bolsa.

— Eu também quero, meu amor — ele

respondeu, beijando seus lábios com fervor. — Você precisa tomar os remédios. Além disso, quero levar você *num* lugar.

Bella pegou os remédios no criado-mudo e os tomou rapidamente. Ernany observou seu desespero.

— Pronto — falou depois de tomar água, que escorreu pelo seu queixo.

Ernany observou a gota descer lentamente e aproximou para sugá-la. Bella estava ofegante e ele quase não se controlou.

— Quero vender você — falou sussurrando em seu ouvido e a viu fechar os olhos.

— *Me vender?* — Abriu os olhos frustrada. — Quero ver você.

— Quero te fazer uma surpresa — ele explicou, beijando seu pescoço —, mas se não se sentir bem, não tem problema.

— Eu quero. — Fechou os olhos e ele retirou uma venda branca do bolso.

— Preciso que vá até o banheiro, arrume seus cabelos e retoque sua maquiagem. Quero você bem linda.

Bella bufou.

— Você está me enrolando — choramingou.

— Por favor? — ele pediu sedutor.

Bella se levantou e rebolou até o banheiro.

— Quer que eu me troque? — falou tirando a blusa de uma maneira provocante para seduzi-lo.

— Bella, Bella. Você vai acabar

estragando a surpresa — ele respondeu, avançando sobre ela.

— Não quero surpresa, quero você — pediu se esfregando nele.

— Meu amor, não quero machucar você.

— Não vai me machucar, eu confio em você — Bella sussurrou e Ernany fechou os olhos para tentar se controlar.

Bella sentou-o na poltrona, ele não recuou.

— Vou fazer com você o mesmo que fiz quando me deixou tocá-lo pela primeira vez, quando estava vendada. Só que dessa vez você vai me ver e eu vou te ver — falou retirando suas calças de maneira provocante.

Ernany fechou os olhos e se entregou.

— *Abre os olhos, meu amor* — ela pediu enquanto retirava a roupa dele. — Agora somos só nós dois, sem vendas, sem máscaras, sem nada. Apenas eu e você.

Bella pegou um preservativo em sua bolsa e se agachou diante dele.

— Bella, tem certeza? — Ele ainda se mostrava apreensivo.

— Não pergunte demais — pediu. — Só me ame. Eu preciso disso.

Ernany se levantou da poltrona e a abraçou, deixando que a pele macia de Bella envolvesse seu corpo. Gentilmente a deitou e beijou todo seu corpo com adoração. Bella arfou, depois arqueou os quadris e ele deslizou sua mão por seu corpo até tocar o meio de suas coxas. Ela

estava pronta, desejosa.

Ele vestiu o preservativo e se deitou sobre ela.

— Eu quero você. — Ela ofegou enquanto ele deslizava lentamente para dentro dela. — Eu preciso de você.

Ernany gemeu quando chegou no ponto mais fundo, embalado pelo sussurro doce.

— Eu sou seu — respondeu fazendo movimentos lentos. — Eu sou todo seu, *pra sempre*.

Bella levantou os quadris e rebolou, Ernany perdia o controle aos poucos se entregando ao prazer.

— Eu sou sua — falou com a voz entrecortada.

Seus olhos estavam conectados, suas respirações sincronizadas.

— Eu nunca mais vou deixar você fugir de mim. — Uma lágrima escorreu por seu rosto enquanto ele fazia movimentos suaves.

— Eu não quero fugir de você. Eu quero viver esse amor. — Gemeu quando ele a penetrou completamente.

— Eu te amo — Ernany falou, fechando os olhos e aumentando o ritmo sem perder a delicadeza.

— Ah! — ela gemeu surpresa. — Eu te amo — falou ofegante. — Por favor! — suplicou por mais.

— O que você quer, meu amor? — Ele conhecia seu corpo, sabia do que ela gostava. Não deu chance para que sua mulher respondesse, pressionou seu corpo contra o dela e deixou que seus corpos

chegassem em uma cadência única e plena.

Bella abriu os olhos e encontrou os dele amendoados a devorando, brilhando de prazer. Ela também o conhecia bem, sabia o que era preciso para levá-lo ao ápice. Rebolou mais uma vez e ele sorriu.

— Não, quero que venha comigo.

Pressionou seu corpo na cama, de maneira que ela não tivesse como se mexer, intensificou sem movimentos e seus olhos não perdiam nada. Ela estava ali, entregue, lágrimas banhavam sua face. Nunca tinha sentido tanto prazer.

— Ernany! — Seu corpo se enrijeceu e ela gozou com os olhos abertos.

Ele se perdeu na profundidade daquele momento e daquele olhar. Entregou-se e

deixou que seu corpo se libertasse do prazer avassalador. Ambos tremiam, ainda com seus corpos colados. Ela fechou os olhos, absorvendo a avalanche de emoções que sentia.

— Você está bem? — ele perguntou preocupado, saindo de cima dela.

Ela sorriu, mas não respondeu. Não conseguia dizer nada.

— Isso é um sim?

Ela sorriu ainda mais.

— Eu gosto de te ver feliz — ele falou contagiado por sua felicidade.

— Você me faz feliz.

— Você também me faz feliz. Eu tenho uma surpresa *pra* você — falou, retirando o preservativo e se levantando.

— *Vem*, vamos tomar um banho, ainda

quero vender você.

— Não quero tomar banho, quero ficar com seu cheiro em mim.

Ernany a beijou com paixão e, em seguida, tomou um banho rápido, enquanto ela se limpava e refazia a maquiagem. Bella arrumou os cabelos e sentiu-se bonita como há muito tempo não se achava. Procurou uma roupa na mala para vestir, mas ele a impediu.

— Agora vou vender você — Ernany falou, pegando a venda branca de seda.

Já vestido, Ernany ajudou Bella, que permanecia nua, a vestir uma calcinha. Ela ouviu o barulho de papel se rasgando, o que a deixou ainda mais ansiosa.

— Levante seus braços — pediu e colocou nela um vestido de tecido fino

que ia até os joelhos.

Ajudou-a a calçar os sapatos. Bella estava curiosa, pelo toque não reconhecia o vestido. Ernany se posicionou atrás dela, colocando os brincos e o colar. Quando ela tentou tocar para sentir, ele não deixou. Com todo cuidado, ajudou-a a sair do quarto. No elevador Bella sentia seu coração batendo acelerado.

— *Pra* onde estamos indo?

Ele não respondeu, mas beijou seus lábios, ajudou-a a entrar no carro, deu a volta no veículo e tomou a direção, saindo em direção à casa em que passaria o resto dos seus dias ao lado dela. Estava ansioso, não sabia se estava tudo pronto, do jeito que tinha planejado. Juliana e Laura ficaram responsáveis por organizar

tudo. Durante o trajeto ficaram de mãos dadas; as dele suavam e ambos estavam nervosos.

Quando estacionou o carro, Ernany retirou seu cinto de segurança e o de Bella. Desceu e a ajudou a sair, carregando-a no colo até a porta de sua nova casa. Ao colocá-la no chão, retirou sua venda e, só naquele momento, ela pode olhar para o vestido de seda branco que vestia; era lindo. Não conseguia enxergar direito, mas pôde ver que em seu colar tinha um generoso diamante. Tocou os brincos, sorrindo, e percebeu que eles faziam conjunto com o colar. Diante dela, uma enorme porta de madeira. Ela olhava para Ernany, que sorria, sem saber onde estava.

Ele pegou sua mão e juntos abriram a

porta da casa. A sala não tinha móveis, mas estava repleta de rosas vermelhas por todos os cantos; incontáveis arranjos dispostos com perfeição. Ernany a carregou mais uma vez, entrando na casa com ela em seus braços.

— O que é isso? — perguntou maravilhada quando ele a colocou de pé.

— É a nossa casa! Aonde vamos formar nossa família. *Vem?* — chamou e estendeu a mão.

Percorreram por todos os cômodos, Bella não tinha palavras, estava emocionada. No banheiro da suíte principal, pôde ver-se no espelho de corpo inteiro, o vestido e as joias que ele havia lhe dado, eram deslumbrantes. Bella o beijou com amor, sentia uma felicidade

desconhecida, plena, pura.

Ernany desceu as escadas de mãos dadas com ela e, na sala principal, abriu uma imensa porta de correr que dava acesso a um lindo jardim e uma piscina que estava coberta por rosas.

— É lindo. Tudo é lindo. — Chorava deslumbrada enquanto ele sorria de satisfação.

Ela caminhou pelo jardim e parou na beira da piscina. Ernany pegou sua mão e retirou uma caixa no bolso. Bella sentia-se num filme, num daqueles que assistiu tantas vezes, nos quais desejou ser a mocinha. Ela lhe entregou a mão direita, mas ele pegou a esquerda, colocando a aliança em seu dedo.

— Eu, Ernany, recebo você, Isabella, a

minha Bella, como minha mulher. A mãe dos meus filhos, dos meus cachorros e de tudo mais que quiser comigo nessa vida. Quero ser seu amante, seu amigo, seu companheiro, seu marido, seu namorado, quero ser seu tudo. Assim como você é tudo *pra* mim.

Bella se jogou em seus braços, chorando emocionada. Ele lhe entregou a aliança para que ela pudesse colocar em seu dedo. Com as mãos trêmulas e a voz falhando, fez o que ele sugeria.

— Eu, Isabella, sou a mulher mais feliz deste mundo. Nunca imaginei que pudesse viver isso um dia e todas as coisas boas que aconteceram na minha vida, você estava lá. Eu, sua mulher, recebo você como o amor da minha vida, como o pai dos meus filhos. — Precisou

parar para se recompor. — Eu amo você.

— Eu também amo você, meu amor.

Beijaram-se emocionados e Ernany a girou no ar, sorrindo.

— Ei, vizinhos. — A voz de Rodrigo os interrompeu.

— Digo! — falou surpresa quando viu o amigo em cima do muro.

— Não quero interromper nada, mas, como advogado do casal, queria lembrar que isso aí é bigamia. Esse moço aí ainda é casado — falou divertido e todos riram. — Também queria dizer que o almoço já está pronto e que estamos todos morrendo de fome, então venham logo, *tá?*

Bella sorriu e Ernany achou graça.

— Vamos ter que refazer esse muro, porque eu não tenho mais idade *pra* isso.

Vou precisar de ajuda *pra* descer. É alto *pra* caralho.

CAPÍTULO 73

Um mês depois

Alex acordou e não encontrou Laura na cama. Desceu as escadas do *loft* e a encontrou na cozinha, preparando biscoitos.

— Você não dormiu? — perguntou sonolento, servindo uma xícara de café.

— Dormi pouco, mas acordei ansiosa. Tem tanta coisa *pra* fazer — falou, colocando um tabuleiro de biscoitos no forno. — Não sei como vou fazer, a cozinha do Café só vai atender o bistrô, mas as coisas do Café demandam espaço. A Ju também vai precisar de um

escritório, vou ficar louca.

Ele ficou olhando *pra* ela com carinho.

— O que foi? Por que está me olhando assim?

— Você podia ficar aqui, nessa cozinha. A Ju pode fazer um escritório lá em cima. Você gosta tanto de cozinhar nessa cozinha — sugeriu com os braços cruzados.

— E você? Aonde vai dormir? — perguntou confusa.

— Na sua casa, com você. — Ele a levantou e a colocou sentada na bancada. — Dormimos juntos todos os dias, nossas coisas estão espalhadas aqui e lá. Eu já estou ficando louco procurando uma camisa aqui, que está lá. E você sempre esquece algo. Eu quero morar com você.

— Depois que você voltar de viagem, conversamos sobre isso. — Laura se assustou, mas ele tinha razão, ficava louca por nunca saber onde suas coisas estavam.

— Eu não vou viajar. — Ele estava convicto.

— Mas é o seu sonho, Alex. Não pode abrir mão dele.

— Meu sonho é você. É poder dormir e acordar do seu lado todos os dias sem me preocupar se vou ter uma calça limpa *pra* vestir. Não vou te pedir em casamento, eu sei que você não quer, já falamos sobre isso.

— Não precisamos nos casar *pra* ficar juntos — respondeu acariciando seus cabelos bagunçados.

— Eu sei, mas preciso dormir e

acordar do seu lado *pra* me sentir vivo.

Laura o abraçou e beijou. Alex serviu mais uma xícara de café e abriu o forno para conferir os biscoitos. Retirou o tabuleiro e colocou mais um para assar. Pegou um biscoito, ainda quente, mordeu e deu um pedaço para que ela experimentasse.

— Quero me casar com você — ela falou. — Na Itália.

— Jura? — perguntou animado.

— Só eu e você — confessou mordendo os lábios. — Numa gôndola em Veneza. — Todas as vezes que fui lá, ficava observando os casais apaixonados.

— Não vou conseguir ser romântico como Ernany foi com a Bella — falou rindo.

— Você é mais — lembrou rindo. — Até hoje não acredito que roubou as flores dos arranjos da casa deles e encheu nossa cama de pétalas naquela noite.

— Eu não roubei, pedi. E só não peguei todas porque o seu irmão e o Rodrigo roubaram minha ideia — respondeu achando graça. — E que história é essa de “nossa cama”?

— Nossa cama, temos duas — falou e beijou Alex com paixão. — Até aceito que façamos do *loft* a cozinha de apoio do Café e um escritório *pra* Ju, mas não quero que desfaça o quarto lá em cima.

— Gosta dele?

— Gosto das lembranças dele.

— Então vamos subir. Depois você assa esses biscoitos.

Alex conferiu os biscoitos e desligou o forno. Pegou Laura pela mão e, logo que chegaram ao quarto, ele pegou uma pequena caixa dentro do armário.

— Eram dos meus pais, — falou, abrindo a caixa com duas alianças. — Eles se amaram até o último dia da vida deles. Queria que usássemos.

— Cris! — Juliana esmurrava a porta do apartamento. — *Abre logo!*

Cris levantou da cama, sonolenta e de ressaca.

— Onde é o incêndio, Juliana? São sete da manhã!

— Levei o João *pra* aula e vim direto,

e, para sua informação, são sete e meia. Que cara é essa?

— Fui num show com a Rose ontem, chegamos tarde. Isso é hora de chegar na casa dos outros — reclamou.

— Ela dormiu aqui?

— Não, foi *pra* casa, ia ajudar a Bella a terminar as forminhas do casamento.

— Não acredito que ela não terminou ainda! Sabia que não podia confiar na Bella.

— Calma, Ju, o casamento é só amanhã. Ela prometeu levar na hora do almoço lá no bufê.

Cris foi para a cozinha e Mingau, o gato que ganhou de Rose e que foi batizado por Carol, foi atrás dela. Ele também não parecia gostar da visita.

— Sabe que temos muita coisa *pra* fazer, né?

— Sim, eu sei, o pessoal ficou de chegar cedo *pra* limpar tudo lá embaixo. Só preciso de um café.

— E a Ana?

— Não sei, mas acho uma ótima ideia você ir lá em cima *pra ver ela* — falou colocando a amiga para fora. — Vai lá, eu desço daqui a pouco *pro* café.

Cris bateu a porta na cara da amiga e se jogou no sofá, Mingau rapidamente deitou no colo da sua nova dona.

Juliana subiu para o apartamento de Ana e Lucas. Ele a atendeu de short, sem camisa com cara de sono.

— Não acredito que estavam dormindo até essa hora — ela recriminou

entrando no apartamento. — Sabe que vai se casar amanhã?

Lucas procurou o relógio no braço.

— Que horas são, Ju?

— Sete e meia! Você já pegou seu terno?

Ele suspirou e se jogou no sofá.

— Peguei ontem.

— E a Ana? Onde está?

— Dormindo — respondeu quase cochilando.

Juliana entrou pelos corredores resmungando. Encontrou Ana dormindo no quarto.

— Não acredito que você ainda está na cama — esbravejou.

— Ju! — Acordou assustada.

— Você precisa se trocar, tem salão e vai dormir lá em casa hoje. Já basta se casar grávida, não vou deixar você dormir com Lucas antes do casamento.

— Mas já nos casamos no civil, Ju. *Me deixa* dormir só mais um pouco. Estou enjoada.

— Nada disso! Levanta e arruma suas coisas. Já peguei seu vestido.

Bella tomava café quando Maria entrou na sala de jantar.

— D. Bella, o que faço de almoço?

— Não sei, Maria, ainda estou com sono demais *pra* pensar nisso.

— Posso fazer aquele peixe que você gosta?

— Ótima ideia, acho que a Rose vai ficar para o almoço. Melhor ver com o Digo se ele quer vir almoçar com as crianças aqui também. A Ju tá uma pilha com o casamento, encheu a Neide de tarefas.

— Ela me encheu de tarefas também, mas o Dr. Ernany pediu que eu passasse *pra* Dirce.

— Ele saiu tem muito tempo?

— Saiu cedo *pra* passar no laboratório e depois ia correr com Dr. Rodrigo, disse que não demorava.

— Obrigada, Maria. Eu vou terminar as forminhas do casamento lá na piscina. A Rose deve estar chegando.

— Sim, senhora. Posso fazer a mousse de chocolate de sobremesa?

— Faz de limão que o Ernany gosta.

Bella se levantou e caminhou com preguiça para a varanda onde tinha deixado os papéis para as forminhas. Escutou a porta se abrindo e viu Rodrigo e Ernany chegando da corrida.

— Que carinha é essa, meu amor? — Ernany perguntou preocupado.

— A Ju, arrumou uma confusão aqui, acabei acordando.

— Isso porque você não viu como está lá em casa — falou Rodrigo beijando a amiga. — Ela não me deixou dormir. Saiu logo cedo.

— Melhor *pra* você, quanto mais longe ficar dela quando está assim melhor.

— Eu sei. Bem, eu vou tomar um banho.

— Almoça aqui com os meninos, Digo. Assim você foge da Dona Louca — Bella zombou.

— Convite aceito com sucesso. — Beijou e rosto e saiu. — Fui.

Ernany abraçou a mulher com carinho.

— Tem certeza que é só sono?

— Preocupada também. Conseguiu pegar os exames.

— Quase não consegui, mesmo com sua autorização foi uma burocracia danada, mas eles estão aqui — falou sorrindo.

— Você abriu?

— Não, queria abrir com você.

Isabella abriu o envelope e analisou com cuidado todos os resultados. Respirou aliviada.

— Estou limpa. — Uma pequena animação apareceu em seu rosto.

— Eu sabia, meu amor. Agora podemos tentar nossa princesinha.

— Eu quero esperar seis meses — pediu. — Ainda quero repetir os exames mais uma vez.

— Tudo bem. É bom que podemos viajar, o que acha? Você ainda me deve uma fuga e uma lua de mel.

Ela sorriu e deitou em seu ombro.

— Deixa passar o casamento, aí pensamos nisso. Teremos vinte e quatro horas de puro terror na mão da D. Juliana.

— E a placa do Café? Já chegou? —

ele perguntou interessado.

— Pedi *pra* entregar só amanhã, quero que seja surpresa.

CAPÍTULO 74

— Bella, obrigada por me deixar dormir aqui. — Ana agradeceu aliviada, quando a amiga chegou com uma linda bandeja de café da manhã.

— *Pra* noivinha mais linda e esperada de todos os anos. — Bella colocou a bandeja na cama e abraçou a amiga.

— A Ju conseguiu deixar todo mundo doido ontem. Coitado do Rodrigo.

Bella riu.

— Ele está acostumado, até mesmo gosta dessa agitação dela. E vocês, como estão? — falou colocando a mão na barriga da amiga.

— Ansiosa e feliz.

— Sempre me lembro da Lua dizendo que só estaremos completas quando todas estivermos felizes.

— Eu me sinto completa, Bella.

— Eu também, Aninha.

— Daqui a pouco você vai poder ter seus filhos, imagina quando estiver todo mundo junto.

— Sempre vai faltar ela — falou sem segurar sua emoção.

Abraçaram-se e Ernany bateu à porta.

— Ana, como está? — perguntou, dando um beijo em sua cabeça.

— Contando os minutos.

Ernany sorriu e beijou Bella com paixão.

— Eu vou dar uma corrida com

Rodrigo e voltou logo. A Maria quer saber quantas pessoas vão almoçar.

— Eu já falo com ela. Pode pegar lá no quarto o presente da Ana antes de sair?

Ernany a beijou de novo.

— Tudo por você, meu amor.

Bella se deitou na cama com Ana e juntas comeram o café da manhã. Ernany deixou a caixa no quarto e se despediu das duas.

— *Abre* seu presente.

— Bella, não precisava. Vocês já estão ajudando a Cris a pagar a festa. Não é justo.

— Não é só por você. A reinauguração do Café merecia uma grande festa. Por ela.

— E a placa? Ontem a Ju estava quase

morrendo por causa disso.

— Deixa ela rasgar o cu com o dedo, só vai ver na hora. — Ana sorriu com a declaração de Bella. — *Abre* logo a caixa.

Ana a abriu, encontrando todos os tipos de lingerie e produtos eróticos.

— Bella, eu nem sei como usar isso tudo.

A porta do quarto se abriu e Laura entrou.

— Uau, que caixa é essa.

— Bella me deu de presente — Ana contou envergonhada.

— Uau, Bellinha, preciso de uma dessas. — Ana e Bella gargalharam. — Também vou me casar — falou levantando a mão para mostrar a aliança.

As três se abraçaram comemorando.

— Isso é traição, Ana Maria. Isso não se faz. — Juliana entrou no quarto.

Bella puxou a amiga para a cama e começou a fazer cosquinhas em Juliana. As quatro ficaram rindo e conversando na cama. Estavam tão empolgadas que Juliana acabou relaxando um pouco. Cris chegou e encontrou as quatro amigas deitadas na cama, rindo e se divertindo. Foi impossível não se emocionar. Sentiu a realização da mulher.

— Cris! — Bella gritou empolgada e Laura a puxou para a bagunça.

As cinco ficaram deitadas, desvendando a caixa de Ana. Rodrigo, Ernany, Lucas e Alex chegaram da corrida. Mais cedo, quando Alex havia

ido deixar Laura, encontrara Ernany e acabara resgatando-o para ir com eles, enquanto Rodrigo tivera a ideia de pegar Lucas para ir com eles. Os quatro foram direto para o quarto em que suas mulheres estavam e ficaram observando a bagunça. Logo que Juliana percebeu a presença de Lucas, levantou-se.

— Lucas, você não pode ver a Ana.

Ele não a ouviu, olhava para sua mulher emocionado. Ela parecia feliz, com as amigas, carregando seu filho na barriga. Rodrigo abraçou a mulher antes que ela pudesse colocá-lo para fora. Viu a caixa sobre a cama e, pegando a primeira coisa que viu, colocou Juliana sobre os ombros.

— *Vem Ju, vou te ajudar a se acalmar.*

— Todos riam enquanto ela se debatia.

— Bella, cadê essa placa que não chega? — Juliana estava nervosa.

Estavam todos prontos para o casamento e para a reinauguração do Café. Lucas carregava Pedro e abraçava Ana. Depois que a viu, pela manhã, não quis mais ficar longe dela. Alex estava abraçado com Laura, cochichando algo em seu ouvido que a fazia sorrir. Ernany estava com Felipe no colo, e Bella, com Carol. Os dois brincavam com os meninos e ela ignorava os ataques de Juliana. João e Thiago brincavam na rua, em frente ao Café, onde todos estavam esperando a

placa. Rodrigo pegou uma flor em um dos arranjos e ofereceu à mulher.

— *Casa* comigo de novo? — Ju se jogou nos braços do marido, emocionada.

Cris, Rose e Mingau observavam a alegria de todos. Cris estava feliz, pois naquele dia teve a certeza de que Lua havia realizado todos os seus sonhos. Rose tocou seu ombro e ofereceu-lhe a mão.

Uma pequena van estacionou em frente ao café. Três homens descarregaram a placa e um deles colocou uma escada para instalá-la. Bella colocou Carol no chão e foi para perto de Cris. Os homens demoraram algum tempo para finalizar o trabalho e, quando finalmente a placa foi instalada, Cris colocou a mão na boca,

emocionada:

“Café da Lua”

Bella a abraçou. Lucas e Ana se juntaram ao abraço, assim como seus filhos, Juliana e Rodrigo se juntaram a eles, sendo acompanhados por Thiago e João. Laura e Alex se aproximaram. Ernany pegou Carol em seu outro braço e se juntou a eles. Emocionados todos se juntaram a um grande abraço entre lágrimas.

EPÍLOGO

2 anos depois

Ana brincava com as crianças no chão da floricultura, na reforma Cris desenhou a estrela no chão. Um mosaico perfeito representava o símbolo daquela amizade. Antônio, seu filho, ensaiava os primeiros passinhos na estrela enquanto as crianças estavam sentadas em círculo.

Júlia fazia manha no colo do pai enquanto Bella preparava a mamadeira. Já tinha seis meses, puxara a beleza da mãe e Ernany era completamente louco por mãe e filha.

Lucas, Alex e Rodrigo conversam

animados planejando a próxima viagem. Laura tentava pegar a afilhada do colo de Ernany, enquanto ela ficava de denço com o pai. Ju colocava a grande mesa. Cris terminava o jantar com a ajuda de Rose.

— Acho que não deveria ter vindo — Rose falou enquanto fatiava o pão.

— Não fala bobagem, Rose, você já é da família — Cris falou mexendo a panela. — Experimenta isso — falou levando a colher em sua boca.

Rose pegou na mão de Cris antes de provar, uma corrente elétrica mais uma vez percorreu seu corpo e ela fechou os olhos se condenando pelos sentimentos que a invadiam. Quando abriu os olhos Cris a encarava.

— Não me olha assim, Cris — pediu.

— Por que? — Cris não desviou seu olhar.

— Porque eu fico com vontade de beijar você.

Cris chegou ainda mais próxima e Rose congelou.

— Beija.

— Não posso. — Tentou se esquivar, mas Cris segurou seu braço.

— Por favor, beija.

O jantar seguiu animado, todos estavam empolgados com a viagem.

— Gente, a Júlia está cansada, vamos logo depois terminamos de comer — anunciou Bella.

Aos poucos todos se levantaram e fizeram um grande círculo em volta da estrela. Cris pegou a urna com as cinzas

de Luana e colocou no centro. Ju pegou uma rosa vermelha. Ana pegou uma caixa de agulhas em sua bolsa e entregou uma a Bella.

Com todo cuidado, Bella pegou o dedo da filha. Ernany rapidamente agarrou a filha. Furou o dedo de Júlia e depositou a primeira gota de sangue na rosa. Júlia chorou e Laura a pegou em seus braços para acalmá-la. Com a mesma agulha, Bella furou o dedo do marido e o seu próprio. Juntos, depositaram suas gotas de sangue. Ana e Lucas fizeram o mesmo ritual junto com seus filhos. Antônio não chorou como Júlia; Pedro e Thiago estavam empolgados, assim como os filhos de Ju, que também colocaram na rosa o seu sangue. Em sequência foi a vez de Ju e Rodrigo seguidos por Laura e

Alex. Rose acompanhava tudo de longe, mas Cris a chamou antes de furar o próprio dedo.

— Vem, Rose? — Timidamente ela se aproximou e também colocou na rosa seu sangue com a ajuda de Cris.

Cris foi a última a realizar o ritual. Logo que terminou, ela abriu a urna e pegou um pouco das cinzas de Lua. Com um gesto solene e sob o olhar atento dos amigos, atirou o punhado por cima da rosa.